

Charles Martin



*Depois
daquela
montanha*





Depois
daquela
montanha



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Charles Martin



Depois
daquela
montanha



Título original: *The Mountain Between Us*
Copyright © 2010 por Charles Martin
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicação feita mediante acordo com Broadway Books, selo do Crown Publishing Group, divisão da Penguin Random House LLC, e em associação com o escritório de advocacia Yates & Yates, LLP (Orange, CA, www.yates2.com).

tradução: Vera Ribeiro

preparo de originais: Sheila Til

revisão: Fátima Fadel e Hermínia Totti

diagramação: Abreu's System

capa: Duat Design

imagens de capa: fundo: Dieter Hawlan/ Shutterstock;
árvore: oriontrail/ Shutterstock;
montanha: vichie81/ Shutterstock;
echarpe: Ilona Wellmann/ Trevillion Images.

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M334d

Martin,
Charles
Depois

daquela
montanha
[recurso
eletrônico]/
Charles
Martin;
tradução de
Vera
Ribeiro. São
Paulo:
Arqueiro,
2016.

recurso
digital

Tradução
de: The
mountain

between us

Formato:

ePub

Requisitos

do sistema:

Adobe

Digital

Editions

Modo de

acesso:

World Wide

Web

ISBN

978-85-

8041-620-6

(recurso

eletrônico)

1. Ficção
americana.

2. Livros
eletrônicos.

I. Ribeiro,
Vera. II.

Título.

CDD: 813

16-
36085

CDU:

821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Chris Ferebee

PRELÚDIO

Oi...

Não sei bem que horas são. Este treco deve registrar. Acordei faz uns minutos. Ainda está escuro. Não sei quanto tempo fiquei apagado.

A neve entra pelo para-brisa. Está congelada no meu rosto. É difícil piscar. Parece tinta seca nas minhas bochechas. Só não tem o gosto de tinta seca.

Estou tremendo de frio... e é como se houvesse alguém sentado no meu peito. Não consigo respirar. Talvez tenha quebrado duas ou três costelas. Talvez esteja com pneumotórax.

O vento aqui em cima é contínuo, faz força contra a cauda da fuselagem... ou o que restou dela. Alguma coisa acima de mim, talvez um galho, está batendo no vidro. O som é de unhas arranhando um quadro-negro. E entra mais frio pelas minhas costas. Onde ficava a cauda do avião.

Sinto cheiro de gasolina. Acho que as duas asas ainda estavam bem cheias de combustível.

Tenho a sensação de que vou vomitar.

Seguro a mão de alguém. Os dedos são frios e cheios de calos. Há uma aliança, afinada nas bordas. É o Grover. Ele morreu antes de batermos na copa das árvores. Nunca entendi como pousou este troço sem me matar também.

Quando levantamos voo, a temperatura no solo estava entre -13°C e -17°C. Não sei qual é agora. Parece mais frio. Devemos estar a uns 3.500 metros. Mais ou menos. Não podemos ter caído mais de 150 metros quando Grover inclinou a asa. O painel de controle está apagado. Coberto de branco, feito poeira. A intervalos de minutos, o GPS pisca, depois torna a apagar.

Tinha um cachorro por aqui, em algum lugar. Todo dentes e músculos. Pelagem bem curta. Mais ou menos do tamanho de um forquinho elétrico. Faz uns gorgolejos zangados ao respirar. Parece doidão, como que cheio de metanfetamina. Espere...

Ei, cachorrinho... Espere aí... não. Ai não. Tudo bem, pode lamber, mas não pule. Como é seu nome? Você está com medo? É... eu também.

Não consigo lembrar o nome dele.

Voltei... será que demorei muito? Tem um cachorro aqui. Enfurnado entre o meu casaco e a minha axila.

Já falei dele? Não consigo lembrar como se chama.

Ele está tiritando, com a pele em volta dos olhos tremendo. Toda vez que o vento uiva, ele pula e rosna.

Minha memória está confusa. Grover e eu conversávamos, ele estava pilotando, talvez fazendo uma curva para a direita, o painel piscava com uma porção de luzes azuis e verdes, um tapete negro se estendia abaixo de nós, nem uma única lâmpada acesa num raio de uns 100 quilômetros, e... havia uma mulher. Que estava tentando voltar para o noivo e para o jantar da véspera do casamento. Vou procurá-la.

Achei-a. Inconsciente. Pulso acelerado. Olhos fechados pelo edema. Pupilas dilatadas. Deve ser concussão. Várias lacerações pelo rosto. Algumas vão precisar de pontos. Ombro direito deslocado e fêmur esquerdo fraturado. Não rompeu a pele, mas a perna forma um ângulo virado para fora e a calça parece justa. Preciso pôr no lugar... assim que recobrar o fôlego.

Está esfriando mais. Acho que a tempestade finalmente nos pegou. Se eu não nos embrulhar em alguma coisa, vamos morrer congelados antes do amanhecer. Terei que imobilizar aquela perna de manhã.

Rachel... não sei quanto tempo nos resta, não sei se vamos conseguir... mas... retiro tudo o que disse. Eu estava errado. Estava com raiva. Não devia ter dito aquilo. Você estava pensando em nós. Não em você. Agora eu percebo.

*Você estava certa. Certa o tempo todo. Sempre há esperança.
Sempre.*

CAPÍTULO 1

Aeroporto de Salt Lake City
Doze horas antes

ERA UMA VISÃO feia. Cinzenta, lúgubre, janeiro arrastando-se. Na tela da TV atrás de mim, um sujeito sentado num estúdio em Nova York usou as palavras “fechados para pouso e decolagem”. Encostei a testa no vidro. Na pista, homens de macacão amarelo conduziam trens de bagagem que serpenteavam em torno dos aviões, criando lufadas rodopiantes de neve com o cano de descarga. Perto de mim, um piloto cansado sentou na mala de couro surrada das viagens, com o quepe na mão – na certa, torcendo pela última chance de dar um pulo em casa e passar a noite na própria cama.

A oeste, as nuvens cobriam a pista; visibilidade próxima de zero, mas, conforme o vento, melhorava ou piorava. Intervalos de esperança. O aeroporto de Salt Lake City é rodeado por montanhas. A leste, as de picos nevados se erguem acima das nuvens. Faz muito tempo que as montanhas me atraem. Por um instante, fiquei pensando no que haveria do outro lado.

Meu voo tinha a partida prevista para 18h07, mas, dados os atrasos, começava a parecer o corujão. Se é que haveria voo noturno. Irritado com o piscar da sinalização de atrasado, mudei-me para um canto distante do saguão e me sentei encostado numa parede. Espalhei no colo alguns arquivos de pacientes e comeci a ditar meus laudos, diagnósticos e receitas num gravador digital. Gente que eu havia examinado na semana anterior à viagem. Embora eu também tratasse de adultos, quase todos os arquivos no meu colo eram de crianças. Anos antes, Rachel, minha mulher, tinha me convencido a me concentrar na medicina esportiva para crianças. Ela estava certa. Eu detestava vê-las chegar mancando, mas adorava vê-las ir embora correndo.

Ainda havia mais algum trabalho a fazer, mas o indicador da pilha do gravador digital começou a piscar sua luz vermelha, por isso fui a uma loja do terminal, onde descobri que podia comprar duas pilhas AA por 4 dólares ou doze por 7. Dei 7 dólares à moça, substituí as pilhas do gravador e guardei as outras dez na mochila.

Eu havia acabado de voltar de um congresso em Colorado Springs, onde

fora convidado a participar de uma mesa sobre “A interseção da ortopedia pediátrica com a medicina de emergência”. Discutimos procedimentos de pronto-socorro e as diferentes condutas médicas necessárias no tratamento de crianças sob impacto emocional. O lugar era bonito, a conferência satisfizera várias das minhas necessidades educacionais e, o mais importante, tinha me dado um pretexto para passar quatro dias fazendo escaladas nos picos Collegiate, perto de Buena Vista, no Colorado. Na verdade, tinha sido uma viagem de trabalho que satisfizera meu vício em caminhadas. Muitos médicos compram Porsches e mansões enormes ou títulos de clubes que raramente frequentam. Eu dou longas corridas na praia e escalo montanhas, quando a ocasião permite.

Havia passado uma semana fora.

A viagem de volta me levaria de Colorado Springs a Salt Lake City, para pegar o voo direto para casa. As viagens aéreas nunca deixam de me assombrar: voar na direção oeste para acabar na leste. A massa humana do aeroporto tinha se reduzido. Sendo domingo, quase todo mundo estaria em casa àquela hora. Os que permaneciam ali se postavam diante dos portões de embarque, esperando, ou no bar, debruçados sobre uma cerveja e uma cestinha de *nachos* ou de asas de frango ao molho picante.

Foi o andar dela que me chamou a atenção. Pernas longas, esguias; passadas firmes, porém graciosas e ritmadas. Ar confiante, à vontade consigo mesma. Devia ter 1,75 metro ou um pouco mais, cabelo escuro, e era bonita, mas sem muita preocupação com isso. Trinta anos, talvez. Cabelo curto. Pense em Winona Ryder em *Garota, interrompida*. Ou em Julia Ormond na refilmagem de *Sabrina* com Harrison Ford. Nada de espalhafato, mas aquele mesmo estilo podia ser encontrado em Manhattan, em garotas que gastavam muito dinheiro para ter aquela aparência. Minha aposta era que essa gastara pouco. Ou talvez houvesse gastado muito para dar a impressão de haver gastado pouco.

Ela veio andando, deu uma olhada na aglomeração do terminal. Observei-a pelo canto do olho. Terninho escuro, pasta de couro e uma sacola de mão. Parecia estar voltando de uma viagem de um dia a negócios. Ela escolheu um lugar no chão, a uns três ou quatro metros de mim. Arriou a bagagem, calçou um par de tênis Nike e então, com mais uma espiada no terminal, sentou-se no chão e se alongou. Considerando que ela não encostou só a cabeça nas pernas e no chão entre elas, mas também o peito e a barriga, deduzi que ela já tinha feito aquilo antes. Eram pernas musculosas, como as de uma professora de aeróbica. Depois de alguns minutos de alongamento, ela tirou da pasta vários blocos amarelos, folheou páginas de notas manuscritas e começou a digitar no laptop. Os dedos se moviam à velocidade das asas de um beija-flor.

Passados alguns minutos, o laptop fez um bipe. Ela franziu o cenho, prendeu o lápis entre os dentes e começou a examinar a parede em busca de uma tomada elétrica. Eu estava usando metade de uma tomada dupla.

– Posso dividir? – perguntou ela, segurando a ponta do cabo do laptop.

– É claro.

Ela ligou o cabo e se sentou no chão com o computador, de pernas cruzadas, cercada por seus blocos. Continuei com meus arquivos.

– Revisão da consulta ortopédica de... – Examinei a agenda, tentando encontrar a data. ... 23 de janeiro. Aqui fala o Dr. Ben Payne. O nome da paciente é Rebecca Peterson, com os seguintes dados de identificação. Data de nascimento: 6 de julho de 1995; registro médico código BMC2453, sexo feminino, branca, brilhante ponta-direita do seu time de futebol, maior goleadora da Flórida, visada por times do país inteiro, com quatorze convites da Série A na última contagem; cirurgia há três semanas, pós-operatório normal, sem apresentar complicações, seguido por fisioterapia intensiva; apresenta extensão completa dos movimentos; teste de flexão: 127 graus; o teste de força mostra melhora acentuada, assim como o de agilidade. A paciente está nova em folha, ou, nas palavras dela, melhor do que antes. Rebecca informa não sentir dor com a movimentação e está liberada para retomar todas as atividades... menos andar de skate. Deve ficar longe dele pelo menos até completar 35 anos.

Passei ao arquivo seguinte:

– Consulta ortopédica inicial em 23 de janeiro. Aqui fala o Dr. Ben Payne.

Sempre digo a mesma coisa porque, no mundo eletrônico em que vivemos, cada gravação é separada e, caso se perca, precisa ser identificada.

– O nome do paciente é Rasheed Smith, com os seguintes dados de identificação. Data de nascimento: 19 de fevereiro de 1979; registro médico código BMC17437, sexo masculino, negro, jogador iniciante na defesa dos Jacksonville Jaguars e um dos seres humanos mais velozes que já vi. A ressonância magnética confirma que não há ruptura do ligamento cruzado anterior nem do ligamento colateral medial. Recomendar fisioterapia intensiva e que ele fique longe da quadra de basquete da Associação Cristã de Moços enquanto for jogador de futebol americano profissional. Amplitude limitada do movimento, em decorrência de dor e sensibilidade, que deverão ceder com a terapia antes do início da próxima temporada. Poderá retomar treinos limitados de força e velocidade com a cessação da dor. Marcar consulta de acompanhamento para daqui a duas semanas e ligar para a ACM, mandando cancelarem sua carteira de sócio.

Guardei os arquivos na mochila e notei que ela estava rindo.

– Você é médico?

– Cirurgião. – Levantei os envelopes pardos: – Pacientes da semana passada.

– Você conhece mesmo os seus pacientes, não é? – Ela encolheu os ombros.

– Desculpe, não pude deixar de ouvir.

Acenei que sim com a cabeça.

– Foi uma coisa que minha mulher me ensinou.

– O quê?

– Que as pessoas são mais que a soma da pressão arterial com o pulso, dividida pelo índice de massa corporal.

Ela tornou a rir.

– Você é meu tipo de médico.

Indiquei seus blocos com um meneio da cabeça.

– E você?

– Colunista. – Indicou com um gesto os papéis à sua frente. – Escrevo para revistas femininas.

– Cobrindo que tipo de assunto?

– Moda, tendências, muito humor ou sátira, alguma coisa sobre relacionamentos. Não sou de todo desconhecida, mas não trabalho com fofocas.

– Eu sou um zero à esquerda para escrever. Quantas matérias você escreve por ano?

Ela pendeu a cabeça para um lado, depois para o outro.

– Quarenta, talvez cinquenta. – Deu uma olhadela no meu gravador. – Quase todos os médicos que conheço detestam essas coisas.

Girei-o na mão.

– É raro eu ficar sem ele.

– Tipo o estetoscópio?

– Mais ou menos – respondi rindo.

– Demora muito para se habituar?

– Fui gostando dele aos poucos. Agora, não saberia viver sem ele.

– Parece que isso daria uma boa história.

– Foi Rachel... minha esposa, ela que me deu o gravador. Eu ia me mudar para Jacksonville. Levar nossa vida de volta para casa. Me juntar à equipe do hospital. Ela ficou com medo dos horários de trabalho. Medo de se descobrir no sofá como viúva de médico, com um balde de sorvete no colo, assistindo ao canal religioso. Isto aqui... era um jeito de ouvirmos o som da voz um do outro, de estarmos juntos, de não perdermos as pequenas coisas... entre as cirurgias, a ronda dos pacientes e o meu bipe tocando às duas da manhã. Ela ficava com o gravador um dia, ou coisa assim, dizia o que estava pensando... ou sentindo, e passava o bastão. Eu ficava com ele um ou dois dias, talvez três, e o passava de volta.

– Um celular não faria a mesma coisa?

Encolhi os ombros.

– É diferente. Procure experimentar, um dia desses, e você vai entender o que estou dizendo.

– Há quanto tempo você é casado?

– Nós nos casamos... vai fazer 15 anos esta semana. – Olhei de relance para as mãos dela. Um anel de diamante solitário. Não havia aliança. – O seu está

chegando?

Ela não conseguiu controlar o sorriso.

– Estou tentando chegar em casa para o jantar de ensaio da cerimônia, amanhã à noite.

– Parabéns!

Ela abanou a cabeça e sorriu, olhando para as pessoas aglomeradas.

– Tenho um milhão de coisas para fazer e estou aqui, anotando uma matéria sobre um modismo passageiro de que nem gosto.

Assenti com a cabeça.

– Você deve ser boa escritora.

Um dar de ombros.

– Têm me dado espaço. Dizem que tem gente que compra essas revistas só para ler minha coluna, mas nunca conheci alguém que fizesse isso.

Ela tinha um magnetismo encantador.

– Você ainda mora em Jacksonville? – perguntou.

– Moro. E você?

– Atlanta – respondeu, e me entregou seu cartão. Ashley Knox.

– Ashley.

– Para todo mundo, menos para meu pai, que me chama de Asher. Ele queria um menino, ficou zangado com a mamãe quando apareci com o equipamento errado, ou sem equipamento, e por isso mudou o final do nome. Em vez de balé e softbol, me levou para o taekwon do.

– Deixe ver se eu adivinho... você faz parte daqueles malucos capazes de acertar coisas no alto da cabeça dos outros com um chute.

Ela fez que sim.

– O que explica o alongamento e aquele negócio de encostar o peito no chão.

Ashley tornou a assentir com a cabeça, como se não precisasse me impressionar.

– Que grau?

Ela levantou três dedos.

– Operei um sujeito há algumas semanas, pus umas hastes e parafusos na canela dele.

– O que ele tinha feito?

– Deu um chute no adversário, que o bloqueou com o cotovelo. A canela continuou indo. Ficou meio dobrada no sentido inverso.

– Já vi isso.

– Você fala como quem já entrou na faca.

– Competi muito na adolescência e nos meus 20 e poucos anos. Campeonatos nacionais. Vários países. Quebrei minha quota de ossos e articulações. Houve época em que o telefone do meu ortopedista em Atlanta

ficava na minha discagem rápida. E então, essa sua viagem é a trabalho, a passeio ou as duas coisas?

– Estou voltando de um congresso. Participei de uma mesa e... – sorri – de quebra, fiz um pouco de escalada.

– Escalada?

– Montanhas.

– É isso que você faz quando não está cortando gente?

Dei uma risada.

– Tenho dois passatempos. Correr é um deles... foi assim que conheci Rachel. Começou no curso médio. É um hábito difícil de quebrar. Quando mudamos de volta para nossa cidade, compramos uma casa à beira-mar, para podermos correr na praia, acompanhando a maré. O segundo é escalar montanhas, o que a gente começou a fazer quando frequentava a faculdade de medicina, em Denver. Bem, eu frequentava, ela mantinha minha sanidade. Mas, enfim, no Colorado há 54 picos com mais de 4.200 metros. Existe um clube não oficial da turma que já escalou todos. Nós começamos a explorá-los na época da faculdade.

– Quantos você escalou?

– Vinte. Acabei de acrescentar o monte Princeton: 4.327 metros. É um dos picos Collegiate.

Ashley pensou nisso por um momento.

– São mais de 4 quilômetros acima do nível do mar.

Fiz que sim.

– É, mas nem tanto a mais.

– Quanto tempo leva para escalar uma coisa dessas?

– Normalmente, um dia ou menos, mas, nesta época do ano, as condições climáticas tornam a subida, digamos – desloquei a cabeça para a frente e para trás –, um pouquinho mais árdua.

Ela riu.

– Você precisa de oxigênio?

– Não, mas a aclimação ajuda.

– A montanha estava coberta de neve e gelo?

– Estava.

– E fazendo um frio de rachar, nevando e ventando que era uma loucura?

– Aposto que você é boa jornalista.

– Bem... estava?

– Em alguns momentos.

– E você subiu e desceu sem morrer?

Ri.

– É evidente.

Uma sobrancelha se arqueou.

- Então você é um daqueles caras?
- Que caras?
- Do tipo “homem *versus* natureza selvagem”.

Balancei a cabeça.

- Guerreiro de fim de semana. Fico mais à vontade ao nível do mar.

Ashley correu os olhos pelas fileiras de pessoas.

- Sua mulher não veio com você?
- Não desta vez.

Meu estômago roncou. O aroma de uma pizzeria flutuou no ar pelo terminal.

Levantei-me.

- Você pode dar uma olhada nas minhas coisas?
- É claro.
- Eu já volto.

Voltei com uma salada Caesar e uma pizza calabresa do tamanho de um prato, no exato momento em que o alto-falante anunciou:

– Pessoal, se embarcarmos depressa, talvez possamos fugir dessa tempestade. Não somos um número muito grande, portanto todos os passageiros de todas as zonas, por favor, queiram embarcar no Voo 1672 para Atlanta.

Os painéis eletrônicos de todos os oito portões à minha volta diziam atrasado. Rostos frustrados povoavam as cadeiras e paredes. Um casal de pais correu por toda a extensão do terminal, gritando com dois meninos que iam atrás deles, arrastando malas estampadas com personagens de *Guerra nas Estrelas* e empunhando sabres de luz feitos de plástico.

Peguei a mochila e a comida e fui atrás de outros sete passageiros – inclusive Ashley – em direção ao avião. Achei meu assento, prendi o cinto de segurança, as comissárias fizeram a verificação e começamos a dar marcha a ré. Foi o embarque mais rápido que eu já vi.

O avião parou e o piloto informou pelo alto-falante:

– Pessoal, estamos na fila para o descongelamento da pista e, se os caminhões chegarem aqui, talvez escapemos dessa tempestade. A propósito, há muito espaço na frente do avião. Na verdade, se você não está na primeira classe, a culpa é sua. Temos lugares para todos.

Todos se mudaram.

Fiquei com o único lugar restante, ao lado de Ashley. Ela levantou os olhos e sorriu, enquanto fechava o cinto de segurança.

- Acha que vamos sair daqui?

Olhei pela janela.

- Duvido.
- Pessimista, é?
- Sou médico. Isto faz de mim um otimista com ideias realistas.
- Bem colocado.

Passamos trinta minutos sentados, enquanto as comissárias nos serviam praticamente tudo que pedimos. Tomei um suco de tomate temperado. Ashley bebeu um Cabernet.

O piloto voltou a falar. Seu tom não me animou.

– Minha gente... como vocês todos sabem, estávamos tentando escapar dessa tempestade.

Notei o verbo no pretérito.

– Os controladores da torre disseram que temos cerca de uma hora para decolar, antes que a tempestade chegue...

Os passageiros soltaram um suspiro coletivo. Talvez ainda houvesse esperança, afinal.

– Mas o pessoal de terra acabou de informar que um dos nossos dois caminhões de descongelamento está com defeito. O que significa que temos só um caminhão tentando atender a todos os aviões que estão na pista, e o nosso é o vigésimo da fila. Para encurtar, não sairemos daqui esta noite.

Os resmungos ecoaram por todo o avião.

Ashley abriu o cinto e comentou, balançando a cabeça:

– Só pode ser piada.

Um homem grandalhão à minha esquerda murmurou:

– Puta que p...

O piloto prosseguiu:

– Nosso pessoal vai recebê-los junto ao portão. Se quiserem um cupom de hotel, por favor falem com o Mark, que está de casaco vermelho e colete à prova de bala. Depois que tiverem retirado sua bagagem, nosso ônibus os levará ao hotel. Eu sinto muito mesmo, turma.

Caminhamos de volta para o terminal e observamos os avisos de atrasado serem substituídos pelos de cancelado.

Falei por todos os presentes no terminal:

– Isso não é bom.

Fui até o balcão. A atendente olhava fixo para uma tela de computador, balançando a cabeça. Antes que eu abrisse a boca, virou-se para a televisão, que estava sintonizada no canal da previsão do tempo.

– Lamento, não há nada que eu possa fazer.

Quatro telas acima dos meus ombros mostravam uma enorme mancha verde, que se deslocava no sentido leste-sudeste a partir de Washington, do Oregon e do norte da Califórnia. A legenda rotativa na parte inferior da tela falava de neve, gelo, temperaturas bem abaixo de zero e ventos gelados de até -20°C. Um casal à minha esquerda se abraçou num beijo apaixonado. Sorridente. Era só um dia não planejado que se somava a suas férias.

Mark começou a distribuir os vales para o hotel e a encaminhar as pessoas para o setor de retirada de bagagem. Eu tinha a bagagem de mão – uma mochila

pequena que também me servia de maleta – e também despachara uma mala. Gostando ou não, teríamos que retirar nossas bagagens.

Fui para lá e me perdi de Ashley quando ela parou para comprar um lanche. Encontrei um lugar perto da esteira rolante e olhei ao redor. Pelas portas corrediças de vidro vi as luzes do aeroporto particular, não muito longe dali. Na parede lateral do hangar mais próximo havia duas palavras pintadas em letras garrafais: voos fretados.

As luzes de um dos hangares estavam acesas. Minha mala apareceu. Levantei-a sobre o ombro livre e esbarrei em Ashley, que aguardava sua bagagem.

– Você não estava brincando quando disse que tinha escalado um pouco nas horas vagas – comentou, avaliando minha mala. – Parece que vai escalar o Everest. Precisa mesmo disso tudo?

Minha bagagem era uma supermochila Osprey laranja de 70 litros, com uns bons quilômetros de rodagem. Eu a uso como mala porque funciona bem, mas sua função principal é nas excursões, e ela me serve como uma luva. Estava abarrotada com todo o meu equipamento de pernoite e caminhadas no frio, para minhas escaladas nos picos Collegiate. Saco de dormir, colchonete, fogareiro – talvez o equipamento menos valorizado e mais importante que possuo, ao lado do meu saco de dormir –, umas duas garrafas para água, algumas peças de roupa de polipropileno e várias outras miudezas que ajudam a me manter vivo e confortável quando durmo acima de 3 mil metros de altitude. Havia também um terno azul-escuro de risca de giz, uma bonita gravata azul que Rachel me deu e um par de sapatos sociais, que eu tinha usado uma vez, no congresso.

– Conheço minhas limitações e não fui feito para o Everest. Fico bem ruinzinho acima de 4.500 metros. Abaixo disso me sinto bem. Isto aqui – levantei a mochila – é só o essencial. Coisas que é bom ter por perto.

Ela avistou sua mala e se virou para tirá-la da esteira, mas antes tornou a virar para mim, com uma expressão sofrida no rosto. Aparentemente, a ideia de perder o casamento começava a ser absorvida e ia minando seu encanto. Ashley estendeu a mão. O aperto foi firme, porém caloroso.

– Foi ótimo conhecê-lo. Espero que você consiga chegar em casa.

– Sim, você...

Ela nem me ouviu. Deu meia-volta, pendurou a mala no ombro e partiu para a pista dos táxis, onde umas cem pessoas aguardavam em fila.

CAPÍTULO 2

ATRAVESSEI AS PORTAS corrediças carregando minha bagagem e fiz sinal para o *shuttle* do aeroporto. Normalmente, ele estaria ocupado, transportando pessoas entre os terminais e o aeroporto particular, mas, como todos estavam tentando sair dali, o veículo estava vazio. O motorista tamborilava no volante.

Enfiei a cabeça pela janela.

– Você se importa de me dar uma carona até o aeroporto particular?

– Entre aí. Não tenho nada melhor para fazer.

Ao chegarmos em frente ao hangar, ele perguntou:

– Quer que eu espere?

– Por favor.

Ele ficou sentado na van, com o motor ligado, enquanto eu corria para dentro do hangar. Levantei a gola e enfiei as mãos sob as axilas. O céu estava claro, mas o vento ganhava força e a temperatura caía.

Lá dentro havia um aquecedor de ambiente ligado, três aviões e um sujeito de cabeça branca parado ao lado de um deles, um monomotor pequeno. A lateral do avião dizia *Charter do Grover*, e abaixo lia-se *Voos fretados para caça e pesca em locais remotos*. O número de identificação na cauda era *138GB*.

O homem estava de costas para mim, usando um arco para atirar flechas num alvo na parede oposta. A uns 40 metros, talvez. Quando entrei, ele disparava uma flecha, que sibilou no ar. Estava usando calça jeans desbotada e uma camisa com botões de pressão com as mangas arregaçadas e botas de salto muito gasto, o que fazia suas pernas parecerem arqueadas. Na parte traseira do seu cinto de couro se estampava a palavra *Grover* e, pendurado em sua cintura, havia um estojo com um alicate multifuncional. Um Jack Russell Terrier estava a postos junto a seus calcanhares, farejando o ar e me avaliando.

Acenei para o homem.

– Oi!

Ele relaxou, virou-se e arqueou as sobrancelhas. Era alto e bonito, com um queixo forte e quadrado.

– Opa. Você é o George?

– Não, senhor. George não. Meu nome é Ben.

Ele ergueu o arco e tornou a se virar para o alvo.

– Pena.

– Como assim?

Ele distendeu completamente a corda e foi falando enquanto olhava para o alvo pela alça de mira:

– Dois sujeitos me contrataram para levá-los às ilhas San Juan. Para pousar numa pista pequena, perto de Ouray.

Disparou a flecha, que partiu zumbindo.

– Um deles se chama George. Achei que fosse você.

Encaixou outra flecha no arco.

Coloquei-me a seu lado e fitei o alvo. As marcas nele sugeriam que Grover havia passado um bom tempo praticando. Sorri.

– Parece que você é novato nisso.

Ele riu, tornou a puxar completamente a corda pela terceira vez, soltou um pouco a respiração e disse:

– Faça isto quando estou entediado, esperando clientes.

Soltou a flecha, que se cravou no alvo, tocando nas outras duas. Ele pousou o arco no banco do avião e fomos andando até elas.

O homem tirou as flechas.

– Há uns sujeitos que se aposentam e ficam por aí, andando atrás de uma bolinha cheia de covinhas no quintal de alguém, só para bater nela até cansar com um pedaço caro de metal. – Sorriu. – Eu pesco e caço.

Dei uma espiada no avião.

– Alguma chance de eu o convencer a me levar para fora daqui esta noite?

Ele baixou um pouco a cabeça e arqueou uma sobrancelha.

– Você está fugindo da polícia?

Meneei a cabeça e sorri.

– Não. Só tentando chegar em casa antes dessa tempestade.

Ele consultou o relógio.

– Eu estava me preparando para encerrar o expediente e também ir para casa e para a cama com a minha mulher. – Notou minha aliança. – Imagino que você gostaria de fazer o mesmo. – Abriu um sorriso largo, expondo os dentes alvos. – Só que não com a minha mulher.

Riu. Uma risada descontrainda, imensamente reconfortante.

– É, eu gostaria.

Ele assentiu.

– Onde fica sua casa?

– Na Flórida. Achei que, se eu conseguisse ir embora antes da tempestade, talvez pudesse pegar um voo noturno em Denver. Ou, pelo menos, pegar o primeiro voo de amanhã.

Fiz uma pausa.

– Alguma chance de eu contratar seus serviços para me levar a qualquer

lugar a leste das montanhas Rochosas?

– Por que a pressa?

– Tenho uma cirurgia de joelho e duas de reconstrução de quadril marcadas para... – consultei meu relógio – daqui a 13 horas e 43 minutos.

Grover riu. Puxou um trapo do bolso traseiro e esfregou a graxa que havia nos dedos.

– Amanhã à noite, pode ser que você esteja meio dolorido.

Eu ri.

– Vou fazer as operações. Sou cirurgião.

Pelas portas do hangar, ele deu uma olhadela no aeroporto ao longe.

– Hoje à noite aquelas aves grandes não vão voar?

– Tudo cancelado. Eles têm dois caminhões de descongelamento. Um quebrou.

– Isso vive acontecendo. Acho que os sindicatos têm alguma coisa a ver com isso. Sabe... cirurgia é uma coisa que se pode remarcar. – Mordeu o lábio e disse: – Eu mesmo já fiz isso algumas vezes. – Deu um tapinha no peito. – Coração chumbado.

– Passei uma semana fora – expliquei. – Congresso de medicina. Estou meio que precisando voltar... Não me importo em pagar.

Ele enfiou o trapo no bolso, pôs as flechas na aljava ao lado do arco e guardou tudo numa caixa forrada de espuma, atrás do banco traseiro do avião. Prendeu as tiras de Velcro. Ao lado do arco havia três tubos que se estendiam para o fundo da fuselagem do avião. Ele deu um tapinha nas extremidades.

– Varas de mosca. Também pesco.

Uma coisa com cabo de nogueira tinha sido amarrada junto às varas.

– O que é aquilo?

– Machadinha. Voo para uns lugares remotos. Não há muita coisa que eu não possa fazer com o que está bem aqui. – Deu um tapinha numa sacola embaixo do banco, que comprimia um saco de dormir. – Nos lugares para onde eu voo, é bom ser autossuficiente.

No encosto do banco estava pendurado um colete coberto de iscas tipo mosca, tesoura pequena e uma rede que pendia da parte posterior da gola. Ele abarcou tudo com um aceno.

– Meus clientes me levam a uns lugares maravilhosos. Eu não poderia bancar viagens para lá sozinho, por isso os uso como pretexto para fazer as coisas de que gosto. Minha mulher até vai comigo, de vez em quando.

Ele parecia ter 70 e poucos anos, com corpo de 50 e coração de adolescente.

– Você é dono do avião?

– Sou. É um Scout.

– Parece muito com o avião daquele milionário aventureiro, Steve Fossett.

– É parecido mesmo. Motor Locoman 0360 com 180 cavalos de força. Velocidade máxima de 224 quilômetros por hora, com força total.

Franzi o cenho.

– Não é muito veloz.

– Desisti da velocidade há muito tempo – disse ele, pondo a mão na hélice de três pás. – Ele pode aterrissar a 60 por hora, o que significa que sou capaz de pousá-lo num espaço mais ou menos do tamanho deste hangar.

O hangar devia ter uns 20 metros por 40.

– O que significa – sorriu – que posso caçar e pescar nuns lugares bem remotos. Isso me torna muito popular com meus clientes.

Ele correu a língua pelos dentes e olhou para um relógio grande de parede, calculando o tempo e os horários.

– Mesmo que eu o leve até Denver, pode ser que você não saia de lá esta noite.

– Estou disposto a arriscar. O pessoal do balcão de atendimento disse que a tempestade pode despejar neve suficiente para manter em terra todos os aviões que saem daqui hoje e amanhã.

Ele fez que sim com a cabeça.

– Não vai ser barato.

– Quanto?

– Cento e cinquenta por hora, e você tem que pagar minha ida e a volta. Vai lhe custar uns 900 dólares.

– Você aceita cartão de crédito?

Ele tornou a correr a língua pelos dentes, estreitou um olho e me examinou. Como se conversasse consigo mesmo. Por fim, assentiu com a cabeça, deu um sorriso de canto de boca e estendeu a mão:

– Grover Roosevelt.

Apertei sua mão calejada e firme.

– Algum parentesco com o ex-presidente?

Grover sorriu.

– Distante, mas eles não reivindicam o parentesco comigo.

– Eu sou Ben Payne.

– Você usa um jalequinho branco com *Dr. Payne* escrito na frente? – disse Grover, sorrindo.

– Uso.

– E os pacientes lhe pagam para cuidar deles ou entram em *paynico* e fogem?

Entreguei-lhe meu cartão de visitas e respondi:

– Até passo alguns deles na faca.

Na parte inferior do cartão, lia-se:

Dr. Payne: consultas sem pânico,
tratamento sem dor.

Grover deu um tapinha no cartão.

- Pode ser que Jesus fique meio chateado por você roubar o trabalho dele.
- Bem... até hoje ele não me processou.
- Você opera com Jesus?
- Não que eu saiba.

Ele sorriu, tirou um cachimbo do bolso da camisa, encheu-o e pegou um isqueiro Zippo de metal no bolso da frente. Acendeu-o e sugou o cachimbo, puxando a chama para baixo até fazê-la penetrar no fumo. Quando o miolo ficou em brasa, fechou o isqueiro e o repôs no bolso.

- Ortopedia, é?
- Isso e atendimento de emergência. É comum as duas coisas andarem de mãos dadas.

Ele enfiou as mãos nos bolsos.

– Bem, me dê quinze minutos. Preciso ligar para minha mulher. Informar que vou chegar atrasado, mas vou levá-la para comer um filé quando voltar. Depois... – apontou com o polegar para o banheiro, por cima do ombro – preciso de mais uns minutos pra me aprontar.

Foi andando para o telefone e falando na minha direção:

- Jogue sua bagagem na traseira.
- Aqui tem wi-fi?
- Tem. A senha é *Tanque*.

Abri o laptop, encontrei a rede, fiz a conexão e baixei meu correio eletrônico, que incluía mensagens de voz pessoais e de trabalho, todas transmitidas como arquivos de áudio para minha conta do e-mail. Como minha agenda era muito apertada, eu respondia a quase tudo por e-mail. Feito isto, liguei o gravador no laptop e mandei por e-mail os arquivos ditados para nosso escritório de transcrições enquanto fazia também uma cópia em outros dois servidores, para o caso de precisarmos de uma cópia de segurança ou de um backup do backup. Sempre é melhor prevenir. Fechei então o laptop, calculando que poderia responder aos e-mails restantes durante o voo e deixar que fossem automaticamente enviados quando pousássemos.

Grover reapareceu minutos depois, indo do telefone para o banheiro. A imagem de Ashley Knox, em sua tentativa de chegar em casa, passou por minha mente.

- Quantas pessoas você pode levar?
- Eu e mais dois, se eles não se importarem de sentar com os joelhos colados.

Olhei para trás, para o aeroporto.

– Você se disporia a esperar dez minutos?

Ele fez que sim.

– Vou cuidar da inspeção de pré-voo. – Olhou para o lado de fora e acrescentou: – Mas você precisa se apressar. Sua margem de oportunidade está diminuindo.

Meu amigo da van do aeroporto me levou de volta ao setor de retirada de bagagem e, como eu era seu único cliente, ofereceu-se de novo para esperar. Encontrei Ashley sentada no meio-fio, à espera de um táxi. Tinha fechado o zíper da jaqueta acolchoada por cima do terninho.

– Fretei um avião para me levar até Denver. Talvez consiga passar à frente da tempestade. Sei que você nunca me viu mais gordo, é verdade, mas há lugar para mais uma pessoa.

– Está falando sério?

– Deve levar pouco menos de duas horas. – Estendi as duas mãos. – Sei que isto pode parecer meio... sei lá. Mas sei bem tudo o que antecede uma cerimônia de casamento e, se você tiver a menor semelhança com a minha mulher, vai passar os próximos dois dias sem dormir, tentando se certificar de que todos os detalhes estarão perfeitos. É só uma oferta sincera, de um profissional para outro. Sem nenhuma condição.

O ceticismo surgiu em seu rosto.

– E você não quer nada de mim? – indagou, olhando-me de cima a baixo. – Porque, pode crer... – balançou a cabeça – já lutei com gente maior que você.

Girei minha aliança no dedo.

– Na varanda dos fundos da minha casa, onde fico bebericando café e contemplando o mar, minha mulher pôs três tigelas, para alimentar todos os gatos vira-latas que circulam pelo estacionamento. Agora eles tomam café comigo todas as manhãs. Eu lhes dei nomes e me acostumei com aquele ronronzinho que eles fazem.

Surgiu uma ruga entre as sobrancelhas de Ashley.

– Está me chamando de gato vira-lata?

– Não. Estou dizendo que eu nunca havia notado que eles existiam, até minha mulher apontá-los. Começar a dar comida a eles. Abrir meus olhos. Agora eu os vejo em quase toda parte. E isto meio que se difundiu para o meu modo de olhar as pessoas. O que é bom, porque nós, médicos, tendemos a ficar meio insensíveis, com o tempo.

Fiz uma pausa.

– Não quero que você perca a sua cerimônia de casamento. É só isso.

Pela primeira vez, notei que ela quase saltitava, como se estivesse com uma comichão nos pés ou algo assim.

– Você me deixa dividir a despesa?

Dei de ombros.

– Se isso a fizer sentir-se mais à vontade... mas será bem-vinda de qualquer jeito.

Ela contemplou a pista, deslocando o peso do corpo de um pé para o outro.

– Tenho que levar minhas seis damas de honra para o café da manhã, seguido por algumas horas num spa.

Ela olhou para a van do aeroporto e as luzes do hotel, ao longe. Respirou fundo e sorriu.

– Sair daqui hoje à noite seria... fantástico – falou e deu uma olhadela para o saguão. – Você pode esperar três minutos?

– É claro, mas...

Na tela atrás de nós, o borrão verde se aproximou mais alguns milímetros do aeroporto.

– Desculpe. Foi muito café. Eu estava esperando até chegar ao hotel. Imagino que o banheiro daqui seja maior que o do tal avião.

– É bem provável – respondi, rindo.

CAPÍTULO 3

GROVER ESTAVA SENTADO no avião, com fones de ouvido, apertando botões e girando controles à sua frente.

– Estão prontos?

– Grover, esta é Ashley Knox. É uma escritora de Atlanta. Vai se casar dentro de umas 48 horas. Achei que poderíamos lhe dar uma carona.

Ele a ajudou com a bagagem.

– Será um prazer.

Guardou nossa bagagem atrás do banco traseiro, e minha curiosidade me venceu.

– Há algum espaço de armazenagem na cauda?

Ele abriu uma portinha quase no fundo da cauda e sorriu.

– Ocupado. – Apontou para uma engenhoca movida a bateria, de um tom laranja fluorescente. – Chama-se TLE.

– Você parece médico, falando assim, por siglas.

– Transmissor Localizador de Emergência. Se fizermos um pouso forçado e esse treco sofrer uma pressão de impacto superior a 15 quilos, ele envia um sinal na frequência de emergência de 122,5 mega-hertz. Isso informa a outros aviões que tivemos um probleminha. O Serviço de Navegação Aérea capta o sinal, chama um par de aviões, triangula nossa posição e manda a cavalaria.

– Por que levaram tanto tempo para encontrar o avião do Steve Fossett depois do acidente dele?

– O TLE não foi feito para sobreviver a impactos que aconteçam a mais de 320 por hora.

– Ah.

Embarcamos no avião e Grover fechou a porta e ligou o motor, enquanto Ashley e eu púnhamos os fones de ouvido que estavam pendurados acima de nossos assentos. Ele tinha razão. Era apertado. Joelho com joelho.

Sáímos do hangar e ele ficou remexendo em mais chaves, movimentando o manche entre os joelhos e ajustando mais botões de controle. Não sou entendido em aviões, mas Grover me dava a impressão de ser capaz de pilotar aquele troço dormindo. Dois aparelhos de GPS tinham sido montados nas duas extremidades do painel de controle.

Sou naturalmente curioso, de modo que dei um tapinha no ombro dele e indaguei:

– Por que dois?

– Por precaução.

Dei-lhe outro tapinha.

– Para se precaver de quê?

Grover riu.

– De um deles me deixar na mão.

Enquanto ele fazia a checagem pré-voo, entrei na minha caixa de mensagens de voz. Havia um recado. Segurei o telefone junto ao ouvido.

“Oi... sou eu.” A voz dela estava baixa. Cansada. Como se ela houvesse estado dormindo. Ou chorando. Dava para ouvir o mar ao fundo. As ondas rolando ritmicamente para a praia. O que significava que ela estava na varanda. “Não gosto quando você sai.” Respirou fundo. Fez uma pausa. “Sei que está preocupado. Não fique. Daqui a três meses, tudo isso estará esquecido. Você vai ver. Vou esperá-lo acordada.” Tentou uma risada. “Todos vamos. Café na praia. Ande logo... amo você. Tudo vai dar certo. Confie em mim. E não pense nem por um minuto que eu o amo menos. Amo você do mesmo jeito. Mais até. Você sabe disso... Não fique com raiva. Nós vamos conseguir. Amo você. Amo-o com tudo o que há em mim. Volte logo para casa. Eu o espero na praia.”

Desliguei o telefone e fiquei lá sentado, olhando pela janela.

Grover me deu uma espiada de canto de olho e empurrou o manche para a frente com delicadeza, fazendo o avião rolar pela pista. Falou virando a cabeça para trás:

– Quer ligar de volta para ela?

– O quê?

Ele apontou para meu celular.

– Quer retornar a ligação dela?

– Não... – Descartei a ideia com um aceno da mão, guardei o celular no bolso e olhei na direção da tempestade. – Está tudo certo.

Não entendi como ele teria escutado alguma coisa por cima do ronco da hélice.

– Você tem ótimos ouvidos.

Grover apontou para o microfone ligado ao meu fone de ouvido.

– O seu microfone captou a voz dela. Foi como se eu mesmo a estivesse escutando. – Apontou para Ashley e acrescentou: – Não há segredos num avião pequeno como este.

Ela sorriu, deu um tapinha nos fones de ouvido e confirmou com a cabeça, observando-o manejar os controles.

Grover reduziu a velocidade e parou.

– Posso esperar, se você quiser ligar para ela.

Meneei a cabeça.

– Não... não mesmo. Está tudo bem.

Grover falou pelo microfone:

– Controle, fala um-três-oito-bravo, pedindo permissão para decolar.

Passaram-se alguns segundos e uma voz falou em nossos fones de ouvido:

– Um-três-oito-bravo, você está liberado para decolar.

Apontei para o GPS.

– Esse aparelho mostra o radar meteorológico?

Ele apertou um único botão e a tela passou para algo semelhante ao que tínhamos visto no canal da meteorologia no terminal. A mesma mancha verde se deslocava da esquerda para a direita, aproximando-se de nós. Grover deu um tapinha na tela.

– Essa aí é sinistra. Vem muita neve nessa nuvem verde.

Dois minutos depois, tínhamos levantado voo e subíamos. Grover se dirigiu a nós dois pelo microfone:

– Vamos subir a 3.700 metros e voaremos para sudeste por cerca de 80 quilômetros, passando pelo vale de San Juan em direção ao lago Strawberry. Ao avistá-lo, mudaremos o curso para nordeste, em direção à Área de Preservação Ambiental das Altas Uintas, e em seguida descenderemos em Denver. A duração prevista do voo é de pouco mais de duas horas. Recostem-se, relaxem e sintam-se à vontade para se movimentar na cabine. O serviço de refeições e entretenimento de bordo terá início imediatamente.

Estaríamos mais confortáveis em uma lata de sardinhas.

Grover meteu a mão num compartimento da porta, passou por cima do ombro dois pacotinhos de amêndoas defumadas e começou a cantar “I’ll Fly Away”. Interrompeu a música no meio de um verso.

– Ben?

– Sim.

– Há quanto tempo você é casado?

– Faço 15 anos esta semana.

Ashley interveio:

– Diga a verdade... ainda é excitante ou é só uma coisa sem graça?

Havia mais em sua pergunta do que apenas a pergunta.

Grover riu.

– Sou casado há quase 50 anos, e pode acreditar que fica melhor. Não pior. Nem chato. Tenho mais amor por minha mulher hoje do que no dia em que nos casamos, e eu achava que isto seria impossível quando fiquei lá de pé sob aquele sol de julho, com o suor escorrendo pelas costas.

Ashley me encarou.

– E quanto a você? Algum plano?

Fiz que sim.

– Pensei em levar flores. Abrir uma garrafa de vinho e ver as ondas quebrarem na areia.

– Você ainda leva flores para ela?

– Toda semana.

Ashley se virou de lado, baixou a cabeça e arqueou uma sobrancelha, repuxando para cima um canto da boca, com aquela expressão que as mulheres fazem quando não acreditam numa palavra do que a gente diz.

– Você leva flores para sua mulher toda semana?

– Sim.

Grover interpôs:

– Assim é que se faz!

A jornalista em Ashley veio à tona.

– Qual é a flor predileta dela?

– Orquídeas em vasos. Mas elas nem sempre estão em flor quando a gente precisa, de modo que, quando não posso levar uma orquídea, entro numa loja que não fica muito longe do hospital e compro qualquer coisa que esteja florescendo.

– Está falando sério?

Fiz que sim.

– O que ela faz com todas as orquídeas? – perguntou Ashley, balançando a cabeça. – Por favor, não me diga que você simplesmente as joga fora.

– Construí uma estufa para ela.

A sobrancelha se arqueou de novo.

– Uma estufa?

– É.

– Quantas orquídeas vocês têm?

Encolhi os ombros.

– Na última vez que contei, 257.

Grover riu.

– Um verdadeiro romântico. – Virou o rosto para nós e perguntou: – Ashley, como você conheceu seu noivo?

– Num tribunal. Eu estava escrevendo uma reportagem sobre o julgamento de uma celebridade em Atlanta. Ele era advogado da outra parte. Eu o entrevistei e ele me convidou para jantar.

– Perfeito. Para onde vocês vão na lua de mel?

– Itália. Duas semanas. Começando em Veneza e terminando em Florença.

Uma turbulência sacudiu o avião.

Ashley virou as perguntas para Grover:

– Só por curiosidade, senhor...? – começou e estalou os dedos esperando pelo sobrenome dele.

Ele descartou a cerimônia com um aceno da mão.

- Pode me chamar de Grover.
- Quantas horas de voo você tem?

Ele inclinou o avião com força para a direita, depois puxou o manche, o que nos fez disparar para cima e jogou meu estômago na garganta.

– Você quer saber se posso levá-la a Denver e ao seu casamento sem enfiar o nariz numa montanha?

- É... alguma coisa assim.

Ele balançou o manche para a esquerda e a direita, inclinando alternadamente as asas.

- Incluo ou não o tempo passado nas forças armadas?

Apavorado, agarrei com toda a força a alça acima do meu banco. Ashley fez o mesmo e respondeu:

- Sem incluir.

Ele nivelou o monomotor, deixando-o plano como o um tampo de mesa.

- Umas 15 mil.

A mão de Ashley relaxou.

- E incluindo?

- Alguma coisa acima de 20.

Exalei o ar e soltei a alça. A parte interna dos meus dedos tinha ficado vermelha. Grover se dirigiu a nós dois e pude notar o sorriso em sua voz.

- Estão melhor agora?

O cachorro de Grover saiu de baixo do assento, pulou no colo dele e nos encarou por cima do ombro do dono. Rosnando e se crispando feito um esquilo cheio de esteroides. Seu corpo era puro músculo maciço, mas as pernas tinham apenas uns 10 ou 12 centímetros de comprimento. Davam a impressão de que alguém as havia cortado na altura dos joelhos. O cãozinho exigia muito espaço e sua linguagem corporal indicava que aquela cabine era dele.

- Bem, eu lhes apresento o Tanque – tornou a falar Grover. – Meu copiloto.

- Quantas horas de voo ele tem? – perguntei.

Grover inclinou a cabeça e passou um minuto em silêncio.

- Alguma coisa entre 3 e 4 mil.

O cachorro fez meia-volta e olhou pelo para-brisa. Satisfeito, pulou do colo de Grover e tornou a se enroscar em seu buraco embaixo do banco.

Inclinei-me de leve para a frente, olhando por cima do assento para as mãos do piloto. Nodosas. Calejadas. Gorduchas. Pele ressecada. Aliança afinada nas bordas. Ficava frouxa na base do dedo, mas era provável que precisasse de sabão para passar pela articulação.

- Quanto tempo vamos levar para chegar?

Grover tirou do bolso um relógio de prata e o abriu com uma das mãos. Havia uma foto de mulher colada na parte interna da tampa. Em seguida, ele fitou seus instrumentos. O GPS lhe dava o horário estimado da chegada, mas tive

a sensação de que ele estava reconferindo os instrumentos. Algo que já tinha feito muitas vezes. Fechou o relógio.

– Considerando o vento transversal... duas horas cravadas.

A foto que eu vislumbrara estava ressecada e envelhecida, mas até desbotada a mulher era linda.

– Vocês têm filhos?

– Cinco filhos e treze netos.

Ashley riu.

– Você andou ocupado.

– Em certa época. – Ele sorriu. – Três meninos. Duas meninas. Nosso caçula deve ser mais velho que você. – Deu uma olhadela por cima do ombro. – Ben, quantos anos você tem?

– Trinta e nove.

– E você, Ashley? – tornou a perguntar.

– Não sabe que nunca se deve perguntar a idade de uma dama?

– Bem, tecnicamente, também não devo pôr duas pessoas nesse banco traseiro, mas sou da velha guarda, e isso nunca me impediu, e vocês dois me parecem estar indo muito bem.

Dei-lhe um tapinha no ombro.

– Como é essa história de uma ou duas pessoas?

– A Agência Federal de Aviação ordenou lá de cima que só tenho permissão para levar uma pessoa nesse banco traseiro.

Ashley sorriu e levantou um dedo.

– Então isto é contra a lei?

Grover riu.

– Defina “contra a lei” – pediu.

Ela olhou pelo vidro.

– Quer dizer que, quando aterrissarmos... vamos para o terminal ou para a cadeia?

Ele riu de novo.

– Tecnicamente, não sabem que vocês estão neste avião, por isso duvido que alguém esteja à sua espera para prendê-los. Se estiver, eu digo que vocês me sequestraram e que eu gostaria de prestar queixa.

Ashley me encarou.

– Assim eu me sinto melhor.

– Este avião foi feito para voar baixo e devagar – continuou Grover. – Por isso, eu voou no regime chamado VFR, o que significa que obedeço às “regras de voo visual”.

– E isso significa...? – perguntei.

– Significa que não tenho que submeter um plano de voo, desde que pretenda fazer voos visuais. E é o que estou fazendo. E significa que o que eles

não sabem não pode incomodar. E então? – tornou a indagar, com a cabeça inclinada para trás, olhando na direção da Ashley. – Quantos anos?

– Trinta e quatro.

Ele fitou o painel de instrumentos, deu uma espiada num dos dois aparelhos de navegação GPS e meneou a cabeça.

– A deriva causada pelo vento está acabando conosco. O que vem por aí é uma grande tempestade. É bom saber que eu conheço o caminho até nosso destino, caso contrário ficaríamos muito longe do curso. – Grover riu consigo mesmo. – Vocês são jovens. Os dois. Com a vida inteira pela frente. Ah, o que eu não daria para ter 30 e poucos anos, sabendo o que sei agora.

Ficamos ambos calados na traseira. O humor da Ashley havia mudado. Ela estava mais pensativa. Menos sedutora. Eu não me sentia muito à vontade sabendo que havia acabado de colocá-la numa situação precária.

Grover captou o que sentíamos.

– Não se preocupem. Só é ilegal se vocês forem apanhados, e nunca fui. Dentro de umas duas horas, vocês estarão em terra e seguindo seu caminho.

Ele tossiu, pigarreou e riu mais um pouco.

O céu noturno brilhava pelo vidro acima da minha cabeça. As estrelas pareciam próximas o bastante para serem tocadas.

– Muito bem, vocês dois – chamou Grover.

Fez uma pausa para checar os instrumentos. Tornou a tossir.

Eu tinha ouvido aquele som na primeira vez, mas foi a segunda que me chamou a atenção.

– Considerando que estamos tentando fugir daquela tempestade à sua esquerda – prosseguiu ele –, e considerando a deriva, e dado que agora temos um vento de cauda bastante razoável e que não carrego oxigênio a bordo, temos que ficar abaixo de 4.600 metros, senão vocês vão pousar com dor de cabeça.

– Achei que agora você diria a parte do *por isso* – disse Ashley.

– Por isso – continuou Grover –, segurem-se, porque estamos chegando às Uintas.

– Às U o quê?

– À Área de Preservação Ambiental das Altas Uintas. As Uintas são a maior cadeia de montanhas com orientação nascente-poente do continente, com 1,3 milhão de acres de natureza selvagem, e recebem de 13 a 18 metros de neve por ano, mais até, em alguns pontos elevados. Têm mais de setecentos lagos e algumas das melhores possibilidades de caça e pesca de qualquer lugar do mundo.

– Parece remoto.

– Vocês viram o filme *Mais forte que a vingança*?

– É um dos meus favoritos.

Grover apontou para baixo e meneou a cabeça com ar saudosos.

– Foi filmado ali.

– Sério?

– Sério.

A viagem começava a ficar meio turbulenta. Meu estômago dava saltos até a garganta.

– Grover, sabe aqueles brinquedos de parque temático em três dimensões, aqueles que se mexem, mas não vão a lugar nenhum?

Ele rolou o manche em direção ao joelho esquerdo.

– Sei.

– Eu os chamo de cometas de vômito. Isto aqui vai ser como andar num deles?

– Nada a ver. Isto aqui é como pouco mais que uma volta na montanha-russa. Tranquilo. Na verdade, você deve gostar.

Ele olhou pelo vidro e fizemos o mesmo. O cachorro pulou no seu colo.

– Lá no meio fica uma floresta nacional declarada área de preservação ambiental, o que significa que não se permite nenhum tipo de veículo motorizado. Portanto, é um dos lugares mais remotos do planeta. Está mais para Marte que para Terra. Sair de lá é difícil e entrar é uma pauleira. Se vocês assaltassem um banco e quisessem se esconder, esse seria um ótimo lugar.

Ashley riu.

– Está falando por experiência própria? – brincou.

Outra tosse. Outra risada.

– Invoco o direito constitucional de permanecer calado.

A área de preservação ambiental se estendia abaixo de nós.

– Grover.

– Sim?

– Quanto conseguimos enxergar pelo para-brisa, neste momento?

Ele pensou um pouco.

– Uns cem, cento e dez quilômetros, mais ou menos.

Não havia uma única luz em qualquer direção.

– Quantas vezes você já voou neste trajeto?

Ele inclinou a cabeça.

– Umas cem ou mais.

– Então, poderia fazê-lo de olhos fechados?

– Talvez.

– Ótimo, porque, se chegarmos mais perto dos picos nevados ali embaixo, eles vão arranhar a barriga do avião.

– Que nada... – Grover estava brincando conosco. – Temos uns bons 30 metros até lá. Mas vai dar medo se você ficar olhando para eles.

Ashley riu. Grover puxou do bolso um envelope de antiácidos, pôs duas pastilhas na boca, começou a mastigar e tossiu de novo. Deu um tapinha no peito,

cobriu o microfone e arrotou.

Bati no ombro dele.

– Fale-me do seu problema no coração. Há quanto tempo você tosse e toma antiácidos?

Ele puxou o manche, levantando o nariz do avião. Sobrevoamos o que parecia um planalto e passamos raspando entre duas montanhas. A lua surgiu à esquerda, brilhando sobre um mundo recoberto de branco.

Foi um minuto silencioso, com um olhar à direita, outro à esquerda.

– Lindo, não é?

Ashley respondeu por todos nós:

– Surreal.

– Doutor – começou Grover –, estive no cardiologista semana passada. Foi ele que recomendou os antiácidos.

– Você já estava com essa tosse?

– Já, e foi por isso que minha mulher me mandou para lá.

– Fizeram um eletrocardiograma?

– Fizeram. Tudo em ordem.

– Faça um favor a si mesmo e volte lá. Talvez não seja nada. Mas também pode ser que seja alguma coisa.

– Acha que eu devo?

– Acho que vale a pena dar outra olhada.

Ele assentiu.

– Levo a vida seguindo duas regras simples. Uma delas é que faço aquilo de que entendo, a outra é que confio nas pessoas que fazem aquilo de que entendem.

– Quer dizer que você vai?

– Amanhã é provável que eu não consiga, mas talvez no meio da semana. Isso é rápido o bastante?

Recostei-me no assento.

– Só não deixe de ir esta semana. Negócio fechado?

Ashley nos interrompeu com um pedido ao piloto:

– Fale da sua mulher.

Íamos sobrevoando os cumes das montanhas com precisão. Grover se calou por um momento, depois falou, num tom mais baixo:

– Garota do Meio-Oeste. Casou-se comigo quando eu não tinha nada além de amor, sonhos e tesão. Ela me deu filhos, ficou do meu lado quando perdi tudo, confiou em mim quando eu disse que ficaria tudo bem conosco. Sem querer melindrar a companhia atual, ela é a mulher mais linda do planeta.

– Não fico melindrada. E então, tem algum conselho para uma moça que está a 48 horas de entrar na igreja?

– Quando eu acordo de manhã, ela está segurando minha mão. Faço o café e ela se senta com os joelhos encostados nos meus enquanto comemos.

Grover gostava de falar, por isso deixamos que continuasse. Não que tivéssemos opção. Ele continuou sem pressa.

– Não espero que vocês entendam isto tudo – disse, encolhendo os ombros. – Um dia, talvez. Estamos casados há muito tempo, vimos muita coisa, vivenciamos muita coisa, mas amar é algo que vai melhorando, quanto mais a gente ama. Talvez vocês pensem que um velho como eu não se inflama quando ela cruza o quarto com uma camisola desbotada de flanela, mas eu me incendeio. E ela também sente o mesmo por mim.

Deu uma risada.

– Apesar de eu não usar camisolas de flanela. Ela pode não ser tão atrevida quanto era na casa dos 20 anos – prosseguiu – e pode ser que tenha a pele flácida na parte posterior dos braços e na base do bumbum. Talvez tenha umas rugas de que não gosta, talvez tenha as pálpebras caídas, talvez sua roupa de baixo não seja tão pequena quanto já foi; pode ser que tudo isso seja verdade... mas também não tenho a aparência do homem das nossas fotos do casamento. Sou uma espécie de reflexo daquele garoto, um reflexo grisalho, enrugado, curtido pelo sol e mais lento. Talvez isto seja meio lugar-comum, mas me casei com a mulher que se encaixa em mim. Sou metade de um quebra-cabeça de duas peças.

– Qual é a melhor parte de tudo? – perguntou Ashley.

– Quando ela ri... eu sorrio. E quando ela chora, as lágrimas rolam pelo meu rosto. – Grover meneou a cabeça. – Eu não trocaria isto por... por nada.

O ronco do motor fazia o avião vibrar enquanto sobrevoávamos picos e vales nas montanhas. Grover apontou para o GPS e para fora do vidro, abarcando a terra com um aceno da mão.

– Passei minha lua de mel ali embaixo. Andando a pé. Gayle adora a vida ao ar livre. Todo ano nós voltamos. – Ele riu. – Só que agora chegamos de *motorhome*. Temos cobertores e cafeteira elétricos. Uma vida dura que só...

Remexeu-se no assento e continuou:

– Você me pediu um conselho. Vou lhe dizer a mesma coisa que disse a minhas filhas, antes de elas se casarem. Case com o homem que vai caminhar a seu lado pelos próximos cinquenta ou sessenta anos. Que vai abrir portas, segurar sua mão, fazer seu café, passar loção nas rachaduras dos seus pés, pôr você no pedestal que é o seu lugar. Ele está se casando com o seu rosto e o seu cabelo louro pintado ou vai amar você quando a sua aparência for muito diferente, daqui a cinquenta anos?

Rompi o silêncio.

– Grover, você errou de profissão.

Ele deu um risinho, verificando os instrumentos.

– Como assim?

– Você não deixa nada a dever a essas pessoas que dão conselhos de vida na

televisão. Só você, um sofá e um membro da plateia em cada quadro.

Outra risada.

– Hoje vocês entraram no meu hangar e viram um avião azul e amarelo, pilotado por um velhote casca-grossa, com manchas senis nas mãos e um cachorro zangado nos calcanhares. Um pulinho rápido em Denver, para vocês poderem levar em frente a sua vida atarefada, cheia de compromissos agendados, correio eletrônico, mensagens de voz e de texto – disse. – Mas o que eu vejo aqui é uma cápsula fechada que eleva a pessoa acima dos problemas terrenos e lhe dá uma perspectiva que ela não pode ter em terra. Onde ela pode enxergar com clareza.

Acenou com as duas mãos para o cenário que passava em sombras abaixo de nós.

– Todos nós passamos os dias olhando por lentes borradas, embaçadas, arranhadas, às vezes quebradas. Mas isto aqui – deu um tapinha no manche –, isto tira a gente de trás das lentes e, por uns breves segundos, dá cem por cento de visão.

Ashley perguntou em voz baixa:

– É por isso que você gosta de voar?

Ele assentiu com a cabeça.

– Às vezes, Gayle e eu subimos aqui e passamos duas ou três horas. Sem dizer palavra. E sem achar que precisamos falar. Sem encher o ar com uma porção de estática. Ela se recosta ali, põe a mão no meu ombro, e damos umas voltas pela Terra. E, quando pousamos, o mundo inteiro parece perfeito.

Passamos vários minutos em silêncio. Então Grover tossiu.

Soltou um grunhido, uma coisa grave e gutural. Apertou o peito, curvou-se para a frente, arrancou o fone de ouvido e bateu forte com a cabeça no vidro lateral. Arqueou as costas, agarrou a camisa e puxou, rasgando-a e fazendo os botões se soltarem. Seu corpo tombou, curvado sobre o manche, empurrando-o com força para a direita e fazendo a asa se inclinar num ângulo de 90 graus em relação à terra.

A montanha cresceu de encontro a nós. A sensação era de estarmos caindo de um tampo de mesa. Instantes antes de batermos, Grover corrigiu a posição, puxou o manche, e o avião começou a perder velocidade. Ela se reduziu a quase nada, e eu me lembro de ter ouvido as copas das árvores roçarem a parte de baixo do monomotor.

E então, como se aterrissar assim fosse comum, Grover fez um pouso placado na montanha.

A cauda foi a primeira a tocar o chão, depois a asa esquerda, que bateu em alguma coisa e partiu com um estalo. O peso da asa direita puxou o avião, inclinando-o e criando uma espécie de âncora. Em algum ponto do processo, Grover desligou o motor. A última coisa de que me lembro é que houve um

rodopio, uma cambalhota, e a cauda se quebrou. Em seguida, ouvi um estalido alto, Ashley gritou, o cachorro latiu e foi lançado fora da aeronave. A neve salpicou meu rosto, seguida pelo som de galhos de árvore quebrando e pelo barulho do impacto.

A última imagem que me lembro de ter visto foi a do borrão verde avançando lentamente pelo brilho azulado do GPS montado no painel de controle.

CAPÍTULO 4

ASHLEY, QUE ACABEI de conhecer, me lembra muito você. Isso me fez pensar no dia em que nos conhecemos.

Eu estava parado na pista depois das aulas, sentindo bem mais calor do que sinto agora. Estávamos treinando corridas de 400 metros quando a equipe de cross-country veio se aproximando pelo campo. Na verdade, a equipe estava amontoadada num pelotão, centenas de metros atrás de uma corredora solitária desgarrada.

Você.

Você flutuava. Mal tocava a grama. Era um concerto de braços e pernas controlado do céu por um marionetista invisível. Você estava no segundo ano, eu já a tinha visto. Diziam que sua especialidade eram corridas longas. Seu cabelo era curto, como o da Julie Andrews em A noviça rebelde. Você pulou o banco junto à pista sem esforço, depois saltou a barreira alta perto de mim. Sua respiração era profunda, ritmada, deliberada. Em algum momento, no meio do salto, você me olhou de relance, revelando esmeraldas verde-jade.

O movimento dos seus braços e das suas mãos espirrou suor nas minhas pernas e na barriga. Eu deixei escapar um “Uau!”, e tropecei numa barreira, causando um estardalhaço. Naquela fração de segundo, você perdeu a concentração. Ou se deixou perdê-la. Deu um sorriso. Seus olhos se iluminaram. Depois, seus pés tocaram o chão, você voltou a olhar para a frente, as esmeraldas desapareceram e você se foi.

Fiquei observando sua corrida. Você saltava os obstáculos. Raramente os contornava. O terreno subia e descia sob seus pés, com pouco impacto no seu movimento corporal. Foco de raio laser; mas, ainda assim, seu rosto parecia desconectado do restante. Capaz de funcionar de forma autônoma. Acho que devo ter soltado outro “Uau!”, porque Scott, um colega da minha equipe, me deu um tapafe na cabeça.

– Nem pense nisso.

– Em quê?

– Em Rachel Hunt. Ela tem dono, e você não tem a menor chance.

– Por quê?

– Duas palavras – disse ele, levantando dois dedos como o sinal de paz. –

Nate Kelsey.

Eu ainda não conseguia tirar os olhos de você. A imagem do Nate entrou na minha cabeça. Ele jogava como meia na defesa. Não tinha pescoço. E era dono do recorde estadual de supino – fazia três anos. Você atravessou o campo interno e o

campo de treinamento ao lado, depois correu para fora da minha visão, lá pelos lados do vestiário feminino.

– Posso enfrentar esse cara.

Scott me deu outro tapa na cabeça.

– Cara, você vai precisar de um guarda-costas.

Mas foi o suficiente.

A esposa do treinador trabalhava no gabinete da diretoria. Vivia tentando me arrancar uma namorada. Quando pedi que ela me conseguisse o seu horário de aulas, ela o imprimiu com prazer. Logo depois, descobri que eu estava com um desejo insaciável de fazer uma mudança na minha grade de matérias eletivas. Meu orientador educacional não se convenceu.

– Você quer estudar o quê?

– Latim.

– Por quê?

– Porque eu acho legal quando as pessoas falam latim.

– As pessoas não falam latim desde a queda de Roma.

– Roma caiu?

Ele não se impressionou.

– Ben...

– Ora... pois deviam. Está na hora de um renascimento do latim.

Ele meneou a cabeça.

– Como é o nome dela?

– Rachel Hunt.

Ele assinou o formulário da minha troca e sorriu.

– Por que não disse logo?

– Da próxima vez eu digo.

– Boa sorte. Vai precisar.

– Obrigado.

Ele se inclinou para o lado da escrivaninha.

– Você tem plano de saúde?

– Tenho. Por quê?

– Já viu o namorado dela?

Ceguei cedo à aula e vi você entrar. Se não estivesse sentado, meus joelhos teriam ficado bambos. Você me olhou, sorriu e veio andando direto para mim. Pôs os livros na carteira à minha esquerda. Depois, inclinou a cabeça, sorriu e estendeu a mão.

– Eu sou a Rachel.

– Oi.

Está bem, está bem. Talvez eu tenha gaguejado um pouco.

Lembro-me de ter observado seus olhos e pensado que nunca tinha visto nada parecido. Tão grandes e de um verde inigualável. Seus olhos me lembravam aquela cobra de Mogli, o menino lobo, que vivia tentando hipnotizar as pessoas.

– Você é o Ben Payne.

Meu queixo caiu e eu fiz que sim. No corredor, um dos meus colegas de time

dava tapas no joelho, rindo de mim.

– Você me conhece?

– Todo mundo conhece.

– Conhece?

– Com a sua velocidade na corrida, quem não conhece você?

Talvez o meu pai não fosse tão mau sujeito, afinal.

Você sorriu, e achei que diria algo mais, só que apenas meneou a cabeça e desviou o rosto.

Talvez eu fosse só um pouquinho inseguro.

– O que foi?

Você virou a cabeça de lado, com um meio sorriso.

– Já lhe disseram que você tem a voz bonita?

Meu dedo tocou na minha laringe. Minha voz subiu umas oito oitavas.

– Não. – Pigarreei. – Quer dizer... – falei mais grave, dessa vez. – Não.

Você abriu um caderno e começou a folhear as páginas. Cruzou uma perna sobre a outra.

– Bom... pois tem. Ela é... quente.

– Ah.

Passamos o resto do ano como “amigos”, porque não tive você-sabe-o-que para convidá-la para sair. Sem falar no fato de que o Sr. Sem-Pescoço me quebraria ao meio – se conseguisse me alcançar.

Um dia, no penúltimo ano, eu tinha acabado de chegar à escola, dispunha de uns trinta minutos antes da primeira aula, e nós nos esbarramos quando você saía do vestiário feminino. Seu cabelo estava molhado. Os olhos se estreitavam, com uma ruga funda sulcando a testa.

– Você está legal?

Você se virou, com os olhos molhados, e saiu andando na direção da pista e das arquibancadas. Para longe da escola. Com os punhos cerrados.

– NÃO!

Segurei sua mochila e caminhamos juntos para a pista, evitando falar do óbvio.

– O que houve?

Você estava exasperada.

– Não estou ficando mais rápida, só isso.

– Quer ajuda?

Você franziu o nariz.

– Você pode me ajudar?

– Bem, posso. Pelo menos, acho que sim – respondi.

Apontei para o escritório do treinador de cross-country.

– Ele, com certeza, não pode. Se pudesse, já teria lhe dito o que fazer.

Você não se convenceu.

– Ah, e você é capaz de enxergar uma coisa que ele não vê?

Confirmei com um aceno da cabeça.

Você parou e levantou os braços.

– Bom, e o que é?

– Seus braços. Excesso de movimento lateral. Não para a frente. E... –

Abarquei com um aceno a região do seu músculo flexor do quadril. – Você está muito amarrada aqui. Passadas curtas demais. Seus pés são velozes, mas você precisa cobrir uma área maior a cada passada. Talvez uns 5 centímetros ajudassem.

Sua boca se curvou para baixo, como se eu houvesse acabado de dizer que você parecia gorda com aquela roupa.

– Ah, é mesmo?

Outro aceno afirmativo com a cabeça. Eu estava começando a dar olhadelas para trás, à procura do seu namorado. Ao que me lembrasse, esse era o período mais longo que já havíamos passado conversando sozinhos e em público.

Você pôs as mãos nas cadeiras.

– E você pode consertar isso?

– Bem... consertar mesmo, não posso. Isso é com você. Mas posso correr ao seu lado e ajudar você a ver as coisas de outro jeito. Talvez ajudá-la a encontrar um ritmo que faça você alongar a passada. É como correr numa calçada: a gente começa naturalmente a tentar pisar nas emendas do cimento ou fora delas. Você pode correr com alguém que tenha a passada mais larga e deixar seu cérebro absorver a ideia. De um jeito ou de outro, a passada se ajusta, sem que você precise pensar.

– E você faria isso?

– Bem... é claro. Quem não faria?

Você cruzou os braços.

– Até agora? VOCÊ! Você é a única pessoa que não me dá a menor bola.

Eu continuava com as olhadelas para trás. Quase podia ouvir a respiração dele no meu cangote.

– E quanto ao... ao número 54? O cara sem pescoço.

– Caso não tenha notado, Einstein, não estamos mais juntos... desde o ano passado!

– Ah. – Cocei a cabeça. – É mesmo?

Você confirmou com a cabeça.

– Você pode ser veloz aqui – apontou para a pista, depois me deu um tapinha no peito –, mas, quando se trata disto aqui, sou capaz de dar voltas e mais voltas em você.

Ainda é.

CAPÍTULO 5

ESTAVA ESCURO E a dor havia piorado. Apertei o botão da luz do relógio de pulso: 4h47. Talvez houvessem passado seis horas desde a queda. Faltavam duas para amanhecer. Àquela altitude, talvez menos. Mas, naquele frio, eu não tinha certeza de que sobreviveria nem quinze minutos. Tiritava tanto que meus dentes batiam. Grover estava coberto por 10 centímetros de neve. Eu continuava atrelado às tiras do cinto de segurança, mas o engate do encosto do banco se partira.

Ashley estava caída à minha esquerda. Apalpei seu pescoço e a artéria carótida. O pulso batia forte e acelerado, mas ela permanecia calada. Eu não conseguia vê-la no escuro. Apalpei a área ao redor. Neve e cacos de vidro nos cobriam. À minha direita, achei a bolsa que estivera presa à parte inferior do banco de Grover. Puxei a corda e o saco de dormir foi saindo devagar. Abri o zíper lateral e estendi o saco sobre nós, o máximo que pude.

Eu só conseguia me mexer um pouco de cada vez, porque a dor no tórax me deixava sem fôlego. Prendi o saco em volta de Ashley e enfiei seus pés na ponta dele. O ângulo anormal da sua perna significava que ela estava mal. O cachorro se aninhou comigo. Tornei a apertar o botão da luz: 5h59. A luz era de um verde baço; os números, de um preto fosco. Metros à minha frente, vi a hélice espichada no ar. Com uma crosta de neve. Faltava parte da lâmina.

O dia clareou e acordei com o cachorro em pé no meu peito, lambendo meu nariz. O céu cinzento continuava a derramar neve. Grover, a pouco mais de um metro de distância, havia praticamente desaparecido sob o que parecia ser um palmo dela. Num ponto qualquer, uma árvore perene brotava do solo e um de seus galhos se estendia até meu campo visual. Aninhei as mãos sob as axilas. O saco de dormir acolchoado era bom e ruim. Estava me aquecendo, o que era bom. Aumentava o fluxo sanguíneo. Agora, talvez o frio não me matasse. Mas com o fluxo sanguíneo maior vinha também o aumento da dor nas minhas costelas.

Ashley se mantinha imóvel e calada ao meu lado. Tornei a apalpar seu pescoço. A pulsação continuava forte, mas não tão acelerada. Seu organismo já havia gastado a adrenalina que o inundara ao batermos.

Sentei-me e tentei examiná-la. Tinha o rosto inchado e empastado de sangue, por causa dos cortes acima dos olhos e no couro cabeludo. Deslizei a mão por seu ombro. Dava a impressão de que alguém tinha enfiado uma meia por dentro da jaqueta acolchoada. O ombro se deslocara.

Segurei o braço dela, puxei-o para baixo e depois o soltei, deixando que os tendões o puxassem de volta para o lugar. Uma vez recolocado, manipulei a articulação. Estava livre e com boa movimentação lateral, o que deixou claro que Ashley já o deslocara antes e, mais importante, que ele se encaixara corretamente agora. Ombros sempre voltam para a posição, se a gente os posiciona na direção certa.

Sem despi-la e conversar com ela, eu não tinha como saber se Ashley tinha alguma lesão interna. Passei as mãos por seus quadris. Em boa forma, esguios, musculosos. Em seguida, as pernas. A direita estava ótima. A esquerda, não.

O fêmur havia se quebrado, provavelmente no impacto da queda. Devia ter sido esse o motivo do grito. A coxa estava inchadíssima, talvez com o dobro do tamanho normal, e a perna da calça apertava. Felizmente, o osso não havia rompido a pele.

Eu sabia que tinha de repor o osso no lugar antes que ela acordasse, mas, para isso, precisava de espaço para trabalhar. Naquele momento, minha impressão era de estar num aparelho de ressonância magnética, com todos os lados muito próximos do rosto. Sentei-me e descobri que estávamos encerrados numa caverna formada por neve e fuselagem de avião. O que, de certo modo, era bom.

O impacto, junto com a tempestade, tinha nos enterrado num banco de neve, e depois nos deixara praticamente cobertos. Isso havia formado um casulo e, embora soe ruim – e era –, também significava que vínhamos mais ou menos nos mantendo em 0°C, o que era melhor do que qualquer que fosse a temperatura do lado de fora. Sem falar que impedia o vento cortante de nos alcançar. A maior parte da luz entrava pelo vidro no alto do avião, filtrando-se pela neve, mas me permitia enxergar.

O cachorro gania e girava em círculos. Depois, subiu no dono e começou a lamber a neve do rosto dele. Queria saber quando o avião ia decolar. Tentei por alguns minutos escavar a neve para abrir espaço e chegar à perna de Ashley, mas minhas mãos ficaram enregeladas. Percebi que, se continuasse, elas se tornariam inúteis. Escavei ao redor de Grover e achei uma prancheta de plástico, enfiada no compartimento da porta. Tirei os papéis e usei a prancheta como pé. Foi um trabalho lento, mas consegui fazer uma plataforma longa o bastante para Ashley se deitar. Quando eu a pusesse ali, poderia manipular sua perna esquerda.

Tirei o saco de dormir de cima dela, estendi-o no interior da plataforma e, aos poucos, levantei o corpo dela do banco e o deslizei para o acolchoado. O esforço me exauriu, de modo que me reclinei no banco de Grover e fiquei

parado. Minha respiração curta e superficial, numa tentativa de diminuir a dor no peito.

O cachorro andou em volta de mim e pulou no meu colo, lambendo meu rosto.

– Oi, garoto – murmurei, porque não conseguia recordar o nome dele.

Passaram-se trinta minutos até eu ter energia suficiente para voltar à perna de Ashley. Soergui o corpo e falei com ela, que não me respondeu – e foi bom assim, pois o que eu ia fazer doeria mais do que a fratura inicial.

Tirei o cinto, enrolei-o no tornozelo dela e no meu pulso, para firmar a pegada. Em seguida, tirei a bota do pé esquerdo e o apoiei devagar entre as pernas dela. Estendi minha perna, empurrando Ashley, depois estiquei o cinto e segurei seu pé com as duas mãos. Respirei fundo quatro ou cinco vezes e então senti a mão dela deslizar para o meu pé. Levantei a cabeça e vi que um de seus olhos estava parcialmente aberto. Ela deu um tapinha no meu pé e murmurou:

– Puxe... com força.

Empurrei o tronco dela com minha perna enquanto puxava a dela, fazendo força até curvar as costas. A dor fez Ashley rolar a cabeça para trás e soltar um grito abafado, antes de perder a consciência. A perna se afrouxou com um estalo, girei-a, deixei que se endireitasse naturalmente, depois a soltei. Ao largá-la, a perna esquerda ficou numa posição natural, que espelhava a da direita.

Há dois segredos para curar uma perna quebrada: colocá-la na posição certa e mantê-la no lugar, enquanto os ossos se fundem. Nenhuma das duas coisas é fácil.

Com a perna reposicionada, comecei a procurar uma tala. Acima da minha cabeça pendiam dois suportes quebrados da asa, cada um com mais de 1 metro de comprimento e a grossura aproximada do meu dedo indicador. Havia um partido quando a asa esquerda se soltara. Comecei a movimentá-los para a frente e para trás, enfraquecendo o metal, e eles acabaram se soltando.

Nas minhas excursões, costumo levar dois canivetes: um suíço e um dobrável de uma lâmina só, com trava. Como eu havia passado pela segurança do aeroporto, antes guardara ambos na mochila que seria despachada. Ela agora estava atrás de nós, quase submersa no banco de neve. Apenas um canto era visível. Afastei um pouco a neve, achei o zíper, pus a mão lá dentro e procurei os dois até encontrá-los.

O suíço tem duas lâminas. Usando a menor, cortei a perna da calça de Ashley até o quadril. A perna estava inchada e boa parte da coxa, preta e azul. Até roxo-escuro.

Soltei nossos cintos de segurança dos bancos e usei um deles para prender as “talas” que acabara de retirar das asas. Fixei a tala na perna dela, puxei as tiras do cinto para deixá-las justas e pus a fivela bem em cima da artéria femoral.

Em seguida, peguei uma camiseta na mala, cortei-a em duas partes e

enrolei cada uma delas de comprido, para pô-las sob cada lado da fivela. Isso me permitiria apertar a tala sem pressionar a artéria, para que a perna não perdesse o fluxo sanguíneo tão necessário.

Por último – e, se Ashley não tinha gostado de nenhum dos meus atos anteriores, certamente não ia gostar deste –, cobri de neve a área em volta da fratura. Eu tinha que ser cuidadoso, para reduzir o edema, porém não baixar a temperatura dela.

Continuei a vasculhar minha mochila e tirei dela um par de ceroulas compridas de polipropileno e um suéter de lã que uso quando estou nas montanhas. O suéter está meio surrado, mas é forrado com um tecido resistente ao vento e me mantém aquecido, mesmo que esteja molhado. Tirei a jaqueta acolchoada de Ashley, o casaco do terninho, a blusa e o sutiã e examinei seu peito e suas costelas em busca de lesões internas. Não encontrei hematomas. Vesti-a com minha ceroula e meu suéter, que era grande demais, porém estava seco e quente. Depois, tornei a colocar a jaqueta acolchoada nela, mas não puxei suas mãos para fora das mangas. Puxei as pontas do saco de dormir que estava embaixo dela e a embrulhei feito uma múmia, deixando apenas a perna esquerda de fora, e em seguida elevei e cobri seu pé esquerdo.

Ashley perdera muito calor do corpo naquele processo, e por isso tirei da mochila um gorro de lã e o pus em sua cabeça, puxando-o para baixo até cobrir as orelhas e a testa, mas sem tapar os olhos. Não queria que ela acordasse e pensasse que havia morrido ou ficado cega.

Depois de deixá-la seca e aquecida, percebi como minha respiração estava curta e quanto minha pulsação tinha se acelerado. A dor nas costelas se intensificara. Enfiei os braços nas mangas da jaqueta e me deitei ao lado de Ashley para me aquecer. Nesse momento, o cachorro passou por cima das minhas pernas, descreveu dois círculos, espichando o nariz para achar a cauda, e se entocou enroscado entre nós. Parecia já ter feito isso. Olhei para o cadáver de Grover, coberto de neve.

Assim que fechei os olhos, os dedos da mão esquerda de Ashley se estenderam para fora da manga da jaqueta e tocaram meu braço. Sentei-me a tempo de ver seus lábios se moverem, mas não consegui entender o que ela dizia. Cheguei mais perto. Seus dedos apertaram minha mão e a boca tornou a se mexer.

– Obrigada.

CAPÍTULO 6

É DIA CLARO. A neve continua a cair com intensidade e posso ver minha respiração. Sai fumaça da minha boca. Também está muito quieto. Como se alguém houvesse apertado o botão de “mudo” do mundo.

Ashley não está muito bem. Talvez tenha alguma lesão interna. Alinhei o osso da perna dela e pus o ombro deslocado no lugar, mas ela vai precisar de radiografias dos dois e de cirurgia na perna, quando sairmos daqui. Desmaiou quando mexi na perna. Está dormindo desde então. Fala um pouco durante o sono.

Ela tem várias lacerações nos braços, no rosto e na cabeça, mas eu não quis movê-la mais do que era obrigado a fazer. Preciso que ela acorde e fale comigo, antes de começar a suturá-la. Achei um colete de pesca atrás do meu banco com uma linha que posso usar para dar os pontos.

Grover, o piloto, não resistiu. Será que já lhe contei isto? Não me lembro. Ele aterrissou o avião depois de seu coração parar. Não sei como. Pousar aquele avião sem nos matar a todos não foi nada menos que heroico.

Eu?

Quebrei umas costelas. Talvez três. A dor é aguda quando inspiro. Lancinante. E talvez eu esteja com pneumotórax. É claro que a altitude aqui passa dos 3.300 metros, de modo que respirar não é mesmo muito fácil.

Estive pensando na possibilidade de um resgate, mas não encontrei nenhuma razão pela qual devamos esperá-lo. Não dissemos a ninguém que íamos pegar o avião. Grover não era obrigado a submeter o plano de voo a nenhuma autoridade. Não relatou que tinha passageiros, de modo que a torre não fazia ideia de que estávamos no avião.

Visto de perfil, Grover era meio parecido com meu pai. Ou com as melhores partes dele. Se bem que Grover me deu a impressão de ser um pouco mais bondoso.

Algumas pessoas diziam que meu pai era um idiota. Dominador. Outros diziam que era sorte minha ter um pai tão dedicado. É claro que aquela gente não teria durado um dia na minha casa. Minha mãe não durou. Ele a maltratava tanto que ela se refugiou na bebida. Depois ele se certificou de ter provas suficientes disso para mantê-la pulando de um centro de reabilitação para outro, o que lhe permitiu tirar dela todos os direitos maternos. Ele raramente perdia. Não conheço a história toda. Ele me deixava falar com mamãe por telefone. Sabe aquela coisa de couro e renda da música da Fleetwood Mac? Meu pai era hábil com o couro. Mas nossa casa não tinha renda – pelo menos até o dia em que você passou a entrar escondida pela janela.

A contar do instante em que meu pai acendia a luz, às 4h55, eu tinha cinco minutos para me postar na porta dos fundos. Vestido. Dois moletons, short de corrida e tênis.

– Os quilômetros não correm sozinhos. Tire essa bunda da cama.

– Sim, senhor.

Eu dormia vestido quase toda noite. Lembro-me da primeira vez que você entrou lá, furtivamente, e me puxou pelo ombro. Pareceu surpresa.

– Por que você está usando essa roupa toda?

Olhei para o relógio e para a porta.

– Fique umas quatro horas aqui e vai descobrir.

Você balançou a cabeça.

– Não, obrigada.

Quando descobriu que eu usava dois moletons, perguntou:

– Não fica com calor?

– A gente se acostuma.

Você me puxou e disse:

– Ande, vamos sair daqui.

Meu trajeto era sempre até o posto de salvamento, ida e volta, 9,5 quilômetros. Não sei por que meu pai escolheu 9,5, mas o número era esse. Ele dizia que era meu aquecimento. Acho que o motivo principal da escolha era a loja de donuts. Eu não podia trapacear: ele ia de carro até a loja, sentava-se perto da vitrine e ficava contemplando o mar, com um café numa das mãos, uma rosquinha na outra e o jornal aberto na mesa, conferindo meu tempo, enquanto eu avançava a custo pela praia e dava um tapa na cadeira vermelha do salva-vidas. Quando eu era veloz o bastante ou melhorava alguns segundos, ele terminava a rosquinha, chegava em casa antes de mim e não dizia nada. Mas, se eu fosse lento, ele saía correndo da loja e gritava para mim na areia: “Perdeu sete!” ou “Perdeu vinte!”

Aos poucos, aprendi a monitorar e avaliar o rendimento e a velocidade da minha corrida. O medo faz isso.

Quando eu chegava em casa, ele me recebia na praia, onde eu tinha permissão para tirar os moletons antes de começar o trabalho de velocidade. Nas segundas-feiras, corríamos doze tiros de 660 metros. Nas terças, os tiros eram de 550. Nas quartas, de 440. E assim sucessivamente. Domingo era meu único dia de folga, mas era um prazer ambíguo, porque a segunda-feira já estava chegando.

Sempre terminávamos pulando corda, fazendo abdominais, abdominais supra, flexões de braço, bola tonificadora com peso e qualquer outra coisa indutora de dor que ele conseguisse imaginar. Meu pai segurava um caníço acima dos meus joelhos e me mandava pular.

– Mais alto!

Eu pulava, mas nunca alto o bastante.

Ele abanava a cabeça e falava em voz baixa:

– A dor é a fraqueza saindo do seu corpo.

Eu ficava lá parado, levantando os joelhos, olhando para a praia e pensando com meus botões: “Ótimo... por que não deixamos sair alguma do seu corpo? A minha está quase esgotada.”

Perdi muita dor na casa dele.

Às sete da manhã, eu já havia corrido entre 11 e 16 quilômetros, conforme o dia da semana. Depois ia à escola, tentava não pegar no sono durante a aula, e em seguida ia para o treino na pista ou correr com a equipe de cross-country – duas atividades que pareciam uma banalidade, comparadas às que eu fazia em casa.

Papai dirigia sua empresa – cinquenta corretores, todos se reportando a ele – e, quando os funcionários não faziam a parte que lhes cabia, ele os demitia. Sem piedade. Como a bolsa de valores fechava às 16h, ele aparecia por volta de 16h15, com a gravata afrouxada, o cronômetro na mão, óculos escuros e cenho franzido, olhando para mim por cima da cerca.

É, ele era um homem dedicado, com certeza.

No primeiro ano do ensino médio, ganhei a corrida de 400 metros em 50,9 segundos, levei a equipe à vitória no revezamento 4 x 400 e venci os 1.600 metros rasos com o tempo de 4 minutos e 28 segundos – com isso, fui campeão estadual nas três categorias.

Papai me levou para casa em silêncio. Nada de jantar de comemoração. Nem dia de folga. Nem momento especial. Estacionou o carro e disse:

– Não falta muito para as cinco da manhã. Se quiser ficar abaixo de quatro minutos quando chegar ao último ano, tem muito trabalho pela frente.

Em algum ponto daquilo, ocorreu-me que, para meu pai, eu tinha tanto valor quanto meu último tempo marcado e, na verdade, nenhum tempo jamais seria bom o bastante.

Além disso, tirar notas na casa do 8 na escola não era algo aceitável. Um 9 “é praticamente um 8,5, de modo que é melhor você puxar isso para cima”. Eu tinha poucos amigos e, quando não estava na escola, estava correndo ou dormindo.

E então veio o segundo ano. Eu havia quebrado vários recordes estaduais e nacionais. O que não necessariamente me tornava o cara na escola – toda a glória já pertencia aos jogadores de futebol americano –, mas decerto me dava alguma reputação junto às pessoas que acompanhavam esse tipo de coisa. Como os corredores de cross-country.

Como você.

Você entrou no circuito e iluminou meu mundo, trazendo riso, luz e deslumbramento. Acolhedora e calorosa. Você corria ao meu lado e, com uma chispada dos olhos, um olhar de relance, salpicando suor com as pontas dos dedos, me dava vontade de tomar uma chuveirada, lavar meu pai do meu corpo e me banhar em você.

Muito do que eu sou foi ele quem fez. Forjou-o em mim. Sei disso. Mas meu pai usava dor para me livrar da dor. E me deixava vazio e ferido. Você se derramou em mim e me preencheu até a borda. Pela primeira vez, não senti dor.

Você me deu a única coisa que ele nunca ofereceu. Um amor que não dependia de cronômetro.

CAPÍTULO 7

ESTAVA ESCURO QUANDO acordei. Apertei o botão da luz no relógio: 0h01. Passara-se um dia inteiro. Em seguida, verifiquei a data. Levei um segundo para entender a informação. Eram dois dias. Havíamos dormido 36 horas seguidas.

Um bilhão de estrelas me observavam. Tão perto que quase podia tocá-las. O grande borrão verde tinha chegado e partido, deixando um grosso cobertor branco em sua esteira. A lua surgira acima do meu ombro esquerdo. Brilhante como o Natal. Estreitei os olhos. Se eu conseguisse subir na montanha à minha esquerda, poderia pisar direto na lua e continuar andando.

Enquanto o sono ia se impondo, tentei registrar na mente que precisávamos de duas coisas sem demora: comida e água. Com ênfase na água. Se o organismo de Ashley estava combatendo alguma infecção, eu precisava hidratá-la para que os rins funcionassem bem. É comum a pessoa em choque ter baixa de líquido e, ainda que eu não tivesse clara consciência disso, estava em choque e funcionando à base de adrenalina desde o acidente. O dia seguinte seria difícil. Ainda mais naquela altitude. Se eu conseguisse fazer o GPS funcionar, tentaria descobrir onde estávamos, pois sabia que não adiantava esperar um resgate.

Considere os fatos. Não havíamos notificado ninguém. E, mesmo que alguém soubesse que tínhamos embarcado no avião, estávamos – pelos cálculos do próprio Grover – mais de 240 quilômetros fora do curso, graças aos ventos da tempestade. Semanas se passariam até que uma grade de busca levasse alguém a essa distância, se é que isso aconteceria. Se houvesse algum resgate aéreo se aproximando – e se ele soubesse exatamente onde e o que procurar –, teríamos visto ou ouvido alguma coisa. E isso não tinha acontecido. Ou, pior ainda, acontecera enquanto dormíamos. Nossa única esperança era o TLE.

A luz do dia iluminou um céu azul. Tentei me mexer, mas estava tão enrijecido que doía erguer a cabeça. Se você já sofreu um acidente de automóvel, sabe o que quero dizer. Dói na hora, mas é dois ou três dias depois que a dor realmente se instala. Ergui o tronco para me sentar e me encostei num pedregulho que se projetava do banco de neve. Pela localização, calculei que teria sido a pedra que quebrou a perna de Ashley.

A luz diurna e certa claridade me permitiram visualizar o que havia acontecido com o avião e conosco. Na aproximação do solo, uma árvore ou um

aflorescimento de pedra havia arrancado a asa esquerda. Isso tinha deixado o avião mais pesado à direita, de modo que, com a asa restante apontando para o chão, havíamos batido uma segunda vez e capotado. Em algum ponto da terceira ou quarta volta no ar, a asa direita havia se prendido em alguma coisa e a cabine girara em torno dela, enfiando o que restava do nariz na neve e se projetando na direção de outra pedra, que havia quebrado a lateral do avião e a perna de Ashley. No fim, a fuselagem ficara relativamente intacta, enterrada num banco de neve de 3 metros de profundidade, contra uma saliência de rocha e o que pareciam ser árvores brotando das pedras.

Primeiro a má notícia. Embora o avião de Grover fosse de um azul e amarelo vivos, estava enterrado sob metros de neve, com exceção da asa esquerda. Pensei numa agulha em um palheiro. Isto sem falar que a cauda tinha se desintegrado ao bater na pedra. Eu havia encontrado pedaços de plástico de um laranja fosforescente, mas não o TLE. Logo, nada de sinal a 122,5 megahertz. Nada de triangulação. Nem de cavalaria. A verdade era difícil de encarar. Eu não sabia como transmiti-la a Ashley.

A única boa notícia, se é que se podia falar assim, era que aquele “sepultamento” nos abrigava das forças da natureza. Não fosse por ele, já teríamos morrido. É melhor estar a uma temperatura de 0°C que de -36°C.

Ashley dormia com o rosto ruborizado, o que devia significar febre, a qual, por sua vez, provavelmente significava infecção. Nenhuma das duas coisas era boa, mas eu já esperava por isso. Precisava dar algum líquido para Ashley ingerir.

O melhor que eu conseguia fazer era engatinhar, por isso fui rolando até minha mochila, peguei meu fogareiro e enchi um recipiente com neve fresca, obtida do lado de fora da nossa caverna. Liguei o fogareiro e a chama azul irrompeu, derretendo a neve. À medida que ela derretia, fui acrescentando mais. Ou o barulho do fogareiro, ou talvez minha movimentação, acordou Ashley. Seu rosto estava estufado, cheio de edemas, e os olhos, minúsculos. O lábio inferior estava inchado e, agora que era dia claro, eu precisava limpar os cortes e começar a suturar os que necessitavam de pontos.

Levei à sua boca um copo de água amornada.

– Beba isto.

Ela bebeu. Eu tinha um vidro de ibuprofeno em algum lugar da mochila. Queria desesperadamente engolir uns quatro comprimidos, mas sabia que Ashley estava sentindo mais dor e necessitaria deles mais do que eu nos próximos dias. Achei-os num compartimento lateral, pus quatro na mão e levei um à boca de Ashley.

– Você consegue engolir? – perguntei.

Ela fez que sim, pus o comprimido em sua língua e ela o engoliu. Repetimos a operação mais três vezes, devagar. Fazia muito tempo que a neve ao redor de

sua perna havia derretido, por isso o edema, que talvez tivesse diminuído em algum momento, voltara. E edema trazia dor. Se eu conseguisse reduzir o inchaço da perna, também diminuiria a dor. O ibuprofeno trabalharia por dentro, a neve, pelo lado de fora. Com delicadeza, tornei a envolver a perna em neve e verifiquei a pulsação no tornozelo, para ter certeza de que ela estava com boa circulação. Fiquei segurando o copo junto à boca de Ashley até ela beber tudo, pouco menos de 250 mililitros. Minha meta do dia seriam mais uns cinco copos desses. Com quase 1,5 litro de água, seus rins deviam se lembrar de funcionar.

Tornei a encher o copo e o recipiente do fogareiro, e eu mesmo bebi um pouco. Ashley forçou os olhos a se abrirem, tanto quanto o edema permitia. Examinou a caverna, o que restara do avião, o cachorro, a roupa rasgada, as talas em volta da perna, e seus olhos pousaram no cadáver de Grover. Ali permaneceram por um minuto, depois se voltaram para mim.

– Ele está...?

– Ele morreu antes que o avião pousasse. Coração, acho. Não sei como aterrissou.

Ashley ergueu uma das mãos e deslizou a ponta dos dedos pelo rosto e pela cabeça. Sua expressão se modificou.

Lentamente, puxei sua mão para baixo.

– Preciso dar uns pontos em você.

– Que dia é hoje? – perguntou ela, com a voz rouca.

Dei-lhe a versão abreviada. Quando terminei, ela não disse nada.

Vasculhei o colete de pesca de Grover e achei uma linha fina. Tirei do colete uma das iscas artificiais e removi todo o material que lhe dava o aspecto de mosca, até expor apenas o anzol sem rebarbas. Eu tinha de corrigi-lo para um ângulo mais próximo de 90 graus, porém precisava de alguma ferramenta. Algo que me ajudasse a esticá-lo.

O cinto de Grover.

Escavei a neve ao redor de sua cintura e encontrei o estojo do alicate multifuncional. Quando abri a presilha, o corpo rígido do piloto nem se mexeu. Eu precisava sepultá-lo, mas também precisava suturar Ashley e encontrar comida. Ele teria que esperar.

Estiquei o anzol, passei o fio pelo orifício e procurei achatar o buraco com o alicate. Quando voltei a olhar para Ashley, lágrimas escorriam por seu rosto.

– Tenho certeza de que a esposa está preocupada com ele – comentou.

Ainda não havíamos conversado sobre nossos apuros. A parte sobre estarmos presos ali. Uma das coisas que aprendi na medicina e no montanhismo é que devemos atacar uma crise de cada vez. A próxima da lista era a do rosto e da cabeça de Ashley.

Usei o alicate e escavei uma segunda plataforma na neve, mais baixa que a já improvisada em que Ashley estivera deitada até então. No meu exercício da

medicina, depois da cirurgia, tenho o hábito de visitar meus pacientes nos quartos, para ver como estão. Muitas vezes, levo uma banqueta de aço de rodinhas até a lateral da cama. Ela me deixa sentado num nível inferior ao da maioria dos pacientes, o que lhes permite baixar os olhos para me ver, ou mantê-los na mesma altura dos meus. Você já notou como é difícil olhar para cima ao sair de uma cirurgia? Eu também. A plataforma ao lado de Ashley surtiria o mesmo efeito. Talvez isso tivesse alguma coisa a ver com minha conduta habitual no trato com pacientes.

O vento soprou, fazendo um galho arranhar o vidro. Finalmente consegui arrancar da mochila o meu saco de dormir e estendê-lo na plataforma paralela à de Ashley. Até então, vínhamos dividindo um saco; nesse momento, cada um passou a ter o seu.

Levei o copo d'água à boca de Ashley e ela bebeu. Enxuguei a lágrima do seu rosto.

– Onde está doendo?

– Nele – respondeu Ashley, com uma olhadela para o cadáver de Grover.

– Onde mais?

– No coração.

– No plano físico ou no afetivo?

Ela deitou a cabeça.

– Você sabe há quanto tempo eu sonho em me casar? Eu ansiei por meu casamento, até o planejei, por assim dizer... a vida inteira.

– E onde dói no corpo?

– Em tudo.

– Ainda não acabei de machucá-la. Preciso dar uns pontos.

Ela fez que sim com a cabeça.

Três locais. O primeiro exigiu dois pontos no couro cabeludo, que foram relativamente indolores. O segundo acompanhava o alto do olho direito, cruzando o meio da sobrancelha. Uma cicatriz mais antiga tinha se rompido com o impacto. Atravessei a pele com o gancho e comentei:

– Aqui há uma cicatriz mais antiga.

– Campeonato nacional. Eu tinha 18 anos. Um garoto me acertou um chute girando. Nem vi como foi.

Dei o primeiro ponto e comecei o segundo.

– Nocauteou você?

– Não. Mas me deixou com raiva.

– Por quê?

– Porque vi que ia estragar minhas fotos do baile de formatura.

– O que você fez?

– Dei um giro de costas já mandando o primeiro chute, depois um duplo e um martelo. Ele caiu feito uma barata.

– Barata?

– Tínhamos nomes para as posições em que as pessoas caíam quando eram nocauteadas.

– Como o quê? – procurei distraí-la.

– Boto, dança de homem branco, barata e mais uns outros.

Atei o terceiro ponto e cortei a linha. Fiz sinal com a cabeça para sua sobranceira.

– O que eu fiz é suficiente para você aguentar até chegarmos a um hospital e deixarmos um cirurgião plástico consertar o meu remendo.

– E essa minha linda tala de duas varas? Minha perna está me matando.

– É o melhor que posso fazer. Alinhei o osso, mas, sem uma radiografia, é difícil dizer. De novo, quando chegarmos a um hospital, eles poderão fazer uns raios X e verificar. Se o osso não estiver alinhado, vou recomendar, e tenho certeza de que concordarão, que tornem a quebrá-lo e lhe deem uns presentinhos que vão fazer o detector de metais disparar quando você passar pelos controles de segurança. De qualquer jeito, você vai ficar nova em folha.

– Você acabou de falar duas vezes em “chegar a um hospital”, mas acha mesmo que alguém virá aqui?

Ao levantarmos os olhos para o céu azul, através da abertura criada entre a asa e a parede de neve de quase 3 metros, vimos um avião comercial passar a uma altitude tão acima daquela em que estávamos que seu barulho nem sequer chegava até nós. Fazia quase sessenta horas desde o nosso pouso forçado, e não tínhamos ouvido outro som que não nossas próprias vozes ou o vento ou o arranhar de algum galho.

Balancei a cabeça.

– Nós os enxergamos bem, mas tenho certeza de que eles não nos veem. Todos os indícios do nosso desaparecimento estão afundados na neve. Só serão vistos em julho, com o degelo.

– Os aviões acidentados não mandam uma espécie de sinal de SOS ou algo assim?

– Mandam, mas o aparelho que envia o sinal está espalhado à nossa volta, quebrado em mil pedacinhos.

– Talvez você deva rastejar até lá fora e fazer sinal com uma camisa ou sei lá o quê.

Dei um risinho. Doe. Segurei a lateral do tronco.

Os olhos de Ashley se estreitaram.

– O que foi?

– Umas costelas quebradas.

– Deixe-me ver.

Levantei a camisa. Não tinha olhado aquilo à luz do dia e calculava que o hematoma já teria aparecido. Todo o lado esquerdo do meu tórax era roxo-

escuro.

– Só dói quando eu respiro.

Nós dois rimos.

Ashley ficou me olhando enquanto eu amarrava o sexto nó na sutura do seu braço.

Ela me pareceu mais apreensiva.

– Nem acredito que estou deitada aqui deste jeito, com você me costurando, no meio de só Deus sabe onde, e estamos rindo. Acha que há alguma coisa errada conosco?

– Há uma boa probabilidade.

Voltei a atenção para a lateral do seu braço. A pedra ou um galho haviam cortado a pele do ombro não deslocado, abrindo um talho de uns 10 centímetros de comprimento. Para sorte de Ashley, na hora em que o avião parara, com ela desmaiada lá dentro, esse ombro ficara imprensado contra a neve. A pressão, misturada com a neve, havia estancado o sangramento. O corte precisaria de uns doze pontos ou mais.

– Dê-me sua mão – pedi, e ela atendeu. – Preciso que você tire o braço de dentro da manga.

Ela o despiu devagar, contraindo o rosto.

– A propósito – perguntou –, onde arrumei esta bela camisa?

– Troquei sua roupa ontem, em algum momento. Você estava molhada.

– Aquele era o meu sutiã favorito.

Aponte para trás, por cima do meu ombro esquerdo.

– Você poderá tê-lo de volta, assim que ele secar.

O corte no braço foi novidade para Ashley, que baixou os olhos para vê-lo.

– Este eu nem sabia que tinha.

Expliquei a questão da neve e da pressão e comecei mais uma sutura.

Ashley me observou no trabalho e perguntou, sem olhar para mim:

– Quais você acha que são as nossas chances?

– Você não é chegada a rodeios, não é?

– De que adianta? Dourar a pílula não vai nos tirar daqui mais depressa.

– Bem pensado. – Encolhi os ombros. – Deixe-me fazer-lhe umas perguntas.

Você disse a alguém que ia pegar este avião?

Ashley fez que não com a cabeça.

– Nem passou um e-mail? Nem telefonou? Nada?

Outro lento abanar da cabeça.

– Então, ninguém no planeta Terra sabe que você entrou num avião fretado e tentou seguir viagem para Denver?

Um último aceno negativo.

– Também não sabem de mim.

– Imagino que todos pensem, ou tenham pensado até ontem, que eu ainda

estava em Salt Lake City – disse ela num sussurro. – A esta altura, devem estar procurando por mim, mas onde? Pelo que sabem, peguei um voucher com a companhia aérea e segui para o hotel.

Assenti com a cabeça.

– Com base no que Grover falou, não consigo, por mais que me esforce, pensar em qualquer razão por que alguém haveria de sair à nossa procura. Não há nenhum registro oficial de que embarcamos, porque ele não submeteu a ninguém o plano de voo e, de acordo com o que ele disse, não era preciso. E o que mais me impressiona, na verdade, é que nós, dois profissionais de nível superior, provavelmente com uns vinte anos somados de escolaridade universitária e de pós-graduação, em nenhum momento dissemos a valmalha que iamos embarcar.

Fiz uma pausa.

– É como se este voo nunca houvesse existido – concluí.

Ashley olhou para Grover.

– Existiu, sim.

Ela fez uma pausa e levantou os olhos.

– E eu que pensei que seria só um pulinho rápido em Denver, fugindo da tempestade, fazendo dois amigos no caminho e depois levar a vida adiante.

Cortei a linha da sutura.

– Eu sinto muito mesmo, Ashley – disse, balançando a cabeça. – Você devia estar em algum lugar com uma manicure, cuidando das mãos e dos pés, ou algo assim, e se aprontando para o jantar depois do ensaio da cerimônia.

– Não faça isso – retrucou ela. – Não se castigue por suas boas intenções. Fiquei contente com a sua oferta – disse, com uma olhadela em volta. – Agora não tanto, mas na hora, sim.

Tornou a deitar a cabeça.

– Eu tinha marcado hora num spa com minhas amigas para uma massagem. Uma daquelas coisas com pedras aquecidas, sabe? Em vez disso, estou deitada no gelo com uma pedra só – indicou com a cabeça a sua amiga atrás de mim – e sem aquecimento. Lá, em algum lugar, há um vestido sem a dona e um noivo sem noiva.

Ela balançou a cabeça com mais vigor.

– Faz ideia de quanto paguei por aquele vestido?

– Ele estará à sua espera quando você chegar. E seu noivo também.

Levei o copo à sua boca e ela bebeu o último gole, completando 700 mililitros, e comentei:

– O seu senso de humor é uma dádiva.

– Bem... Você acharia graça se eu lhe dissesse que preciso fazer xixi?

– Visto por certo ângulo, isso é bom.

Olhei para o saco de dormir e avaliei a imobilidade dela.

– Por outro, não é.
– Por qual ângulo vamos olhar?
– Por qualquer um que lhe permita urinar sem fazer pressão nessa perna – falei e dei uma olhadela em volta. – Ah, o que eu não daria por um cateter.

– Ah, não, nem pensar. Aqueles trecos me dão arrepios. Essa parte de mim não tem mão dupla, é só saída.

Tirei minha garrafa da mochila e a pus ao lado de Ashley.

– Muito bem, o negócio é o seguinte...

– Não vou gostar disso, não é? – deduziu ela.

– É melhor do que a alternativa, e você fica aí mesmo, mas terei que ajudar.

Peguei o canivete suíço e expus a lâmina.

– Vou acabar de cortar sua calça até a cintura. Assim, enquanto estiver deitada, você vai poder mantê-la sobre o corpo. Depois, como há uns 3 ou 4 metros de neve sob você, vou cavar um buraco abaixo do seu bumbum, grande o bastante para comportar minha mão e esta garrafa. Depois, vamos tirar sua calcinha do caminho e você vai urinar na garrafa.

– Você tem razão, não gostei disso.

– Precisamos medir o volume da sua urina e tenho que ver se há sangue nela.

– Sangue?

– Lesões internas.

– Você não acha que já tenho o bastante?

– De quê: lesões?

Ela fez que sim.

– Acho, mas precisamos ter certeza.

Cortei a calça, afastei a parte superior para o lado, cavei a neve embaixo dela, segurei a garrafa no lugar, e Ashley usou o braço sadio para soerguer ligeiramente o corpo, sem mudar a posição da perna.

– Posso ir?

Fiz que sim. Ela urinou.

Ashley abanou a cabeça.

– É um dos momentos mais embaraçosos que já compartilhei com outro ser humano.

– Considerando-se que combino ortopedia com atendimento de urgência, são poucos os dias em que não estudo a urina de várias pessoas. Inclusive introduzindo o cateter.

Ashley fez uma expressão de dor e o fluxo parou.

– Tudo bem?

Ela fez que sim.

– É só minha perna.

Relaxou e recomeçou a urinar. O som do fluxo de líquido enchendo a

garrafa prosseguiu. Passado um segundo, Ashley comentou:

- Seus dedos estão frios.
- Se isto a faz sentir-se melhor, eles estão tão frios que nem sinto nada.
- Ah, que alívio!

Tentei amenizar seu desconforto.

– Quase todo mundo que examino no pronto-socorro sofreu algum tipo de trauma, quer dizer, um acidente que costuma incluir um impacto substancial, o que significa lesões internas e pode causar sangue na urina.

Ashley me encarou.

- Está tentando me fazer me sentir melhor?

Levantei a garrafa e examinei a cor.

- Estou.

Ela olhou para mim, depois, para a garrafa e falou:

- É muito xixi.

- É, e a cor também está boa.

– Acho que nunca comentaram a cor do meu xixi. Não sei muito bem como reagir.

Ajudei-a a se acomodar, deslizei de novo o saco de dormir para baixo dela e a cobri. Esse processo pôs sua pele em contato com a minha. E, embora eu estivesse agindo como seu médico, a nudez e a completa vulnerabilidade dela não me escaparam.

Pensei em Rachel.

Ao terminarmos tudo, Ashley tiritava de frio e eu tinha a sensação de que alguém havia perfurado minhas costelas com um estilete. Deitei-me, com a respiração ofegante.

Ashley se virou para mim.

- Está tomando alguma coisa para a dor?
- Não – respondi, enfatizando com um movimento de cabeça.
- Por quê?

– Para ser sincero, se você acha que está sentindo dor agora, espere só mais três ou quatro dias. Só tenho ibuprofeno suficiente para você enfrentar uma semana. Depois disso, vai ficar por sua conta.

Ela meneou a cabeça.

- Gosto do seu modo de pensar, doutor.

– Tenho uns remédios de receita controlada em algum lugar daquela mochila, mas pensei em guardá-los para logo à noite, quando você não conseguir dormir.

- Você fala quase como se já tivesse feito este tipo de coisa.

– Rachel e eu sempre adoramos caminhadas. Uma das coisas que aprendemos é que, mesmo que se tenha um plano e uma expectativa do que se vai fazer, ou de até onde se vai chegar em determinado dia, na verdade são as

condições do tempo e outras variáveis que determinam o que se faz e até onde se chega. Por isso, vale a pena estar preparado, desde que isso não signifique carregar tanto peso que impeça a pessoa de andar.

Ashley espiou o buraco na neve em que a minha mochila estava enterrada.

– Você tem um vinho tinto ali?

– Não, mas posso lhe preparar um gim-tônica, se você quiser.

– Seria ótimo.

Ela deu uma olhadela na perna e pediu:

– Fale dessa engenhoca na minha perna.

– Entre os médicos, os ortopedistas são conhecidos como carpinteiros.

Receio que seja verdade a meu respeito. A boa notícia é que esse suporte é bem eficaz. Ou será, pelo menos, a curto prazo. Você não pode circular, está presa bem aí, ou onde quer que eu a coloque, mas o suporte impede que você faça movimentos que não deva fazer, e vai ajudar a proteger a perna. Se a pressão ficar muito forte na coxa ou na panturrilha, é só me dizer, que eu afrouxo.

Ashley assentiu com a cabeça.

– Neste momento, está latejando como se alguém me desse marteladas.

Levantei a parte superior do saco de dormir que cobria sua perna e tornei a compactar neve sob a fratura e nas laterais.

– Continuarei a fazer isso por vários dias. Vai acelerar a recuperação e ajudar a anestesiá-la da dor. O único problema é que você vai sentir frio.

– Vou sentir?

Fechei a tampa da garrafa com urina e comecei a engatinhar para a luz.

– Vou dar uma olhada por aí e esvaziar esta garrafa.

– Ótimo. Darei uma arrumadinha aqui e talvez peça uma pizza.

– Gosto de calabresa.

– Anchovas?

– Não chego nem perto.

– Saquei.

Engatinhei para fora da fuselagem, ou do que restara dela, passei por baixo da asa, contornei uma árvore e cheguei à luz do sol. Era provável que a temperatura estivesse entre -13°C e -17°C, mas eu havia esperado coisa pior. Já houve quem me dissesse que o frio seco não é tão ruim quanto o frio úmido. Para mim, porém, frio é frio. E -13°C são -13°C. Ou qualquer que fosse a temperatura ali.

Dei um passo para fora da neve compacta em que o avião tinha pousado e meu pé afundou direto, até a virilha. O impacto sacudiu meu peito e me fez começar a tossir. Tentei não gritar de dor, mas não devo ter conseguido, já que ouvi a voz de Ashley vindo do avião.

– Tudo bem com você?

– Tudo. Eu só queria ter umas raquetes de neve.

Esvaziei a garrafa e examinei o entorno tão bem quanto pude. Não havia nada além de neve e montanhas. Parecíamos estar numa espécie de planalto, com alguns picos mais altos à minha esquerda, porém quase todo o resto se estendia abaixo e diante de nós. Isso queria dizer que nossa altitude era maior do que eu havia suposto. Talvez uns 3,5 mil metros. Não era de admirar que a respiração estivesse difícil.

Eu tinha visto o suficiente. Voltei de gatinhas para dentro e desabei na plataforma ao lado de Ashley.

– E então? – perguntou ela.

– Nada.

– Sinceramente, pode me dizer a verdade. Eu sei lidar com ela. Só me diga tudo, sem rodeios.

– Grover tinha razão. Está mais para Marte que para Terra.

– Não, falando sério. Não doure a pílula. Estou acostumada com gente que fala comigo com franqueza.

Levantei os olhos para onde ela estava, de olhos fechados. Esperando.

– É... lindo. Mal posso esperar para você ver. A visão é... panorâmica. Diferente de tudo o que você já viu. Uma em um milhão. Mandeí abrirem duas espreguiçadeiras, e um sujeito atarracado vai voltar dentro de alguns minutos trazendo drinques enfeitados com guarda-chuvinhas. Teve que ir buscar gelo.

Ashley relaxou e deitou a cabeça. Era o primeiro sorriso largo desde que havíamos descido na neve.

– Por um momento você me deixou preocupada. Que bom saber que não é tão ruim quanto eu pensava.

Em algum ponto dessa conversa, ocorreu-me que Ashley Knox era um dos seres humanos mais fortes que eu já havia conhecido. Ali estava ela, à beira da morte, provavelmente sentindo mais dor do que quase todo mundo já experimentou e perdendo o próprio casamento – para não mencionar o fato de que não tínhamos a menor probabilidade de resgate. Se saíssemos dali, seria por nossa conta. A maioria das pessoas entraria em pânico, se abateria e se tornaria irracional àquela altura, mas, de algum modo, Ashley conseguia rir. E mais: me fazia rir. E isto, na verdade, era algo que não me acontecia desde longa data.

Eu estava exausto. Precisava de comida e de repouso, mas não poderia arrancar comida sem descansar. Fiz um plano.

– Precisamos de comida, mas não estou em condições de sair para procurar. Amanhã eu vou. Neste momento, vou montar uma fogueira, sem derreter a caverna que nos cerca, e vou continuar preparando água morna para nós. Vou tentar conservar minha energia.

– Gostei da ideia da fogueira.

– O pessoal de resgate diz que nunca se deve deixar o local de um acidente. E é verdade, mas estamos numa altitude elevada, muito elevada, respirando

menos da metade do oxigênio a que estamos acostumados, e ambos precisamos dele para sarar. Especialmente você. Amanhã... ou no dia seguinte, vou começar a pensar em chegarmos a uma altitude menor. Talvez eu tente fazer um reconhecimento do terreno. No momento... – soltei os parafusos que prendiam o GPS e o tirei do painel de controle – vou tentar ter uma ideia de onde estamos, enquanto ainda há energia neste treco.

Ashley me encarou.

– Como você sabe fazer tudo isso? Quer dizer, e se não soubesse?

– Quando eu era garoto, meu pai percebeu que eu podia correr mais depressa que a maioria das pessoas. Pegou essa habilidade e a transformou na paixão dele, em sua razão de ser, como dizia, e eu passei a detestá-lo por isso, porque nenhum tempo jamais era veloz o bastante, e ele vivia me avaliando por um padrão muito parecido com um cronômetro. Quando Rachel e eu ficávamos por nossa conta, íamos para as montanhas. Eu tinha e tenho bons pulmões e pernas ótimas, por isso, quando conseguíamos fugir das aulas ou da pista de corrida, íamos comprando equipamento e passávamos os fins de semana nas montanhas. Talvez eu tenha aprendido uma ou duas coisas. Ambos aprendemos.

– Um dia eu gostaria de conhecê-la.

Sorri.

– É claro que... também houve os escoteiros.

– Você é escoteiro?

Fiz que sim.

– Era a única liberdade que meu pai me concedia, longe dele. Achava que aquilo era um treinamento de que eu precisava e que não teria de ser ele a me dar. Ele me largava lá e depois me buscava.

– A que graduação você chegou?

Dei de ombros.

Ashley baixou a cabeça e me olhou com ar de incredulidade.

– Você é um daqueles que sabem de tudo?

– Mais ou menos.

– Ora, vamos lá, qual a graduação?

– Tenho uns distintivos de especialidades.

– Ah, eu sabia. Distintivos de especialidades e tudo o mais.

Tive a impressão de que conversar afastava o pensamento dela da dor.

– Acho que estamos prestes a descobrir se você mereceu mesmo todas aquelas insígnias – murmurou ela.

– É.

Apertei o botão de ligar e o aparelho de GPS piscou.

Surgiu uma ruga na testa de Ashley.

– Também davam insígnias por eletrônica?

Dei um tapinha no aparelho.

– Não, mas acho que ele só está com frio. Você se importa de aquecê-lo dentro do seu saco de dormir?

Ela levantou a parte superior do saco e deposei delicadamente o aparelho no seu colo.

– Aparelhos eletrônicos não gostam de frio – esclareci. – A temperatura baixa interfere nos circuitos. Aquecê-los ajuda.

– Vince, o meu noivo, não entenderia nada de nada disso. Se tivesse vindo neste avião, estaria procurando a loja mais próxima da Starbucks e maldizendo o fato de não haver sinal de celular.

Ashley fechou os olhos.

– O que eu não daria por uma xícara de café!

– Nisso eu talvez possa ajudar.

– Não me diga que você tem café.

– Eu tenho três vícios. Corridas. Montanhas. E um bom café quente. E não necessariamente nessa ordem.

– Eu lhe pago mil dólares por uma xícara.

O fogareiro portátil é mesmo um dos maiores avanços da tecnologia para quem gosta de caminhadas e montanhismo, ao lado da bússola. Talvez sejam os maiores da História. É claro que o saco de dormir acolchoado também é muito bom. Pus um punhado de neve no recipiente e acendi o fogareiro, enquanto vasculhava a mochila à procura do café num saquinho lacrado. A boa notícia foi que o encontrei. A má notícia foi que não havia sobrado muito. Talvez o bastante para alguns dias, se tanto, isso se fôssemos econômicos.

Tirei o saquinho da mochila. Ashley o viu.

– Ben Payne... você aceita cartão de crédito?

– Uma companheira de paixão por café. É incrível o que valorizamos quando estamos nas piores situações.

Meu fogareiro tem um acessório que permite transformar seu bojo numa cafeteira de pistão. Custa apenas alguns dólares, mas já o usei centenas de vezes, e sempre fico deslumbrado com sua simplicidade e seu ótimo funcionamento. A água ferveu, medi e joguei o café, deixei-o na infusão, depois servi uma xícara para Ashley.

Ela a aninhou na mão, segurando-a logo abaixo do nariz. O sorriso foi sincero. Por um breve momento, Ashley pareceu capaz de rechaçar o mundo que a estava esmagando com tanta força. Eu começava a aprender que ela usava o humor para afastar a dor. Já vira outras pessoas fazerem isso. Em geral, alguma coisa no passado lhes causara uma ferida afetiva, e elas usavam o humor ou o sarcasmo para mascarar-la. Para não pensar no assunto.

A dor de Ashley estava aumentando. Piorando furiosamente. Eu só tinha uns dois comprimidos de oxicodona com paracetamol, e ela precisaria de um esta noite. E nas noites seguintes, provavelmente. Já fazia seis horas desde a dose de

remédio, por isso, com os dedos dormentes, tirei a tampa do ibuprofeno, pus quatro comprimidos na palma da mão e os entreguei a ela. Ashley os engoliu e ficou olhando por cima da xícara.

Falou num murmúrio, destacando aquele momento:

– É incrível a experiência oferecida por uma xícara de café.

Passou-me a xícara. Tomei um gole. E ela estava certa. Era um bom café.

Ashley indicou sua pasta com a cabeça.

– Se procurar ali, vai encontrar um pacote de tira-gostos mistos que comprei no aeroporto.

Cheio de abacaxi desidratado, damascos e vários tipos de frutas secas, o pacote devia pesar meio quilo. Entreguei-o a Ashley. Nós dois pegamos um punhado e mastigamos devagar.

– Acho que esta é a melhor porção de tira-gostos sortidos que já provei na vida – falei.

Dei um punhado ao cachorro. Ele o farejou, devorou e balançou a cauda, pedindo mais. Encostou-se em mim e pôs as patas no meu peito, farejando o ar.

– Como se diz a um cachorro que ele não vai ganhar mais?

Ashley riu.

– Boa sorte na sua tentativa.

Dei-lhe mais um punhado pequeno e, quando ele voltou pela terceira vez, empurrei-o para longe de mim e disse não. Desolado, ele me deu as costas e se enroscou nos pés do saco de dormir de Ashley.

Passamos um longo tempo sentados em silêncio, até beber o recipiente inteiro de café. Quando terminamos, Ashley disse:

– Guarde o pó. Podemos usá-lo duas vezes e, depois, se ficarmos desesperados, podemos mastigá-lo.

– Você leva a sério o seu café – comentei.

Pedi o GPS de volta. Encostei no botão de ligar e o aparelho ganhou vida.

– Você tem algum bloco ou papel na sua maleta? – perguntei.

Ela fez que sim.

– Deve estar logo na frente.

Tirei um bloco amarelo e um lápis, achei a tela que mostrava nossa localização e procurei copiar o mapa da melhor maneira que pude. Inclusive as coordenadas, até os minutos. Quando me vi com um desenho relativamente detalhado, no nível do de um aluno do jardim de infância, declarei:

– Volto já.

Saí do nosso buraco e comparei a imagem da tela com a que tinha diante dos olhos, marcando as montanhas e fazendo anotações mentais sobre os picos e os locais em que eles apareciam na bússola. Com isso, pude distinguir o norte do sul. Estar perdido é uma coisa. Continuar perdido é outra. Talvez eu não soubesse onde estávamos, mas podia escolher uma direção e me ater a ela. Eu também

sabia que as baterias não durariam para sempre, e o que eu pudesse copiar naquele momento seria lucro nos dias seguintes. Quanto mais o tempo passava e mais eu compreendia a nossa situação, mais preocupado ficava. As coisas estavam ruins por todo lado.

– Você quer a boa notícia ou a má?

– A boa.

– Sei onde estamos.

– E a má?

– Nossa altitude é de 3.550 metros, um pouco a mais ou a menos; a estrada mais próxima, usada no transporte de madeira, fica a mais de 50 quilômetros daqui, e uns cinco desfiladeiros para lá – apontei. – Estamos a quase 80 quilômetros da coisa menos distante com aparência de civilização ou de estrada de terra. E, para completar, quase toda a neve lá fora tem uma altura maior que a minha.

Ashley mordeu o lábio e seus olhos vagaram pela caverna de paredes brancas. Cruzou os braços.

– Você terá que me deixar.

– Não vou deixar ninguém.

– Sei o que vem de ruim por aí. Você não pode me tirar daqui. Tem mais chances sozinho. Deixe o café comigo, ponha essas pernas para funcionar e leve minhas coordenadas com você. Traga um helicóptero na volta.

– Ashley... beba o seu café.

– Está bem, mas você tem de reconhecer que essa é uma clara possibilidade – concluiu, estreitando os olhos. – Não é?

– Escute, precisamos de uma fogueira, precisamos de comida e precisamos baixar alguns metros de altitude, depois conversaremos sobre o que virá. Uma crise de cada vez.

– Mas... – Ela mudou de tom. – Vamos manter a verdade na mesa, que é o lugar dela. É uma possibilidade.

Ashley era forte. Tinha aquele tipo de garra inata. O tipo que não se aprende.

– Não vou deixar ninguém.

O cachorro notou minha mudança de tom. Levantou-se, foi para junto de Ashley e enfiou a cabeça sob a mão dela. Ainda não me perdoara pelo episódio das frutas secas. Ela afagou as orelhas do bicho, cujo estômago roncou. O cãozinho virou para trás e me deu uma olhada, depois tornou a baixar a cabeça devagar.

– Eu ouvi. Sei que você está com fome.

Ficamos sentados, ouvindo o vento aumentar e chacoalhar minha lona impermeável. Deitei-me no meu saco de dormir, para me aquecer. Olhei para

Ashley.

– Você faz isso com todos os seus amigos? – perguntei.

– Isso o quê?

– Prepará-los para o pior.

Ela confirmou com a cabeça.

– Quando o pior é uma possibilidade, é bom mantê-lo em perspectiva. Sem que a gente se esconda dele. Sem fugir. Ele pode acontecer. E, se e quando acontecer, é melhor ter pensado nele de antemão. Desse jeito, a pessoa não é esmigalhada quando o pior se torna realidade.

Aqueci mais neve no fogareiro e nos obriguei a beber a água morna, para manter o volume de hidratação. No mínimo, isso afastaria a sensação de fome. Passamos a tarde cochilando e acordando. As frutas secas haviam atenuado nossa fome, porém a comida era um problema real, eu sabia disso. Não poderia seguir sem ela e precisava de energia para me arrastar pela montanha, com neve até a cintura, e procurar alimento. O dia seguinte não seria fácil. Talvez o pior de todos, até então. Minha dor no peito vinha se alastrando.

Caiu a noite e a temperatura despencou. Antes que o último raio de sol partisse, engatinhei para fora do avião, fui me remexendo sob a neve e os galhos mais baixos de uma sempre-verde atarracada, recolhi vários punhados de agulhas mortas de pinheiros, gravetos e ramos, e empilhei tudo sob a asa. Isso consumiu três viagens de ida e volta e me deixou ofegante, agarrando minha caixa torácica. Ashley me observou com os olhos estreitados.

A porta de Grover era uma peça inteira de uma espécie de metal laminado, pendurada numa única dobradiça. Era provável que não pesasse nem 5 quilos. Arranquei-a com o pé, deitei-a embaixo da asa e empilhei nela as agulhas e gravetos. O problema de uma fogueira era a possibilidade de derreter a parede mais ou menos protetora que nos cercava – sem falar na base de apoio embaixo dela. A porta impediria que nosso fogo apagasse por entrar em contato com a neve que ele mesmo derretesse, e o ar gelado lá fora manteria a estabilidade de nossa caverna intacta durante a noite. A temperatura havia despencado no instante em que o sol começara a se pôr.

Eu precisava de luz. Poderia ter usado o fogareiro, mas tinha que economizar todo o gás que pudesse. Lembrei então do isqueiro de Grover.

Afastei a neve, meti a mão no bolso de sua calça jeans e peguei o Zippo de latão. Abri a tampa, produzindo um som que me fez lembrar de Dean Martin e John Wayne, e girei a pedra com o polegar. Ele acendeu.

– Obrigado, Grover.

Girei-o na mão. Os anos no bolso de Grover haviam arranhado e alisado o isqueiro. Levantei-o e vi a gravação num dos lados. Dizia: uma luz em meu caminho.

Acendi a ponta de um graveto, deixei a chama crescer e se aproximar do

meu dedo e então a coloquei sob as carumas. Mortas e ressecadas, as agulhas pegaram fogo depressa. Joguei o saquinho vazio das frutas secas na fogueira, acrescentando pedaços maiores de pau, enquanto o fogo espocava, estalava e crescia.

Ashley observou o saco de papel virar cinzas.

– Foi um bom *mix* de frutas secas.

O cachorro sentiu o calor, foi para a extremidade do saco de dormir de Ashley e se enroscou num pedaço mais fofo, a pouco mais de 1 metro da chama. O fogo foi um acréscimo bem-vindo. Melhorou nossa disposição geral, que diminuiria com a falta de alimento e a pouca esperança de encontrarmos algo para comer.

Calculei que eu conseguiria prosseguir por uma semana sem alimento, desde que tivéssemos água, mas, depois disso, ficaria tão fraco que não teria serventia para ninguém. Anos antes, ao assistir ao filme *Vivos*, eu ficara enojado. Sentado ali, olhando para Grover, senti uma repulsa ainda maior. Eu não o comeria. Isto posto, se todas as opções fossem honestamente colocadas na mesa e se isso significasse viver ou morrer, sempre haveria o cachorro. Pela primeira vez, quem sabe, o porte dele se revelou uma vantagem. Se ele fosse um labrador ou um rottweiler, eu teria pensado mais seriamente no assunto.

Ficamos contemplando o fogo, deixando os olhos se tornarem preguiçosos. Ashley rompeu o silêncio:

– Estive pensando no que posso dar de presente de casamento ao Vince. Não me ocorre nada. Alguma ideia?

Pus mais gravetos no fogo.

– Primeiro aniversário de casamento. Uma cabana nas montanhas Rochosas, no Colorado. Isolados por uma nevasca. – Forcei uma risada. – Mais ou menos como isto aqui. Estávamos pagando os empréstimos tomados na faculdade, não tínhamos um tostão furado e, como na lua de mel, havíamos combinado comemorar o aniversário sem presentes.

– O que você deu a ela? – perguntou Ashley, sorrindo.

– Uma orquídea roxa.

Ela meneou a cabeça.

– Ah... daí a história das orquídeas e da estufa.

Fiz que sim.

– Gosto do seu jeito de falar da sua mulher. Dá a impressão de que vocês “criam” a vida juntos – comentou ela, então recostou a cabeça. – Na minha profissão, conheço ou trabalho com muita gente que não faz isso. Que trata o cônjuge como um colega de quarto. Alguém com quem a pessoa cruza, com quem divide o pagamento da hipoteca, com quem talvez tenha filhos. Duas pessoas que fazem questão da individualidade. É revigorante ouvi-lo falar dela.

Como vocês se conheceram?

Esfreguei os olhos.

– Amanhã. Precisamos tentar dormir um pouco.

Estendi a mão.

– Tome, engula isto.

Ela estendeu a palma da mão para pegar o comprimido.

– O que é?

– Analgésico.

– Mas qual?

– Uma combinação de oxicodona e paracetamol.

– Quantos você tem?

– Três.

– Por que não toma um?

– Não estou com tanta dor, mas você estará, amanhã e depois de amanhã.

Tome. Vai ajudá-la a dormir. E aqui em cima, com o ar tão rarefeito, tomar um é como tomar dois.

– E isso significa...?

– Que você sentirá o efeito com mais intensidade.

– Vai ajudar na minha dor de cabeça?

– É provável que não. Ela deve ser da altitude... misturada com o impacto da batida. Mas deixe passar um dia, ou algo assim.

– Você está com dor de cabeça?

– Estou.

Ashley esfregou os ombros e a nuca.

– Estou começando a me sentir rígida de verdade.

Assenti com a cabeça.

– Síndrome do chicote.

Ela engoliu em seco e seus olhos pousaram em Grover. Lá estava ele, congelado, a pouco mais de 1 metro da extremidade do seu saco de dormir, quase todo coberto de neve.

– Podemos fazer alguma coisa a respeito dele?

– Preciso enterrá-lo, mas não tenho como movê-lo. Mover a mim mesmo já é muito difícil no momento.

– Quando você respira, faz um som de quem está com muita dor.

– Descanse um pouco. Estarei logo ali fora.

– Você me faz um favor?

– É claro.

– Preciso fazer xixi de novo.

– Sem problema.

Dessa vez foi mais rápido. Ainda sem coloração avermelhada e num bom volume – todos ótimos sinais. Recompectei a neve em volta da perna dela e

Ashley disse:

– Sabe, você pode parar de fazer isso quando quiser. Estou bem congelada.

Apalpei os dedos do pé dela e senti a pulsação do tornozelo.

– Agente firme. Se eu deixar sua perna aquecer demais, a dor vai piorar e... – Abanei a cabeça. – Isso não lhe convém. Não aqui.

Cavei um pouco de neve junto do lado bom de Ashley, criando um espaço plano que era comprido o bastante para mim, e estendi meu saco de dormir ao lado do dela.

– A temperatura está caindo e, se compartilharmos o calor do corpo, nós dois vamos dormir melhor e viver mais.

Ashley fez que sim.

– Que horas são? – perguntou.

– Passa um pouco das seis.

Ela deitou a cabeça e olhou para cima.

– Eu devia estar entrando na igreja.

Ajoelhei-me a seu lado. Nossa respiração produzia fumaça.

– Você já foi casada?

Ela fez que não, os olhos marejados.

Estendi minha manga e ela enxugou as lágrimas. Examinei os pontos em sua cabeça e no olho e, em seguida, tornei a puxar delicadamente a touca até cobrir as orelhas. Ashley estava com os olhos fundos, não tão inchados quanto antes, e o edema do rosto havia diminuído um pouco.

– Pois vai se casar. Vamos descer desta montanha e terá sua cerimônia de casamento, só que um pouquinho depois do que havia planejado.

Ela sorriu e fechou os olhos. Era um consolo precário.

– Você ficará linda de branco.

– Como sabe?

– O nosso casamento foi uma cerimônia pequena...

– Pequena quanto?

– Eu, Rachel e os pais dela.

– Tem razão, isso é pequeno.

– Mas no instante em que aquela porta se abriu... e ela apareceu ali, com o vestido branco encostando no chão... Essa é uma imagem que o noivo não esquece nunca.

Ashley virou a cabeça.

– Desculpe – falei. – Achei que estivesse ajudando.

Uma hora depois, quando sua respiração se tornara mais lenta, fui de gatinhas para o lado de fora e tirei o gravador do bolso. O céu tinha se inclinado – fogo e carmesim num mar de branco, tracejado por veios de prata – e ameaçava beijar a terra, assim que os últimos raios de sol se aninhassem no poente. O cachorro me acompanhou e andou à minha volta. Era tão leve que

podia andar sobre a neve congelada, mas não gostou. Descreveu alguns círculos, levantou a perna junto a um arbusto, chutou um pouco de neve para trás, como um touro prestes a arremeter, e correu os olhos pelo planalto e os cimos das montanhas. Passados dois ou três segundos, sacudiu a cabeça, espirrou e desapareceu de novo no buraco, para se enroscar com Ashley.

Apertei a tecla gravar.

CAPÍTULO 8

DIA LONGO AQUI. Fim do terceiro, acho eu. Ainda estamos vivos, mas continuar assim é outra história. Ashley está aguentando firme, só não sei como nem por quanto tempo. Se eu tivesse todas as fraturas e dores dela, estaria enrolado em posição fetal, implorando que me dessem uma bordoadada na cabeça ou uma injeção de morfina suficiente para entorpecer um boi. Ela não se queixou uma única vez.

A boa notícia? Sei onde estamos. A má? É muito longe de qualquer lugar, num terreno difícil até para quem tem duas pernas boas. Quase improvável para alguém com uma perna ruim. Eu não disse isto a ela. Eu sei... vou dizer.

Não sei mesmo como vamos sair daqui. Posso fazer uma espécie de maca com pedaços da asa, mas até onde conseguirei arrastá-la? Precisamos encontrar um lugar mais baixo, onde possamos descansar até a chegada do resgate, que sei que não virá, ou até que eu consiga nos tirar daqui a pé. E precisamos de comida. Faz 48 horas que comi qualquer outra coisa além de um tira-gosto de frutas secas.

E tem o cachorro, cujo nome ainda não consigo lembrar. Sei que ele está faminto, porque vem roendo troncos de árvores. Passa o tempo todo tiritando de frio. E não gosta da neve. Pisa como se ela lhe machucasse as patas.

Acho que perturbei Ashley. Não era minha intenção. Estava tentando animá-la. Talvez eu ande meio sem prática.

Por falar em prática... algum dia você somou todos os quilômetros que corremos juntos? Nem eu.

Acho que, toda vez que corríamos, você me perguntava das suas passadas, e eu fazia cara de sério, como se realmente estivesse prestando atenção, quando, na verdade, não conseguia tirar os olhos das suas pernas. Imagino que você também soubesse disso. Eu adorava correr atrás de você.

Quando olho para trás e penso nos nossos primeiros tempos, vem a lembrança de que fazíamos algo que adorávamos e compartilhávamos. Nunca tivemos que pensar numa razão para ficar juntos. E nada jamais nos separou.

Depois que tirou sua carteira de motorista, você dirigia até a praia, batia na minha janela às quatro da manhã e íamos correr pela areia. Longas corridas. De 16 a 19 quilômetros. Chamávamos de LSD. Longa e sonolenta distância. Na qual o tempo não vinha ao caso. Sem cronômetro. Sem medição de sucesso ou fracasso. Quando não corríamos na praia, eu a encontrava na porta da garagem e corríamos pelas pontes do centro da cidade. Avenida Central, atravessando a

Landing, voltando pela Acosta, contornando a fonte e fazendo tudo outra vez. Quando um de nós se cansava, sentia alguma dor ou apenas precisava de uma pausa, passávamos pela Dunkin' Donuts, pedíamos dois cafés e rodávamos pela cidade com a capota do carro arriada.

Acho que foi nessa época que lhe ensinei a dirigir um carro sem câmbio automático, e você me causou uma síndrome do chicote. Está certo, talvez não tenha sido tão ruim assim, mas você acabou com a minha embreagem. E meu pescoço ficou doendo. Mas eu ficaria feliz em lhe ensinar tudo de novo.

Houve aquela manhã de sábado. Vinhamos voltando pela praia, depois de uma longa corrida. Um garoto numa prancha de surfe à nossa direita pegou uma onda, embicou o nariz da prancha na água e foi arrastado por ela aos trambolhões. Acabou jogado na areia, bem na nossa frente. Os dois pedaços da prancha vieram à tona momentos depois. O garoto estava desorientado e com náusea, ombro deslocado, testa cortada, sangue por toda parte. Eu o pus sentado e fiz pressão na cabeça; ele apontou para casa e você correu para chamar os pais dele, enquanto eu ficava lá e o ajudava a repor o ombro no lugar. Quando você voltou, ele estava rindo, falando da nova prancha que ia comprar. Os pais nos agradeceram, levaram o garoto para casa, e você se virou para mim, protegendo os olhos do sol. Falou como se tivesse certeza daquilo desde sempre:

– Um dia você será um grande médico.

– O quê?

– Você – foi sua resposta, junto com um tapinha no meu peito. – Você dará um ótimo médico.

Eu nunca havia pensado nisso. Para ser franco, nunca havia pensado em fazer nada além de deixar a casa do meu pai. Mas, no momento em que você falou aquilo, alguma coisa clicou dentro de mim.

– Como é que você sabe?

– Pelo jeito como você se importa com as pessoas. O seu – você fez com os dedos o sinal de aspas – “trato gentil com o paciente”.

– Do que você está falando?

Você apontou para o garoto que se afastava.

– Olhe para ele. Quando saí, ele estava quase vomitando. Agora dá risadas, pronto para comprar uma prancha nova. Mal pode esperar para voltar para a água. Isso é coisa sua, Ben. Alguma coisa no seu jeito de falar... tranquiliza as pessoas.

– É?

Um aceno afirmativo da cabeça.

– Falo com conhecimento de causa.

Essa foi a primeira vez que me liguei no fato de que você via o potencial no corriqueiro. No insignificante. No comum.

A segunda vez se deu quando fui visitá-la no trabalho. Seu trabalho de enfermeira voluntária do hospital infantil, depois da escola. Crianças carecas e doentes, espalhadas por toda parte. Balões de oxigênio. Cadeiras de rodas. Lençóis amarfanhados. Cheiros incômodos. Sons desconcertantes. Quando a encontrei, você estava de luvas de látex, segurando uma comadre e rindo com a garotinha que a estivera usando, momentos antes. Você era toda sorrisos. Ela

também.

Eu via doença e sofrimento escondidos em todos os quartos. Você, não. Você via possibilidades e promessas. Até no improvável.

Em algum momento do penúltimo ano do ensino médio, olhei em volta e você tinha se tornado minha melhor amiga. Ensinou-me o que significava sorrir. Viver com um coração que se sentia vivo. A cada quilômetro, você foi escavando a pedreira em que eu me transformara e desbastando as cicatrizes e as pedras empilhadas ao redor da minha alma. Você foi a primeira a juntar os meus cacos. Em matéria de amor, você me ensinou a engatinhar, andar, correr e, um dia, num ponto qualquer da praia, à luz do luar e com vento contrário, correndo 1.600 metros em cinco minutos, você se virou para mim, cortou as amarras que prendiam minhas asas e me ensinou a voar. Meus pés mal tocavam o chão.

Ao fitar esta paisagem coberta de gelo, sem nada além do impossível a me encerrar, voltam-me as lembranças.

Eu vejo o que existe. Você, o que poderia existir.

Preciso entrar. Está esfriando mais. Sinto saudade de você.

Durante a noite, tornei a compactar neve duas vezes em torno da perna de Ashley. Ela não despertou em nenhum momento, mas gemeu muito e falou enquanto dormia. Fazia algumas horas que eu estava de pé quando ela acordou, com o que me soou como um grito de dor. Os olhos eram duas frestas.

– Como se sente?

A voz dela saiu arrastada.

– Como se tivesse sido atropelada por um caminhão.

Dito isso, ela virou de lado e vomitou. Passou vários minutos assim, com ânsias de vômito, mas botando para fora basicamente ácido estomacal. Por fim, recostou-se. Tentou recobrar o fôlego. Sentia muita dor.

Limpei sua boca e segurei o copo para ela beber.

– Tenho que lhe dar um ibuprofeno, mas duvido que seu estômago vazio vá gostar muito disso.

De olhos fechados, ela assentiu.

Alimentei a fogueira e acendi o fogareiro.

O cheiro de café abriu os olhos de Ashley. Ela estava cansada, sem energia.

– Há quanto tempo você está de pé? – indagou.

– Umás duas horas. Dei uma espiada por aí. Embora eu goste da nossa caverna, precisamos sair deste buraco. Ninguém jamais nos verá, e ele me impede de acender qualquer tipo de fogo de sinalização.

Ashley olhou para as geringonças à minha esquerda.

– Você fez isso? – perguntou.

Eu havia tirado a tela da parte traseira dos bancos, desmontado as armações de arame e metal com o canivete de Grover e construído algo que lembrava

raquetes de neve. As estruturas tinham o comprimento maior que a largura, eram mais largas na frente e afunilavam atrás. Dobrara a tela duas vezes, esticando-a na armação, e prendera os quadrados com várias voltas da linha de pesca de Grover. Ficaram bem firmes. Levantei-as.

– Raquetes de neve – expliquei.

– Se é o que você diz.

– Quase todas as manhãs, nas cirurgias marcadas, ou tarde da noite, quando chega uma ambulância ou pousa um helicóptero de socorro, eu deparo com coisas muito mais desafiadoras do que um par de raquetes como este.

– Está se gabando?

– Não, só estou dizendo que o meu trabalho cotidiano me prepara para o inusitado e o inesperado.

Entreguei-lhe uma raquete e Ashley a virou, examinando-a. Devolveu-a.

– Acho que qualquer movimento soa doloroso, mas eu topo sair daqui. Uma mudança de cenário seria agradável.

Servi um café e o entreguei a ela.

– Vá devagar com isso. Só nos resta o suficiente para uns dois dias.

– Você não espera que venha ninguém, não é? Digo, falando sério.

– Não, não espero.

Ashley meneou a cabeça e respirou sobre o copo de plástico.

– Vou deixá-la por algumas horas. Andar um pouco por aí.

Desencavei a pistola de sinalização de Grover na caixa plástica ao fundo, onde ele guardava seu equipamento de pesca, e a entreguei a Ashley.

– Se precisar de mim, levante isto e aperte aqui. E, quando o fizer, certifique-se de apontar para fora daquela abertura. Caso contrário, você pode pôr fogo em si mesma e em todo este lugar. Ainda há um pouco de gasolina nos tanques da asa. Vou passar a maior parte do dia fora. Se não estiver de volta quando escurecer, não se preocupe. Estou levando o saco de dormir, o saco de bivaque, o cobertor de emergência e mais umas coisas. Vou ficar bem. Lá fora, as condições do tempo determinam quase tudo. Podem mudar depressa e, se ficarem ruins, talvez eu tenha que me abrigar e esperar que passem. Vou tentar encontrar algum tipo de alimento e um abrigo alternativo, ou um lugar em que eu possa construí-lo.

– Você sabe fazer tudo isso?

– Sei fazer parte. O que eu não souber, aprendo.

Da parte traseira do avião, tirei o arco de Grover, assim como suas varas de pesca, o colete e um dos molinetes.

– Você sabe pescar com isca artificial?

– Pesquei uma vez.

– Como se saiu?

– Você quer saber se pesquei alguma coisa?

Ela fez que sim.

– Não.

– Eu temia que você dissesse isso.

Ela olhou para o arco.

– E quanto a essa engenhoca?

– Este eu já usei, de verdade.

– Quer dizer que pode pegar coisas com ele?

– Costumava pegar.

– Acha que suas costelas vão deixar você puxar a corda?

– Não sei. Ainda não tentei.

– Então... você vai improvisar?

– Basicamente.

– Antes de sair, pode me ajudar numa coisa?

Ashley “foi ao banheiro”, e depois eu a cobri e derreti mais água.

– Pode me passar minha maleta? – pediu.

Pegou o telefone celular.

– Só de farra.

Ligou o aparelho, mas o frio também o havia emudecido. Encolhi os ombros e sugeri, apontando para minha mochila pequena, que também fazia as vezes de maleta.

– Você pode jogar paciência. Esteja à vontade para usar meu computador, mas duvido que ele ligue. E, mesmo se ligar, não creio que dure muito.

– Você tem algum livro?

Tornei a encolher os ombros.

– Não sou muito de ler. Acho que você está sozinha com seus pensamentos... e com o cachorro.

Coei as orelhas dele. O bicho tinha se acostumado conosco e parado de tentar lambear a boca de Grover.

– Você lembra como ele se chama?

Ashley balançou a cabeça.

– Não.

– Nem eu. Acho que devíamos chamá-lo de Napoleão.

– Por quê?

– Olhe só para ele. Se já existiu um animal com complexo de Napoleão, é esse. Ele tem a pose de um Bulmastife zangado, compactado numa embalagem do tamanho de um pão de forma. É perfeito para aquele cartaz que diz “O importante não é o tamanho do cão na luta, mas o tamanho da luta que há no cão”.

Ashley concordou com um aceno da cabeça e indagou:

– Podemos fazer alguma coisa pelas patas dele?

Olhei para o banco traseiro arriado, partido nas dobradiças e com uma

aparência meio esvaziada, depois de eu ter tirado parte da sua armação. Abri o alicate multiuso e cortei quatro quadrados da capa de vinil. Ela era revestida internamente por 1 centímetro de espuma. Abri fendas nas bordas, passei um pedaço de linha de pescar por dentro de cada uma e amarrei os quadrados nas patas do Napoleão. Ele me olhou como se eu tivesse perdido o juízo. Farejou as patas, levantou-se, andou um pouco pela neve, encostou-se em mim e lambeu meu rosto.

– Está bem, eu também te amo.

Ashley sorriu.

– Acho que você ganhou um amigo.

Estendi a mão.

– O GPS.

Ela o tirou de baixo do saco de dormir e eu o guardei no bolso interno da jaqueta. Por último, abri o fecho de um bolsinho na lateral da minha mochila, peguei a bússola e a pendurei no pescoço. É uma bússola com lente de aumento. Ganhei-a de presente de Rachel, anos atrás. Ashley a viu e perguntou:

– O que é isso?

Coloquei-a na palma da mão. As bordas eram lisas. Parte da cor verde tinha cedido lugar ao alumínio opaco que ficava embaixo.

– Uma bússola.

– Parece muito usada.

Pendurei a mochila no ombro, fechei o zíper da jaqueta, calcei as luvas e levantei o arco.

– Lembre-se... quando começar a escurecer, se eu não estiver de volta, diga a si mesma que eu vou voltar. Talvez seja amanhã de manhã, mas estarei aqui. Temos um encontro marcado para o café, você e eu. Combinado?

Ela fez que sim. Eu sabia que, quando escurecesse, se eu ainda não houvesse chegado, Ashley começaria a se inquietar e suas apreensões povoariam as sombras. A escuridão faz isso. Dá voz a medos que permaneceriam não ditos, apas de reais, se os deixássemos sossegados.

– Mesmo que seja amanhã de manhã?

Ela tornou a assentir com a cabeça. Peguei o vidro de ibuprofeno.

– Tome quatro, de seis em seis horas. E não se esqueça de alimentar o fogo.

Saí engatinhando da nossa caverna e Napoleão veio atrás. Ajoelhei para amarrar as raquetes de neve e ele pulou em cima de mim.

– Preciso que você fique aqui e tome conta dela. Está bem? Faça companhia a ela. Acho que está solitária, e este não é um dia muito bom. Agora ela devia estar na lua de mel.

A voz de Ashley surgiu dos destroços.

– É... num lugar quente, onde um cara chamado Giuglio ou Francesco, com calças de linho branco e um belo bronzado, me traria drinques decorados com

som brinhas.

Fiz meia-volta e comecei a subir a montanha.

CAPÍTULO 9

MEU ÚLTIMO ANO no ensino médio, campeonato estadual. Você me viu ganhar os 400 metros com um novo recorde, rompendo a barreira dos 50 segundos. Tínhamos estabelecido um novo recorde estadual nos 4 x 400, eu vencera os 3.200 a poucos segundos de um recorde nacional e estava na linha de largada para os 1.600 metros rasos. Haviam reordenado a competição, segurando os 1.600 para o final, de modo a despertarem atenção suficiente da mídia. Alguém tinha iniciado um boato de que eu seria capaz de fechar a corrida em quatro minutos. Treinadores do país inteiro se postavam ao redor do meu pai, dando-lhe tapinhas nas costas. Pela última contagem, eu tinha mais de vinte ofertas de bolsas de estudos de boas universidades. Bolsas integrais, com moradia, livros e tudo.

Eu tinha minhas pilhas de ofertas e papai tinha as dele. A pilha que ele mais valorizava era centrada nos cursos de administração em finanças: "Eles pagam cinco anos de curso. Você tira o grau de bacharel em dois anos e meio. Depois, o MBA. Quando sair da faculdade, pode ditar seus próprios termos. Com o seu dinamismo, você pode dirigir minha agência."

Eu não queria ter nada a ver com ele, seus mercados ou sua agência. E sabia onde ele podia enfiar isso tudo, só não dizia.

Você recebeu duas ofertas de ótimas universidades, a bem da verdade, senti mais orgulho das suas que das minhas.

Vi o rosto dele pelo canto do olho. A veia tinha saltado na lateral da cabeça, logo acima da têmpora direita. O suor brotava do seu corpo. Eu tinha fechado 4 minutos e 4 segundos em várias corridas matinais, na areia e com vento contrário parcial. Ele tinha certeza de que eu podia correr em 3 minutos e 58. Naquela hora, já com o dedão do pé na linha, eu me sentia exausto. Com as pernas bambas. Têria sorte se fizesse 4 minutos e 5. Você se debruçava na cerca. Cruzando as mãos.

Soou o tiro de largada.

Depois da primeira volta, ainda estávamos juntos. Um grupo compacto. Um sujeito do Sul tentava me ultrapassar a cotoveladas. Eu sabia que, para fazer alguma coisa, teria que me afastar daqueles caras. No começo da terceira volta, estava inteiramente só. Os organizadores tinham se oferecido para contratar um coelho para marcar o ritmo, mas meu pai havia recusado. "Ele vai ganhar sozinho." Completadas três voltas, eu havia entrado no ritmo. A vitória estava no papo.

E eu sabia disso.

O público nas arquibancadas estava de pé. Aos gritos. Lembro-me de uma mulher que sacudia uma garrafa de leite com meia dúzia de moedas dentro. O

rosto de meu pai era uma pedra. Granito com pulmões infláveis. Faltavam 100 metros, e minha expectativa era de 3 minutos e 58 segundos, talvez 3 e 57.

Vi-o olhando para mim. Tudo por que eu havia trabalhado ia se tornando realidade naqueles poucos segundos. Você gritava a plenos pulmões. Dava saltos de um metro. Olhando para você, olhando para meu pai, percebi que, qualquer que fosse o meu tempo, não seria suficientemente bom para ele. Com ou sem recorde nacional. Ele sempre acharia que eu não tinha me esforçado o bastante. Que eu sempre poderia correr mais depressa.

Alguma coisa naquele rosto de Monte Rushmore desatou algo dentro de mim. Afrouxei o passo. Reduzi a velocidade. Vi o relógio passar por 3 e 53. Depois, por 3 e 57. Meu tempo oficial foi de 4 minutos e 37 milésimos. O estádio enlouqueceu. Eu tinha feito algo que nenhum outro corredor da Flórida já fizera. Campeão estadual por quatro anos, em doze eventos que precederam o campeonato nacional e, como também tinha média A na escola, poderia ir para a faculdade que escolhesse.

Permaneci na pista, cercado por meus colegas de equipe. Mas não me importei. O único rosto que eu queria ver era o seu. E você me achou.

Não vi meu pai em nenhum momento. Tenho certeza de que eu dispunha de mais cinco segundos nas pernas. E tenho certeza de que ele também sabia disso.

Íamos sair. A equipe inteira. Para comemorar. Fui para casa trocar de roupa. Entramos. Ele estava sentado em sua cadeira. Um copo de cristal vazio apoiado na coxa. Garrafa pela metade do lado. Uma bebida castanha. Ele raramente bebia. Considerava a bebida uma coisa menor, coisa de gente fraca.

Você espiou por trás de mim.

– Viu, Sr. Payne?

Ele se levantou, apontou o dedo no meu rosto e me cutucou no peito. Saliva acumulada no canto da boca. Uma veia pulsando abaixo do olho.

– Nunca ninguém me deu nada. Seu filho da...

Meneou a cabeça, fechou o punho e desferiu o golpe. O murro quebrou meu nariz. Foi como se um balão cheio de sangue explodisse dentro do meu rosto. Aquela altura, eu já tinha 1,88 metro, 3 centímetros mais alto que ele, e sabia que, se revidasse, talvez não conseguisse parar. Só que, quando me pus de pé, ele estava levantando a mão para você. E, a julgar pela expressão do seu rosto, culpava você pelo que eu tinha feito.

Peguei a mão dele, girei seu corpo e o atirei contra a porta corrediça de vidro. Vidro temperado, que se espatifou em um milhão de quadradinhos. Ele ficou caído no deque, olhando fixo para mim.

Você me levou ao hospital, onde realinharam meu nariz, limparam o sangue do meu rosto e meu pescoço e me deram os parabéns. Uma auxiliar de enfermagem me entregou a primeira página do jornal, estampada com uma fotografia minha de página inteira, e pediu meu autógrafo.

Mais ou menos à meia-noite, fomos a uma filial da Village Inn, uma loja de panquecas aberta 24 horas por dia, e pedimos uma fatia de torta cremosa de chocolate e dois garfos. Nossa comemoração. Depois, levei-a em casa, onde sua mãe nos recebeu e todos nos sentamos à mesa da cozinha, conversando sobre o campeonato. Você se sentou à mesa com olhar sonolento, embrulhada num roupão

felgado e com a perna encostada na minha. Suas pernas haviam tocado as minhas centenas de vezes, na pista, no carro ou em qualquer lugar. Mas essa vez... essa vez foi diferente. Foi intencional. Não foi a perna da corredora Rachel tocando a minha, foi a perna da garota Rachel tocando a minha.

Uma grande diferença.

Ceguei em casa por volta de uma da manhã. Quando deu 4h55, meu pai não apareceu. Não foi me chamar. Fiquei acordado. Procurando ouvir passos. Pensando no que fazer. Em quem ser. Não sabia dar uma resposta, por isso me levantei e saí para uma caminhada na praia – vendo o sol nascer sobre os barcos de camarão. Andei até a hora do almoço. Continuei até a do jantar. O sol se punha quando parei de andar, no pier de Mayport. Mais de 30 quilômetros ao norte do ponto de onde havia partido. Subi nas pedras e continuei caminhando por elas até o fim do quebra-mar. Alguns diriam que aquilo era perigoso.

Sua voz soou atrás de mim.

– De que você está correndo?

– Como você chegou aqui? – perguntei.

– Andando.

– Como me encontrou?

– Segui as pegadas.

– É meio perigoso, não acha?

Você sorriu.

– Eu sabia que não ficaria sozinha.

Você subiu em outra pedra, com os caranguejos correndo para lá e para cá aos seus pés, e me puxou. Tirou os óculos. Costa Del Mar. Eu os dera de presente a você. Seus olhos estavam vermelhos. Você estivera chorando. De braços cruzados, olhou fixo para a água, as mãos escondidas dentro das mangas compridas do moletom cinza.

– Você acha que vão se importar se faltarmos à aula? – perguntou.

– Eu, não. – Enxuguei uma lágrima do seu rosto. – Você andou chorando.

Você confirmou com um aceno da cabeça.

– Por quê? – indaguei.

Você socou o meu peito, depois se encostou em mim e falou:

– Porque não quero que acabe.

– O quê?

Seus olhos tornaram a ficar marejados. Uma lágrima pendeu do seu queixo. Afastei-a delicadamente com o dorso da mão.

– Nós, seu bobo. – Você espalmou uma das mãos no meu peito. – Ver você... todo dia.

– Ah... isso.

Talvez fosse o que realmente me fizera andar pela praia. E, em mais de 30 quilômetros, eu não tinha encontrado uma resposta fácil. Nós dois estávamos prestes a sentir uma dor imensa.

Amor de ensino médio era uma coisa, mas escolher uma faculdade por causa desse amor de ensino médio era algo contra o qual todos nos advertiam, a você e a mim. Lembra-se? Às vezes eu gostaria de ter dado ouvidos a eles. Mas então, abano a cabeça e penso: Não mesmo. Não nos culpo. Eu faria tudo de novo. Faria

*sim, sinceramente. Se pudesse voltar voando no tempo, eu faria a mesma escolha.
Mas... às vezes fico pensando.*

CAPÍTULO 10

A TEMPESTADE HAVIA deixado uma camada de neve de 1 metro. Toda ela um pó recente. Sem as raquetes, eu estaria afundado até a coxa, molhado e com um frio cortante nas pernas. Não demoraria muito para elas ficarem dormentes. Fiz uma anotação mental – caso as coisas piorassem e eu começasse a tropeçar – para ter cuidado em não perder as raquetes de neve. Pensando nisso, parei, cortei dois pedaços de corda, amarrei uma ponta na parte posterior de cada raquete e a outra em cada tornozelo. Mais ou menos como a corda dos surfistas.

Apesar de precisarmos descer a montanha, primeiro eu teria que subi-la um pouco mais, para ter uma visão melhor de onde nos encontrávamos, em relação a todo o resto. No alto, eu poderia ligar o GPS e começar a relacioná-lo com o que eu via. O ar estava rarefeito, a superfície, coberta por uma camada escorregadia de gelo. A toda hora eu precisava tirar as raquetes de neve e depois tornar a calçá-las, e estava muito mais fraco do que havia esperado. Fui subindo pela hora do almoço e pela tarde adentro, até chegar ao topo de uma pequena crista que se elevava acima do planalto, talvez uns 300 metros acima do local do acidente. A tarde chegava ao fim quando obtive a visão panorâmica por que havia ansiado.

O que vi não me tranquilizou.

Eu esperava algum sinal de civilização. Uma luz. Uma fumaça de chaminé. Algum tipo de construção. Qualquer coisa que me desse uma orientação. Um motivo de esperança. Virei-me, vasculhei o horizonte e a verdade se firmou.

Estávamos no meio de lugar nenhum. Não vi nada que tivesse sido feito por mãos humanas.

Era uma paisagem desolada, coberta de neve, riscada por picos serrilhados e rotas impossíveis, que se estendiam por 100, talvez 110 quilômetros, em todas as direções. Consulte no dicionário a palavra *remoto* e você me verá parado naquela rocha. Liguei o GPS e me orientei, confirmando o que meus olhos me diziam, e usei a bússola para ratificar as direções e graus que o aparelho eletrônico me informava. A única surpresa foi o número de lagos e rios que apareceram na tela. Eram centenas. Talvez mil. Só poderiam estar congelados nessa época do ano, mas anotei os mais próximos, deixando para investigá-los no dia seguinte.

No extremo sudeste da tela, vi uma linha tênue que sugeria uma estrada de terra para escoamento de madeira ou uma trilha para trenós motorizados. Ela terminava na subida ou descida de um desfiladeiro, entre duas cadeias de montanhas. Comecei a caminhar nessa direção, mas não vi nada além de copas de árvores e pedras irregulares. Orientei o GPS pelos picos circundantes e fiz uma leitura com a bússola. Àquela distância, um erro de cálculo de apenas um grau seria capaz de me desviar vários quilômetros do curso. Eu estava no processo de aproximar o zoom quando a tela do GPS piscou e apagou. Dei-lhe um tapinha do lado, como se adiantasse alguma coisa, mas o aparelho estava morto. O frio o havia liquidado, além de esgotado a bateria. Fechei os olhos, procurei me lembrar de tudo o que tinha visto na tela e acrescentei isso ao desenho que fizera na véspera. Era um esquema incompleto e cheio de falhas, mas, ainda assim, melhor que uma tela em branco.

Tomei o rumo de volta depois de escurecer. Estava cansado e só queria me deitar e dormir, mas pensar em Ashley de olhos arregalados, apreensiva, me manteve pondo um pé adiante do outro. Por mais que eu houvesse tentado prepará-la para meu regresso tardio, sabia que, tão logo o sol se pusesse, ela começaria a aguçar os ouvidos, tentando escutar meus passos retornando. E cada minuto passado daria a impressão de uma hora. Esperar por alguém faz isso. Transforma minutos em horas, horas em dias e dias em vidas.

CAPÍTULO 11

POR UM INSTANTE, pensei que houvéssemos tido nossa última conversa. Este treco não queria ligar. Nada de luz verde. Nada de luz vermelha. Nada de nada. Passei cinco minutos apertando tudo quanto é botão nele. Chacoalhei as pilhas, cheguei até a tirá-las e mudá-las de posição. Por fim, meti-o dentro da camisa e o mantive junto ao peito por um tempo. Para aquecê-lo devagar.

Se este troço houvesse parado... sei lá. Não sei direito como eu reagiria.

Lembro-me de ter ligado para o treinador da universidade pedindo que visse suas gravações e conferisse seus tempos. Ele não pestanejou.

– Isso influiria na sua decisão de frequentar esta instituição?

– Sim... influiria.

Ouvi uns papéis sendo remexidos.

– Engraçado. Por coincidência, tenho uma bolsa de estudos extra bem aqui na minha mesa.

Simples assim.

Relembro os tempos de bacharelado e acho que aquela foi uma das nossas melhores épocas. Meu pai estava fora de cena e éramos livres para sermos nós mesmos. Para crescermos juntos. Rirmos juntos. E você encontrou seu ritmo e se tornou a corredora que eu sabia que podia ser. Fiquei contente por ter dado uma mãozinha.

Nosso último ano de bacharelado. No horizonte, a faculdade de medicina. Minha carreira de corredor chegando ao fim. Medalhas penduradas na parede ou enfiadas em algum canto de gaveta. Ao que eu soubesse, meu pai nunca ia me ver correr. Dentro de mim, porém, as corridas tinham mudado. Já não eram uma coisa minha. Eram algo nosso. Eu gostava mais assim.

Você é a melhor parceira de treinos que eu já tive.

Além disso, gostávamos das montanhas Rochosas, e isso nos deu uma válvula de escape. Também se tornou uma coisa nossa.

Você havia passado uns dias calada. Achei que estivesse ocupada. Distraída com a escola ou com as provas ou... Eu não sabia que estava pensando em nós. Em você e em mim. Meu bem, não sei ler seus pensamentos. Não sabia naquela época. Não sei hoje.

Tínhamos voltado à cidade nas férias da primavera. Seus pais ficaram contentes por tê-la de novo em casa. Papai se mudara para Connecticut, para dirigir outra empresa. Conservara a casa na Flórida para manter sua residência no estado. Ela ficou toda à minha disposição. Havíamos acabado de dar uma corrida. O sol se punha, a brisa aumentava. O suor escorria por seus braços, uma

gota pendia do lóbulo da sua orelha esquerda.

Você se sentou, tirou os sapatos e deixou a água do mar correr sobre os pés. Por fim, virou-se para mim. Uma ruga na testa. Uma veia pulsando no pescoço, outra na têmpora. Seu corpo se enrijeceu.

– Qual é o seu problema? – questionou-me.

Olhei em volta.

– Eu não sabia que tinha um problema.

– Bem... você tem.

– Meu bem... eu...

Você desviou o rosto. Apoiou os cotovelos nos joelhos e balançou a cabeça.

– O que eu tenho que fazer?

Tentei sentar a seu lado, você me empurrou.

– Do que você está falando?

Você começou a chorar.

– Estou falando de nós. – Cutucou meu peito. – De você e de mim.

– Gosto de nós do jeito que somos. Não vou a lugar nenhum.

– É justamente isso – retrucou você, abanando a cabeça. – Você é burro feito uma porta.

– Rachel... do que você está falando?

Suas lágrimas jorravam. Você se levantou, com as mãos nas cadeiras, e deu um passo atrás.

– Eu quero me casar. Você e eu. Quero você todo para mim... para sempre.

– Bom, eu também quero. Quer dizer, eu quero você.

Você cruzou os braços.

– Ben... primeiro você tem que pedir.

Foi nessa hora que entendi.

– Esse drama todo é por causa disso?

Você secou uma lágrima com a mão e desviou o rosto.

– Meu bem...

Ajoelhei-me. Segurei sua mão. Com as ondas rolando pelas minhas canelas. Você começou a sorrir. Havia peixinhos miúdos mordiscando seus pés. Conchinhas grudadas na sua pele. O riso brotou, ruidoso. Tentei enunciar as palavras, mas minhas lágrimas atrapalharam.

– Rachel Hunt...

O sorriso se espalhou em seu rosto.

– Eu soffro quando não estou com você. Sinto dores em lugares a que nem sabia que meu coração podia chegar. Não sei que tipo de homem vou ser, ou médico, ou marido, e sei que é raro eu dizer as palavras que você precisa ouvir, mas sei que amo você. De todo o coração. Você é a cola que me mantém inteiro. Fique comigo para sempre. Aceita se casar comigo? Por favor...

Você me envolveu nos braços e os dois caímos. Areia, água e espuma nos engoliram, e você me beijou. Lágrimas e sal e riso, e você fez que sim.

Foi um bom dia.

Uma boa lembrança.

CAPÍTULO 12

ERA MEIA-NOITE QUANDO retornei ao avião. Napoleão me ouviu, espichou a cabeça e tornou a baixá-la. A temperatura voltara a cair. Devia estar abaixo de -15°C, o que significava que as pernas das minhas calças haviam congelado. Eu sentia frio até os ossos. Quebrei uns galhos secos, sacudi-os para que a neve neles caísse e os levei para a caverna. Recomeçava a nevar. Eu só havia urinado uma vez durante o dia inteiro e, mesmo assim, não muito, o que me alertava para uma hidratação insuficiente. Precisava pôr umas coisas em dia.

Parado ali, vi Napoleão sumir e notei que suas patas cobertas deixavam marquinhas afundadas na neve. Só então notei as pegadas maiores ao lado das dele, que se aproximavam e se afastavam da nossa caverna. Não sou perito em pegadas, mas a primeira ideia que me veio foi a de um puma ou leão da montanha. As pegadas saíam de umas pedras acima de nós, desciam por um monte de neve e chegavam até a abertura pela qual eu estivera entrando e saindo de gatinhas. Também notei uma pequena área afundada em que um animal poderia ter permanecido sentado ou deitado. Como que à espreita. Não demorei muito para entender. Os mortos têm cheiro, ainda que estejam congelados. O mesmo vale para gente ferida e cãesinhos.

Eu tinha que tirar a roupa molhada, por isso aticei o fogo, despi-me, estendi as peças de roupa e entrei seminu, apenas de cueca, no saco de dormir. Tremia de frio e meus dedos haviam endurecido como se os houvesse mergulhado em cera. Pus um pouco de neve no fogareiro e o acendi.

Ashley me observou. A aflição transparecia em seus olhos. Enrosquei-me em meu saco de dormir e deixei o corpo tremer, tentando gerar um pouco de calor.

– Oi.

Seu cansaço era evidente. Ela estava sofrendo, e isso se revelava no olhar. Respirou fundo.

– Oi – respondeu, com a voz fraca.

– Tomou alguma coisa nas últimas horas?

Ela negou com a cabeça.

Pus um comprimido de oxicodona com paracetamol em sua língua e ela o engoliu com o resto de sua água.

– Você não parece muito bem – comentou. – Por que não tomou ibuprofeno?

Eu sabia que, se não tomasse, talvez não conseguisse sair do saco de dormir na manhã seguinte.

– Está bem – retruquei, levantando dois dedos feito picolés. – Dois.

Ela pôs os comprimidos na minha mão e eu os engoli.

– O que você viu?

– Há um centro avançado de traumatologia a umas centenas de metros daqui. Fiz sinal para os paramédicos. Estão trazendo a maca para cá neste momento. Falei com o administrador do hospital e reservei um quarto particular para você. Em dez minutos, ou menos, você deve estar instalada, de banho tomado, aquecida e cheia de medicação analgésica intravenosa. Ah, e falei com Vince. Ele estará esperando quando você chegar lá.

– Está feio assim, é?

Deslizei ainda mais para dentro do saco de dormir.

– Nada além de neve, gelo, pedra e montanhas, até onde consigo enxergar.

– E o GPS?

– Diga mesma coisa.

Ela deitou a cabeça e soltou um suspiro fundo. O que estivera prendendo o dia inteiro. Servi a água morna e comecei a tomar pequenos goles.

– Você tem alguma ideia?

– Há uns lagos abaixo de nós. Alguns rios. Tenho certeza de que estão todos congelados, mas pensei em ver se consigo chegar lá amanhã e arranjar uns peixes. Amanhã vai fazer cinco dias do acidente e quatro sem comida.

Ela fechou os olhos e se concentrou em respirar.

– Como está a perna? – perguntei.

– Dói.

Escorreguei até ela, compactei neve ao redor da sua perna e vi que, embora o edema houvesse diminuído, a pele tinha uma coloração roxo-escuro do alto do joelho até a lateral do quadril. Acendi a lanterna, verifiquei os pontos e chequei as pupilas de Ashley, para ver a reação. Elas se mostraram lentas e cansadas. Isso queria dizer que o corpo estava enfraquecido e a altitude ia começando a cobrar um preço.

Alimentei o fogo e apalpei os dedos dos pés de Ashley. Estavam frios, o que era ruim: a circulação começava a se tornar um problema. Tratando a perna constantemente com gelo, eu estava comprometendo o pé ou os dedos. Tinha que fazer o sangue fluir naquele pé.

Virei ao contrário, para ficar com a cabeça junto aos pés de Ashley. Abri o zíper do saco de dormir e, sem movimentar a perna dela, pressionei meu peito e minha barriga contra a sola do seu pé. Feito isto, enrolei-nos juntos no saco.

Ela se concentrou na respiração. Olhando para o alto pela lona impermeável

e pelos galhos das árvores. Grandes flocos pesavam em cima de tudo e emudeciam o mundo.

– Eu tinha pedicure marcada para ontem. Ou será que era anteontem? – disse ela.

– Desculpe. Acabei de ficar sem esmalte.

– Fica para a próxima?

Pus a palma da mão sobre o peito do seu pé.

– Quando sairmos daqui e você estiver num leito de hospital, e não deitada numa cama de gelo, e desde que não me processe por tê-la posto em perigo na véspera do seu casamento, eu pinto suas unhas dos pés da cor que você quiser.

– É engraçado você ter mencionado isso. Estou deitada aqui desde que você saiu, redigindo a alegação inicial do meu advogado. “Senhoras e senhores do júri...”

– Como está ficando?

Ela encolheu os ombros.

– Se eu fosse você, contrataria um ótimo advogado, e nem assim teria grandes esperanças.

– Tão ruim assim?

– Vamos ver... você começou com boas intenções, depois salvou minha vida e, apesar de eu o ter visto cuspir sangue pelo menos duas vezes, você recolocou meus ossos deslocados no lugar e realmente não saiu do meu lado.

– Você viu?

– Sangue na neve? É difícil não perceber.

– Nós dois vamos melhorar quando nos livrarmos de uns milhares de metros.

Ashley olhou para a bússola pendurada no meu pescoço e perguntou:

– Quando foi que ela lhe deu isso?

– As tartarugas-marinhas põem ovos ao longo da nossa praia e deixam aqueles morrinhos nas dunas. Anos atrás, Rachel se nomeou Patrulheira das Tartarugas. Cercava os morrinhos com estacas e fita cor-de-rosa, depois contava os dias, marcando-os no calendário. Ficava admirada toda vez que as tartarugas rompiam a casca do ovo e, de algum modo, sabiam se dirigir para a água. Sempre fui muito bom em matéria de senso de direção. Consigo me orientar em quase todos os lugares. Rachel me deu a bússola num ano em que viu uma ninhada específica de tartarugas sair da casca.

– Por que não lhe dar um GPS tipo o de Grover?

– O problema do GPS é que as pilhas acabam e eles não gostam de frio. Na maioria das vezes, em caminhadas mais longas, ando com um GPS preso numa alça e a minha bússola pendurada no pescoço.

– Talvez a pergunta pareça burra, mas como é que a bússola sabe para onde apontar?

– Na verdade, ela só aponta numa direção. O norte magnético. A gente encontra o que precisa a partir daí.

– Norte magnético?

O pé dela começava a aquecer.

– Você não foi do corpo de bandeirantes, não é?

Ashley fez que não com a cabeça.

– Estava muito ocupada dando chutes em gente.

– A Terra é magnetizada. A fonte disso fica perto do Polo Norte. É por isso que se chama norte magnético.

– E daí?

– O norte verdadeiro e o norte magnético não são a mesma coisa. Aqui onde estamos isso não tem muita importância, mas experimente usar uma bússola perto do polo, e ela vai deixar sua cabeça atordoada. Eu a uso principalmente para caminhar ponto a ponto.

– Ponto a ponto?

– A bússola não sabe dizer onde você está. Só a direção para onde vai ou de onde veio. A pessoa destra, como eu, tende a andar num círculo voltado para a direita, se lhe derem tempo suficiente sem uma bússola. Para caminhar em linha reta, a gente escolhe uma direção, um grau da bússola, digamos 110 graus, ou 270, ou 30, ou seja lá o que for, e elege um marcador visual, em algum lugar à frente, que fique alinhado com o tal ponto na bússola. Uma árvore, um cume de montanha, um lago, um bosque, o que for. Quando chega a esse ponto, você escolhe outro, mas, desta vez, também usa o ponto às suas costas como referência, para fazer uma verificação dupla. Por isso é que é ponto a ponto. Não é difícil, mas requer paciência. E um pouco de prática.

– Essa bússola vai nos ajudar a sair daqui?

O tom de Ashley sugeriu algo que eu ainda não tinha ouvido. O primeiro sinal de medo.

– Vai.

– Trate de não perdê-la.

– Positivo.

Permaneci acordado até ela começar a roncar. Era o efeito dos remédios. Sem conseguir pegar no sono, saí do saco de dormir, vesti as ceroulas e a jaqueta, calcei as botas e fui até o lado de fora. Abri a bússola e deixei a agulha se acomodar sob o céu enluarado.

Lembra-se de como ficamos radiantes ao receber aquela oferta de emprego em Jacksonville? Aceitamos sem pestanejar. De volta à praia. Ao oceano. Ao cheiro de sal. Ao gosto de alvorecer. Ao som do pôr do sol. Iamos nos mudar de volta para casa, para mais perto dos seus pais.

Mas você era coordenadora de atividades no hospital infantil e não suportou

a ideia de partir uma semana antes da chegada da sua substituta. Assim, dirigir o caminhão da mudança – de Denver a Jacksonville, das montanhas Rochosas à praia – coube a mim. Todos os 3.088 quilômetros.

Eu disse que lhe compraria um apartamento ou a casa que você quisesse, mas você garantiu que gostava da que eu já tinha.

Pendurou-se na porta do caminhão, balançando sobre as dobradiças rangentes, com o calcanhar esquerdo no ar, e apontou para o piso.

– Deixei um presente aí. Mas você só pode abri-lo depois que sair da entrada da garagem.

No chão, em frente ao banco do carona, havia uma caixa de papelão. Um gravador portátil prateado estava preso à tampa com fita adesiva. Junto dele havia um pedaço de papel que dizia aperte a tecla play.

Sai de ré da garagem, encaixei a alavanca em drive e apertei o play. Sua voz surgiu no aparelhozinho. Pude ouvir o seu sorriso.

“Oi, sou eu. Achei que você gostaria de companhia.” Você passou a língua nos lábios, como faz quando fica nervosa ou apronta alguma travessura. “É o seguinte... estou com medo de perder você para o hospital. De virar uma viúva de médico, sentada no sofá com uma colher de sorvete numa das mãos e o controle remoto na outra, folheando o catálogo de cirurgia plástica. Estou dando este treco a você para poder estar do seu lado, mesmo quando eu não estiver presente. Porque sinto falta do som da sua voz quando você fica longe. E... quero que você sinta falta da minha. De mim. Vou ficar um ou dois dias com o gravador, dizer-lhe o que estou pensando e entregá-lo a você. Podemos passá-lo para lá e para cá. Meio como se fosse um bastão. E depois, tenho de competir com todas aquelas enfermeiras bonitas que vão ficar desmaiando à sua volta. Terei que enxotá-las para longe de você com um porrete. Ou um estetoscópio. Ben...” Seu tom de voz mudou, passando de sério para gozador. “Se você precisar ouvir alguém desfalecer, ficar com as pernas bambas, o rosto enrubescido... se quiser brincar de médico... é só apertar o play. Combinado?”

Fiz que sim para o espelho retrovisor.

– Combinado.

No gravador, você riu.

“Há umas coisinhas nessa caixa que vão ajudá-lo na viagem. A primeira você está segurando. As outras estão numeradas e você só vai poder abri-las quando eu mandar. Combinado? Sem brincadeira. Se você não concordar, eu desligo. Nada mais de mim. Entendeu?... Ótimo. Foi bom acertarmos isto. Acho que agora você pode ir em frente e abrir o segundo pacote.”

Peguei um envelope pequeno com um CD e o pus para tocar.

Sua voz continuou:

“Nossas músicas.”

Você não tinha dificuldade de comunicar o que sentia. Era totalmente franca em seus sentimentos, e o que seu coração sentia, sua boca sabia dizer. E dizia. Seus pais haviam passado a vida ensinando-a a agir assim. Meu pai havia passado a vida inteira franzindo o cenho toda vez que eu tentava falar do que sentia. Dizia que qualquer expressão de emoção era uma fraqueza que precisava ser extirpada.

Jogue gasolina em cima e atire um fósforo aceso. O resultado fizera de mim um bom cirurgião de pronto-socorro. Eu era capaz de agir sem sentir.

Por 24 horas inteiras, você havia segurado o gravador perto da boca, e me levava junto a todos os lugares em que estivera. Tagarelando a cada passo. Você sempre teve uma queda por crianças, de modo que, em primeiro lugar: fomos para o trabalho – a ala infantil do hospital –, onde você me fez entrar em cada quarto, chamou cada criança pelo nome, abraçou-as de uma em uma, levou ursinhos de pelúcia ou jogou videogames ou brincou de vestir fantasias com elas. Você nunca hesitava em se colocar no nível das crianças. E, na verdade, muito do que sei sobre o trato com os pacientes foi você quem me ensinou. As crianças viram o gravador e perguntaram o que você estava fazendo. Você segurou o aparelho e cada uma delas falou comigo, suas vozezinhas cheias de riso e esperança. Eu não sabia muito sobre seu estado ou seus médicos, mas pude ouvi-lo naquelas vozes. O efeito que você surtia nelas era nítido, e elas sentiriam a sua falta.

Fomos ao mercado, ticando itens na sua lista. Ao shopping, para comprar sapatos e um presente para uma festa. Fomos cortar seu cabelo no salão, onde a cabeleireira se queixou do problema dos odores corporais do namorado. Quando ela foi à caixa receber outra cliente, você sussurrou no gravador: “Se ela acha que o namorado fede, talvez devesse correr junto com você.” Depois você me levou a uma pedicure que lhe disse que seus pés estavam cheios de calos e que você devia correr menos. Em seguida, a uma matinê em que mastigou pipoca no meu ouvido e me mandou fechar os olhos, porque o cara estava beijando a garota. “Brincadeirinha. Você beija melhor do que ele. Ele é nojento. Você me pergunta como eu sei essas coisas. Ah...” Mais sorrisos: “Eu sei.” Depois do filme, você me levou até a porta do toalete, onde disse: “Aqui você não pode entrar. É só para mulheres.”

Enquanto eu cruzava o Alabama, você me levou à nossa lanchonete favorita, onde estalou a língua com uma torta de limão da Flórida, bem no meu ouvido, e disse: “Parece gostosa, não é?” E parecia. Então você disse: “Olhe dentro da caixa e tire o pacote grande que diz sobremesa.” Assim fiz. “Agora, abra-o, mas com cuidado.” Levantei a tampa e achei uma fatia da torta de limão. “Pensou que eu tinha me esquecido de você, não é?” Estacionei numa área de descanso e, juntos, comemos a torta. Você me levou ao nosso quarto e se deitou onde eu já dormia. Morto para o mundo. Deitou-se ao meu lado. Passando os dedos no meu cabelo. Coçando minhas costas. “Agora eu vou dormir. Do seu lado. Mas você só pode dormir quando chegar à nossa casa à beira-mar. Estou abraçando sua cintura. Você está magrelo. Precisa engordar um pouco. Anda trabalhando demais.” Em seguida, você fez uma pausa. Passou vários minutos em silêncio. Eu só sabia que continuava ali porque ouvia sua respiração. Você murmurou: “Ben... em algum ponto dos muitos quilômetros percorridos... em algum lugar entre lá atrás e agora... eu lhe dei meu coração... e não o quero de volta. Nunca mais. Está me ouvindo?”

Apanhei-me confirmando com a cabeça.

Você me interrompeu:

“Ei... nada de menear a cabeça para a estrada à sua frente. Você tem que falar em voz alta.”

Sorri.
– Estou ouvindo.

Voltou a nevar. Ashley está com muita dor e começando a sofrer os efeitos da altitude. Tenho que levá-la para baixo, senão ela vai morrer aqui. Eu sei... mas, se não tentar, nós dois vamos morrer.

Grover?

Preciso enterrá-lo, mas não sei se tenho forças. Talvez ele já esteja enterrado. E depois, há alguma coisa lá em cima, nas pedras, que me deixou apreensivo.

Tenho que descansar um pouco.

O vento está ficando mais forte. Quando sopra do sul, afunila-se pela fuselagem e faz soar um silvo grave, como se soprasse o gargalo de uma garrafa de cerveja. Soa como um trem que nunca chega.

Tenho estudado a bússola, tentando achar uma saída, mas são só montanhas por todo lado. É difícil saber que caminho tomar. Se eu escolher o grau errado... bem, as coisas andam mal por aqui. Mal mesmo.

Quero dizer às pessoas que Ashley estava tentando ir para casa. Gostaria que elas soubessem. Mas há uma boa chance de que nunca venham a saber.

CAPÍTULO 13

ACORDEI COM O sol, zozzo e dolorido. Virei de lado, cobri a cabeça com o saco de dormir e tornei a acordar mais ou menos na hora do almoço. Por mais que tentasse, não conseguia me levantar. Não me lembro de alguma vez ter dormido um dia inteiro, a não ser o que se seguiu ao acidente. Era evidente que minha adrenalina tinha finalmente acabado.

Era raro Ashley se mexer. A altitude, misturada com a fome, com um desastre de avião e com muita dor, havia cobrado seu preço de nós dois. Quase ao pôr do sol, finalmente rastejei para fora do saco de dormir e fui para a neve aos tropeços. Tudo me doía e eu mal conseguia me mexer.

Ao amanhecer do sexto dia, fazia muito que o fogo se apagara. Mas minha roupa estava seca, por isso a vesti. Obriguei-me a arrumar a mochila, reacendi o fogo para manter Ashley aquecida e pus uns punhados de neve no fogareiro, para ela beber quando acordasse. Procurei não olhar para Grover.

Precisávamos de comida.

Pus a mochila no ombro, amarrei o arco atrás dela e saí da toca quando o sol começava a despontar. O ar estava frio e seco, com cristais de gelo flutuando. Joguei neve fresca perto da entrada de nossa caverna. Isso me permitiria saber se houvera alguma visita durante a minha ausência. Amarrei as raquetes de neve, peguei a bússola, fiz uma leitura, assinalei um afloramento de pedra a 1 quilômetro de distância, mais ou menos, e parti. Não tinha o benefício de uma perspectiva do cimo da montanha, de modo que a bússola seria de valor inestimável.

Durante três horas, fui escolhendo pontos e avançando a custo pela neve. Estava seca e congelada, em vez de pegajosa e úmida, mas eu tinha que parar repetidas vezes para amarrar as polainas nos joelhos. O primeiro lago não ofereceu nada, de modo que percorri seu perímetro até achar o riacho que saía dele. Embora a superfície do lago houvesse congelado, o mesmo não se dera com o riacho. A água era transparente, limpa, com sabor quase doce. Estava gelada, e corri o risco de baixar minha temperatura, mas eu estava em movimento, por isso me permiti beber bastante dela. Mais tarde, minha urina ficou quase transparente. Bom sinal.

Cerca de 1,5 quilômetro adiante, o riacho fazia uma curva fechada para a

esquerda e criava uma piscina funda, abaixo de uma saliência de pedra. As margens tinham montes de neve. Eu não tinha muita confiança em minha capacidade de manejar aquela vara de pesca com mosca. Minhas mãos estavam cortadas e frias, não seriam muito eficientes. E, como não havia pescado muito com aquele tipo de anzol, não conseguia imaginar por que um peixe haveria de morder uma mosca que ele sabia perfeitamente que não poderia viver naquelas condições climáticas. Os peixes não são burros.

Grover tinha um vidrinho de ovos de salmão de imitação. Pareciam ervilhas vermelhas ou cor de laranja. Pus uma delas num anzol, corri a linha por ele e deixei o “ovo” solitário cair na água.

Vinte minutos depois, sem nenhuma fígada, arrumei a tralha e fui procurar uma piscina maior. Encontrei-a quase 2 quilômetros à frente. Mesma técnica. Mesmo resultado. Só que, dessa vez, consegui ver umas sombrinhas pretas disparando de um lado para outro sob a pedra e em direção à corrente revolta. Uma porção de sombras pretas. Se ali havia peixes, por que não mordiam a isca?

Acho que é por isso que essa atividade se chama pescar, e não pegar.

Passados mais trinta minutos, já parecendo um picolé inútil, arrumei minhas coisas e continuei avançando a duras penas pela neve, em busca de outra piscina natural. Estava cansado, com frio e com fome. Dessa vez, tive de subir uma pequena inclinação e descer até outro riacho. Àquela altitude e com dor nas costelas, até uma simples elevação significava muito trabalho. Eu estava gastando calorias essenciais. Subi, desci e caminhei até a margem de mais um rio. Este era mais largo, talvez com o dobro da largura, porém mais raso e ainda correndo com um bom volume de água.

As sombras pretas reapareceram. E em bom número.

Afastei a neve com as mãos e me debrucei na pedra, salivando ao avistar as trutas. Dessa vez, coloquei devagar a rede manual de Grover na água, abaixo da isca. O problema desse método era que eu submergia uma das mãos numa água cuja temperatura provável era de uns -2°C. A dor era excruciante, até a mão ficar insensível – o que não demorou.

De início as sombras desapareceram, depois foram voltando devagar. Nadando mais perto. Lentamente, aproximaram-se do ovo e começaram a mordiscar. Talvez fosse a água fria, mas também elas eram vagarosas. Levantei a rede devagar e peguei sete trutas do tamanho de um dedo. Larguei-as na neve a 1 metro do riacho e enfiei a mão gelada no bolso do casaco acolchoado. Cortei um galho com a machadinha, prendi-o à rede e mergulhei os dois com o ovo, pegando mais uns dois peixes.

Comi tudo, menos as cabeças.

Quando eles acabaram, voltei à margem e continuei a “pescar”. Passei mais de hora fazendo isso. Quando o sol começou a projetar minha sombra na neve, contei quantos peixes havia pegado: 47. O bastante para nós nessa noite e

no dia seguinte. Apanhei minhas coisas e voltei seguindo meu rastro. A neve compactada, com a temperatura mais fria que havia congelado a superfície, facilitou um pouco o meu retorno. No trajeto da volta, tirei uma flecha da aljava, encaixei-a, respirei fundo e puxei a corda com força. Ela resistiu, mas cedeu, e eu a estiquei até meu rosto. A dor nas costelas foi aguda, mas consegui levar a corda até o fim. Apontei a mira superior para a base de um arbusto da largura de um pulso, a uns 20 metros de distância, e disparei. A flecha errou a base por uns cinco centímetros e desapareceu na neve, à direita. Escavei por ali durante alguns minutos e a recuperei, encravada na terra gelada. A puxada da corda não era algo que eu pudesse fazer depressa. Mas era algo que eu podia fazer. E, apesar de não haver acertado a árvore, eu tinha chegado perto. E, àquela distância, perto já era bastante bom.

Passava muito da meia-noite quando subi de volta ao nosso platô. Estranhamente, havia luz em abundância. Aproximei-me devagar no último quilômetro, mantendo os olhos abertos para qualquer movimento. Não vi nada, mas a entrada da nossa caverna contou outra história. Sob a luz do luar, não havia erro. As pegadas tinham chegado mais perto. Pararam bem na entrada, com uma concavidade arredondada entre elas, no lugar onde algo havia deitado, descansando a barriga na neve. Havia uma boa probabilidade de que houvesse estado ali enquanto eu subia. Também havia uma boa probabilidade de que estivesse à espreita naquele momento, a menos de 30 metros de mim.

Ashley estava fraca e com dor nos olhos. Clássico enjoo da altitude, misturado com uma concussão e falta de alimento. Achei mais um pouco de madeira, aticei o fogo, estripei seis trutas e as prendi num espeto comprido e fino, que as atravessou no meio. Assei-as e fiz café, ao mesmo tempo. A cafeína ajudaria Ashley a digerir e absorver os nutrientes – sem falar em combater a fome. Ela comeu e bebeu devagar, enquanto eu segurava o copo junto à sua boca; depois, tirou a pele de um peixe e o segurou enquanto mastigava. Comeu quatorze assim e tomou dois copos de café, antes de abanar a cabeça.

Napoleão ficou sentado, quieto, lambendo o focinho. Estendi seis peixes na neve diante dele e disse “Pode comer”. Ele se levantou, cheirou-os, sacudiu o focinho e os devorou. Comeu tudo, inclusive as cabeças.

Dei o último comprimido de oxicodona com paracetamol a Ashley, pus gelo em sua perna e a elevei, depois verifiquei a circulação no pé. Ela adormeceu antes de eu me dar conta de que não havíamos trocado duas palavras desde o meu regresso. Passei mais algumas horas acordado, alimentando o fogo, obrigando-me a comer, vendo a cor retornar à pele de Ashley e ouvindo sua respiração leve aprofundar-se. Durante a maior parte desse tempo, fiquei sentado em meu saco de dormir, com o pé dela encostado na minha barriga. Já alta madrugada, fui até o lado de fora. Nesse momento, uma sombra comprida

desapareceu, subindo um paredão de rocha e se embrenhando num arvoredor à minha esquerda. Napoleão ficou parado ao meu lado, rosnando. Também tinha ouvido.

CAPÍTULO 14

HOJE PEGUEI UNS PEIXES. Meio parecidos com sardinhas grandes, só que sem todo aquele molho e a lata de alumínio. Nada de que me gabar, mas estamos vivos. E atirei uma flecha. Numa hora de aperto, acho que eu conseguiria acertar a coisa em que atirasse. Desde que ela permanecesse a uns 20 metros de distância. Sei que não muitas coisas farão isto, mas é melhor do que eu ficar pulando para lá e para cá, sacudindo os braços.

Ashley está dormindo. Dei-lhe o último comprimido de oxicodona com paracetamol, torcendo para que ela durma um pouco. Quem sabe reponha alguma energia no seu reservatório. Preciso traçar um plano. Sei que as pessoas dizem que nunca se deve deixar o local de um acidente, mas temos que sair daqui para um ponto mais baixo. Mesmo que houvesse um helicóptero pairando uns 30 metros acima de nós, não tenho certeza de que conseguiria nos ver. Nevou mais de 1 metro em cinco dias. Agora estamos praticamente enterrados.

Por falar nisso... vou transferir Grover amanhã. Levá-lo para algum lugar em que ele possa ver o sol nascer e se pôr. Em que possa contar as estrelas à noite. Um lugar a uma boa distância de nós. Terei que fazer algum tipo de maca, mas depois poderei tornar a usá-la, quando transportar Ashley.

Lembra-se daquela cabana na montanha? Nossas caminhadas durante o dia, a lareira à noite, vendo a neve grudar nas janelas, enquanto um vento forte se encostava na porta e assobiava no alto da chaminé.

Nossa lua de mel.

Na segunda noite... havíamos acabado de jantar e estávamos sentados diante do fogo. Entre nossos empréstimos estudantis e o custo de vida, não possuíamos dois tostões para esfregar um no outro. Acho que estouramos o cartão de crédito para pagar por aquela cabana. Bebíamos um Cabernet barato. Você usava o seu roupão... e o meu moletom.

Se bem me lembro, tínhamos concordado em fazer um casamento sem presentes. Prometendo repeti-lo quando pudéssemos bancar a despesa. Foi bom eu saber que não devia confiar muito nisso. Você estendeu a mão para trás do sofá e me entregou a caixa. Perfeitamente embrulhada. Com um laço de fita vermelho em cima. Todos os cantos perfeitos. Arqueou as sobrancelhas e disse:

– Isto é uma coisa de que você precisa desesperadamente.

A luz da lareira dançava na sua pele. Na veia do seu braço esquerdo.

– Pensei que nossa combinação fosse nada de presentes, não é?

E você respondeu:

– Isto não é um presente de casamento. É uma coisa de que você precisa, se quiser permanecer casado por setenta anos.

– Setenta anos?

Você fez que sim. E perguntou:

– Tem certeza de que vai me amar quando eu estiver velha e enrugada e não conseguir ouvir uma palavra que você diga?

– Provavelmente, mais.

Você cruzou a perna direita sobre a esquerda e a fenda do seu roupão subiu até metade da coxa. E disse:

– Vai me amar quando meus seios estiverem batendo no umbigo?

Lá estava eu, maravilhado com a sua imagem, e você pensando em seios caídos. Ainda não acredito que disse aquilo.

Levantei os olhos para os caibros de pinho, abanei a cabeça uma vez e tentei não sorrir.

– Não sei. Talvez seja difícil. Você é corredora. Não tem muita coisa para ficar pendurada, para começo de conversa.

Você me deu um tapa no braço.

– É melhor retirar o que disse.

Dei uma risada.

– Quando eu era pequeno, vi exatamente isso num número da National Geographic, e não era bonito. Foi o que me curou do desejo de olhar revistas de garotas.

Você me apontou um dedo, elevando a voz.

– Ben Payne. – Seu dedo recurvado, de articulações extremamente flexíveis, apontava para tudo, menos para mim. – Está a um passo de dormir no sofá. É melhor tomar cuidado.

– Está bem, mas, se você começar a despencar, podemos considerar um cortezinho aqui, uma puxadinha ali.

Você fez que sim.

– Pode crer, vamos cortar e puxar muito antes disso. Agora, abra.

Lembro-me de ter olhado para a fenda no roupão e me deslumbrado ao ver como você ficava à vontade comigo. Seu sorriso. Os olhos cansados. O suor acima das orelhas. As faces ruborizadas. A luz da lareira. Riso, beleza, garra. Tudo seu. Lembro-me de ter fechado os olhos por um breve segundo e gravado aquela imagem, pois queria guardá-la comigo.

E guardei.

Rachel, você continua a ser o parâmetro. Ninguém mais chega perto.

Você sorriu.

– No meu modo de ver, existe uma Hora Padrão do Leste e existe a Hora do Ben. E a Hora do Ben pode ter um atraso que varia de quinze minutos a uma hora e meia. Talvez isto ajude nesse probleminha.

Você tinha razão. Sinto muito por ter me atrasado algum dia para qualquer coisa.

Tirei o papel e lá estava um Timex Ironman. Você apontou para o mostrador.

– Olhe... ele não tem ponteiros, de modo que você pode ver exatamente que

horas são, até o segundo exato. E, para ajudá-lo, eu o adiantei trinta minutos.

– Algum dia você já pensou que talvez todas as outras pessoas só cheguem cedo por acaso?

– Boa tentativa, mas... – Você abanou a cabeça. – Não.

Aninhou-se em mim, com as costas no meu peito, a cabeça no meu braço, e ficamos conversando e rindo enquanto as brasas iam ficando brancas e a neve pintava as janelas.

Mais ou menos uma hora depois, pouco antes de pegar no sono, você murmurou:

– Eu o pus para despertar.

– Para quê?

Você se encostou bem em mim, puxou meu braço para junto do corpo, e apagamos.

Quando o despertador tocou, eu estava num sono para lá de profundo. Dei um pulo e tentei me concentrar: 3h33. Levei a mão ao pulso e apertei todos os botões, na tentativa de silenciar o relógio. Para que ele não a acordasse. O luar irrompia pela claraboia e se derramava sobre nós, projetando nossa sombra na parede. Iluminando as pontas do seu cabelo. Por fim, simplesmente enfiei o relógio embaixo do travesseiro, porque não consegui fazê-lo parar: Ele tocou por sessenta segundos completos. Você riu e se afundou mais sob as cobertas. O quarto estava frio. O fogo, fraco. As brasas, num tom vermelho vivo. Minha respiração, uma vaporosa nuvem de fumaça. Deslizei para fora da cama e fiquei em pé no chão, nu. Com arrepios subindo e descendo pelo corpo.

Você ajustou a coberta sob o queixo. Estudou-me. Sorrii. Olhar cansado. E cochichou:

– Está com frio?

Meu embaraço era evidente.

– Muito engraçada.

Aticei o fogo, acrescentei três toras de lenha. Voltei para baixo do cobertor – que, se bem me lembro, era uma falsa pele de urso – e você pôs uma perna em cima da minha, depois encostou o peito no meu. Quente. Enquanto você me ninava, perguntei:

– Por que você pôs o relógio para despertar no meio da noite?

Você se remexeu, encaixou-se para chegar mais perto. Estava com os pés gelados. Encostou a boca no meu ouvido.

– Para me lembrar.

– De quê?

– De que você ficaria com frio.

As vezes me pergunto como foi que você se apaixonou por mim. Você acredita em coisas que não pode ver e fala uma língua que só os corações conhecem.

– Ah.

Pouco depois, o primeiro raio de sol irrompeu sobre a crista das montanhas, coroadas de azul. O vermelho carmesim se derramou sobre um mar de negrume. Você tirou minha mão do seu peito e apertou um botão do relógio. Uma luz verde banhou o espaço à nossa volta. Você murmurou:

– Quando apertar isto aqui e a luz brilhar sobre você... pense em nós. Em mim.

Encostou a cabeça em mim, levantou os olhos e apertou minha mão espalmada sobre o seu peito, ficando bem no centro dela. Sem esconder nada. Seu coração batendo lá dentro. E disse:

– Pense nisto.

CAPÍTULO 15

O ROSNADO DE NAPOLEÃO me acordou. Grave e diferente. Seu tom me alertou de que ele não estava brincando. Abri os olhos e deparei com cristais de gelo pairando no ar em minha respiração. Ashley estava quieta. Sua respiração voltara a ficar ofegante. O cachorro se postava entre nós, encarando a entrada. O luar se infiltrava, lançando sombras. Lá fora estava tão claro que era possível andar sem lanterna. Napoleão baixou a cabeça e deu dois passos lentos em direção à entrada. Dois olhos nos fitaram de volta. Agachados, parecendo brotar de uma sombra. Eram como dois pedaços de vidro vermelho. Atrás da sombra, algo se ondulou. Feito uma bandeira. Lá estava de novo. Desta vez, mais parecido com a fumaça de uma fogueira. Ergui o tronco sobre um dos cotovelos, esfreguei os olhos, e o rosnado do Napoleão ficou mais grave, mais alto, mais raivoso. Pus a mão em suas costas e disse:

– Calma.

É evidente que ele não entendeu. Como se tivesse sido disparado por um canhão, atirou-se na coisa que nos olhava. Os dois se chocaram, giraram numa bola furiosa. Um rugido alto, que lembrava um miado, irrompeu do meio da bola e desapareceu, deixando Napoleão na entrada, latindo e dando saltos de meio metro.

Rastejei até ele, envolvi-o nos braços e o puxei para trás.

– Calma, garoto. Ele já foi. Calma.

Napoleão estava trêmulo e tinha o ombro molhado.

Ashley acendeu a lanterna. Minha palma estava pegajosa, vermelha, e a neve tinha salpicos rubros embaixo de nós.

Não demorei para descobrir o corte. Era fundo e ia da lateral da pata dianteira até o alto do dorso.

Peguei minha agulha e linha e Ashley o manteve quieto, enquanto eu o costurava. Ele não gostou que eu o furasse com uma agulha, mas fechei o corte com quatro pontos e, dada a localização, ele não conseguiria mastigá-lo. Perseguiu o ferimento, girando em círculos algumas vezes, mas desistiu, olhou para a entrada e me lambeu o rosto.

– É... você se portou bem. Peço desculpas se algum dia pensei em comê-lo.

Ashley pigarreou.

- O que foi isso?
- Um puma.
- Ele vai voltar?
- Acho que sim.
- O que ele quer?
- Nós.

Ela fechou os olhos e, por algum tempo, não disse nada.

Tivemos um sono sobressaltado pelo resto da noite. Napoleão se enroscou no meu saco de dormir, mas mantendo os olhos na entrada. Cocei sua cabeça e ele não demorou muito a adormecer. Pousei o arco junto da minha mochila, encaixei uma flecha e me encostei na cauda do avião.

Só quando o sol nasceu foi que finalmente apaguei.

Quando acordei, Ashley estava meio virada de lado, olhando para a esquerda, segurando a pistola de sinalização.

Napoleão também tinha os olhos fixos na entrada.

Havia alguma coisa triturando a neve mais abaixo de nós. Saí de gatinhas, peguei o arco e preendi meu disparador na corda. Os arcos compostos parecem muito complicados, mas são simples, na verdade. O disparador é igual a um gatilho. Assume o lugar dos dedos, para que aconteça exatamente a mesma coisa, uma vez atrás da outra. Você puxa a corda, segura o pino apontado para o alvo e aperta o disparador. Ele libera a corda e atira a flecha no alvo. O arco de Grover era bom. Um Matthews. A puxada era um pouco mais comprida que a do meu, mas eu podia me arranjar.

Avancei de gatinhas e vi uma espécie de raposa saltitando nas pedras mais abaixo. Branca feito a neve, era uma das coisas mais bonitas que eu já vira. Prendi o fôlego, puxei a corda, aponte para a raposa e disparei. A flecha passou voando acima dela, talvez uns 5 centímetros.

A raposa desapareceu.

Falando entre os dentes cerrados e apertando a pistola sinalizadora a ponto de branquear os nós dos dedos, Ashley murmurou:

- O que aconteceu?
- Errei. Muito perto.
- Como é que você erra uma coisa que está muito perto? Pensei que tivesse dito que sabia atirar com esse negócio.

Abanei a cabeça.

– Atirei acima dela.

– O que era?

– Algum tipo de raposa.

As coisas haviam tomado um rumo pior.

CAPÍTULO 16

ERA ESQUISITO SER dono do lugar que era fonte de tantas lembranças difíceis ou ruins, mas você só fez balançar a cabeça e sorrir.

– Seis meses, é só o que preciso. Vou remodelar, pintar, comprar uns móveis novos e... eu lhe darei novas lembranças. Além disso... – você pôs as mãos nos quadris – “quitada” e “de frente” para o mar são duas coisas superlegais.

E assim, derrubamos paredes, repintamos, reformamos o telhado, refizemos praticamente tudo. Ficou totalmente diferente. Papai gostava de persianas fechadas, cores escuras, pouca iluminação, nada de visitas. Mais parecido com uma caverna. Você gostava de tons frios de azul, marrons suaves, janelas abertas, com as persianas levantadas, portas corrediças de vidro entreabertas, para que o som pudesse entrar. Onda após onda.

Quantas noites o mar cantou para nos ninar?

Lembra-se da noite daquele acidente? Eu havia trabalhado até tarde, porque dois Cadillacs abarrotados de gente tinham sido atingidos por um caminhão-reboque. O pronto-socorro ficara lotado. Meu plantão teria acabado às quatro horas da tarde, mas a primeira ambulância chegou minutos antes disso, com promessas de outras por vir. Eu ficara lá até estabilizarmos todo mundo – ao menos os que podiam ser estabilizados. Estava exausto. Pensando na vida e em quão curta ela é. Em como estamos sempre a uma distância ínfima de nos apanharmos capotados numa vala, com um bombeiro cortando ferragens para nos tirar de lá. Foi um daqueles momentos em que eu entendi, realmente entendi, que a vida não é garantida. Que eu a tomava por certa, sem lhe dar valor. Que acordava todos os dias achando que também acordaria no dia seguinte.

Não é necessariamente verdade.

Era cedo. Talvez três da madrugada. O mar estava enraivecido, antecipando uma borrasca. Ventos laterais. Chuva forte misturada com areia. Agitação de espuma. Ondas encrespadas. Barulho estrondoso. Vinha uma tempestade, e qualquer idiota era capaz de dizer que a ressaca seria violenta.

Enfim, eu estava parado frente à porta de vidro, lutando com a inconstância da vida e contemplando a praia. Você apareceu num robe de seda. Olhos cansados.

Perguntou-me:

– Você está bem?

Contei-lhe o que havia acontecido. Falei no que estava pensando. Você encaixou seu ombro sob o meu e envolveu minha cintura. Passaram-se minutos. Os relâmpagos desenhavam teias de aranha no céu.

– Você me deve uma coisa, e eu quero cobrar.

Parecia um jeito estranho de iniciar uma conversa, num momento em que eu compartilhava minhas reflexões mais profundas. Deixou-me meio irritado. Acho que isso transpareceu em minha voz.

– O que é?

Admito que sou meio tapado em matéria de emoções. Ainda o lamento.

Não sei quanto tempo se passara com você querendo trazer aquele assunto à baila. Não sei por quanto tempo eu tinha deixado escapar os sinais. Olhando para trás, vejo que fazia meses que você vinha emitindo sinais de alerta, e eu andava absorto demais no trabalho para captá-los. Mas você tinha sido paciente, enquanto eu lhe repetia: “Só me deixe terminar o curso de medicina.”

Acho que você calculou que era hora de intensificar seus esforços. Deu um passo para o lado, desamarrou o robe, deixou-o escorregar para o chão e começou a andar na direção do nosso quarto. Virou-se ao chegar à porta. Uma vela em nosso quarto iluminou um lado do seu rosto.

– Quero fazer um filho. Agora.

Lembro-me de tê-la visto desaparecer no brilho morno da luz de vela, onde uma sombra cruzou rapidamente suas costas, na altura da cintura. Lembro-me de ter olhado de novo para o vidro e abanado a cabeça para o reflexo do idiota que me olhava. Lembro-me de ter entrado no nosso quarto, ajoelhado junto à cama e pedido: “Você me perdoa?” Lembro-me de você sorrir, assentir com a cabeça e me puxar para junto de si. Algum tempo depois, lembro-me de você deitada em cima de mim, os seios comprimindo meu peito, onde suas lágrimas gotejavam, e do seu sorriso cansado, os braços trêmulos. E me lembro do momento em que eu soube. Soube que você havia libertado em mim aquilo que só o amor pode libertar. Que se dera inteira a mim. Sem egoísmo. Sem reservas.

Alguma coisa nessa doação me impressionou. Alguma coisa na enormidade dela me comoveu, ali onde as palavras não têm vida. Onde a expressão falha. Onde não há segredos. Onde há apenas você e eu e tudo o que nós somos.

E me lembro de ter chorado feito um bebê.

Foi nessa hora que eu soube. Soube pela primeira vez o que era o amor. Não o que ele parecia. Não o que me fazia sentir. Não o que eu esperava que fosse. Mas o que ele era. E o que ele era quando eu não atrapalhava.

Você o mostrou a mim. Ele estivera ali o tempo todo, mas alguma coisa naquela noite, naquelas pessoas, o sentimento de ganho, de perda, de desolação e de alegria, todas essas coisas entraram rodopiando naquele momento e... Eu tinha passado a vida inteira querendo amar, mas sem nunca ser capaz de fazê-lo sem misturar o amor com a dor que eu carregava. A dor do meu pai. Da ausência da minha mãe. De correr, mas nunca ser suficientemente veloz. De nunca ficar à altura.

Mas ali... naquela noite... aquele momento foi a primeira vez que me senti libertado. Em que respirei fundo o bastante para encher os pulmões. Durante toda a minha vida eu havia lutado nas ondas, rolado, virado, sendo jogado de um lado para outro feito uma boneca de trapo, eternamente tentando subir à tona, implorando aos gritos por ar, enquanto uma mão invisível me prendia sob a espuma e a agitação. Mas naquele momento você conteve as ondas, elevou-me

acima da superfície e me preencheu.

CAPÍTULO 17

GROVER ESTAVA RÍGIDO quando tentei movê-lo. Congelara sentado, com a cabeça meio inclinada para um lado. Uma das mãos ainda segurava o manche. Os olhos estavam fechados.

Ashley virou a cabeça.

Arranquei um pedaço da asa, coloquei o corpo em cima e o deslizei e empurrei entrada afora. Puxei-o pela neve até uma pedra grande, coberta de pegadas de puma. Sacudi a neve, sentei-o na pedra e o inclinei para trás.

Recuei, contando os passos. Dezoito.

Encaixei uma flecha, mirei no monte de neve a poucos palmos de Grover e disparei. Dessa vez não atirei por cima do alvo. A distância era grande o bastante para permitir que a flecha se horizontalizasse, e não tão grande que eu não conseguisse atingir o que almejava.

Napoleão ficou correndo para lá e para cá entre mim e Grover. Havia começado a mancar e seus círculos tinham se tornado irregulares. Levantou os olhos para mim.

– Não vou deixar nada acontecer com ele.

Napoleão voltou para nossa caverna em desintegração. Tudo naquele lugar era ruim. Eu precisava nos tirar dali, mas tinha dois problemas. O primeiro era meu nível de energia. Eu teria menos no dia seguinte e menos ainda no outro. O segundo era que, por ter passado parte da minha residência médica na Costa Oeste, onde há muitos pumas, eu tinha visto o que eles eram capazes de fazer com pessoas desavisadas, e a frequência com que o faziam, e não tinha intenção de passar os dias seguintes olhando para trás, vigiando o perigo.

Entrei de quatro na caverna.

O rosto de Ashley estava molhado. Ela começava a desmoronar.

– O que você está fazendo?

– Caçando.

– Usando Grover como isca?

– Sim.

Ela não disse nada.

– Mas, se funcionar como imagino, não vai acontecer nada com ele.

– Sem querer apontar o óbvio, nada funcionou como você esperava, desde

que nos conhecemos em Salt Lake.

Ashley estava certa. Não tive resposta. Fiz que sim com a cabeça. Só não iria ficar sentado em nossa caverna, esperando aquele bicho voltar. Usar Grover ajudava a mudar os pratos na balança. Talvez não a incliná-los a meu favor, mas tampouco a favor daquela coisa.

Se tudo corresse como eu queria, Grover nunca saberia de nada e não sofreria perda alguma. Se não corresse, bem, ele já estava morto, e eu o enterraria antes que Ashley pudesse ver o que tinha acontecido.

Não falamos muito durante o resto do dia. Ou à noite. Ou no dia seguinte. Ao chegar a segunda noite, fazia 48 horas que eu não dormia direito, e gastava minhas últimas energias para me manter. Ashley também.

O frio se intensificara. Eu não sabia a temperatura exata, mas imaginava algo abaixo de -18°C, porque o clima estava enregelante e doloroso. Nuvens se aproximaram e encobriram a lua, o que foi ruim. Eu precisava dela. Sem luz, não conseguiria ver o pino da mira.

A meia-noite chegou trazendo neve. Eu estava sonolento. Adormecia e despertava. Via a silhueta de Grover através da neve. A julgar pela camada que o cobria, já teriam caído mais uns 10 centímetros.

Devo ter mergulhado num sono profundo, porque foi num sobressalto que acordei. Napoleão estava junto de mim. Agachado. Com os olhos fixos em Grover.

Alguma coisa se debruçava sobre o cadáver. E era uma coisa grande. Quase 2 metros de comprimento. Minhas mãos estavam semicongeladas, mas puxei a corda e tentei encontrar o pino de mira. Era impossível enxergá-lo no escuro.

– Ora, vamos, só um lampejo de luz.

Nada. Balancei o arco, ciente de que só tinha mais um ou dois segundos. Meus braços começavam a ter câibra e eu tinha a sensação de que alguém me cravara um prego no peito. Tossi e um gosto de sangue me veio à boca. Estava perdendo as forças. Precisava de luz. Meus braços tremiam.

A meu lado, algo roçou minha perna, em seguida ouvi um clique e alguém disparou a pistola de sinalização pela entrada da caverna. O foguete subiu, descrevendo um arco longo, depois pairou com um tom laranja metálico uns 100 metros acima de nós. A luz nos inundou, lançando sombras. O felino tinha as duas patas na camisa de Grover, como se os dois dançassem. Olhou para cima, arqueou o pescoço, e eu achei a mira, apontei-a para a fera e apertei o disparador.

Em momento algum vi a flecha.

Larguei o arco e caí para trás, segurando a lateral do tronco e tentando respirar. Tossi, e o gosto de sangue me fez cuspir na neve a meu lado.

Ashley estava deitada à minha direita, olhando para fora.

– Ele se foi.

– Eu o acertei?

Eu estava dobrado, segurando minha caixa torácica. O espasmo percorria minhas costas, encurtando ainda mais a respiração.

– Não sei. Ele saiu depressa.

Em algum lugar no escuro, minha mão encontrou a dela.

Ficamos ali, recuperando o fôlego. Eu estava cansado demais para carregá-la de volta para seu saco de dormir, por isso a puxei para junto do peito e nos embrulhei no meu, com os braços envolvendo-a pela cintura e pelo tronco. Em poucos minutos, a cabeça dela pendeu para o lado e seu pulso ficou mais lento.

A manhã nos despertou. Napoleão estava enroscado entre nós. Saí do saco de dormir e vi o que Ashley tinha feito na noite anterior. As marcas arrastadas pela neve contavam tudo.

Eu precisava verificar a perna dela, por isso levantei o saco de dormir e deslizei a mão de leve por sua pele. Estava escura, e o inchaço tinha voltado. Os pelos estavam espetados. Dez dias crescendo sem controle. A pulsação do tornozelo era boa. O problema era o inchaço. A pele estava esticada. A movimentação da noite anterior tinha sido traumática. Isso não era bom. Ashley havia provocado sua piora. A dor seria intensa, e já não tínhamos nenhum comprimido de oxicodona com paracetamol.

Inclinei a cabeça dela, pus dois comprimidos de Ibuprofeno em sua língua e ela os engoliu com um gole d'água.

Apoiei sua cabeça na minha mochila, vesti-me, amarrei as botas, encaixei uma flecha no arco e parti em direção a Grover. Ele caíra. Ou fora empurrado. E parecia estar dormindo de lado. Um rastro de sangue ia em direção às pedras. Uma trilha constante.

Fazia várias horas, o que poderia ser muito bom ou muito ruim. Se o puma estivesse mortalmente ferido, essas várias horas teriam dado tempo para ele morrer. Se fosse apenas um ferimento leve, as várias horas teriam lhe dado tempo mais que suficiente para recuperar as forças e ficar enfurecido.

Virei-me para Napoleão e levantei a palma da mão, fazendo sinal para ele parar.

– Fique. Cuide de Ashley.

Ele pulou para dentro do saco de dormir, deixando apenas o focinho de fora. Meu hálito era uma densa nuvem de fumaça e me espetava o nariz. Fazia um frio de doer.

Subi as pedras e segui o sangue. A trilha foi ficando mais fina, o que era ruim. Uma trilha fina significava uma flechada falha e, provavelmente, um animal ferido e furioso. Em mais uns 100 metros, eu já seguia uma gota aqui, outra ali. Parei para pensar. O vento soprou, cortante, e me atirou pó de neve nos olhos.

Num grande afloramento de rocha, o número de gotas aumentou e finalmente se transformou num riacho. Mais 100 metros e uma grande poça dele sugeriu que o bicho havia parado ali. Bom sinal. Escavei a neve com o pé. O vermelho tinha muitos centímetros de profundidade.

Isso era bom. Ao menos para nós.

A trilha continuou por mais uns 200 metros, subindo por pedras menores até chegar a umas árvores atarracadas. Vi a cauda primeiro, a ponta negra caída na neve, brotando debaixo dos galhos inferiores das árvores. Respirei fundo, puxei o arco e caminhei devagar em direção ao felino. A pouco menos de 3 metros, apontei a mira frontal para a cabeça dele, baixando-a para compensar a distância, e disparei a flecha. Ela atravessou seu pescoço, deixando à mostra apenas a pluma. O felino não se mexeu.

Recuperei a flecha, pendurei-a na aljava e me sentei na pedra, olhando para o bicho. Não era grande. Provavelmente, 1,5 metro da cabeça aos quartos traseiros, e talvez pesasse uns 40 ou 50 quilos. Segurei sua pata.

Pequeno ou não, carregá-lo me deixaria em frangalhos. Verifiquei seus dentes. Estavam gastos, o que explicava por que ele havia começado a caçar alvos fáceis.

Eu sabia que Ashley devia estar preocupada.

Refiz meu percurso e a encontrei com bastante dor. Tremia muito e estava à beira de entrar novamente em choque. Despi-me até ficar só de cueca, abri seu saco de dormir e puxei o meu para junto do dela. Entrei, pressionei meu peito contra o seu e a envolvi nos braços. Ela passou quase uma hora tremendo.

Depois que adormeceu, levantei-me, ajeitei os dois sacos em volta dela, aticei a fogo, alimentei-o um pouco e voltei para o puma. Depois de tirar seu couro e as tripas, me restou uma carcaça de músculos e ossos de uns 25 quilos. O que nos daria, talvez, uns 7 quilos de carne comestível. Arrastei-a pela neve, cortei vários galhos verdes, construí uma cerca em volta do fogo e comecei a pendurar tiras de carne.

O cheiro acordou Ashley.

Ela levantou a cabeça, farejou o ar e conseguiu emitir um murmúrio rouco:

– Eu quero.

Cortei um pedaço, joguei-o de uma das mãos para a outra, feito uma batata quente, soprei-o e o levei à sua boca.

Ashley mastigou devagar, comendo tudo. Passados uns minutos, levantou a cabeça, que eu apoiei em parte do seu saco de dormir. Tinha olheiras escuras. Cortei outro pedaço e o segurei, enquanto ela dava mordidas pequenas. E tornava a deitar a cabeça, mastigando.

– Acabo de ter o pior dos pesadelos. Você nem acreditaria.

– Experimente.

– Sonhei que o meu voo de Salt Lake City foi cancelado, mas aí, um

estranho, um homem gentil, de aparência meio caseira, mas ainda agradável, me convidou para acompanhá-lo num avião fretado, que faria um voo rápido até Denver. Eu aceitei, e então, em algum ponto acima de uma floresta interminável, o piloto teve um ataque cardíaco e nosso avião caiu. Quebrei a perna e, depois de quase uma semana, tudo o que tivemos para comer foi um pacote misto de frutas secas, uns grãos de café e um puma que tinha tentado nos devorar.

– Caseiro? Agradável? “Agradável” era como descrevíamos as garotas do ensino médio que tinham bom gênio.

– Você não se parece com nenhum médico que eu tenha conhecido – retrucou ela, mastigando devagar. – A parte estranha do sonho foi eu ter concordado em entrar num avião fretado com um desconhecido. Dois, na verdade. Que ideia a minha! – Ela abanou a cabeça. – Preciso reexaminar meus modelos de tomada de decisões.

Eu ri.

– Depois me conte se funcionou.

À luz do dia, reexaminei a perna de Ashley. Ela teve medo de olhar. E foi melhor assim, porque a coisa não estava bonita.

– Você teve sorte de não tornar a quebrá-la. As extremidades ósseas mal estão começando a querer formar um calo ósseo para manter a perna no lugar, e lá vai você inventar proezas com um sinalizador. O osso eu acho que você não mexeu, mas o edema voltou que é um horror.

A pele de Ashley estava pálida e com aspecto pegajoso. Tornei a compactar um pouco de neve em torno dela, ajustei e desloquei as talas para ajudar a circulação e pressionei o pé dela contra minha barriga, a fim de aquecê-lo.

Durante o resto do dia, comemos churrasco de puma e bebericamos água morna. Mantive a neve compactada em volta e embaixo da perna de Ashley, monitorando a quantidade de líquido que ela ingeria e a que expelia. Fazia dez dias que ela estava imobilizada, respirando menos de metade do oxigênio que se habituara a respirar. Eu me preocupava com a possibilidade de atrofia e infecção. Se ela contraísse uma infecção, eu não tinha certeza de que seu corpo pudesse combatê-la.

Depois que a proteína surtiu efeito no meu organismo, massageei a perna direita de Ashley, a boa, forçando o sangue a fluir nela e alongando-a o máximo possível, sem sacudir a perna quebrada. Um equilíbrio delicado. Durante todo o dia, continuei a cortar tiras compridas de carne de puma, prendendo-as em galhos verdes das árvores perenes e suspendendo-as acima do fogo. Em vários momentos do dia, fui buscar combustível para manter o fogo aquecido, o que me levou a pontos cada vez mais distantes. Quando anoiteceu, eu havia retirado todas as tiras de carne disponíveis da carcaça do puma e as cozinhou acima do fogo. Não era muita coisa, nem sequer era muito saborosa, mas nos alimentaria, nos daria alguma proteína, um pouco de energia e, o que talvez fosse igualmente

importante, nós poderíamos carregá-la. O que significava que eu não teria de achar comida todos os dias.

Quando terminei, no final da tarde, a cor tinha voltado ao rosto e às bochechas de Ashley. E, talvez ainda mais importante, seus olhos estavam úmidos e saudáveis.

Como ainda restassem duas horas de luz, olhei lá para fora pela entrada e meus olhos pousaram em Grover, deitado de lado. Parecia uma estátua caída. Coloquei as botas.

– Estou logo ali.

Ashley assentiu com a cabeça. Quando eu ia passando, segurou-me pelo casaco e me puxou. Olhou para mim e aproximou minha testa até encostá-la nos lábios. Que estavam quentes, úmidos e trêmulos.

– Obrigada.

Meneei a cabeça. Tão perto do seu rosto, notei como suas faces tinham ficado magras. Chupadas, até. Suponho que tremer de frio por uma semana, combinado com períodos prolongados de choque e com escassez de alimento, contribua para uma aparência encovada e macilenta.

– Não sei como você conseguiu fazer o que fez ontem à noite – comentei. – É um tipo de força que vem das profundezas. – Desviei o olhar. – E que eu só vi uma vez antes.

Encostei a palma da mão na testa dela, para checar se havia febre.

– Amanhã de manhã, vamos sair daqui. Não sei direito para onde vamos, mas deixaremos este lugar.

Ela soltou minha mão e sorriu.

– No primeiro voo?

– É. E na primeira classe.

Saí de gatinhas. Minha barriga estava cheia e, pela primeira vez em dez dias, eu não sentia fome nem frio. Olhei ao redor e cocei a cabeça. Havia alguma coisa estranha. Uma coisa que eu não havia notado em muito tempo. Como se algo houvesse se insinuado pelas minhas costas sem que eu notasse. Cocei o queixo e compreendi.

Eu estava sorrindo.

CAPÍTULO 18

LEMBRA-SE DAS TARTARUGAS? Eu me pergunto como andarão todas elas. Onde estarão? Até onde terão nadado? Será que chegaram à Austrália? Especialmente o seu amiguinho.

Você me deu um tapinha no ombro e perguntou:

– Que barulho é esse?

Parece que havíamos encontrado a fêmea no exato momento em que ela começava a construir seu ninho. Subimos na duna, deitamos de bruços e ficamos observando enquanto ela cavava um buraco. Ela era enorme e cavou durante muito tempo. Depois, começou a pôr ovos. Como se houvesse entrado num transe, ou algo assim. Deve ter posto uma centena de ovos. Quando terminou, cobriu o buraco, rastejou até a beirinha da água e desapareceu no mar escuro.

Deslizamos da duna e ficamos olhando para o monte. Era um dos maiores que já havíamos encontrado. Fincamos cuidadosamente as estacas, formando um triângulo, amarramos em volta das pontas uma tira de fita rosa, e aí você me fez cortar bandeirolas, para se certificar de que todos os ratos de praia, num raio de 2 quilômetros, pudessem ver o ninho.

Até os aviões que sobrevoassem a praia seriam capazes de enxergá-lo.

Em seguida, você começou a contar os dias. Como uma criança na época de Natal. Marcando numa folhinha. Tirei uma semana de férias e, no 55º dia, passamos a acampar do lado de fora.

– Bem, elas não sabem que é para saírem da casca ao completar sessenta dias. E se saírem antes?

Estendemos um cobertor no alto da duna e você prendeu uma lanterna na cabeça. Parecia um mineiro fora da mina. Tentei entrar no seu saco de dormir, mas você fechou o zíper e me apontou um dedo.

– Não, senhor. Agora não. E se elas começarem a sair da casca?

Meu bem, quando você se concentra numa coisa, é uma figura de encomenda.

E assim, ficamos lá, deitados. Vendo a sombra da lua cruzar a linha formada pela fita. A praia estava quente naquela noite. Uma brisa fresca vinha do sudoeste, de modo que o mar mais parecia um lago que uma torrente enfurecida. E então chegou o 55º dia. Você estava dormindo. Babando no seu saco de dormir. Dei-lhe um tapinha no ombro e espichamos o nariz por cima da borda da duna, para ver o primeiro filhote sacudir a areia das costas e caminhar para a água. Não demorou muito para a praia ficar repleta de tartarugas-cabeçudas.

Você se empolgou. Contando baixinho. Apontando para cada uma, como se as conhecesse pelo nome. Lembro-me de que meneou a cabeça e disse:

– Como é que elas sabem que direção tomar? Como é que não se perdem?

– Elas têm uma bússola interna. Que diz onde está a água.

E então veio o nosso amiguinho. Saiu rastejando, mas, ao contrário dos seus 117 irmãos e irmãs, tomou o rumo errado. Subindo a duna em direção a nós. Avançou alguns palmos, depois atolou, começando a se enfiar na areia. Na sua testa, uma ruga se aprofundava à medida que você o via cavar a própria sepultura.

– Ele está indo na direção errada. Não vai conseguir.

Você saiu do saco de dormir, deslizou pela duna, levantou-o com as duas mãos e o carregou até a beira da água. Depositou-o na areia, e a primeira onda o carregou. Você lhe deu um empurrãozinho.

– Pronto, mocinho. Lá vai você para a Austrália.

Vimos a lua refletir-se na carapaça dele, fazendo-o parecer um diamante negro flutuante. A brisa soprou seu cabelo no rosto, e você estava sorrindo. Acho que passamos um bom tempo ali, sem falar muito, apenas vendo-o nadar mar adentro. E era um bom nadador.

Foi nessa hora que você a viu. Virou-se, olhou para a duna onde estivéramos escondidos e para os arbustos e os tufos de mato. A placa vende-se estava colocada no ponto mais alto, para que as pessoas pudessem vê-la ao passarem pela rodovia estadual.

– Quem é o dono daquilo? – você perguntou.

– Não sei.

– Quanto você acha que querem?

– Uma boa grana, provavelmente. Faz algum tempo que está à venda.

– É um lote de desenho estranho. Difícil fazer uma casa grande. A área em que é possível construir é bem pequena, ao passo que as dunas protegidas ocupam uma boa área. Talvez tenha uns 30 metros de frente para a estrada e uns 240, 250 metros de dunas. Feito um triângulo espremido.

– É. E o terreno fica cercado pelo parque estadual dos dois lados, de modo que é provável que haja restrições ao tipo de casa que se pode construir, ao tamanho da obra etc. Quase toda pessoa que gasta 1 milhão de dólares num terreno quer poder construir o que bem entender.

Você agitou as mãos para a areia.

– Deve haver uns dez ninhos bem aqui. A fita rosa é suficiente ali para marcar o contorno de um novo lote. Com toda essa atividade, por que o estado não compra o terreno?

Encolhi os ombros.

– Dinheiro, suponho.

Você assentiu, mas disse:

– Você devia comprá-lo.

– O quê?

Você começou a subir a duna. Estudando a configuração do terreno.

– Não precisamos de uma casa grande. Podíamos construí-la bem aqui. Uma casa de praia bem junto ao mar. E poderíamos fazê-la com janelões de vidro onde

pudéssemos sentar à noite a observar os ninhos.

Aponte para a praia mais abaixo.

– Meu bem, nós temos uma ótima casa bem ali. Podemos caminhar até aqui na hora que quisermos.

– Eu sei, mas talvez a próxima pessoa a aparecer não goste de tartarugas escavando seu jardim. Nós gostamos. Devíamos comprar.

Passou-se uma semana. Voltei ao ramerrão do trabalho. Um dia, cheguei, joguei minhas coisas no sofá e vi que a porta corrediça de vidro estava aberta. Fui até o lado de fora e a encontrei parada na praia. O sol tinha se posto. Era minha hora favorita. Aquela fria luz azulada que desce antes de chegar a escuridão. Você estava de pé, a canga branca esvoaçando na brisa. Acenou para mim. Estava muito bronzeada. Tinha marcas mais claras dos olhos até as orelhas, de tanto usar óculos escuros.

Pus um short, peguei minha pasta e saí. Você exibia um sorriso e segurava uma caixinha embrulhada, que me entregou. A brisa virou e recomeçou a puxar seu cabelo. Jogando as mechas em cima do seu rosto e entre os lábios. Quando beije uma delas, você a afastou com um dedo.

Abri o cartão. Dizia: Para você poder encontrar o caminho de volta para mim. Abri a caixa. Era uma bússola com lente de aumento. Você disse:

– Leia o verso.

Virei a bússola. Havia uma gravação. Meu verdadeiro norte. Você a pendurou no meu pescoço e cochichou:

– Sem você, eu estaria perdida.

– Eu também lhe trouxe uma coisa.

Você pôs as mãos para trás, balançando de um lado para outro.

– É?

Entreguei-lhe a pasta. Você a abriu, folheou as páginas. Fez um ar de quem lesse grego. Estreitou os olhos.

– Meu bem... o que é isto?

– É um levantamento topográfico. E isto... é um registro de terreno.

– Que terreno? Nós não temos...

Você parou, olhou para o levantamento, virando-o de lado, depois olhou para a praia.

– Você não fez isso.

– É só uma oferta. Não significa que vão aceitar. Ofereci menos do que estavam pedindo.

Você me derrubou na areia. A força do destino, bem ali na parte sul da praia de Ponte Vedra. Você ria e gritava.

– Não acredito que você fez isso!

– Bem... não sabemos se vão aceitar a oferta. O terreno tem sérias cláusulas restritivas. Há uma porção de coisas que não podemos fazer lá. Ele é cercado por parques estaduais, então...

– Podemos construir uma casinha?

– Ainda não somos donos do terreno.

– É, mas podemos ser e, quando formos, podemos construir uma casa pequena, com uma fachada de vidro em que possamos ver o sol e a lua nascerem na praia?

Assenti com a cabeça.

– Quanto ele custa?

– Muito. Não vamos poder construir de imediato. Será preciso esperar uns anos.

– Posso esperar.

Adorei lhe dar aquele pedaço de terra.

CAPÍTULO 19

GROVER MERECIA UM enterro decente. Estudei a paisagem e vi, logo acima dele, um afloramento de rocha. Escalei-o, e a vista se estendia por quilômetros. Dado seu amor pelas alturas, ele gostaria dali. Chutei a neve, voltei ao avião, arranquei um pedaço do leme da cauda e o usei como pá. Cavei um buraco, o que mais consistiu em tirar coisas do caminho do que em escavar a terra congelada. Tornei a descer, ergui Grover pelos ombros e dei a volta, subindo por entre as pedras. Depositei-o no buraco e comecei a recolher pedras um pouco maiores do que bolas de beisebol.

Esvaziei os bolsos dele e tentei tirar sua aliança de casamento, mas ela não se moveu. Soltei o relógio do seu bolso e pus todas essas coisas soltas no bolso interno da minha jaqueta, fechando então o zíper. Depois, tirei os cadarços de suas botas, que guardei no bolso, tirei suas meias de lã e puxei o cinto para fora das presilhas das calças. Por último, peguei sua jaqueta.

Cobri-o de pedras sob um frio sol poente, que ficou laranja-escuro, depois carmesim. Quando terminei, levantei-me e dei um passo atrás. Era um bom lugar. O vento ganhara força. Imaginei que ali sempre haveria uma brisa. Talvez isso fosse bom. Talvez ele se sentisse voando.

Tirei meu gorro de lã.

– Grover... Sinto muito por ter metido você nesta enrascada. Imagino que, se não o tivesse contratado para me levar no avião, você estaria em casa com sua mulher. Imagino que agora você esteja treinando para ser anjo. Trate de ser um bom anjo. É provável que já esteja correndo a mil para receber suas asas. Espero que o designem para cuidar da sua mulher. Imagino que ela precise de você neste momento. Se e quando sairmos daqui, vou procurá-la. Contar-lhe o que aconteceu. Levar suas coisas para ela.

Girei o gorro nas mãos.

– Só para ser franco até o fim, é verdade que você nos plantou aqui, no meio de lugar nenhum.

O vento soprou forte no meu rosto e prossegui:

– A menos que Deus queira mais duas pessoas mortas aqui, vamos precisar de uma mudança do tempo. Céu azul e temperaturas mais amenas seriam uma boa ideia. E, já que não sei para onde vamos, também seria bom contar com

uma ajudinha nisto. Quem sabe você possa nos conseguir alguma ajuda lá em cima...

Sob um cobertor branco, o mundo se estendia por uns 60 quilômetros numa direção e 100 na outra.

– Acho que Ashley gostaria de se vestir de branco, percorrer a nave central e se casar. Ela é jovem. Tem a vida inteira pela frente. Merece vestir-se de branco.

A luz esmaeceu, dando lugar a um céu frio e sem nuvens. Instalou-se uma cobertura cinzenta. Aqui e ali, as estrelas começaram a espiar. Lá em cima, um jato voou na direção sudeste, deixando uma longa cauda branca em sua esteira.

– Se isso é o seu senso de humor, não achei a menor graça.

Um segundo avião cruzou a esteira do primeiro.

– Nem isso. A propósito... estou perdido e, como estou perdido, estamos ambos perdidos. Não será preciso muito para nos matar por aqui. No momento, estamos com o pé na cova. Aquele gatão quase acabou conosco. Você deve saber, andou dançando com ele. Acho que o resumo é este: se eu morrer, ela morre. Sem falar no seu cachorro... cujo nome não consigo lembrar.

Um vento cortante me perpassou e fechei o zíper do casaco.

– Não tenho a pretensão de ser mais importante do que sou, mas não é por mim que estou pedindo. Estou pedindo por aquela garota ali, a da perna quebrada e do espírito que vai quebrantando devagar. Ela pensa que esconde, mas não esconde. É durona, mas isto aqui em cima... isto derruba qualquer um. – Olhei em volta. – É... um lugar difícil. Acaba depressa com a esperança.

Uma lágrima brotou e rolou por minha face. Minhas mãos estavam cortadas, rachadas, cheias de crostas. Meneei a cabeça, com os lábios trêmulos:

– Você e eu... nunca chegamos a terminar de verdade a nossa conversa, mas uma coisa eu posso lhe dizer: viver com o coração partido é viver semimorto, e isto não quer dizer que o sujeito esteja meio vivo. Quer dizer que está meio morto. E... isso não é jeito de viver.

As montanhas se elevavam ao nosso redor, recortadas, frias, implacáveis, lançando sombras. Grover estava abaixo de mim, coberto de pedras e gelo.

– Quando se parte o coração... ele não volta simplesmente a crescer. Não é uma cauda de lagartixa. É mais parecido com um enorme vitral que se estilhaça em milhões de pedaços, e não volta a colar. Os corações estilhaçados não se emendam nem saram. Não funcionam desse jeito. Talvez eu esteja lhe dizendo uma coisa que você já sabe. Talvez não. Só sei que, quando a metade morre, a coisa inteira permanece em dor. Por isso, você fica com o dobro da dor e metade de todo o resto. Pode passar o resto da vida tentando remendar o vitral, mas não adianta. Não há nada capaz de juntar os pedaços.

Recoloquei o gorro e voltei a tirá-lo depressa.

– Era só isto que eu queria dizer.

Segurei a bússola e deixei a agulha girar e se firmar.

– Preciso saber para onde ir.

Os dois aviões haviam desaparecido. Suas esteiras me chamaram a atenção. Girei a cabeça, observando-as. O cruzamento das duas criara uma seta que apontava para o sudeste. A 120, talvez 130 graus.

Meneei a cabeça.

– Considerando o fato de que não tenho melhor opção... essa serve.

Voltei para a caverna e calcei as meias de Grover nos pés de Ashley. Eram de um tecido de lã de peso médio. Ashley me olhou com ar desconfiado.

– Onde você arranhou isso?

– No Walmart.

– É bom saber. Pensei que você fosse dizer que eram de Grover, e se eu achasse que, bom... isso poderia me dar náuseas.

Ela adormeceu. Num dado momento, perto da meia-noite, pegou-me fitando o mostrador da bússola. Os pontos de trítio no disco brilhavam num tom de neon verde.

– Como é que se sabe que rumo tomar?

– Não se sabe.

– E se você escolher a direção errada?

– Você, eu e o Napoleão seremos os únicos a saber.

Ashley fechou os olhos e puxou o saco de dormir até cobrir os ombros.

– Não tenha pressa... e escolha com sensatez.

– Obrigado, isso ajuda muito.

– Nem me faça começar a falar no que ajudaria neste momento.

– Bem pensado.

CAPÍTULO 20

ESTÁ QUASE AMANHECENDO. Vamos partir daqui a alguns minutos. Vamos tentar, pelo menos.

Não sei até onde chegaremos, mas tenho certeza de que permanecer aqui não vai nos ajudar em nada.

Embalei quase tudo o que pude. Não sei a que distância chegaremos, mas tenho certeza de que cada calombo e cada sacolejo serão duros para Ashley. Detesto mudá-la de lugar, mas não posso deixá-la aqui. Não sei por quanto tempo eu me ausentaria, e com certeza ela estaria morta quando eu voltasse. A esperança ajuda muito a manter a pessoa viva. E... se eu não estiver aqui, receio que a esperança dela acabe. Quanto mais eu ficar com ela, mais ela conseguirá aguentar.

Grover está descansando num bom lugar. Pode ver o sol despontar e se pôr, e acho que ele vai gostar disso. Tentei dizer-lhe umas palavras gentis. Ele merece mais, porém você, mais do que ninguém, sabe que a comunicação verbal não é o meu forte. Eu disse que procuraria a mulher dele, se sairmos daqui. Acho que Deus deve acabar transformando-o em anjo. Grover daria um bom anjo protetor. Adora voar e poderia cuidar da mulher, que sem dúvida vai precisar dele.

Passei boa parte da noite de ontem com os olhos grudados na bússola, porque, como nem preciso lhe dizer, tomar o rumo errado poderia nos custar caro. Sei que estamos no bojo de uns 100 quilômetros de terra virgem. Talvez estejamos a uns 50 quilômetros da cidade mais próxima, só que 50 quilômetros em linha reta são muito diferentes da mesma distância subindo e descendo montanhas e carregando uma mulher ferida. A primeira coisa é possível. A segunda, não.

Acho que, se conseguirmos enxergar alguma coisa, uma fumaça, uma lâmpada ao longe, à noite, eu posso sair sozinho e buscar ajuda, mas, toda vez que penso nisso, lembro de quando você e eu vimos O paciente inglês. Você ficou abanando a cabeça, apontando para a televisão e dizendo: "Não a deixe. Não a deixe. Você vai se arrepender." E você tinha razão. Os dois pagaram o preço. É claro que toda aquela história do adultério também não ajudou muito. Mas deixar a garota... isso é sempre ruim.

É melhor eu ir andando. O sol começa a raiar no horizonte. Vai ser um dia longo. Conversaremos à noite. Espero.

CAPÍTULO 21

ASHLEY ESTAVA TRINCANDO os dentes quando a sacudi.

– Está pronta?

Ela confirmou com a cabeça e se sentou.

– Tem café?

Entreguei-lhe uma caneca de um líquido que mais parecia chá fraco.

– Vá com calma. Este é o último.

– O dia já está ruim, e ainda nem começamos.

– Pense nisso assim: cada passo para longe deste lugar chega mais perto de um *cappuccino* na Starbucks.

Ashley passou a língua nos lábios.

– Adoro quando você fala sacanagens comigo.

Sentei-me a seu lado. Cuidamos de toda a questão do banheiro e eu a vesti. Ela fechou o zíper do casaco e comentou:

– Gosto desse atendimento personalizado, mas devo dizer que estou muito ansiosa pelo dia em que eu possa fazer tudo isto sozinha.

Esvaziei a garrafa.

– Eu também.

Ashley cruzou os braços.

– Escute, não quero exagerar na intimidade, mas as coisas correram muito bem até aqui, já que eu só tive de fazer pipi. Acontece que isso está prestes a mudar.

Meneei a cabeça.

– Você já fez isso.

– Fiz?

– Duas vezes. Uma quando recoloquei sua perna no lugar, outra depois, quando estava inconsciente.

Ela ficou sem graça.

– Isso explica muita coisa.

– Como o quê?

– Como por que eu não precisei “ir ao banheiro” em praticamente uma semana.

– Ah... – Sorri. – Você “foi”.

- Bem... voltando à minha pergunta original.
- Não se preocupe. É só me avisar. A gente dá um jeito.
- Sem querer perder tempo com um assunto liquidado, eu pareço muito mais perturbada com isto que você.

– Eu era aluno do primeiro ano de medicina. Plantão da meia-noite. Troca de comadres. Por oito meses. Estava sendo difícil para mim, eu reclamava muito. Era meio insolente ao falar disso, até Rachel me chamar a atenção. Ela me disse que, se eu não estava disposto a lidar com a sujeira, era melhor arranjar outra profissão. Que aquilo de que as pessoas precisam é de um médico que se disponha a sujar as mãos e, ainda assim, olhá-las com compaixão e dignidade. Pode-se dizer que esse “ajuste da atitude” se tornou a base da minha conduta com os pacientes. Foi o que me fez considerar aquilo de que as pessoas precisavam, em contraste com o que, na minha torre de marfim, eu queria lhes dar.

Encolhi os ombros e concluí:

– Rachel derrubou minha torre. Obrigou-me a instalar meu consultório nas trincheiras, onde o cheiro não era muito convidativo e havia gente sofrendo. Então... embora isso possa perturbá-la, causar-lhe certo incômodo, até fazê-la enrubescer... é disso que você precisa. E, na falta de uma opção melhor, ou até de uma segunda opinião, eu sou seu médico. Portanto... vou lhe dizer a mesma coisa que minha mulher me disse, quando tentei protestar.

Ashley levantou as sobrancelhas. Esperando.

– Deixe de frescura.

Ela meneou a cabeça.

– Gosto dessa mulher. Muito.

Contraiu os lábios, como que me avaliando e considerando o que ia dizer.

– Você já ganhou uma porção de prêmios? Tipo médico do ano ou coisa assim?

Inclinei a cabeça de lado.

– Alguma coisa assim.

– Então, falando sério... estou em ótimas mãos?

– Está nas minhas mãos. Mas a melhor coisa que você tem a seu favor é seu senso de humor. Que vale o seu peso em ouro.

– Por que você diz isso? Contar piadas às árvores não vai apressar minha fuga, vai?

– Viu o que eu quero dizer? – Amarrei minha mochila com uma tira. – Uma noite, era tarde, talvez de madrugada, e eu estava trabalhando no pronto-socorro. Um helicóptero chegou com um sujeito que tinha levado um tiro na lateral do pescoço. Um cara comum, que tinha ido comprar sorvete para a mulher. Ela estava grávida e o mandou para a loja: lugar errado na hora errada. Ele entrou justamente no momento em que um assalto ia dando errado. Quando o

trouxeram, ainda estava de chinelos. Abriram a porta, tiraram a maca do helicóptero e o sujeito esguichou sangue pela carótida.

Toquei no pescoço de Ashley e prossegui:

– Parecia um jato de pistola de água. Ele tinha perdido muito sangue, mas ainda estava consciente. Ainda falava. Pus o dedo no buraco e começamos a correr para a sala de cirurgia. Estávamos uns dois minutos à frente da morte, que nos alcançava a passos largos. Aproximei meu rosto do dele e perguntei: “Você é alérgico a alguma coisa?” Ele apontou para o pescoço e respondeu: “Sim, tiros.” E eu pensei com meus botões: *Esse cara vai escapar*. E então, com todo aquele caos em volta, ele agarrou meu braço e disse: “Doutor, me opere como se eu estivesse vivo, não como se estivesse morrendo.” Soltou meu braço, depois se sobressaltou e disse: “Eu me chamo Roger. E você?” E ele conseguiu. Sua mulher deu à luz duas semanas depois. Eles me passaram uma mensagem, pediram que eu fosse a seu quarto e puseram o filho no meu colo. Deram meu nome a ele.

Olhei para Ashley.

– Qualquer livro de medicina diria que ele deveria estar mortinho e enterrado. Não havia como ele ainda estar entre nós. Acho que aquilo teve alguma coisa a ver com um senso de humor entranhado no DNA, misturado com um desejo muito forte de conhecer o filho.

Afaguei o rosto de Ashley e o canto do seu sorriso.

– Você tem a mesma coisa. Não perca o seu senso de humor.

Ela segurou meu braço e me puxou, falando em tom sério:

– Vou lhe fazer uma pergunta e quero uma resposta franca.

– Está bem.

– Jura que vai me dizer a verdade?

– Juro.

– Você pode nos tirar daqui?

– Sinceramente?

Ela fez que sim.

– Não faço ideia.

Ashley deitou a cabeça.

– Pfff. É bom saber. Pensei que você fosse dizer “não faço ideia”, e aí nós estaríamos mesmo na pior.

Ela remexeu a cabeça.

– E nem vou perguntar em que direção estamos indo, porque sei que você já resolveu isso. Certo?

– Certo.

– Sério?

– Não.

Seus olhos se estreitaram. Ashley deu um tapinha no próprio peito e outro no meu.

- Temos que trabalhar na nossa comunicação.
- É o que estávamos fazendo.
- Não estou lhe perguntando essas coisas por querer respostas sinceras. Quero que você se rache de tanto mentir. Que me diga que só faltam 2 quilômetros, quando talvez tenhamos 200 pela frente.

Dei uma risada.

- Está bem. Escute, se você parar de falar, podemos ir andando. Tem um helicóptero à nossa espera logo depois daquela primeira elevação.

- Eles trazem café da Starbucks?

- Trazem. Com suco de laranja, sanduíches de ovo, salsichas, brioches, pão de framboesa dinamarquês e *donuts* com glacê.

Ela me deu um tapinha nas costas.

- Agora você está pegando o jeito da coisa.

Idealmente, eu teria construído algum tipo de trenó. Algo que deslizasse pela neve e não chacoalhasse Ashley loucamente. O problema é que isso funcionaria muito bem nas partes planas, mas, pelo que eu podia perceber, elas não eram muitas. E, considerando os ângulos que atravessaríamos, eu sabia que não conseguiria manejar um trenó. Se eu fosse apanhado fora de equilíbrio, se o ângulo fosse muito íngreme, ou se o peso dela comesse a me puxar, o trenó poderia escapar de mim e eu nunca o recuperaria. Ashley teria sobrevivido ao desastre de avião apenas para morrer na maca.

Optei por um híbrido entre trenó e maca. Uma coisa em que ela pudesse ficar deitada – com os pés para mim e a cabeça para o lado oposto –, que deslizasse à minha frente nas raras partes planas, mas que, quando necessário, eu conseguisse erguer e rebocar, o que me daria um controle melhor.

Comecei pela asa que tinha sido arrancada. Como sua superfície era de um tipo de material que era menos metal do que tecido e plástico, ela era leve e, o que talvez fosse igualmente importante, lisa. A estrutura interna era metálica e, como a asa fora arrancada da fuselagem, os tanques de gasolina haviam escoado sob o efeito da gravidade. O problema da asa era que, bem... seu formato era de asa. Arredondada de ambos os lados. Por isso, recortei ao comprido uma cavidade do tamanho de uma mulher e reforcei o fundo com os cabos de sustentação da outra asa.

Para dizer a verdade, a simplicidade da coisa me surpreendeu.

Minha pergunta seguinte: será que ser arrastado por quilômetros, passando por pedras, gelo e outros objetos ásperos, desgastaria o material? Era óbvio que sim.

Eu tinha que reforçar o fundo. O reforço aumentaria o peso, mas, sem ele, o desgaste furaria a asa em dois tempos. Onde encontrar um pedaço conveniente de metal laminado? Não demorei muito. O motor era envolto em metal

laminado. Um lado dele fora severamente amassado no impacto. O outro sofrera apenas arranhões. E, graças a algum mecânico que inventara um modo de trabalhar no motor, ele era preso por pinos removíveis. Retirei o laminado, amarrei-o ao fundo da asa, mais ou menos onde ficaria o bumbum de Ashley, e contemplei minha criação. Talvez funcionasse. Considerando o material de que eu dispunha para trabalhar, tinha que funcionar.

Pus na mochila tudo o que pude encontrar, inclusive a carne que eu havia cozinhado – mais parecida com carne-seca do que com filé-mignon – e amarrei a trouxa atravessada sobre a asa, num ponto em que ela servisse para elevar a perna de Ashley.

Dei-lhe quatro comprimidos de ibuprofeno e segurei a água junto a sua boca. Ela bebeu em silêncio, enquanto eu explicava meus planos.

– Não tenho uma ideia clara do caminho a seguir, mas sei que a noroeste, atrás de nós, as montanhas sobem, e precisaríamos ser metade gente, metade cabra para transpô-las. Por ali. – Apontei. – O planalto vai descendo a sudeste. Os rios também correm naquela direção. É muito simples: precisamos de um lugar mais baixo, e, para nossa felicidade, aquela é a única descida. Por isso, vamos escolher nosso caminho montanha abaixo. Eu conduzo. Você segue. Ficarei o tempo todo com as mãos em você. Quando a área for plana, vou instalar uns arreios que me permitam usar as tiras e o cinto da mochila para puxar você. Alguma pergunta?

Ashley fez que não com a cabeça e mastigou a carne devagar. Verifiquei sua perna, agasalhei-a bem, fechei seu saco de dormir e puxei para baixo o gorro de lã, até lhe cobrir as orelhas.

– Agora, pela primeira vez, sua perna está abaixo do nível do seu coração. Vai inchar durante o dia. O melhor que podemos fazer é pôr gelo nela à noite. Isso vai lhe causar... certo desconforto.

Ela fez sinal de concordância.

– Mas – assinalei – nada vai doer tanto quanto tirá-la daqui.

Ashley trincou os dentes. Passei as mãos por baixo dos seus braços, puxei devagar e comecei a deslizar a para a maca, avançando aos centímetros. O saco de dormir deslizou com bastante facilidade sobre a neve e o gelo, até prender numa pedra ou raiz e sacudir a perna de Ashley, quando o puxei.

Ela gritou com todas as forças, desviou o rosto de mim e vomitou. Tudo o que havia ingerido, inclusive o ibuprofeno, espalhou-se na neve. Limpei sua boca e sequei a testa, banhada em suor.

– Desculpe.

Ela assentiu com a cabeça, sem dizer nada. Estava trincando os dentes.

Aproximei-a da asa, deslizei Ashley para cima dela no saco de dormir e voltei para buscar Napoleão, que pareceu contente por me ver. Peguei-o no colo e o deitei ao lado de Ashley, que o abraçou, mas não abriu os olhos. Parecia suar

frio.

Escorei sua cabeça com a mochila de Grover. Ao lado, prendi o arco e as varas de pescar dele. A asa estava ridiculamente carregada, mas eu me pautava pelo princípio de que era melhor ter e não precisar do que precisar e não ter. Mesmo que isso significasse um pouco mais de peso. Deixei para trás nossos laptops, os telefones celulares e toda a papelada relacionada com o trabalho dela ou o meu. Achei que era tudo peso morto.

Vasculhei o lugar, tornando a checar tudo, depois amarrei uma corda entre mim e Ashley. Se tudo o mais falhasse, ela estaria amarrada a mim e eu a ela. Só seria má ideia se eu despencasse de um precipício e a levasse comigo.

Olhei para o local do acidente e para as pedras que marcavam a sepultura de Grover, para a rocha em que eu o havia levado e para o tênue rastro de sangue que se afastava dela, deixado pelo puma. Em seguida, contemplei demoradamente o planalto para onde íamos. Fiz uma leitura da bússola, pois sabia que, ao descermos ou enveredarmos por entre as árvores abaixo, minha perspectiva não seria tão boa. Fechei o zíper do casaco, segurei as alças improvisadas atrás de mim e dei um passo, outro e mais outro. Após uns 5 ou 6 metros, perguntei:

– Tudo bem com você?

Passado um segundo, ela respondeu:

– Sim.

O fato de seus dentes não estarem trincados me disse mais do que propriamente a sua resposta.

Eu não sabia se teríamos de percorrer 15 quilômetros ou 150, mas aqueles primeiros 5 metros foram tão importantes quanto qualquer um deles.

Bem, quase.

CAPÍTULO 22

POUCO FALAMOS NA primeira hora. Eu afundava na neve até os joelhos, na maioria dos lugares. Mais em outros. Em duas ocasiões, afundei até metade do peito e tive que rastejar para subir. Isso era bom para Ashley e ruim para mim. Tornava minha caminhada duas ou três vezes mais árdua, porém muito suave o trajeto dela. Concentrei-me em minha respiração e minha preensão – ou melhor, em me certificar de que estava segurando firme – e avancei sem pressa. A dor nas costelas era considerável.

Descemos do nosso platô em direção ao rio em que eu havia capturado as trutas e a uma pequena área de floresta. Os galhos das árvores estavam carregados de neve, parecendo glacê. Um esbarrão e eles despejavam várias pazadas de neve nas costas da gente.

Depois de uma hora e do que talvez fosse 1,5 quilômetro, Ashley disse:

– Desculpe, doutor, mas não estamos indo muito depressa. O senhor precisa dar uma acelerada.

Desabei na neve ao lado dela, arfante. Meu peito subia e descia no ar rarefeito. Minhas pernas gritavam.

Ashley olhou para mim e me deu um tapinha na testa.

– Quer que eu vá buscar um Gatorade ou alguma outra coisa?

Assenti com a cabeça.

– É, seria ótimo.

– Sabe no que eu estava pensando?

Senti o suor escorrer pela nuca.

– Nem imagino.

– Andei pensando em como seria ótimo um cheeseburger neste momento.

Fiz que sim.

– Talvez com duas carnes. E queijo extra, é claro.

– É claro.

– Tomate. Tem que ser um bom tomate. Cebola. De preferência, adocicada. Ketchup. Mostarda. Maionese.

Brancas nuvens de algodão se deslocavam lá no alto. Outro avião comercial riscou o céu.

– E uma porção extra de pickles – acrescentou Ashley.

- E duas porções de batata frita para acompanhar.
- Acho que eu seria capaz de comer o dobro disso tudo, neste momento.

Aponte para o alto.

– É mesmo uma crueldade. Nós os vemos perfeitamente, mas tenho certeza de que eles não podem nos ver.

- Por que você não monta uma fogueira realmente grande?
- Acha que adiantaria alguma coisa?
- Na verdade, não, mas faria com que nos sentíssemos melhor.

Ashley olhou para adiante, por entre as árvores, na direção que estivéramos seguindo.

– É melhor você começar a puxar – disse, com um tapinha na engenhoca de asa em que estava deitada. – Este treco não tem bateria, sabe?

– Engraçado, percebi isso há mais ou menos uma hora.

Dei alguns passos.

– Preciso que você me faça um favor.

– Não abuse da sorte comigo.

Entreguei-lhe uma garrafa limpa.

– Vamos precisar de líquidos. Muito. Se, enquanto eu puxo, você puder encher isto de neve, pôr a garrafa no saco de dormir e deixar o calor do seu corpo derretê-la, vai ajudar a nos manter hidratados, e não precisaremos adquirir o hábito de comer neve gelada. Você se importa?

Ela fez que não com a cabeça e pegou a garrafa, enfiando o bocal na neve. Atarraxou a tampa.

– Posso lhe fazer uma pergunta?

A temperatura devia estar na casa dos -15°C, mas o suor brotava da minha testa. Eu havia tirado o casaco, para não empapá-lo de suor, e ia puxando de camiseta e camisa. Meu corpo estava encharcado. Isto era bom enquanto andávamos, mas muito ruim ao pararmos, porque eu não tinha como me aquecer e me secar. Enquanto eu continuasse em movimento, tudo bem, mas, quando parássemos, eu teria que fazer uma fogueira imediatamente e começar a secar a roupa. E isto, antes de poder fazer qualquer coisa para ajudar Ashley. Um equilíbrio precário.

– É claro. Manda.

– O recado na secretária eletrônica. Qual é a história?

– Que recado?

– O que você estava ouvindo quando decolamos.

Mordi um pedacinho de pele seca no lábio inferior.

– Tivemos um desentendimento.

– Sobre o quê?

– Sobre... uma divergência de opinião.

– Você não vai me contar, não é?

Encolhi os ombros.

Ashley deu um risinho zombeteiro.

– Ela tem razão?

Assenti com a cabeça sem olhar.

– Tem.

– Isso é animador.

– O quê?

– Um homem que admite que a mulher tem razão sobre alguma coisa importante.

– Nem sempre foi assim.

– Já que o fiz começar a falar... tenho uma pergunta para fazer. Você falou de mim no seu gravador?

– Só num sentido médico.

Ashley estendeu a mão.

– Me dê.

Sorri.

– Não.

– Então, você falou – disse ela, arqueando uma sobrancelha.

– O fato de eu falar nessa caixinha tem pouco ou nada a ver com você.

– Quer dizer que você admite? Parte disso me inclui.

– Como um médico ditando o diagnóstico de um paciente.

– Nenhuma opinião pessoal? Nada de falar de mim pelas costas?

Não houve conversa capaz de convencê-la. Apertei o botão de retrocesso, o play, ajustei o volume no máximo da altura e pus o gravador na sua mão. Minha última gravação para Rachel ressoou no ar. Ashley ficou em suspense, ouvindo atentamente.

Ao terminar de ouvir, fechou os dedos sobre o gravador e o devolveu, delicadamente.

– Você não estava mentindo.

Guardei-o no bolso, junto ao peito.

Ashley me olhou por um minuto, com a pergunta na ponta da língua. Eu sabia que era apenas uma questão de tempo. E por fim, soltou-a:

– Por que você se fecha toda vez que eu falo do gravador? – Arqueou uma sobrancelha e disse ainda: – O que você não está me contando?

Respirei fundo, mas o ar não me encheu os pulmões.

– Silêncio não é resposta – insisti.

Outra respiração ofegante.

– Rachel e eu estamos... separados.

– Estão o quê?

– Tivemos uma briga. Meio que das grandes, e estamos trabalhando... um ou dois problemas. O gravador ajuda nisso.

Ashley pareceu confusa.

– Ela não falou como quem quisesse se separar.

– O que você quer dizer?

– O recado na caixa postal.

– É complicado.

– Estamos atolados aqui, sei lá, há uns onze dias; você consertou minha perna, costurou minha cabeça, até limpou minha bunda, e só agora me diz que está separado da mulher?

– Eu estava agindo como seu médico.

– E que tal os outros 99 por cento do tempo em que estava agindo como meu amigo?

– Não achei que fosse relevante.

Ela estendeu uma das mãos.

– Me dê aqui.

– O quê?

Ela virou a palma da mão para cima.

– Ponha-o na minha mão.

– Você vai quebrá-lo, jogá-lo longe ou fazer alguma coisa para ele não funcionar?

– Não.

– Vai devolvê-lo?

– Sim.

– Ele vai funcionar, quando você o devolver?

– Sim.

Pus o gravador em sua mão. Ashley o examinou, depois apertou gravar.

– Rachel... aqui é Ashley. Ashley Knox. Sou a idiota que concordou em entrar no avião com ele. O seu marido tem muitas qualidades maravilhosas e é um excelente médico, mas esconde o jogo quando se trata de falar de você. Qual é a dos homens e de toda essa história de controlar as emoções, de não-vou-falar-dos-meus-sentimentos? Hein? – Abanou a cabeça. – Por que eles não podem apenas dizer o que estão pensando? Não é ciência aeroespacial. Seria de supor que eles achassem um jeito de simplesmente abrir a boca e dizer o que se passa na cabeça. É evidente que não é tão fácil. Bem... estou muito ansiosa por conhecê-la, desde que ele me tire daqui. Enquanto isso, vou continuar trabalhando nele. Acho boa a ideia do gravador. Pensando bem, talvez eu dê um ao Vince quando chegar em casa. Mas... – Abriu um sorriso para mim. – Detesto ser a pessoa a lhe dar esta notícia, mas talvez Ben seja um caso perdido. É um dos homens mais caladões que eu já vi.

Ela ia desligando o gravador, mas acrescentou:

– É claro que isso é perdoável, quando o homem é franco e sabe fazer uma xícara de café danada de boa.

Tornei a guardar o gravador no bolso e me levantei. Tinha ficado rígido. O frio se infiltrara por minha roupa molhada, grudando em mim. Havíamos demorado demais ali.

Ashley olhou para mim.

– Desculpe eu ter duvidado de você. Pode apagar meu recado, se quiser.

Abanei a cabeça.

– Não. Eu já disse tudo a ela sobre você, logo... vai ser bom acrescentar uma voz à história.

Refiz meus passos, recuando até a maca, levantei-a e comecei a puxar.

– E... onde ela mora?

– Pouco depois da minha casa, na praia.

– A que distância?

– Três quilômetros. Construí uma casa para ela.

– Vocês estão separados, mas você construiu uma casa para ela.

– Não é bem assim.

– E como é?

– É complicado. As crianças...

– Filhos! Vocês têm filhos?!?

– Dois.

– Vocês têm dois filhos, e só agora você me conta?

Dei de ombros.

– Quantos anos?

– Quatro. São gêmeos.

– Nomes?

– Michael e Hannah.

Ashley fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Bonitos nomes.

– Bonitas crianças.

– Aposto que mantêm você ocupado.

– Eu não... não os vejo muito.

Ela franziu o cenho.

– Você deve mesmo ter metido os pés pelas mãos.

Não respondi.

– Na minha experiência, em geral é o homem. Sempre pensando com a cabeça de baixo.

– Não é isso.

Ashley não pareceu convencida.

– Ela está saindo com alguém?

– Não.

– Vamos lá... abra o jogo. Por que vocês se separaram?

Eu queria acabar com essa conversa.

– Ainda não vai me dizer, não é?

Não respondi.

O tom dela mudou.

– E se...

Eu sabia o que vinha.

– Sim?

– E se não conseguirmos sair daqui... e aí?

– Você quer dizer “de que adianta”? E, dada essa possibilidade, por que continuo a falar com o gravador?

– É mais ou menos isso.

Fiz meia-volta e andei até Ashley, para olhá-la de frente. A neve chegava à altura da coxa. O céu azul dava lugar ao cinza e as nuvens pesadas eram uma ameaça de mais neve.

Bati no peito.

– Operei milhares de pessoas. Muitas estavam em péssimo estado. Muito pior do que o nosso. Nunca, nem uma única vez, pensei *Elas não vão conseguir, não vão melhorar*. Os médicos são, propositalmente, algumas das pessoas mais otimistas do planeta. Temos que ser. Já imaginou um médico que não fosse otimista? Você estaria lá sentada e perguntaria: “Doutor, o senhor acha que eu sobrevivo?” E se eu abanasse a cabeça e dissesse “Acho que não”? Não duraria muito na medicina, porque ninguém iria me procurar. Temos de olhar para situações muito ruins e encontrar um jeito de melhorá-las. Todo dia é uma partida de xadrez. Nós contra o mal. Na maioria dos dias, vencemos. Em alguns, não. – Girei a mão num gesto largo. – E fazemos tudo isso por causa de uma palavra. – Dei um tapinha no gravador. – Esperança. Ela corre nas nossas veias. É o que nos alimenta.

Desviei o rosto. Uma lágrima solitária rolou por minha face. Falei baixinho:

– Vou tocar esta gravação para Rachel. Vou tocar o som da sua voz.

Ashley fez que sim, fechou os olhos e deitou a cabeça.

Voltei para a frente da asa, segurei as alças e comecei a puxar. Atrás de mim, ouvi:

– Você ainda não respondeu à minha pergunta.

– Eu sei.

O clima no alto era instável. Num piscar de olhos, as nuvens chegavam, cobriam tudo e despejavam uma torrente de neve ou gelo. A pessoa podia sentir frio o dia inteiro, mas, ao anoitecer, descobria que o rosto e os lábios estavam queimados de sol e descascando. As faces eram castigadas pelo vento, os pés ficavam cheios de bolhas.

Quando dispõem de água, normalmente as pessoas conseguem aguentar três semanas sem comer. Ali em cima, porém, onde queimávamos o dobro das

calorias só para respirar e tiritar de frio, sem falar em puxar uma maca por cima de pó de neve com mais de 1 metro de profundidade, esse tempo era um pouco menor. Era um terreno árduo e implacável, belo e magnífico, mas inflexível. Frio cortante num segundo, calor no seguinte, temperatura gelada no outro.

Passaram-se cinco minutos, vieram as nuvens, as brumas cobriram a montanha. A neve não tardou a ser soprada de lado. Até em círculos. Espetou meu rosto e tornou quase impossível andar. Não duraríamos muito mais naquela tempestade. Não havia onde nos escondermos. Nenhum abrigo. Olhei para aquela escuridão branca e tomei uma decisão difícil.

Fiz meia-volta.

A caminhada de retorno foi desoladora. Detestei abrir mão do terreno que já tínhamos conquistado, mas era melhor fazer isso e viver do que conservá-lo e morrer. Quatro horas depois, tínhamos voltado ao local do acidente. Eu mal conseguia me mexer. Acomodei Ashley, cujo rosto estava perpassado de dor. Ela não disse uma palavra sequer. Forcei-me a ficar de olhos abertos até ela adormecer.

Acordei quatro horas depois. Tiritando. Não tinha nem mesmo tirado a roupa molhada. Um erro de preço alto. O saco de dormir foi feito para isolar a temperatura em seu interior. Seja ela quente ou fria. Estava quente e fria – condições que, juntas, deterioram o poder de isolamento térmico do equipamento. Despi-me, pendurei a roupa num suporte da asa, aticei o fogo e tornei a entrar no saco de dormir, tremendo de frio. Levei quase uma hora para me aquecer – o que significa que não estava dormindo, mas gastando uma energia de que nem dispunha. Um erro não apenas caro, mas burro. Erros assim podem nos matar, quando não prestamos atenção.

CAPÍTULO 23

ELA NÃO PARECEU impressionada.

– E qual é a aventura de hoje?

Sua voz chocou ao redor da minha cabeça. Levei um minuto para me lembrar de onde estava. Com uma sensação de ressaca. Desorientado.

– Hein?

– Vai dormir o dia inteiro? Eu estava tentando deixá-lo dormir, porque sei como está cansado, mas eu preciso mesmo ir ao banheiro, e não dá para simplesmente cruzar as pernas.

Sentei-me.

– Desculpe. Você devia ter me acordado.

– Você estava num sono muito pesado, por isso tentei sem a sua ajuda, mas não tenho mãos suficientes e não queria encharcar o saco de dormir.

Fiz que sim com a cabeça. Esfreguei os olhos.

– Bem pensado.

– Que dia é hoje?

Levantei o relógio e não consegui ver nada no mostrador. Apertei o botão para iluminá-lo. Nada aconteceu. Tornei a apertar. Com mais força. Nada ainda. Sacudi o relógio e o levantei contra a luz do dia.

Uma rachadura funda, parecendo uma teia de aranha, espalhava-se pelo vidro desde o canto inferior esquerdo até o superior direito. A condensação se acumulava por baixo.

– Não sei.

Ashley reparou no relógio.

– Isso é importante?

– Foi Rachel quem me deu. Anos atrás.

– Sinto muito.

Calou-se por um minuto.

– Há quantos dias estamos fazendo isto? – falou com a voz mais suave.

Napoleão lambia minha orelha.

– Doze... eu acho.

Ela meneou a cabeça, fazendo as contas.

– Florença. Acho que agora estaríamos em Florença. Reservamos uma suíte

num hotel na margem do rio Arno, com vista para a ponte Vecchio. A propaganda dela dizia que ao longe era possível ver as luzes do Duomo... Eu sempre quis vê-lo.

Quando me sentei, o frio bateu no meu peito e me lembrou que eu me despira no meio da madrugada. Ashley examinou a mancha roxa na minha caixa torácica.

– Como você está?

– Tudo bem. Já não dói tanto.

Ela apontou para a chave na ponta da alça de pulso do meu gravador.

– Você precisa mesmo disso aí?

– Você é meio bisbilhoteira, não é?

– Bem... se você está reduzindo o peso... – Deu de ombros. – O que ela abre?

– A casa de Rachel.

– Você se refere à casa que construiu para ela, mas onde não mora, e onde ela fica com as crianças que você raras vezes vai visitar.

– Ora, ora... se hoje não estamos toda metida.

– Só estou falando de como eu vejo as coisas.

Puxei a camisa para baixo e comecei a vestir minha roupa fria e úmida. Ao fazê-lo, pude me ver à luz do dia. Ashley também viu.

– Você está macérrimo.

– É esta dieta intensiva de emagrecimento que estou experimentando.

Ashley deu um risinho, depois caiu na gargalhada. Foi contagiante. Uma boa maneira de começar o dia.

Examinei sua perna, ajudei-a a cuidar das necessidades e comecei a derreter neve no fogareiro. Não sabia quanto combustível nos restava, mas era certo que estivesse acabando. O tanque não tinha medidor, mas fora projetado para ser portátil, não para ter um suprimento interminável. Quando o sacudi, o som não foi promissor. Ao nível do mar, ele fervia água em cerca de 75 segundos. Naquela altitude, levava três a quatro vezes mais tempo. O que exigia mais combustível e esvaziava o tanque quatro vezes mais depressa que o normal.

O fluido do isqueiro de Grover havia praticamente evaporado. Embora os isqueiros Zippo tenham aparência e som maneiros – que me fazem lembrar o Rat Pack, com aqueles cantores e atores dos anos 1950, ou mesmo James Dean ou Bruce Willis em *Duro de matar* –, eles precisam ser enchidos. Comumente, uma vez por semana. Também nesse caso, trata-se de um suprimento de combustível que é portátil. Não interminável.

Grande diferença. Fazia muito que haviam acabado os fósforos que eu tivera no começo. Nossas opções eram poucas e precisávamos do fogo. Eu teria que ficar de olho em pedaços de madeira que pudesse usar para fazer um arco de pua.

Era meio-dia. Dadas as nuvens baixas, o céu nublado e a temperatura em

declínio, a neve havia congelado na superfície. Isso criava condições favoráveis à marcha. A neve congelada significava que, com minhas raquetes, eu poderia passar mais tempo sobre a neve que afundado nela. O que requeria menos energia. E nos permitiria, em tese, ir mais longe.

Amarrei as botas, prendi as polainas e vesti o casaco. Uma das mangas estava rasgada em volta do cotovelo e dela saíam pequenos tufo de penugem. Visto que minhas mãos começavam a ficar arrasadas, cortei tiras das mangas da jaqueta de brim de Grover e as enrolei nelas.

Como havíamos preparado a bagagem na véspera, não demoramos a fazê-lo de novo. Carreguei o “trenó”, dei a Ashley uns pedaços de carne para mastigar e um pouco d’água, e puxei-a até a abertura – lembrando do doloroso calombo na entrada. Deslizei-a suavemente por cima dele para o lado de fora. A temperatura parecia haver caído uns 20 graus. Olhei para o trenó, estudei meu processo da véspera e me dei conta de que precisava de arreios. Alguma coisa que mantivesse minhas mãos livres, que me permitisse puxar com as pernas e o peito, mas me conservasse ligado ao trenó, no caso de um contratempo.

Entrei de quatro na caverna e tirei as correias do cinto de segurança do banco de Grover, usando seu alicate. Amarrei uma corda ligando as tiras do cinto ao trenó e fechei a trava. O cinto fez um X em meu peito, permitindo que eu liberasse os braços, e, dada a rapidez da abertura da fivela, eu poderia me soltar dele num instante, se começasse a escorregar e precisasse me separar do trenó para não arrastar Ashley comigo montanha abaixo.

Com ar de dúvida, ela inclinou a cabeça. Estava com a boca cheia de carne, movendo-a de um lado para o outro. Tirei o casaco, peguei Napoleão e pus os dois dentro do saco de dormir com Ashley. Se eu usasse o casaco com os arreios, ficaria suado em questão de minutos, empapando o interior do agasalho e reduzindo sua capacidade de isolamento térmico a quase nada. Do jeito que fiz, Ashley o manteria aquecido e seco, de modo que eu poderia vesti-lo quando parássemos e me aquecer. Uma decisão crucial. Prendi-me nos arreios, inclinei o corpo contra o peso e comencei a puxar.

Passada uma hora, tínhamos avançado uns 500 metros e descido uns 30 de altitude, talvez. Cada três passos eram seguidos por vários segundos de descanso. Depois, mais três passos. Em seguida, mais descanso. Era um progresso dolorosamente vagaroso. Mas era um progresso.

Ashley não se impressionou.

– Falando sério... – Tomou um gole de água. – Por quanto tempo você acha que pode fazer isso?

A boa notícia era que ela estivera comendo e bebendo num ritmo lento, fácil de digerir, durante quase o dia inteiro.

– Não sei – respondi, observando-a pelo canto do olho.

– Não podemos fazer isso. Você não pode.

Ela apontou para o céu com um pedaço de carne meio seca.

– Olhe em volta. Estamos no meio da PFM.

– PFM?

– Ap... do fim do mundo.

Parei, com o suor pingando do rosto, e respirei fundo.

– Ashley?

Ela não respondeu.

– Ashley?

Ela cruzou os braços.

– Não podemos ficar aqui em cima. Se ficarmos, vamos morrer. E não posso deixá-la. Se a deixar, você morre. Portanto, estamos indo embora.

A frustração dela com seu desamparo transbordou. Ashley soltou um grito.

– Faz dez dias, droga, e nem uma alma veio nos procurar, e devemos estar a 1 quilômetro de onde começamos, sei lá. Nesse ritmo, o Natal vai chegar antes de sairmos daqui.

– Eles não sabem que é para nos procurar.

– Está bem, então... qual é o seu plano? Como você planeja nos tirar daqui?

Era o medo falando. Não a lógica. Nada que eu dissesse a satisfaria.

– Um passo de cada vez.

– E por quanto tempo você acha que consegue manter isso?

– Por quanto tempo for necessário.

– E se você não aguentar?

– Eu aguento.

– Mas como você sabe?

– Qual é minha alternativa?

Ashley fechou os olhos, puxou Napoleão para mais perto e ficou olhando fixamente para o céu.

Peguei a bússola, fiz uma leitura de 125 graus, escolhi como marco uma pequena crista de montanha ao longe e comecei a pôr um pé adiante do outro.

A neve da noite anterior havia coberto completamente as pegadas da véspera. Não havia qualquer vestígio de que houvéssemos deixado o local do acidente.

Passamos horas sem falar.

Meu rumo me fez descer um pouco e passar por entre árvores. A neve era pesada, assim como seus montes acumulados pelo vento. Os 3 a 4 metros de neve sob nossos pés significavam que estávamos andando por entre galhos que, no verão, ficariam bem acima de nossas cabeças. Os ramos das árvores retêm um bocado de neve, mas não tentam guardá-la toda para si quando a gente passa e esbarra neles. Derrubam tudo o que podem na gente. Eu ficava sacudindo constantemente a neve em torno do meu pescoço.

Fui avançando sem pressa, avaliando minha respiração e meu nível

energético. Descansava bastante entre as passadas. Quando começava a me aquecer demais, diminuía o ritmo, respirava mais algumas vezes entre os passos. Íamos caminhando a passos de tartaruga. Em cerca de seis horas, havíamos percorrido o que eu supunha ser pouco mais de 1,5 quilômetro.

Havia quase escurecido quando parei.

Estava encharcado de suor e exausto, mas sabia que, se não comesse a fazer meu arco de pua, ia me arrepender. Empurrei Ashley para baixo dos galhos de uma árvore, ao lado de uma pedra. O terreno embaixo dela fora protegido da neve, de modo que era de terra e agulhas secas de pinheiro. Um esquilo andara por ali, comendo uma pinha.

Tirei minha camisa suada, pendurei-a num galho, recolhi vários punhados de agulhas secas e alguns gravetos e, perto de Ashley, fiz uma pequena fogueira. A chama se acendeu depressa. E eu estava certo sobre o fogareiro, porque, quando tentei acendê-lo, ele fez um barulho que me lembrou um soluço sofrido. Talvez nos restasse um dia no tanque. Apanhei mais gravetos, empilhei-os ao lado de Ashley e disse:

– Cuide do fogo. Não o deixe apagar. Estarei pertinho, é só gritar que eu escuto.

– O que você vai fazer?

– Um arco.

Ela olhou para o arco de Grover, amarrado na extremidade do trenó.

– Pensei que tivéssemos um.

– Não é desse que eu vou fazer.

Comecei a descrever círculos amplos em torno de onde estávamos, à procura de dois pedaços de madeira. Precisava de um de pouco menos de 1 metro de comprimento e formato meio arqueado, cujas pontas eu pudesse ligar com um cadarço ou uma corda, e também de um pedaço reto com que eu pudesse fazer o fuso – algo que tivesse mais ou menos o tamanho de um cabo de martelo. Talvez um pouco menor. Levei uns trinta minutos para encontrar tudo o que buscava.

Passei por entre as árvores, fazendo a neve estalar sob as raquetes improvisadas. Andar era uma luta constante. Parei a certa distância, para recobrar o fôlego. Espiar talvez seja uma palavra melhor. Ashley estava meio sentada, cuidando da fogueira. Com o brilho do fogo no rosto. Mesmo ali, mesmo naquele momento, ela era linda. Não havia como negar.

A dificuldade da nossa situação não me saía da cabeça. Sempre me fustigando. O que tínhamos pela frente beirava o impossível. Mas, na verdade, eu não nos vira pelos olhos de Ashley. Em seu saco de dormir. Sentada ali, sem nada para fazer senão cuidar do fogo e coçar a cabeça de Napoleão. Ela dependia de mim para tudo. Para comer. Mover-se. Ter alimento. Água. Ir ao banheiro. Não podia fazer nada sem mim, a não ser dormir. Se eu tivesse sido obrigado a

depende de outra pessoa, nos doze últimos dias, tanto quanto ela dependia de mim, o convívio comigo seria muito mais difícil para mim.

Os médicos estão acostumados a entrar a mil no meio de um problema, como Zeus descendo das alturas, resolvê-lo e cair fora, antes que venham as consequências. Os enfermeiros e anestesistas é que fazem esse trabalho pesado. Grande parte dos verdadeiros “cuidados médicos”.

Ashley precisava de um médico e de um cuidador. Ser o primeiro era fácil. Mas desempenhar o papel do segundo, não. Eu não sabia como melhorar isso. Sabia apenas que queria fazê-lo.

Voltei para junto do fogo, enfiei-me no saco de dormir, mastiguei um pouco de carne e me obriguei a beber água. Embora o fogareiro estivesse falhando, eu ainda podia usar a parte superior em que cozinávamos – uma espécie de latinha de café. Enfim, a peça era de alumínio e resistiria ao calor. Assim, enchi-a de neve e a encostei nas brasas.

Passamos a hora seguinte comendo e bebendo, enquanto eu trabalhava no meu arco. Ao sepultar Grover, eu havia desamarrado suas botas e guardado os cadarços no bolso. Agora eles viriam a calhar. Peguei um cadarço, dei um nó numa das pontas, passei-o pela ranhura de uma extremidade do arco, puxei bem, depois o passei pela ranhura da outra ponta e o preendi com umas voltas e um nó. Não muito justo, mas apertado o bastante para que, quando eu prendesse o fuso nele, houvesse tensão suficiente no cadarço para fazer o fuso girar.

É uma coisa feita meio no tato, e é preciso amarrar a corda no arco algumas vezes para conseguir acertar o ponto. Cortei um fuso de uns 30 centímetros, apontei-o nas duas extremidades – uma delas mais grossa, para haver maior atrito – e entalhei um sulco no meio, para ajudar a manter o cadarço no lugar.

Feito isto, pus tudo de lado, terminei minha água e levantei os olhos pela primeira vez em muito tempo.

Ashley estava me observando e comentou:

– Você sabe ficar absorto quando quer.

– Tenho a sensação de que vamos precisar disto amanhã.

Ela cruzou os braços.

– Preciso de uma atualização. Saber o que você acha. Onde estamos. Esse tipo de coisa.

– Acho que chegamos a cerca de 1,5 quilômetro do local do acidente. Amanhã de manhã, vou subir naquela elevaçãozinha ali e ver se descubro o que há no outro planalto, lá do outro lado. Vamos continuar no rumo atual, enquanto a montanha deixar, e é provável que tenhamos carne para vários dias mais. Por isso, acho que vamos apenas seguir em frente. Será útil você se manter o mais hidratada que puder. Coma toda a comida que quiser e me avise quando eu a sacudir demais.

Encolhi os ombros.

– Desculpe por sacudi-la. Sei que hoje foi duro para você.

Ela soltou um longo suspiro.

– Desculpe o meu ataque de hoje de manhã.

Balancei a cabeça.

– Você está numa situação difícil. Não pode fazer quase nada sem minha ajuda. Isso seria duro para qualquer um.

Pus mais madeira no fogo, cheguei perto o bastante para me aquecer, mas sem me incendiar, e fechei os olhos. O sono vinha chegando depressa. Então pensei em Ashley. Forcei-me a abrir os olhos. Ela estava me fitando.

– Precisa de alguma coisa? – perguntei.

Ela negou com a cabeça. Tentou sorrir.

– Tem certeza?

– Tenho.

Adormeceu em segundos.

CAPÍTULO 24

FOI DIFÍCIL ACORDAR, sabendo que havia treze dias que estávamos naquela situação. Sacudi o corpo para afastar o sono e me vesti antes mesmo de raiar o dia. A fogueira havia apagado, mas restavam algumas brasas. Alimentei, soprei e abanei o fogo, que ganhou chamas. Tornei a alimentá-lo, acariciei Napoleão e rumei para a pequena elevação acima de nós, para ter um panorama do que nos cercava.

Não me apressei. Estudei cada reentrância, cada brecha na montanha, perguntando-me se algo ali poderia ter sido feito por mãos humanas.

A resposta foi um sonoro não. Era tudo intocado. O paraíso dos amantes da natureza. Eu adorava a natureza, mas não a esse ponto.

Firmei a bússola, deixei a agulha se acomodar e fiz a leitura. Seguindo-a, olhei para as montanhas ao longe. Para chegar a elas, teríamos de viajar um dia inteiro, talvez dois, passando por árvores altas e neve funda. Não seria fácil e, uma vez no meio delas, eu perderia todo o senso de direção. Jamais conseguiria sem a bússola. Entre as árvores, eu perderia a perspectiva. Ficaria desorientado. Talvez a vida seja assim.

Minhas coordenadas nos fariam atravessar um desfiladeiro e, assim eu esperava, chegar a uma altitude menor. Contemplando aquela imensa região inexplorada, eu me lembrei. Eu poderia perder quase tudo e ainda ter uma chance. Desde que mantivesse a bússola. Amarrei-a num pedaço de fio de náilon e a pendurei no pescoço.

Quando voltei, Ashley estava sentada, atizando o fogo. Começou a falar antes que eu tivesse chance de dizer bom-dia.

– Como você soube que queria se casar com sua mulher? Quero dizer, como é que *soube*?

– Bom dia!

– Tá, tá, tá. Bom dia para você também. Avise-me quando ele ficar bom.

– Vejo que está se sentindo melhor.

Ajoelhei ao lado do seu saco de dormir, abri o zíper lateral, levantei a aba e examinei a perna dela. A boa notícia era que não havia nenhuma mudança marcante. E a má notícia era que não havia nenhuma mudança marcante.

– Hoje, na hora do almoço, precisamos pôr gelo nisso... está bem?

Ela fez que sim.

– É sério, eu quero saber.

Comecei a enfiar meu saco de dormir na bolsa de compressão.

– Eu queria passar cada segundo com ela. Queria rir com ela, chorar com ela, envelhecer com ela, segurar sua mão, encostar os joelhos nos dela à mesa do café e, como fazia nos dois anos que estávamos juntos, eu realmente queria transar com ela. E muito.

Ashley riu.

– Vocês dois ainda eram muito ativos antes de se separarem?

– O segredo mais bem guardado de toda essa história de casamento é que a parte da transa melhora. A gente perde, ou eu perdi, pelo menos, aquele negócio de “tenho que provar alguma coisa” ou seja lá o que for. Acho que nós, homens, tiramos dos filmes a ideia de como deve ser. Mas, na verdade, não se parece quase nada com aquilo. É mais uma questão de compartilhar que de possuir. Os filmes não retratam isso. Mostram o lado ardente, suarento. E ele é ótimo, minha intenção não é desprezá-lo; só estou questionando o mito de que isso é o melhor que existe.

Abanei a cabeça antes de prosseguir.

– Reconheço que a chama deve se apagar para muita gente, mas também acho que há muitos casais por aí que estão juntos há trinta, quarenta, cinquenta anos e sabem muito mais sobre a parte amorosa do casamento do que se atribui a eles. Nós achamos que, sendo jovens, temos o monopólio da paixão. Não tenho tanta certeza. Talvez esses casais surpreendessem esses caras que dão conselhos amorosos na TV. Grover surpreenderia, com certeza.

– E quando um quer e o outro não quer?

Dei uma risada.

– Rachel gostava de chamar isso de “transa por piedade” e, 99 por cento das vezes, era ela tendo piedade de mim.

– Transa por piedade?

– É, é mais ou menos assim: “Meu bem... não consigo dormir. Socorro.”

– E... antes da separação... ela o “socorria”?

– Às vezes. Nem sempre.

– O que você fazia quando ela se recusava?

– Ibuprofeno de efeito prolongado.

– Acho que estou entrando em assuntos muito íntimos.

– Está.

– E... como é que isso funciona na separação?

Respirei fundo.

– Não funciona.

– Há quanto tempo vocês estão separados?

– Tempo suficiente para eu comprar meu ibuprofeno de efeito prolongado

no setor de embalagens a granel.

Comecei a amarrar coisas no trenó e mudei de assunto.

– Escute, preciso fazê-la ficar de pé. Não quero que ponha peso nessa perna, por isso vamos devagar, mas quero que comece a forçar a perna boa. Para estimular a circulação.

Ashley estendeu as mãos. Abri o zíper do saco, ela apoiou o pé bom no meu e eu a levantei devagar. Ela balançou, ficou zozona, apoiou a cabeça no meu ombro e, por fim, empertigou o corpo.

– Isto é bom. Dá para eu me sentir quase humana.

– Como está a perna ruim?

– Dolorida. É mais uma dor surda do que pontadas, desde que eu não flexione os músculos em volta da fratura.

Reajuste as tiras das talas. Ashley pôs os braços nos meus ombros, equilibrando-se em mim. Firmei-a pelo quadril.

– Vamos apenas ficar assim por uns minutos. A mudança na pressão sanguínea fará bem ao seu coração. Vai lhe dar uma sobrecarga e forçá-lo a deslocar o sangue pelo seu corpo.

Ashley olhou para as árvores, sorrindo.

– Minhas pernas estão geladas.

– Bem... é nisso que dá você andar de meia soquete e roupa de baixo.

– Sabe, na época da escola, era assim que a gente dançava quando estava ficando com alguém.

– Faz muito tempo que não ouço a expressão “ficar com alguém”.

– Quando era sério, eu punha as mãos nos ombros do garoto e ele colocava as dele no meu quadril e ia abraçando minhas costas devagar quando nenhum adulto estivesse vendo. Os caras grossos iam logo passando as mãos pelo nosso corpo e apertavam nosso bumbum ou metiam as mãos nos bolsos de nosso jeans. Meu pai não me deixava sair com esses caras.

– Boa medida.

– Vince detesta dançar.

– Também não posso dizer que eu seja muito fã.

– Por quê?

– Não tenho ritmo.

– Está bom, já chega, me ponha deitada.

Reacomodei-a no saco de dormir e fechei o zíper.

– Vamos lá, me mostre – pediu ela. – Mostre o que sabe fazer.

– Como assim? Dançar?

Ela confirmou com a cabeça.

– Você perdeu o juízo.

Ela girou o dedo apontando para o chão perto dos meus pés.

– Ande logo. Estou esperando.

– Você não entendeu. Meu quadril é maleável feito o de um soldado de chumbo. Não sei fazer nem a “dança de gringo”.

– Ao quê?

– A dança de gringo. Sabe, aquela dança de quem nunca ouviu um estilo de música e tenta acompanhá-la só batendo os pés e balançando as mãos. O problema é que é preciso ter ritmo para fazer isso. E eu não tenho nenhum.

Ashley cruzou os braços.

– Estou esperando.

– Está achando que isso dá em árvore?

Ela coçou a cabeça e sorriu.

– Onde você ouviu isso?

– Era uma coisa que meu pai dizia quando eu lhe pedia dinheiro para o fim de semana.

– Parece uma relação ríspida.

– Um pouco.

– E aí, você vai ou não vai dançar?

Virei-me e fiz minha melhor imitação do John Travolta dançando “Staying Alive”, seguida por aquela coisa esquisita que os caras fazem com os braços e o quadril, como se usassem um balde e um esfregão. Rematei com minha imitação de “YMCA” e, para fechar com chave de ouro, um *moonwalk* do Michael Jackson, com um rodopio e uma inclinação do chapéu. Quando acabei, Ashley estava dobrada no saco de dormir, rindo tanto que não conseguia falar. Por fim, estendeu uma das mãos.

– Pare... hahaha... acho que fiz xixi.

A risada trouxe uma sensação boa. Boa mesmo. E, por mais que eu quisesse um telefone via satélite, um voo de helicóptero para fora dali e uma sala de cirurgia para consertar a perna dela, a risada valeu tudo isso junto. Napoleão nos olhou como se fôssemos malucos. Principalmente eu.

Ashley se reclinou, respirando. Ainda rindo um pouco.

Fechei o zíper do casaco.

– Fiz aulas de dança com Rachel.

– O quê?

– É. Suingue. Tango. Valsa. Valsa vienense. *Jitterbug*. Foxtrote. Até uma ou duas danças coreografadas em grupo.

– Você sabe dançar tudo isso?

Confirmei com a cabeça.

– Rachel dizia que, por causa de todas aquelas corridas, os flexores do meu quadril eram muito duros, o que me deixava meio prejudicado em matéria de ritmo. Assim, eu nos inscrevi nas aulas de dança. Por um ano. Foi uma das maiores diversões que tivemos juntos.

– Quer dizer que você sabe mesmo dançar?

– Com ela.

– Se tiver sorte, eu consigo uma única dança com Vince no nosso casamento. E olhe lá.

– Descobri com a minha mulher que eu gosto de dançar. Depois de aprender o que fazer, como conduzir... – Ri. – Quando ela me deixou conduzir, não foi tão ruim. Nem tão embaraçoso. Acabou com a preocupação, permitiu que nos divertíssemos. É claro que, depois disso, ela queria dançar em todas as festas a que íamos.

– E vocês dançavam?

Fiz que sim.

– Eu chamava de dança por piedade, e 99 por cento das vezes era eu tendo piedade dela. Mas havia compensações – concluí, arqueando as sobrancelhas.

– Você precisa conversar com Vince quando sairmos daqui.

– Verei o que posso fazer.

Entreguei-lhe meu casaco, que ela pôs dentro do saco de dormir, vesti os arreios e fechei a trava do cinto.

– Vamos lá, estamos jogando tempo fora.

– Já ouvi essa frase – disse Ashley, e estalou os dedos. – De onde veio isso?

– John Wayne. *Os cowboys*.

Ela escorregou mais para dentro do saco de dormir.

– Você está ficando mais interessante a cada dia que passa.

– Minha cartola de coelhos está praticamente vazia, pode crer.

– Duvido.

Amarrei as raquetes de neve e me inclinei sobre o trenó, que se soltou da neve congelada. Dei dois passos e Ashley me chamou:

– Posso ver aquele passinho de dança mais uma vez?

Sacudi o quadril, fiz o movimento de enxugar o chão, joguei a pizza para o alto, dei um rodopio e soletei YMCA.

Ashley estava às gargalhadas, dando chutes de leve com a perna boa.

Fomos saindo por entre as árvores, banhados pelo aroma das sempre-vivas e o som da risada de Ashley.

CAPÍTULO 25

NA HORA DO almoço, havíamos caminhado uns 2,5 quilômetros, e eu estava acabado. O pé esquerdo estava congelado, o que era mau sinal, e, como o último quilômetro tinha sido uma ligeira subida, as correias haviam forçado meus ombros, deixando meus dedos dormentes. Era bom eu não ter nenhum paciente com cirurgia marcada.

Paramos por uma hora à beira de um riachinho cujas margens estavam congeladas e inchadas de tanta neve. Puxei Ashley para baixo de uma árvore, tirei a camisa molhada e a pendurei para secar. Deixá-la congelar era bom, na verdade, porque, àquela temperatura, era mais fácil sacudir o gelo do que espremer o suor.

Os galhos da árvore formavam um toldo sobre o chão, protegendo a terra da neve. Deslizei Ashley para dentro desse abrigo, nivelei-a no chão e afastei um dos galhos ligeiramente para o lado, para deixar entrar mais luz. Depois, meti-me em meu saco de dormir, onde, aquecido e sossegado, apaguei por uma hora. Ao acordar, vesti-me, belisquei um pouco de carne e tornei a pôr os arreios. Cavei uma espécie de rampa para tirar Ashley de sob a árvore. Depois de recolocá-la em terreno plano, bati o pé cinco ou seis vezes. Veio uma sensação de molhado. Molhado significa frio. E o frio era ruim. Ainda mais para os dedos dos pés. Eu precisaria ficar atento a isso.

No final da tarde, o sol deu uma espiada por entre as nuvens e esquentou um pouco as coisas, o que deixou a neve mais parecida com um mingau – molhada e pegajosa. Eu dava dois ou três passos, caía, afundava na neve, saía, dava mais dois ou três passos, tornava a afundar... Continuei assim por umas duas horas.

Ao anoitecer, havíamos percorrido uns 4 quilômetros. Ao todo, dava cerca de 5,5 a 6,5 quilômetros desde o local do acidente. Em alguns momentos, eu fazia um minuto de descanso entre os passos, mas não era o bastante. As nuvens se derramaram sobre as montanhas e a noite caiu depressa, e eu mal conseguia me mexer. Estava com frio e totalmente encharcado, mas sem energia para fazer uma fogueira. A vozinha na minha cabeça me dizia que eu não poderia manter aquilo por muito tempo. Precisava achar um lugar para nos entocarmos no dia seguinte e descansar.

Ashley também estava cansada. Havia passado o dia inteiro se preparando

para o “e se” de uma possível queda, e a tensão havia lhe cobrado um preço.

Acampamos num afloramento de rocha. Uma espécie de caverna certamente usada por diferentes bichos ao longo dos anos. Boa proteção do vento e da neve, além de oferecer uma paisagem ímpar. Escorei Ashley na parede de pedra, para lhe dar todo o panorama. Ela entreabriu os olhos e disse:

– Nossa, nunca vi nada assim.

– Nem eu – foi tudo que consegui murmurar. Sentei-me. Totalmente arrasado. – Tudo bem por você se hoje não tivermos fogueira?

Ela fez sinal positivo com a cabeça.

Tirei a roupa molhada e tentei pendurar o que pude no interior do ressalto de pedra. Embora a temperatura externa estivesse na faixa de -7°C a -12°C, minha forração interna pingava de suor. Vesti minha única cueca bóxer, entrei no saco de dormir, fechei os olhos e só então pensei nas botas. Se eu não secasse minha bota esquerda, o dia seguinte seria uma desgraça.

Sai do saco. Peguei punhados de agulhas mortas de pinheiro e gravetos e construí um cone de uns 30 centímetros de altura. Empilhei as agulhas secas dentro dele, junto com uns ramos que ainda tinham agulhas mortas. Eu sabia que só disporia de uma tentativa.

Peguei o isqueiro de Grover, esfreguei-o entre as palmas das mãos, por um motivo que não sei explicar, enfiei-o no cone e o acendi. Saiu uma fagulha, mas sem chama. Sacudi-o.

– Vamos, só uma vez.

Tentei de novo. Nada.

– Última vez.

Acendi-o e uma chama apareceu, pegou as agulhas de pinheiro e apagou. Não durou mais de um segundo. Mas foi o suficiente para acender as agulhas, que são incrivelmente inflamáveis. Se algum dia você já pôs fogo numa árvore de Natal, sabe do que estou falando. Fui alimentando o fogo lentamente com mais gravetos, soprando a base de leve. As chamas arderam, pus mais ramos e, quando senti que haviam pegado, procurei gravetos maiores. Talvez até um tronco.

Bem a meus pés, achei madeira suficiente para alimentar o fogo por algumas horas, e empilhei pedras ao longo da borda para isolá-lo, ao mesmo tempo que criava uma abertura na parte traseira, para que o calor pudesse escapar na nossa direção. Pus as botas na base de uma fresta entre duas pedras. Perto o bastante para secar, mas não para derreter a borracha. Despi o casaco. Entrei no saco de dormir e peguei no sono segundos depois de a cabeça encostar no chão.

Meu último pensamento foi a lembrança de que o isqueiro de Grover se fora. Havia fornecido sua última chama. A situação continuava a piorar. Roupa molhada, pés molhados, bolhas e pouca energia. Tínhamos o puma assado, mas,

mesmo comendo pouco, talvez só nos restassem dois dias de carne.

Isso incluindo Napoleão. Se não o alimentássemos, talvez restassem três dias.

O problema era que eu não podia deixar de alimentá-lo. Racionalmente e em circunstâncias diferentes, digamos, no conforto do meu consultório ou da sala de cirurgia, eu poderia falar em como comeria Napoleão se fosse questão de sobrevivência. Na verdade, porém, agora que essa questão era real, eu não podia comê-lo. Toda vez que olhava para o cachorro, ele me lambia o rosto e abanava a cauda. E toda vez que o vento soprava, ele o encarava e rosnava, de pé. Um bicho com esse espírito valente merece uma chance.

Outros talvez já o tivessem transformado em filés e enchido a pança, mas eu simplesmente não podia. De qualquer modo, era provável que ele fosse duro feito couro de sapato velho. E, para ser sincero, toda vez que olhava para ele, eu via Grover. Talvez isto fosse razão suficiente.

Seis ou sete horas depois, com o primeiro indicio de luz matinal rastejando pelos cumes das montanhas cinzentas e brancas diante de nós, meus olhos se entreabriram para o som inesperado do crepitar de uma fogueira. Meu cérebro registrou o significado daquele som e levantei de um salto, com medo de haver ateadado fogo em nós.

Não havia.

Ashley estava cuidando da fogueira. E isso havia algumas horas. Minhas roupas estavam quentes, secas e, curiosamente, dobradas sobre uma pedra a alguns palmos do fogo. Ashley o atiçava com um galho comprido e verde de uma árvore perene, que tinha conseguido não sei onde. O pedaço de terra em volta do tronco estava nu. Ela o havia limpado: tudo o que estava ao alcance das mãos fora jogado no fogo, para mantê-lo aceso. Agora Ashley usava o último dos gravetos que eu havia recolhido, o que explicava o crepitar. Minhas botas tinham sido viradas e o couro estava seco. Minhas meias, *idem*. Fiquei ali, esfregando os olhos, com a cueca quase caindo do quadril, agora muito mais magro.

– Oi – disse Ashley, apontando para mim com seu galho, cuja ponta soltava fumaça. – Seria bom você pensar em comprar um ou dois manequins menores quando sairmos daqui. Essa cueca está meio grande. E – ela descreveu um pequeno círculo com o galho – compre uma coisa com braguilha de botões. Você está vendendo cachorro-quente?

Cobri-me, esfreguei os olhos e tornei a me deitar.

– Eu gostaria de um café, um pãozinho de canela, meia dúzia de ovos com a gema mole, um bife de contrafilé, bolinhos de batata, mais café, um suco de laranja, uma fatia de torta de limão e um pedaço de torta de maçã, não, traga de pêssego – pedi.

– Posso comer também?

Sentei-me.

– Você não dormiu muito, não é?

Ela deu de ombros.

– Não deu. Você estava muito cansado, chegou a falar dormindo. E suas roupas estavam encharcadas. Não posso fazer muita coisa, mas isto – fez um círculo em torno do fogo com seu galho – eu posso.

– Obrigado. Mesmo.

Vesti-me. Calcei minhas botas quentes, o que me trouxe um sorriso ao rosto, e peguei a machadinha.

– Volto já.

Retornei meia hora depois, com os braços cheios. Fiz mais três viagens. Tinha ouvido dizer que as esposas e mães de algumas tribos africanas eram capazes de passar de três a dez horas por dia, dependendo das circunstâncias, procurando água e lenha.

Nesse momento, entendi por quê.

Aumentei o fogo, derreti um pouco de neve, aqueci uns pedaços de carne e alimentei Ashley e Napoleão. Ela mastigou em silêncio, apontando para o cachorro.

– As costelas dele estão aparecendo.

Sua voz se abrandou, deixando transparecer humor e seriedade.

– As minhas também.

Passamos um tempo calados. O fogo era bom.

– Como vai a perna?

Ashley encolheu os ombros.

Ajoelhei-me, abri o zíper do saco de dormir e deslizei a mão pela coxa dela. O edema havia diminuído e a mancha roxa parara de se espalhar. Dois bons sinais. Ashley me olhou enquanto eu examinava os pontos em seu rosto.

– Preciso tirar esses pontos, antes que a pele cresça por cima deles.

Ela assentiu com a cabeça. Peguei meu canivete suíço, cortei cada um dos pontos e dei início à dolorosa e incômoda experiência de retirá-los. Ashley estendeu a palma da mão, onde fui colocando as suturas. Ela se encolheu, mas não deu um grito.

Quando terminei, cruzou os braços e perguntou:

– Que tal estou?

– Nada que um bom cirurgião plástico não possa consertar.

– Tão ruim assim?

– Uma pomada antibiótica ou óleo de vitamina E seriam úteis quando chegarmos em casa. Atenuam as cicatrizes.

– Óleo de vitamina E?

– Isso. Rachel me fazia passá-lo na barriga dela para reduzir as estrias,

quando estava esperando os gêmeos.

– Aposto que eles sentem sua falta.

– Eu sinto falta deles.

Ashley mudou de assunto.

– Não sei se você já teve tempo para pensar nisto, mas qual é o plano?

– Abrigo e alimento.

Inconscientemente, olhei para meu relógio, esquecido de que ele havia pifado, e disse:

– Estamos numa espécie de planalto – falei. – Ele continua por 1,5 quilômetro ou 2 por entre árvores como estas, depois desce, se bem me lembro. Eu gostaria de chegar lá esta noite. Se o planalto desce, desce para alguma coisa. Estou pensando numa fonte de água. Lago, rio, algo assim. Talvez possamos nos entocar lá por uns dias, para me dar uma chance de encontrar comida.

Ashley olhou para o arco amarrado no alto do trenó.

– Seis flechas bastam?

Encolhi os ombros.

– Não tenho muita escolha – respondi. Esfreguei o peito.

– Minhas costelas melhoraram, mas, quando estico aquela corda até o fim, sinto umas fsgadas. O comprimento da puxada de Grover era maior que o meu, por isso é mais difícil eu puxar e segurar a corda do que deveria ser.

– O que Grover?

– O comprimento da puxada. Cada arco é feito conforme o tamanho do braço do atirador. Como sapatos. Até certo ponto, pode-se usar o tamanho errado, mas não é muito confortável.

Olhei para as nuvens escuras que se aproximavam acima dos picos defronte de nós.

– Parece que hoje vem neve. E muita. Eu gostaria de passar por aquelas árvores antes que o pior dela caia em cima de nós.

Ashley assentiu com a cabeça.

– Eu topo.

Arrumamos tudo depressa, coisa em que já nos tornáramos peritos, e voltei aos arreios antes que tivesse tempo para temê-los. Havia acabado de amarrar as raquetes de neve e dar os primeiros de vários passos quando, atrás de mim, ouvi a chamar:

– Ben?

Parei, sem olhar para trás.

– Sim.

Ela repetiu, mais baixo desta vez:

– Ben?

O tom de voz foi diferente. Virei-me e fui até o trenó, me enrolando nas correias.

– Sim.

Ashley me olhou do seu saco de dormir. A cicatriz acima do olho ficaria boa, mas estava avermelhada e precisava de pomada antibiótica. Ela estendeu a mão e segurou a minha. As tiras de brim da jaqueta de Grover estavam esfiapadas e pendiam das minhas mãos como trapos sujos. Havia numerosos buracos nas minhas luvas e o indicador direito estava para fora. Ashley segurou minha mão e tornou a enrolar a tira.

– Você está bem?

A pergunta se referia a mais do que apenas meus pés ou meu estômago.

Ajoelhei-me e soltei um longo suspiro.

– Estou bem, desde que não pense em nada além do próximo passo. – Abanei a cabeça. – Só um de cada vez.

Ela meneou a cabeça e se preparou para as guinadas e batidas constantes do trenó improvisado.

A neve não tardou. Começou a chegar em flocos do tamanho de moedas logo na primeira hora. A caminhada por entre as árvores nos consumiu mais de três horas. Emergimos onde uma descida íngreme mergulhava numa espécie de vale. É claro que tratar-se de um vale era apenas um palpite, porque, dadas as condições de branco total, eu realmente não fazia ideia.

Paramos sob os galhos carregados de neve de uma árvore perene e peguei o desenho que tinha feito daquela área. Com ele como base, calculei que devíamos estar a uns 12 ou 13 quilômetros do local do acidente, na orla de um vale. Eu sabia que havíamos seguido uma linha de 125 graus, mas também vínhamos desviando para a direita e a esquerda, para contornar pedras, ressaltos, pequenos picos e árvores caídas. Era provável que estivéssemos a uns 4 quilômetros da nossa linha original. Isso era previsível, e não havia muito que eu pudesse fazer. Andar em linha reta numa região inóspita raramente é possível. Andar em direção reta é. Mas há uma grande diferença entre linha reta e direção reta. As duas levam no mesmo sentido, mas não ao mesmo lugar.

As pessoas experientes na leitura de bússolas – e que levam isso a sério, dedicando-se a uma coisa chamada orientação – são capazes de superar os ajustes laterais exigidos pelas circunstâncias e voltar a uma linha reta, o que lhes permite chegar efetivamente a um ponto predeterminado. Eu não era tão bom assim.

Pense da seguinte maneira: ao começarmos, parti num certo grau, 125. Topei rapidamente com um pequeno pico que não pude escalar, de modo que o contornamos. Ao chegarmos ao outro lado, prossegui na direção original – embora, àquela altura, estivéssemos a mais de 1,5 quilômetro da tal linha original. É mais ou menos como andar sobre uma grade. Podemos seguir uma linha, virar à direita, andar três quadrados, depois voltar para a esquerda e

continuar na direção original. Só que já então nos desviamos alguns quadrados da linha original. Assim, embora agora estivéssemos a uns 13 quilômetros do local do acidente, era provável que houvéssemos andado quase o dobro disso, dados os zigue-zagues que as condições nos impunham.

Meu desenho sugeria que ainda estávamos uns 25 a 30 quilômetros da única linha que eu vira no GPS com possibilidade de ser uma estrada de terra para escoamento de madeira, ou uma trilha para excursionistas, ou coisa assim. Fazia quatorze dias que estávamos nisso e avançávamos a passos de tartaruga. Por mais que eu quisesse seguir em frente, precisava providenciar um abrigo e não sair dele até encontrarmos mais comida. Sem alimento, não aguentáramos mais que alguns dias. E depois disso, eu estaria cansado demais para caçar.

Usei a machadinha para arrancar alguns galhos centrais da árvore que nos abrigava e puxei outros para baixo, para nos dar mais proteção, deixando também uma entrada. Cortei mais galhos de uma árvore próxima, alinhei-os na vertical, encostados uns nos outros, e empurrei neve contra a base, usando as mãos como pás. Passei as pontas deles por dentro dos galhos da nossa árvore, para que ela os mantivesse de pé, depois introduzi mais galhos cortados entre os da nossa árvore, improvisando um teto. Em uma hora, ganhamos um abrigo razoável.

Ashley aprovou com um meneio da cabeça.

– Nada mau.

– Eu não gostaria de morar aqui, mas, num aperto, serve.

Meu medo era o que viria a seguir. O arco de pua. Juntei acendalhas, agulhas e gravetos, e até arranquei uns fiapos de uma de minhas meias. Pus a corda no arco e comecei a girar lentamente o fuso num bloco de madeira. Depois de fazer um furo e cortar o entalhe, dediquei-me a movimentar todo o arco. Naquela altitude, precisei de vários minutos para produzir fumaça. Quando consegui, continuei empurrando e puxando o arco. Passados cinco minutos, havia bastante fumaça e pó preto, e tive a impressão de que era o suficiente para criar uma fagulha. Baixei o arco e o fuso, peguei minha tábua e examinei o pó. Talvez funcionasse. Levantei-a, soprei de leve, e apareceu uma brasinha vermelha. Tornei a soprar e foi demais. O pó se espalhou feito poeira.

Recomecei.

Dessa vez, movi o arco por oito ou nove minutos, para me certificar de ter pó suficiente para criar uma brasa. Qualquer pessoa que já tenha feito isso lhe dirá que oito ou nove minutos são tempo de mais. Os usuários experientes do arco são capazes de fazer a coisa toda, do começo ao fim, em dois minutos ou menos. Eu não tinha toda essa experiência.

Baixei o arco, levantei a tábua, soprei de leve, soprei de novo e, dessa vez, subiu uma espiral de fumaça. Soprei mais um pouco, para deixar o carvão vermelho, e então, com delicadeza, coloquei-o dentro do meu punhado de

acendalhas, agulhas e fiapos de meia, tentando não perder a brasa. Soprei mais um pouco. Mais um pouco. Mais um pouco.

Finalmente, uma pequena chama. Soprei-a e ela se espalhou e cresceu, e pus aquele punhado de carvão em brasa dentro do meu cone de gravetos e ramos.

Tínhamos uma fogueira.

Ashley ficou ali, abanando a cabeça enquanto dizia:

– Você é melhor que Robinson Crusoe. Acabou de fazer uma fogueira sem fósforos nem gasolina nem nada. Como sabe fazer isso tudo?

– Quando eu estava fazendo a residência, em Denver...

– Aprendendo a cortar pessoas?

– Na verdade, isso eu já havia aprendido em cadáveres, mas vinha cortando um bocado. – Um sorriso. – Rachel e eu passávamos muito tempo nas montanhas. Podíamos dizer que era uma diversão barata. Enfim, um dia ela teve a ideia maluca de que, numa das nossas excursões seguintes, não levaríamos nada com que fosse possível fazer fogo. Nada de fósforos, fluido de isqueiro, gasolina nem fogão portátil. Ela disse que íamos fazer isso à moda antiga. Se não conseguíssemos gerar calor, ficaríamos com frio. Assim, comprei uns livros, li sobre o assunto, olhei as fotografias e experimentei algumas vezes. Cheguei até a ligar para um chefe de escoteiros local para ele me dar umas aulas. Fomos acampar e eu descobri o que funcionava e o que não funcionava. Em parte, aprendi a fazer fogo.

– Lembre-me de agradecer a ela quando a encontrar – disse Ashley, e apontou para mim. – Onde você aprendeu a ficar com a boca desse jeito?

– O que você quer dizer?

– Toda vez que se concentra em alguma coisa, você faz uma cara assim... – Ashley flexionou um lado do rosto, como se houvessem amarrado uma corda desde a sobrancelha direita até a bochecha, prendendo-a no canto da boca, e depois puxado tudo para cima. – Assim.

– Fico com essa cara de dor?

– Não sei. Parece cara de dor?

– Muito.

– É provável que não. Você faz uma cara que mais parece... de burro.

– Obrigado. Vou me lembrar disso da próxima vez que você precisar de ajuda nas suas necessidades.

Ela riu.

– As suas enfermeiras fazem troça de você?

Levantei o lado direito do rosto.

– Elas não enxergam por baixo da máscara.

Ashley deitou a cabeça, fechando os olhos. Desceu o silêncio à nossa volta, e eu me dei conta de que me acostumara ao som da voz dela. E, pela primeira

vez, o silêncio me deixou pensando se eu sentia falta dessa voz quando ela não soava no ar.

Como nosso abrigo era inteiramente feito de sempre-verdes, tinha um aroma fresco e limpo.

– Esta é a casa mais ecológica em que já estive – comentei.

– É. É verde mesmo – concordou Ashley, rindo.

Era aquecida e confortável, e os galhos no alto eram excelentes para prover abrigo, além de puxarem a fumaça. Já era fim de tarde, mas, como ainda restavam duas horas de luz diurna, vesti o casaco, amarrei as raquetes de neve e peguei o arco.

– Vou dar uma olhada por aí.

– Vai demorar?

– Uma hora, talvez.

Olhei para Napoleão.

– Volto já. Faça companhia a ela.

O cãozinho girou num círculo e se escondeu no saco de dormir de Ashley.

O problema de um abrigo como o que eu acabara de construir era que as pessoas que o faziam entravam, se acomodavam, montavam uma fogueira e ateavam fogo em tudo, levando a coisa a ruir em cima delas. Em função da perna, Ashley não conseguiria sair, o que tornava a situação realmente perigosa.

– Cuide do fogo – falei, apontando um dedo para ela. – Não o deixe crescer muito. Se deixar, você vai pôr fogo na nossa árvore de Natal, o que incluiria você mesma, porque duvido que conseguisse sair. Você tem uma ótima barricada aqui. E mantenha aquela neve ao alcance da mão. Se o fogo aumentar muito, jogue uns punhados em cima. Só não exagere. Não convém apagar a fogueira. Apenas torne a reduzi-la um pouquinho. Combinado?

Ashley assentiu com a cabeça, fez uma bola de neve e a atirou em mim.

Subi uma pequena crista de montanha. A face oposta, ao abrigo do vento, tinha uma cobertura menor de neve. Brotos de grama mortos e pedras cobertas de gelo salpicavam o chão, lembrando chiclete numa calçada. Talvez fezes de aves fossem uma imagem melhor.

Meus pulmões me diziam que ainda estávamos acima de 3 mil metros de altitude. O ar era rarefeito e, apesar de estarmos nessa batalha fazia duas semanas, eu ainda não me acostumara. Ainda me apanhava respirando fundo quando estava quieto. Acho que isso vem de viver ao nível do mar. Estava menos difícil respirar, mas ainda não era fácil.

A neve parara de cair e as nuvens tinham sido levadas pelo vento. O céu estava cinza, mas com teto alto, e eu podia ver todo o vale estendido diante de nós. A crista em que eu me encontrava formava uma meia-lua em torno de um vale maior, abaixo. Talvez uns 30 a 40 quilômetros quadrados, ao todo. Arroios e

córregos congelados serpeavam entre as árvores, formando rugas na face da terra. A não ser pela elevação ou ondulação ocasional de um morro, era quase tudo plano. “Plano” era um termo relativo naquela região, mas o lugar era certamente melhor do que onde estivéramos.

A uns 200 metros do nosso abrigo, cheguei a uma pequena saliência de rocha, sentei-me, fechei o zíper do casaco para me proteger do vento e estudei a paisagem. Pus as mãos em concha em volta dos olhos, para que isso me ajudasse a focá-los, e esquadrinhei quase cada metro quadrado, perguntando a mim mesmo se alguma coisa vista por mim sugeria a possibilidade de ter sido feita por mãos humanas. Fui fazendo isto até ficar com frio e a luz começar a esmaecer.

Quando desbotava um restinho de luz, vislumbrei uma coisa marrom. Parecia o tronco de uma árvore alta, só que era horizontal, próximo das copas das árvores. Estreitei os olhos, cheguei até a virar a cabeça de lado, na tentativa de obter uma visão melhor. A coisa era difícil de discernir, mas merecia uma segunda olhadela. Abri a bússola, fiz uma leitura de 97 graus e girei o marcador de plástico do mostrador para 97 graus. Valia a pena ser redundante.

Recomecei a voltar quando caía a escuridão. Uns 20 metros à frente, uma coisa branca cruzou minha trilha feito um raio. Encaixei uma flecha no arco e esperei algum sinal de movimento. Cinco minutos de espera. Então, um pulinho. Seguido por outro. Ali, um coelhinho branco. Orelhas compridas, patas grandes, encurvado e saltitando sob as árvores.

Puxei a corda, mirei no centro do coelho, soltei um pouco a respiração e apertei o gatilho. No instante em que a flecha partiu do arco, o coelho saltou uns 15 centímetros. Minha flecha passou por ele, inofensiva, e se enterrou na neve. O coelho deu mais dois pulos e desapareceu.

Procurei a flecha, mas escavar a neve era doloroso para minhas mãos empoadas e rachadas. Decidi deixar para o dia seguinte.

Ashley mantivera o fogo quente e crepitando. Conseguira até ferver um pouco de água e aquecer o que beirava o finzinho da nossa carne. Restava o bastante para um dia, talvez. Ela olhou para o arco e deu pela falta da flecha.

– Que aconteceu?

– Ele pulou.

– E se não tivesse pulado?

– Tenho certeza de que hoje jantaríamos coelho.

– De agora em diante, quem sabe você deva me deixar segurá-los enquanto atira.

– Se você puder pegá-los, topo qualquer coisa.

Ashley riu.

– Escute, você gostaria de dar uma volta? – sugeri.

Ela arqueou as sobrancelhas.

– Sério?

– Sim. Se você puder se apoiar em mim, acho que conseguimos chegar a uma saliência de pedra. Preciso dos seus olhos.

– Viu alguma coisa?

– Talvez. Talvez não. É difícil dizer. Não quero arriscar sem nós dois olharmos.

– O que estamos arriscando?

– Eu havia pensado em continuarmos tentando baixar de altitude, mas essa coisa que eu vi nos manteria no planalto por alguns quilômetros. É uma mudança de direção de dois ou três dias, seguida por outros três ou quatro para compensar o terreno perdido. Sete dias fora do caminho, se eu estiver errado.

Eu não precisava dizer que, na situação vigente, já estávamos flertando com o limite. Uma semana a mais poderia nos matar. Talvez já estivéssemos mortos sem saber.

– O que é a coisa?

– Não sei direito. É meio parecida com uma árvore, só que deitada ao nível das copas. É uma linha horizontal num mar de verticais.

– É seguro eu andar?

– Não, e o trenó jamais conseguiria chegar lá. Iremos devagar. Um passo de cada vez.

– Confio em você. Se acha que devemos ir.

– Não é uma questão de confiar. É que quatro olhos são melhores que dois.

– Quando você quer ir?

– Assim que clarear. Talvez o sol nascente seja a nossa melhor chance.

Levar Ashley à saliência de pedra era arriscado, mas decidir nossa direção também era. Ao deixarmos o local do acidente pela primeira vez, tudo era imprevisível. Mas agora, que estávamos empenhados e longe demais do local para refazer nossos passos, precisávamos decidir juntos. Na semana seguinte de caminhada, nossa sobrevivência ou nossa morte dependeriam, em grande medida, da direção que tomássemos.

Eu também sabia que precisávamos de um golpe de sorte.

Entramos nos sacos de dormir e ficamos observando a chama iluminar a parte inferior dos galhos da árvore. Foi a primeira vez que senti calor, e tive de abrir o zíper. Depois de ingerir algum alimento, voltei a atenção para a perna de Ashley. O edema se reduzira e a formação de nós e tecido cicatricial era visível em torno da fratura. Tudo isso era bom sinal.

Sentei-me de frente para ela, pus seu pé bom no meu colo e comecei uma massagem funda no arco do pé, na panturrilha e, por fim, no tendão do jarrete e no quadríceps, para forçar a circulação.

Ashley me encarou.

– Tem certeza de que não estudou massoterapia?

– Você está deitada há duas semanas. Precisamos fazer o sangue fluir. Se tentar ficar de pé agora, é provável que você pareça um João-teimoso.

– Um o quê?

– João-teimoso. Aquele boneco inflável que balança, mas não cai.

Afundi o polegar na lateral da sua nádega direita. Foi doloroso e ela se encolheu, mas enfim soltou um suspiro profundo e o músculo relaxou.

A gente pode olhar para uma pessoa e pensar uma coisa, mas, quando põe as mãos nela, fica realmente sabendo do que ela é feita. Ashley era toda músculos. Longos, magros, flexíveis. Era o que salvara sua vida, provavelmente. No lugar dela, uma pessoa comum teria se quebrado toda.

Com delicadeza, passei para o pé esquerdo, tomando o cuidado de não girar a perna. Só precisava chegar aos músculos do pé e da panturrilha, para forçar o fluxo sanguíneo.

– Eu detestaria ver você zangada e me dando chutes quando sua perna sarar. Você é toda músculos.

– Não é bem assim que me sinto, deitada aqui.

– Vai voltar. Em algumas semanas, você estará nova em folha.

– Sua mulher é boa corredora?

– A primeira vez que a vi, no ensino médio, achei que ela era a coisa mais fluida que eu já tinha visto. Era com ver a água andar. Ela simplesmente flutuava pela pista. Os pés mal tocavam o chão.

Ashley se encolheu quando trabalhei mais fundo a musculatura da panturrilha.

– Quando voltarmos, você tem que ensinar o Vince a fazer isso.

Ela jogou a cabeça para trás e prendeu a respiração. Ao soltá-la, acrescentou:

– Falando sério, onde você aprendeu isso?

– Rachel e eu continuamos a praticar corridas durante o curso de medicina. Na falta de outra opção, viramos treinadores um do outro. E ela precisava disso, porque herdou da mãe uns pés bem engraçados.

– Como assim?

Toquei na parte externa do seu pé, logo abaixo do dedão.

– Joanetes.

– Você realmente massageava os joanetes da sua mulher?

Afundi o polegar com força no arco do seu pé, fazendo os artelhos se dobrarem.

– Acha difícil acreditar nisso?

Ela meneou a cabeça.

– Isso é que é amor doentio de verdade.

– Vince não massageia os seus pés?

– Nem se eu lhe der luvas de borracha.

– É melhor eu conversar com esse cara.

Ashley estalou os dedos.

– Está aí uma boa ideia. E, já que está fazendo uma lista, acrescente aquele treco que você fez com o pauzinho para fazer fogo.

Abanei a cabeça e sorri.

– Não.

– Por que não?

Voltei a lhe calçar a meia e repus seu pé dentro do saco de dormir.

– Porque prefiro convencê-lo a fazer outra coisa primeiro.

– O quê?

– Comprar um telefone via satélite.

Não sei o que foi melhor, se o fogo ou o som da risada dela.

CAPÍTULO 26

AQUECIDO PELO FOGO, permaneci acordado, contemplando outro jato cruzar o céu alto demais para nos ver. Ashley dormia. Roncava baixinho. Uma brisa suave se infiltrou por nossa árvore, repuxou os galhos acima de nós e acrescentou uma cintilação extra a um céu iluminado por 10 bilhões de estrelas. A decisão do dia seguinte me preocupava. Será que eu vira mesmo alguma coisa, ou, depois de quinze dias, desejava tanto isso que minha cabeça tinha enganado meus olhos?

O som me acordou. Pés triturando a neve. Um barulho que lembrava duas pessoas resmungando e estalando os lábios. Fosse o que fosse, tinha de ser pesado, porque, quando pisoteava a neve, realmente a fazia estalar. Compactando-a com força. Estendi a mão para chamar Ashley, mas a mão dela encontrou a minha a meio caminho.

Saí do saco de dormir, peguei o arco, encaixei uma flecha na posição e me agachei entre Ashley e a porta. A mão dela ficou pousada na minha nuca. Meu hálito criava nuvens brancas. O frio voltara. Minha pele estava arrepiada. A menos de 1,5 metro, a coisa descreveu um círculo atrás de nós, farejando, grunhindo, e então ouvi a batida de uma coisa dura em outra.

Galhada.

Ouvi uma galhada roçando nos galhos da árvore. Respirei fundo e relaxei. Ashley entendeu a deixa e tirou a mão do meu pescoço. A coisa roncou, tornou a roncar, soltou um grunhido alto, que nos assustou, e saiu correndo.

Depus o arco e voltei para meu saco de dormir.

Ashley quebrou o silêncio.

– Ben?

– Sim.

– Você pode dormir aqui?

– É claro.

Levantei o saco de dormir e o deslizei para junto do lado direito dela. Ashley afundou no seu, deixando apenas os olhos e a boca à mostra, e apagou. Fiquei acordado, escutando, vendo minha respiração elevar-se como sinais de fumaça. Aquilo me fez lembrar uma das canções do *Peter Pan* da Disney. Acho que a cantei por um tempinho, o que me fez rir. Deve ter sido a altitude, misturada com

a fome.

Alguns dias depois, tornei a acordar. Havia cabelo no meu rosto. Cabelo humano. E tinha cheiro de mulher. Uns fios me faziam cócegas no nariz. Outros davam a sensação de seda na minha face. Meu primeiro impulso foi me mexer. Chegar para o lado. Respeitar o espaço dela.

Mas não o fiz.

Fiquei ali, aspirando. Roubando o aroma. Inalações lentas, seguidas por exalações longas e silenciosas. Recordando o que era cheiro de mulher.

E gostei.

Ashley virou a cabeça, encostando a testa na minha. A respiração no meu rosto. Cheguei mais perto e enchi os pulmões devagar. Depois, tomando o cuidado de não acordá-la, repeti a operação. Passei muito tempo fazendo isso.

Em algum momento, adormeci, sentindo-me culpado e saudoso.

Estava escuro quando acordei. A lua estava alta e brilhante filtrava-se pelos galhos da árvore perene acima de mim e lançava uma sombra cheia de agulhas sobre a neve. O fogo havia apagado, mas as brasas persistiam. Soprei-as, deixando-as vermelhas, acrescentei acendalhas e, em segundos, surgiu uma chama.

Ashley se espreguiçou. A luz da fogueira projetou sombras alongadas em seu rosto. Ela já era magra e havia perdido muito peso. Talvez uns 10 quilos. Tinha os olhos encovados, com olheiras escuras, o branco dos olhos lembrava um mapa de estradas vermelhas, e o hálito era ruim – o que significava que seu corpo estava se devorando por dentro.

O meu não estava melhor.

Vesti-me, ajudei-a a fazer o mesmo e, depois de agasalhá-la bem, empurrei-a para fora da entrada. Só pude puxar o trenó por uns 100 metros, até o ângulo ficar íngreme demais e eu ter de colocá-la de pé. Ela passou um braço em volta do meu pescoço. Coloquei-a à minha direita, para que a perna doente ficasse entre nós.

Ela se encolheu quando o peso do pé repuxou a fratura.

– Esta sensação não é boa.

– Quer sentar-se, voltar?

Ela abanou a cabeça.

– Não. Vamos continuar.

Seguimos sem pressa. Um passo, depois outro. Napoleão ia atrás, saltitando sobre nossas pegadas. Contente por sair.

Com a mão livre, Ashley segurava a minha, e seguimos juntos, passo a passo. O percurso que me levava vinte minutos nos tomou quase uma hora, mas chegamos sem incidentes. Sentei-a no ressalto de pedra, com o panorama estendendo-se à nossa frente, e ela vasculhou os 160 a 180 quilômetros quadrados

diante de nós. Meneou a cabeça, dizendo:

– Em outras circunstâncias, isto seria lindo.

Nivelei a bússola sobre a perna, deixei a agulha parar e aponteí por sobre o tapete de sempre-verdes para uma cordilheira distante.

– Está vendo aquela coisa que parece marrom? Meio achatada, estendida na altura da copa das árvores, logo à esquerda daquele cume coberto de neve?

Napoleão pulou para o meu colo, fitando o vale lá embaixo.

Ashley pôs as mãos em concha em volta dos olhos.

– Só vejo árvores cobertas de neve.

Esperei que ela estudasse o horizonte. Estávamos em busca de um pontinho a uns 15 quilômetros de distância. A proverbial agulha no palheiro.

– Está vendo?

Ela confirmou com a cabeça.

– Sim.

Calou-se por um minuto.

– Como foi que você conseguiu ver isso? – perguntou.

– Não sei.

– É difícil de discernir.

– Espere uns dez minutos. Quando a luz direta do sol começar a subir acima das cristas, vai iluminar seja o que for. Se for alguma coisa feita por mãos humanas, veremos algum tipo de reflexo estranho à paisagem.

Assim, aguardamos. Tentando não olhar tanto para a coisa a ponto de perder a perspectiva. Como uma palavra que repetimos sem parar, até ouvirmos apenas o seu som e esquecermos o que ela significa. A luz do sol desceu engatinhando do cume da montanha, em direção ao vale, empurrando à sua frente uma sombra tênue.

Ao fazê-lo, desvendou o que havia diante de nós. Um vale imenso, delimitado em três lados por montanhas íngremes e de silhueta denteada. No meio do vale flutuava um mar de árvores perenes, entrecruzadas por rios e pequenos lagos e lagoas. Muitas árvores haviam morrido. Milhares delas, despojadas da casca e embranquecidas pelo sol, erguiam-se como silenciosas sentinelas. As que haviam caído se espalhavam pela floresta num labirinto retorcido e anguloso, de proporções bíblicas.

– Como se chama aquele jogo em que a pessoa pega uma porção de palitos compridos, junta-os num maço e deixa todos caírem numa pilha confusa? – perguntei.

– Pega-varetas.

– Isso mesmo. – Abarqueei com um gesto o mar verdejante diante de nós. – Parece que Deus ia brincar com seu gigantesco pega-varetas, mas foi chamado a outro lugar logo depois de começar o jogo.

Ashley riu.

Pouco antes de o sol ficar brilhante demais e o reflexo na neve obscurecer a imagem que examinávamos, a coisa marrom lampejou. Ou tremeluziu. Com um reflexo cintilante mais abaixo, talvez.

Sem virar a cabeça, perguntei:

– Está vendo?

– Sim. Não sei se pode ter sido algum reflexo do gelo e da neve ou se foi alguma outra coisa.

– Está bem... olhe para a direita. Está vendo aquela clareira?

– Sim.

– Talvez seja um lago congelado.

– Aonde você quer chegar?

– Bem... se eu fosse construir uma casa, um acampamento ou alguma coisa na montanha, e se quisesse mesmo me afastar das outras coisas, eu escolheria um planalto assim, de preferência perto de um lago, para erguer a construção.

– Faz sentido.

O sol se elevou, ganhou mais luminosidade, e o brilho de doer os olhos obscureceu nossa visão. Voltei-me para Ashley.

– O que você acha?

Apontei para nossa linha original, que nos levaria para uma altitude inferior e para fora do vale que estávamos vendo.

– Naquela direção fica a altitude mais baixa. É provável que seja mais quente. Com certeza seria mais fácil respirar. Só não sei aonde ela leva nem de quanto tempo precisaríamos para chegar lá.

Descrevi um amplo arco para a esquerda, através do vale, até a imagem ao longe.

– Do outro lado do vale de palitos de pega-varetas há muita neve funda, árvores e, abaixo da superfície, regatos congelados que poderiam me engolir. Se aquela coisa lá não for nada, vai nos custar a distância de ir até lá, e depois, a muito custo, pegar um vetor de retorno pelo outro lado desse troço, até a brecha nas montanhas por onde parece que podemos descer para uma altitude inferior.

– Isso é que se chama dilema – disse ela.

Concordei, balançando a cabeça.

– Quanta comida nós temos?

– Se esticarmos?

– Sim.

– Talvez o suficiente para um dia. Um dia e meio, se não nos importarmos de ficar com um pouco de fome.

– Por quanto tempo você aguenta, depois que ela acabar?

– Talvez eu consiga continuar respirando por uma semana, mas meu nível de energia vai diminuir. Se eu estiver puxando o trenó... – encolhi os ombros – não tenho certeza.

– Parece que, na falta de outro afluxo repentino de comida, teremos energia suficiente para entrar no vale e atravessá-lo com o que está armazenado no nosso corpo neste momento. E, se chegarmos ao outro lado sem encontrar comida, talvez ele seja um bom lugar para nos aninharmos e dormirmos por muito tempo.

– Se é assim que você quer se expressar.

– Você tem um jeito melhor?

– Na verdade, não.

– E se você me deixasse aqui e fosse fazer a sondagem sozinho?

– Pensei nisso. Admito que eu poderia chegar lá muito mais depressa, mas não há garantia de que consiga fazê-lo em segurança nem de que possa voltar para você. Se eu cair, me machucar ou for comido por um puma, você nunca saberá, e nós dois morreremos sozinhos, com uma porção de perguntas sem resposta. Não estou disposto a correr esse risco.

– E se eu estiver?

– A escolha não é sua.

– Por que não?

– Porque sou eu quem tem de atravessar aquilo ali. E caminhar de volta.

– E se eu lhe pedisse?

– Eu recusaria.

– Por quê?

– Digamos que eu chegue lá, fique no alto daqueles cumes e veja uma casa, ou uma estrada, ou alguma coisa, qualquer coisa, do lado de lá. Ai terei de tomar a decisão de rumar para esse lugar. O que me afastará de você por vários dias mais. Quando eu encontrasse ajuda e voltasse, você jamais saberia, porque teria morrido.

– Mas você teria conseguido.

Abanei a cabeça e disse, taxativo:

– Não vou correr esse risco.

– Pensei que estivéssemos juntos nisso.

– Estamos, e é por isso que não vou sair daqui sem você.

Encarei-a.

– Ashley, isto não é brincadeira. Nós... nós dois vamos seguir por um caminho ou pelo outro. É ou isto ou aquilo, não talvez e “e se”.

Ela fechou os olhos, fazendo as lágrimas rolares livres por sua face, e falou sem me olhar:

– Faz quinze dias que estamos nesta situação. Em algum momento, vamos simplesmente prolongar o inevitável. Se é assim, e se você pode ir muito mais longe sem mim, você tem que tentar. A salvação de um de nós é melhor do que nós dois morrermos.

– É aí que você se engana. Não vou fazer isso.

– E se eu me recusar a ir? E se eu lutar com você?

– Nesse caso, dou-lhe uma pancada na cabeça, amarro você no trenó e a arrasto, com objeção e tudo. Agora chega. Não vou deixá-la.

Ficamos sentados lado a lado. Contemplando um futuro penoso. Ela trançou o braço no meu e deitou a cabeça no meu ombro.

– Por que você está fazendo isso?

– Tenho minhas razões.

– Um dia desses, você tem que me ajudar a entendê-las, porque elas não fazem o menor sentido.

Levantei-me e a puxei, para erguê-la sobre os dois pés.

– Depende.

– De quê?

– De você olhar para isso pelos meus olhos ou pelos seus.

Começamos a caminhar de volta. Com cautela, Ashley pôs um pé à frente do outro, agarrada a mim. Na metade do trajeto, deixei-a descansar, enquanto desenterrava minha flecha.

– Parecemos duas pessoas numa corrida de sacos – comentou Ashley, quando retomamos a caminhada.

Fiz que sim, observando onde ela punha o pé. Se escorregasse, seus reflexos entrariam em ação e ela tentaria se segurar com a perna quebrada. Se fizesse isso, desmaiaria de dor. Era o que eu precisava evitar.

Ashley se agarrou a mim, respirando fundo. As duas semanas deitada de costas cobraram seu preço.

– Tenho que parar – disse, virando de frente para mim. Duas crianças dançando.

Ela riu.

– Você vai meter as mãos nos bolsos dos meus jeans?

– Não, mas nós formamos uma boa dupla.

Ela assentiu balançando a cabeça.

– Se Vince e eu tentássemos andar daqui até aquele ressaltado, acabaríamos de costas no chão, eu desesperada de dor, tentando asfixiá-lo com neve pela goela abaixo por ter-me deixado cair.

– Sem querer me meter, toda vez que você fala dele, você dá a entender que os dois são diferentes, não parecidos. Não compatíveis. Qual é o problema?

– Somos diferentes, é verdade. Mas gosto de estar com ele. Ele me faz rir. E temos muitas coisas em comum.

– Tem gente que vai ao abrigo de animais e escolhe cães por motivos parecidos com esses. Não almas gêmeas para conviver por setenta anos.

– Está bem, Sr. Conselheiro Sentimental. Que motivo você escolheria?

– Amor.

Ashley pareceu pensativa.

– Amor desse tipo só acontece com uns poucos eleitos. Quanto ao resto de nós, é melhor ficarmos com o que é possível, enquanto é possível. Senão...

– Senão o quê?

– Senão acabamos esperando por um conto de fadas que nunca se realiza.

– Mas... e se você pudesse ter o conto de fadas... mas consegui-lo significasse esperar por ele?

– Como em *Uma linda mulher*? Sempre tentaram me convencer dessa história, a minha vida inteira. Procurei por ele, esperei, tentei ser exigente, sem pular no primeiro trem que passasse na estação. Só que não caio nessa. Todos os que prestam já são comprometidos. Caras como Grover e você... Nunca tive muita sorte para achar um desses.

– Só estou dizendo que acho que você...

– Eu o quê?

– Você se desvaloriza, se vier a se contentar com um casamento que é menos do que você esperava. Você merece mais. Merece coisa melhor.

– Ben Payne... você está flertando comigo?

– Não, só estou dizendo que acho você admirável e que, se Vince não é assim, se não é admirável e não a deixa empolgada, então, com todo o respeito, não se case com ele.

– É fácil para você dizer isso. É casado há 15 anos e não tem que enfrentar a perspectiva de competir num mercado em que a demanda é alta e a oferta é baixa. E não é que Vince não me empolgue...

– Eu nunca disse que era fácil. Só acho que você merece... alguma coisa, ou alguém, estelar.

Ela sorriu.

– Obrigada. Vou me lembrar disso.

Estendeu a mão e coçou minha barba.

– Você tem uns fios grisalhos aqui.

– O tempo faz isso. Junto com...

– Com quê?

– Com as curvas do caminho.

Chegamos ao abrigo e repassei nossa conversa. Minhas palavras me atingiram como um tijolo. As coisas tinham mudado. O tempo e as curvas do caminho tinham feito isso também.

Arrumei as coisas no trenó, reacomodei Ashley no seu saco de dormir e preendi os arreios.

Ela me deteve.

– Tudo bem com você? Está parecendo pálido.

Fiz que sim com a cabeça, mas não olhei para ela. Meu rosto me trairia.

CAPÍTULO 27

DEIXAMOS O ABRIGO e partimos. A neve estava congelada, dura na superfície, o que facilitava minha tarefa de puxar. Ashley estava calada. Cansada. Não parecia bem. Esquelética. Encovada. Precisava de nutrientes. Seu corpo vinha trabalhando dobrado na tentativa de sobreviver e de cicatrizar os ferimentos.

À luz do sol, examinei as pegadas do lado de fora e elas confirmaram o que eu havia suposto. Alce. Xinguei-me por não ter saído de fininho e tentado um tiro com o arco. Mesmo um alce pequeno nos alimentaria por semanas.

Ashley me ouviu e disse:

– Você não sabia o que era. E se fosse um urso-pardo?

– É provável que eu estivesse morto.

– Então, você tomou a decisão certa.

– É, mas agora poderíamos estar comendo.

Ela fez que sim.

– É, e o urso-pardo poderia estar lambendo as patas, depois de jantar você e me comer de sobremesa.

Olhei bem para Ashley.

– Você assiste a filmes de terror?

– Não, por quê?

– Você tem umas ideias meio mórbidas.

– Comecei como redatora de um jornaleco da cidade, fazendo a cobertura policial. Acho que vi um excesso de fotos do que aconteceu com gente que achou que isto ou aquilo não eram o que eram. Às vezes, é melhor não investigar o barulho no corredor.

Pus Napoleão no peito dela e o cachorro me deu um beijo no rosto. Ajeitei as botinhas improvisadas nas patas dele e cocei sua cabeça. Ele se virou, enfurnou-se no saco de dormir e desapareceu. Fiz meia-volta, apertei os arreios e comecei a puxar. De todos os dias que tivéramos até então, esse prometia ser o mais longo.

Ao se aproximar a hora do almoço, tínhamos percorrido uns 3 quilômetros, talvez. Uma boa distância, mas que me cobrara um preço.

Ashley rompeu o silêncio:

– Ei, por que não descansa um pouco?

Parei, com as mãos nos joelhos, soltando o ar com o corpo vergado, e assenti.

– Boa ideia.

Soltei a trava do cinto de segurança e empurrei o trenó para uma areazinha plana sob duas árvores.

Dei um passo e não tive tempo de reagir.

O chão cedeu, dobrou quase ao meio as duas raquetes de neve e me engoliu até o pescoço. O impacto sacudiu minhas costelas e me tirou o fôlego. Água corria pelos meus pés e canelas, até os joelhos. Senti os pulmões cheios, embora estivesse sem ar.

Num reflexo, virei-me e agarrei qualquer coisa que impedisse minha queda. Segurei o trenó. Isso o fez virar de lado e jogar Ashley e Napoleão para fora, gritando e ganindo.

Dei impulso para cima, para me arrancar do buraco que me sugava e do rio no fundo dele. Todos os lugares em que eu apoiava os pés cediam e, quando eu forçava com o lado direito, a dor no meu peito atingia o auge e distribuía espasmos pelo meu corpo. Parei, recompus-me e me impulsionei uma vez. Depois outra. E mais outra. Centímetro a centímetro, fui saindo devagar do buraco. A neve molhada parecia areia movediça.

Por fim consegui me içar e me joguei na neve. Ashley estava caída a mais de 1 metro de distância, respirando fundo, tensa, com os punhos cerrados, os nós dos dedos brancos, os lábios comprimidos. Rastejei até ela, examinando suas pupilas. Era ali que o choque apareceria primeiro.

Ela me olhou de relance e tornou a voltar a atenção para um pontinho no céu em que havia se concentrado. Era uma técnica que havia aprendido no taekwon do.

Eu havia me encharcado da cintura para baixo. Estávamos machucados, não tínhamos fogo, eu não podia me secar e levaríamos pelo menos mais um dia para atravessar aquele vale dos infernos. Eu conseguia andar de roupa molhada. Ela congelava, o que era melhor do que ficar grudada em mim. Mas botas molhadas eram outra história. Virei-me e olhei para o trenó. Havia um buraco. No momento em que eu o agarrara, virando-o e derrubando Ashley, o trenó improvisado tinha se prendido em alguma coisa que abria um grande furo na parte situada logo abaixo dos ombros de Ashley.

Escorei a cabeça dela, abri seu saco de dormir e examinei cuidadosamente sua perna. O tombo não voltara a quebrá-la, o ângulo do pé não se alterara, mas ela torcera todas as inserções doloridas e os ossos que haviam começado a se recuperar. O edema aumentou bem diante dos meus olhos.

Eram poucas as nossas opções.

Eu poderia abrir uma caverna na neve, na qual entraríamos, nos

enfiaríamos nos sacos de dormir e ficaríamos enfiados, mas isso só adiaria o problema. Quando saíssemos, minha roupa e, mais importante, minhas botas continuariam molhadas ou congeladas, não teríamos avançado nada e sentiríamos muito mais fome. Meu tronco estava bem e meu casaco continuava dobradinho no saco de dormir de Ashley, mas eu não tinha um par de meias extra, porque meus dois pares estavam nos meus pés, para me manter aquecido. Ou essa fora a intenção. E o fundo, que era a parte mais crucial do trenó, agora tinha um buraco. Se eu tentasse puxar Ashley, ele se cravaria na neve feito um arado.

Se eu pudesse enxugar os pés, aquecê-los e mantê-los secos, poderia andar sentindo frio nas pernas. Nesse momento, o único outro par de meias enxutas estava nos pés de Ashley. Assim, a questão era como mantê-las enxutas e, mais importante, como consertar o trenó.

Afundi a cabeça nas mãos. Se nossa situação tinha estado difícil uma hora antes, talvez até dramática, agora ela beirava o inimaginável.

Eu não dispunha de uma solução, mas sabia que tinha de me movimentar. Já começava a bater os dentes.

Sentei-me, tirei as polainas, as botas e os dois pares de meias.

– Sei que, provavelmente, você não está com vontade de falar comigo neste momento, mas posso pedir emprestadas as suas meias?

Ela assentiu com a cabeça. Os nós de seus dedos continuavam brancos.

Tirei as meias dos seus pés, os quais envolvi no meu casaco e repus delicadamente dentro do saco, fechando o zíper.

Os dois sacos de dormir vinham dentro de uma bolsa com fechamento por cordão. Quando eles são acolchoados, é fundamental mantê-los secos, caso contrário, eles perdem toda a capacidade de isolamento. Por isso, a maioria dos sacos de boa qualidade vem dentro de uma bolsa quase totalmente impermeável.

Tirei as duas bolsas da mochila, onde repus meu saco de dormir, calcei as meias de Ashley, enfiar os pés nas bolsas secas, amarrei as alças de compressão nas panturrilhas, afrouxei os cadarços das botas, calcei-as, amarrei os cadarços, depois coloquei as polainas embaixo das pernas das calças. Era uma solução precária, mas foi a única em que pude pensar naquele momento. Dei alguns passos. Era como se andasse com botas lunares.

Olhei para as raquetes de neve e concluí que eram irrecuperáveis. Ambas haviam dobrado ao meio, entortando as armações. Estavam prestes a se partir em duas. E o trenó era um problema muito maior.

A perna de Ashley tinha que permanecer na horizontal. Eu não poderia simplesmente pegá-la no colo e carregá-la, porque a pressão do meu braço sob o seu fêmur, além de causar uma dor excruciante, poderia tornar a quebrá-lo. O trenó era essencial.

Eu precisava de algo para remendar o buraco. Não tinha nada além de uma

mochila e duas raquetes de neve quebradas.

Mas as raquetes me chamaram a atenção. As redes que eu usara como base ao fazê-las tinham sido dobradas duas vezes, para aguentarem meu peso. Se eu as desdobrasse...

Foi o que fiz, e prendi as laterais a ambos os lados do trenó. Isso impediria que Ashley escorregasse pelo buraco, mas não que a neve entrasse aos borbotões. Minha única alternativa era levantar uma extremidade do trenó e prendê-la a mim pelos arreios. Isso levantaria da neve a cabeça e os ombros de Ashley, e significaria eu ter que arrastar a parte de trás, deixando na neve duas marcas fundas. Como trilhos ferroviários.

Comparado a deslizar o trenó pela neve, seria muito mais difícil. E, o que talvez fosse pior, sacolejaria duramente Ashley – ou seja, seria doloroso, além de imensamente mais lento.

Mas não vi outra saída.

Peguei o que restava da nossa comida e a dividi com ela.

– Tome, pode ser que isto a distraia da dor. Mas vá devagar. São os últimos pedaços.

Comi meus três pedaços, o que só me deixou mais faminto. Amarrei o trenó mais alto nos arreios, fechei a fivela do cinto de segurança e pus um pé adiante do outro. Reajuste as correias e repeti a operação. E a repeti de novo.

Só parei quando não consegui mais andar.

Lembro-me da neve até os joelhos, de tropeçar mil vezes, de rastejar sobre os cotovelos, de puxar agarrando-me a troncos de árvores com as mãos empoladas e geladas, e do atoleiro de mais neve do que eu jamais tivera a expectativa de ver. Lembro-me de andar a tarde inteira, de atravessar o crepúsculo e o início da noite, quando a lua despontou. Lembro-me de que ela brilhou e projetou minha sombra na neve. Lembro-me da luz das estrelas e da aproximação de nuvens baixas. Lembro-me do meu hálito soprando um frio cortante. E me lembro de ter andado um pouco mais. Com a bússola pendurada no pescoço. Eu a segurava na palma da mão, deixava a agulha parar e apenas seguia a seta. A seta de um verde vivo, que brilhava no escuro. Rachel pagara 100 dólares por ela, dez anos antes. Agora ela valia 10 mil.

Acordei de bruços na neve. Tudo negro como breu, sem lua nem estrelas, e o lado direito do meu rosto estava frio, mas, graças à barba, não congelado. Minhas mãos estavam com câibra, de tanto segurar a frente do trenó, tentando impedir que a cabeça de Ashley batesse de um lado para outro. As tiras cortavam meus ombros e eu mal sentia as pernas.

Eu me levantei, tentei avançar na neve, mas afudeni até as coxas pela

milésima vez. Eu vinha me mantendo quente por estar em movimento. Mas eu não conseguia mais me mexer e sentia frio no tronco. Ashley estava dormindo ou inconsciente. Destravei o cinto, tirei os arreios pela cabeça, engatinhei para baixo de uma sempre-verde, afastei a neve para aplanar uma área suficientemente larga para duas pessoas e puxei Ashley para lá. Desenrolei meu saco de dormir, despi-me e entrei.

O túnel se estreitou e percebi que eu não esperava acordar.

CAPÍTULO 28

O SOL ESTAVA ALTO quando abri os olhos. Sentia dor em lugares que havia esquecido que faziam parte do meu corpo. Não sentia fome, porém a fraqueza era tanta que eu não queria me mexer. Afora algumas migalhas, nossa comida havia acabado. Meu rosto dava a impressão de ter sido esticado. Queimado de sol. A boca estava descascando e mesmo a barba de duas semanas oferecia pouca proteção contra as queimaduras por raios solares.

Levantei a cabeça, virei de lado e olhei em volta. Ashley me encarava. Seus olhos traziam duas coisas: compaixão e determinação. Como alguém decidido a enfrentar o destino que nos esperava. Até Napoleão parecia cansado.

Minha roupa se amarfanhava numa pilha molhada junto a mim.

A realidade da noite anterior voltou à lembrança numa onda de desamparo. Ashley se inclinou sobre mim com uma tira de carne na mão.

– Coma.

Espalhadas em seu colo, dentro dos bojos de um sutiã, vi diversas tiras de carne. Meu pensamento estava turvo. Não compreendi.

– Onde você arranjou isso?

Ela deu um tapinha na minha boca.

– Coma.

Abri a boca, ela pôs um pedacinho na minha língua e comecei a mastigá-lo. Era duro, frio, quase todo feito de nervos, e talvez tenha sido a melhor coisa que eu já pus na boca. Engoli e ela tornou a dar um tapinha em meus lábios. Não tivéramos toda aquela comida na véspera.

– Onde você...

A compreensão chegou num estalo. Fiz que não com a cabeça.

Ela me deu outro tapinha.

– Coma isto e não discuta comigo.

– Você primeiro.

Uma lágrima rolou por sua face.

– Você precisa disso. Você ainda tem uma chance.

– Já tivemos essa discussão.

– Mas...

Soergui o tronco, apoiado num cotovelo, e estendi a mão para segurar a

dela.

– Quer morrer aqui sozinha? Deixar o frio se infiltrar e levá-la? Morrer sozinha não é jeito de morrer.

A mão dela estava trêmula.

– Mas...

– Chega de “mas”.

– Por quê? – exclamou Ashley, jogando o pedaço nodoso de carne em mim.

Ele ricocheteou no meu ombro e caiu na neve. Napoleão deu um salto e o devorou. A voz de Ashley ecoou nas montanhas erguidas ao nosso redor.

– Por que você está fazendo isso? Nós não vamos conseguir!

– Não sei se vamos conseguir ou não, mas ou *nós* vamos, ou *nós* não vamos. Não há outra opção.

– Mas... – Ashley se virou e apontou. – Se você for em frente, talvez veja alguma coisa. Ache alguma coisa. E se isso o deixasse um passo mais perto de encontrar uma saída?

– Ashley... não vou passar o resto da vida vendo o seu rosto a cada vez que fechar os olhos.

Ela se encolheu, chorando. Sentei-me, olhando para a roupa congelada. A única coisa quente e seca era meu casaco. Eu precisava dar uma olhada em volta. Descobrir onde estávamos. Enfiei a ceroula, depois as calças, e tornei a afundar os pés nas botas. Meus pés tinham bolhas terríveis. Pôr um calçado era doloroso, mas não tanto quanto dar os primeiros passos. Vesti o casaco sobre a pele nua. Se eu pudesse manter o tronco aquecido e não transpirar, ficaria tudo bem.

Havíamos dormido ao relento e tivéramos sorte de não nevar. Avaliei o alto da circunferência do vale em que havíamos entrado. Eu precisava de uma visão panorâmica. Nuvens escuras e pesadas iam-se espalhando pelas montanhas ao norte. Eu não sabia quanto tempo a neve esperaria para cair.

Ajoelhei ao lado de Ashley e toquei no ombro dela. Seu rosto estava enterrado no saco de dormir.

– Vou dar uma olhada por aí.

Uma das coisas singulares nas árvores ao nosso redor eram os galhos. Eram retos, fortes, começavam perto do chão e se espaçavam como degraus de escada tronco acima. Andei uns 100 metros, achei uma árvore em que me julguei capaz de trepar, tirei as botas, icei o corpo e iniciei a subida. Estava cansado, com os músculos doloridos, e meus braços me diziam que eu pesava 500 quilos.

A 10 metros de altura, corri os olhos em volta. Admirei-me ao ver quanto tínhamos avançado desde a saída do abrigo da véspera, sob a árvore perene. O cume de onde avistáramos o vale e em que havíamos tomado nossa decisão ficara muito para trás. Havíamos atravessado quase todo o vale. Talvez 15

quilômetros. Isso queria dizer que tínhamos de estar perto. Pus as mãos em concha em torno dos olhos. Precisávamos de um pouco de sorte. Nós merecíamos.

– Vamos, alguma coisa, por favor.

Estar no vale modificava nossa perspectiva, o que foi parte da razão por que demorei alguns minutos para enxergar. Quando vi, cheguei até a rir. Peguei a bússola, verifiquei minha leitura, girei o disco para marcar o grau – porque estava cansado e havia uma boa probabilidade de que me esquecesse ou me confundisse – e desci da árvore.

Ashley estava fraca e não queria olhar para mim. A resignação havia aumentado. Enfiei meu saco de dormir na mochila, prendi tudo no trenó e fechei o cinto que me ligava aos arreios. Isso exigiu uma energia de que eu não dispunha. O primeiro passo fez espasmos de dor percorrerem meu corpo. O segundo foi pior. No décimo, eu estava dormente. O que foi bom.

Eu não urinava desde a véspera, mas, considerando quanto havia transpirado nas últimas 24 horas, estava desidratado. Enchi de neve uma garrafa e a entreguei a Ashley.

– Preciso que você segure isto e tente derreter a neve para mim. Está bem? Tenho que tentar ingerir algum líquido.

A neve estava úmida e densa, e eu mais parecia um arado que um homem caminhando. As árvores me obscureciam a visão, por isso eu tinha de confiar na bússola. Parava a intervalos de poucos passos, checava minha localização, escolhia uma árvore a uma pequena distância, andava até ela, escolhia outra e assim sucessivamente. De três em três minutos, virava para trás, pedia a garrafa e bebia dois ou três goles. Isso prosseguiu por duas ou três horas.

Quando enfim rompemos a linha das árvores, começou a nevar com vontade. Flocos do tamanho de moedas, pequenas e grandes. O lago congelado se estendia diante de nós, uma forma oval de 1,5 quilômetro em direção às montanhas mais ao fundo. A neve toldava minha visão, mas o que avistei no lado oposto foi uma das coisas mais lindas que já vi. Arriei no chão, bati com os joelhos e tentei recobrar o fôlego. Tinha um chiado fundo no peito e as costelas latejavam.

Deitada no trenó, Ashley olhava para o outro lado. Sempre virada para trás. É da natureza das macas. Mas ela precisava ver aquilo. Dei a volta rastejando, com os cotovelos afundados na neve, e girei o trenó. A cabeça dela estava deitada, os olhos fechados. Bati em seu ombro.

– Ei! Está acordada?

Ela me olhou.

– Ben... sinto muito...

Pus os dedos sobre sua boca e aponte para o outro lado do lago.

Ashley estreitou os olhos, olhando fixo através da neve, que começava a

engrossar. Quando inclinou a cabeça e a imagem fez sentido, desatou a chorar.

CAPÍTULO 29

ERA FIM DE tarde, 16h17, para ser exato. Eu acabara de terminar o trabalho na cirurgia e ia voltando para o consultório, quando minha enfermeira disse:

– Sua mulher veio visitá-lo.

Você não aparecia sem motivos. Nunca me “visitava”.

– É?

A enfermeira confirmou com a cabeça, mas não disse nada. Elas sabiam. Entrei e encontrei você olhando para um mostruário de cores. Uma coisa parecida com um leque, com uns 5 centímetros de largura, 20 de comprimento e fileiras de todos os matizes de todas as cores do espectro. Você o fitava, mão no queixo, olhando para ele, para a parede, de novo para o mostruário e outra vez para a parede.

– Oi – disse-me.

Tirei dos sapatos as capas descartáveis azuis da sala de cirurgia e as joguei na cesta de lixo.

– O que está fazendo aqui?

Você levantou aquela espécie de leque contra a parede.

– Gosto deste azul. O que você acha?

Uma estampa listrada masculina revestia a parede. Era o papel que você escolhera, um ano antes, ao “decorarmos” meu consultório. Passei a mão nele.

– Eu gosto muito deste aqui.

Você estava em outro mundo. Passou para outro setor do leque de cores.

– Também poderíamos usar este marrom-claro, sem dúvida.

Coei a cabeça.

– Você gosta mais dele que deste papel de 67 dólares por metro quadrado que escolhemos há um ano?

Você pegou um catálogo na minha escrivaninha. Abriu-o numa página marcada por um clipe.

– E gosto desta cor de madeira. É masculina, sem ser escura demais. É uma coisa com que a pessoa pode crescer.

Corri os olhos pelos 6 mil dólares de móveis modernos, sofisticados e no auge da moda que havíamos comprado em San Marco para o consultório, mais ou menos na mesma ocasião em que puséramos o papel de parede. Comecei a pensar em quanto ganharíamos se puséssemos tudo aquilo à venda. Não falei nada.

Em seguida, você pegou um portfólio, parecido com aquelas pastas grandes em que os designers carregam seus desenhos. Abriu-o na minha escrivaninha e começou a folhear diversas gravuras que pegara emprestadas numa galeria.

– Desses... – você apontou, dando um tapinha em cada gravura –... eu gosto. Eles me lembram Norman Rockwell; e aqui há também uns Ford Rileys e até um Campay. – Você balançou a cabeça. – Sei que cada um é diferente, mas gosto de todos. – Roeu uma unha. – Só não sei se temos espaço na parede para todos eles.

– Meu bem? – chamei.

Você me olhou, as sobrancelhas arqueadas. Sua expressão facial me disse que, a seu ver, aquilo fazia perfeito sentido.

Reconheço que eu estava cansado e passara doze horas em pé. Quatro cirurgias. Uma que quase havia degingolado.

– Do que é que você está falando?

Você respondeu em tom perfeitamente neutro:

– Do quarto do neném.

Suas palavras ecoaram em câmera lenta pelo consultório. Quaaarto dooo nenéééém. Lembro-me de ter pensado: “Não havia um desses no Peter Pan?”

– Ben?

Você me deu um tapinha no ombro.

– Meu bem, você ouviu alguma coisa do que eu disse?

É possível que uma expressão de perplexidade tenha cruzado meu rosto, porque você pegou minha mão, colocou-a dentro da sua blusa e a espalmou em sua barriga.

– O quarto do neném.

Se naquela outra noite, durante a tempestade, você contivera as ondas, trouxera-me à tona e enchera meus pulmões de ar; nesse momento, encostada na minha escrivaninha, com amostras de cores e gravuras espalhadas por toda parte, minha mão na sua barriga e seu nervosismo palpitando embaixo dela... você me tirou o fôlego.

CAPÍTULO 30

EU NÃO PODIA me arriscar a atravessar pelo meio. Estava bastante convicto de que havia mais de 1 metro de água congelada no lago, da superfície para baixo, mas era impossível garantir, por isso me mantive na margem. Era plana, livre de entulho e, até aquele momento, o lugar mais fácil em que eu tinha caminhado. Comparando com a experiência anterior, dava a impressão de estarmos em alta velocidade. A distância até a margem oposta era de mais ou menos 1,5 quilômetro. Nós a percorremos em pouco mais de trinta minutos.

Puxei Ashley pela pequena subida até as árvores que cercavam a margem. Tornei a girar o trenó para que ambos pudéssemos olhar.

A construção em formato de A atingia uns 12 metros de altura. A fachada, que dava para o lago, era toda de vidro. Faltavam algumas ripas no telhado, mas, de modo geral, a cabana estava muito bem conservada. A porta de entrada se abria para o lago, tinha sido pintada de amarelo e, como os ventos predominantes vinham de trás da casa, só estava coberta de neve até a metade.

Puxei o trenó até a porta e passei vários minutos tirando a neve e fazendo uma rampa. A porta era alta e grossa, de ar imponente. Peguei a machadinha e já ia golpear a fechadura, quando Ashley disse:

– Por que você não vê, primeiro, se ela está fechada?

Empurrei-a e a porta se abriu sem dificuldade.

Os suportes da construção eram todos de *Pinus*, o piso era de concreto e o interior se compunha de um único e enorme salão, quase do tamanho de uma quadra de basquete. Nas laterais, o telhado descia até o chão, e as únicas janelas eram as existentes nas duas extremidades. Uma lareira – tão grande que acomodaria duas pessoas para dormir – ficava à nossa direita. Em seu centro havia uma imensa grelha de ferro. Num canto ficava uma pilha de lenha de 3 metros de altura, capaz de nos abastecer por um inverno inteiro. Talvez o correspondente a seis ou sete caminhões carregados.

Além disso, no centro da construção se empilhavam umas duas dúzias de bancos compridos, todos gastos e desbotados. Acima deles estavam várias canoas de metal prateado, à espera do verão e do degelo. À esquerda era a cozinha e, ao fundo, uma escada levava ao segundo andar. Este ocupava apenas metade do comprimento da cabana e se abria para a área acima da lareira. Cabos imensos,

da grossura de um braço, pendiam do ápice da construção e sustentavam o piso superior, feito de compensados de madeira de 25 milímetros de espessura e vigas atravessadas. Construídos ao longo do comprimento do segundo andar ficavam cinquenta ou sessenta beliches, todos cobertos de entalhes, desenhos a lápis e toda sorte de formatos de nomes e letras, detalhando quem amava quem. Um esquilo tinha comido uma pinha no centro do piso e deixado uma bagunça, e algum outro bicho havia mastigado um pedaço de isopor sem fazer a limpeza. No parapeito da janela havia uns cem cadáveres de moscas, vespas e outros insetos voadores. Uma boa camada de poeira cobria quase tudo, e não havia lâmpadas nem interruptores.

Napoleão pulou do trenó, correu pelo cômodo, latiu, tornou a latir, rodopiou umas quatro vezes e voltou para mim, abanando a cauda e melecando minha perna toda.

Puxei o trenó devagar pela subida da rampa até o piso de concreto. Olhamos para aquilo, assombrados. Puxei Ashley para perto da lareira, onde comecei a empilhar lenha. Depois, percorri o lugar em busca de alguma coisa pequena para acender o fogo. Comecei a rir quando achei uma caixa com madeira resinosa leve junto à pilha de lenha. Preparei a madeira para o fogo, com gravetos pequenos no fundo e pedaços maiores em cima, rasguei tiras de jornal velho de uma caixa antiga, peguei meu arco de pua no trenó e comecei a movimentar o fuso sobre o piso da lareira.

Ashley pigarreou.

– Hum-hum... Ben?

– Que é?

Eu estava começando a obter fumaça e não queria que ela me distraísse.

– Hum... Ben.

– O quê!?

Ela apontou para uma prateleira lateral acima da lareira. Lá estava uma lata de fluido de isqueiro junto de uma caixa de fósforos. Larguei o arco, peguei a lata – que estava quase cheia –, umedei prontamente a madeira e o papel, risquei o fósforo e o joguei no papel molhado.

Ná época em que consegui meu primeiro emprego no hospital e comecei a ganhar salário de médico, passei a tomar banhos mais longos. Chegava até a me barbear no chuveiro. Admito que era um luxo, mas eu adorava o vapor nos pulmões, a água quente nas costas e o modo como o calor me permitia relaxar.

Pois sentamos ali, fascinados e... num verdadeiro banho.

Eu estava encharcado, com todas as peças de roupa do corpo molhadas e frias. Minhas mãos estavam rachadas, feridas, e as tiras de tecido tinham se rasgado e de pouco serviam.

Ajoelhei-me, estendi as mãos e comecei a retirar o pano esfriado. Nenhum de nós falou. Com as mãos livres, tirei a jaqueta e o casaco molhados,

sentei ao lado de Ashley, passei os braços ao redor dos seus ombros e a abracei.

Finalmente a sorte nos sorria, afastando o sentimento de desamparo que vinha nos oprimindo e que asfixiava a vida em nós.

Depois que o fogo dissipou o frio, subi a escada e examinei os beliches. Todos vazios, exceto um. Um colchão largo de espuma de 15 centímetros de espessura, parcialmente comido nas bordas, estava imprensado nele e meio dobrado num canto. Sacudi-o, batendo com ele no estrado e enchendo o ar de poeira. Arrastei-o para o térreo, virei-o do outro lado e o estendi em frente ao fogo. Napoleão se acomodou imediatamente no canto mais próximo da lareira, enroscado feito uma bola.

Nos três minutos em que eu estivera ausente, a lareira havia aquecido a área a seu redor.

Peguei meu saco de dormir e o estendi no colchão, depois abri o de Ashley e, devagar, ajudei-a a passar dele para o meu. Ela estava fraca e precisava de auxílio. Apoiei sua cabeça na minha mochila, soltei o suporte da perna, ajudei-a a se despir e pendurei sua roupa num banco.

Com Ashley aquecida e seca, comecei a tirar minhas roupas molhadas e a estendê-las num banco. Depois, vasculhei a mochila e peguei a única peça seca de roupa que me restava: uma sunga esportiva que Rachel me dera anos antes. O presente tinha sido uma piada, mas a sunga funcionou bem.

Fui então examinar a cozinha.

Ela ocupava uma área à esquerda da escada e continha dois fogões a lenha, de ferro fundido, grandes e negros. Uma chaminé preta saía da traseira de cada um pela parede. No meio ficavam várias mesas compridas, para o preparo dos alimentos, e uma pia de aço inoxidável com uma longa bancada se alinhava na parede oposta, terminando num aquecedor a gás, branco e alto. O conjunto parecia eficiente para servir grandes quantidades de comida a muitas pessoas.

Experimentei a torneira, mas a água fora desligada e, quando olhei por baixo do aquecedor, vi que o piloto não estava aceso. Tentei sacudir o aquecedor, mas ele estava cheio e não se mexeu. Apanhei os fósforos na lareira, abri o gás, senti cheiro de propano e acendi o piloto. Pus lenha no fogão, acendi-o e ajustei o registro para alimentar o fogo com ar. Enchi de neve uma panela grande, compactei-a bem, tornei a enchê-la e a pus no fogão.

Na parede da esquerda havia uma porta de aspecto bastante ameaçador. As dobradiças, o trinco e o cadeado grandes davam uma impressão de entrada proibida. Puxei-a. Não tive sorte. Voltei à lareira, peguei o atizador de aço, que tinha uns bons 2 metros de comprimento e era mais grosso que meu polegar, e o finquei como uma cunha no cadeado. Pus meu peso nele, puxei uma vez com força, puxei a segunda com mais força, tornei a posicionar o atizador e puxei de novo. Embora o cadeado não arrebentasse, as dobradiças cederam.

Abri a porta.

À esquerda havia guardanapos de papel, uns duzentos pratos descartáveis e talvez uns mil copos, também descartáveis. À direita encontrei uma caixa fechada de saquinhos de chá descafeinado e uma lata de quase 8 litros de sopa de legumes.

E era só.

Pus um avental velho, que um dia parecia ter sido usado para limpar os fogões, e procurei a data de validade na lata de sopa. Não que isso realmente importasse, mas ainda faltavam alguns meses para o vencimento. Ashley estava deitada em frente à lareira, apoiada num cotovelo. Trinta minutos depois, estalou os dedos, assobiou e fez sinal para eu me aproximar. Saí da área da cozinha.

– Sim.

Ela tornou a fazer sinal. Avancei mais alguns metros. Ela abanou a cabeça e acenou para eu me aproximar.

– Mais perto.

– Sim.

– Isso... é a coisa mais sensual que já vi na minha vida.

– O quê, eu?

Ela torceu o nariz, acenou para eu sair da frente e apontou para o fogão.

– Não, seu bobo. Aquilo!

Virei-me e olhei para a cozinha.

– O quê?

– O vapor saindo daquela panela de sopa.

– Você precisa cuidar da cabeça.

– Isso é o que estou lhe dizendo há uns dezesseis dias.

Uma hora depois, mastigando devagar cada pedaço de batata e saboreando cada naco de carne, ela me olhou, com sopa pingando do queixo, e resmungou:

– Que lugar é este?

Eu dera ao Napoleão uma tigela de sopa com uns pedaços de carne, que ele tinha devorado. Agora se enroscava a meus pés, com a satisfação estampada na cara.

Mexi a cabeça e respondi:

– É uma espécie de acampamento alpino. Uma pousada de escoteiros, talvez.

Ashley tomou um gole de chá e fez careta.

– Quem havia de fazer, muito menos beber, chá descafeinado? Quer dizer, de que adianta?

Parou um segundo e mudou de assunto.

– Como você acha que eles chegam aqui em cima?

– Não sei. Todas essas coisas tiveram que chegar aqui de algum modo, e

tenho certeza de que ninguém pôs aqueles fogões de ferro nas costas e os trouxe para cá. Quando minha roupa secar, vou ver se consigo entrar nos outros prédios. Quem sabe encontre alguma coisa.

Ashley deu outra mordida.

– É, tipo mais comida.

Duas tigelas depois, ambos nos deitamos diante do fogo. Sem sentir fome, pela primeira vez em muitos dias. Levantei meu copo.

– A que devemos brindar?

Ashley ergueu o dela, empanzinada demais para se sentar.

– A você.

Ainda estava realmente fraca. O jantar dessa noite tinha sido bom, mas precisaríamos de mais alguns dias para começar a compensar o que ela e eu gastáramos para chegar ali. Olhei pela janela. A neve caía em flocos grossos. Um branco total. Baixei o copo, enrolei a jaqueta e a coloquei como travesseiro sob a cabeça de Ashley. Ela segurou minha mão.

– Ben?

– Sim.

– Pode me conceder esta dança?

– Se eu tentar me mexer, vou vomitar em cima de você.

Ela riu.

– Pode se apoiar em mim.

Passei os braços por baixo de seus ombros e a levantei com delicadeza. Ela escorregou um pouco e por fim ficou de pé. Não tinha muita firmeza, de modo que se apoiou em mim, encostando a cabeça no meu peito.

– Estou tonta.

Fiz um movimento para tornar a deitá-la, mas ela fez que não com a cabeça e estendeu a mão direita.

– Uma dança.

Eu havia emagrecido tanto que minha cueca ficava arriada no quadril, o que me lembrou alguns nadadores que eu tinha visto. Ashley usava uma camiseta frouxa que merecia ser queimada, e sua calcinha caía, folgada, onde antes estivera o bumbum. Segurei sua mão e ficamos de pé, sem nos mexermos. Com a cabeça dela encostada em mim e os dedos dos pés se esbarrando.

Ela riu.

– Você está que é pele e osso.

Levantei sua mão bem alto e descrevi um círculo lento em volta dela. Examinei nós dois à luz da lareira. Minhas costelas apareciam. Sua perna esquerda estava muito inchada, quase uma vez e meia o tamanho da direita, com a pele esticada.

Fiz que sim com a cabeça.

De olhos fechados, ela oscilava. Não parecia muito firme de pé. Cheguei

mais perto e a envolvi pela cintura, segurando-a. Ashley pôs os braços em volta do meu pescoço e abraçou minha cabeça. Seu peso fez pressão em meus ombros. Ela cantarolava uma melodia que não consegui entender. Parecia bêbada.

– Não quero mais ouvir falar nesse absurdo de eu deixar você – murmurei –, de ir adiante sozinho. Combinado?

Ela parou de balançar, virou a cabeça de lado, com o ouvido no meu peito. Soltou minha mão e a pousou entre seu peito e o meu, espalmando-a. Passou vários minutos calada.

– Combinado.

O alto de sua cabeça ficava pouco acima do meu queixo. Apoiei o rosto nela, encostei o nariz em seu cabelo e inspirei.

Passados alguns minutos, Ashley disse:

– A propósito... – Lançou-me um olhar e tentou não sorrir. – O que é, exatamente... isso que você está usando?

A sunga que Rachel me dera brilhava em verde-neon. Seu propósito era proporcionar sustentação e ter um caimento de sunga esportiva ou malha de ciclismo, porém, com minha perda de peso, estava meio folgada. Mais para cueca samba-canção do que para sunga.

– Eu vivo... ou vivia implicando com as calcinhas de Rachel. Eu queria as da Victoria's Secret, alguma coisa com um pouco de imaginação. Ela gostava das da Jockey. Só funcionalidade, nada de beleza. Um ano, no aniversário dela, comprei uma daquelas calcinhas horrorosas, estilo vovó. Uns dois manequins acima do tamanho dela, subindo pela metade do tronco, um horror. Para se vingar, ela a usou... e, de quebra, comprou isto para mim.

Ashley arqueou as sobrancelhas.

– Ela vem com pilhas?

A risada foi prazerosa.

– Quando me deu a sunga, Rachel endereçou o cartão ao sapo Kermit, dos Muppets.

– Acho que o Kermit não permitiria nem que o achassem morto com um troço desses.

– É... bem, eu a uso, de vez em quando.

– Por quê?

– Para me lembrar.

Ashley riu.

– De quê?

– Entre outras coisas... de que eu tendo a me levar meio a sério demais e de que o riso pode curar as feridas.

– Nesse caso... eu também a usaria.

Ashley meneou a cabeça e mordeu o lábio inferior.

– Mas, talvez convenha você arranjar uma camiseta que cubra seu rego.

Quando Ashley se cansou, deitei-a em seu saco de dormir, escorei sua cabeça e lhe servi mais um pouco de chá.

– Beba.

Ela tomou alguns goles. Elevei a perna quebrada, na esperança de aliviar o edema. A perna precisava de gelo.

Eu tinha que ir às outras construções, achar algum alimento, quem sabe um mapa, quem sabe qualquer coisa, mas estava morto, a escuridão caíra lá fora, mais neve se acumulava contra a janela, e o fogo me aquecera até o âmago. Vesti roupas secas. Finalmente, estava aquecido. E seco. E saciado.

Estendi meu saco de dormir no concreto, fiz um afago em Napoleão, que roncava, e me deitei.

Já ia adormecendo quando me ocorreu que, durante toda aquela dança, quando o corpo de Ashley se encostara no meu, quando senti-la como amiga e como mulher havia me aquecido, eu não tinha pensado uma só vez na minha esposa.

Levantei, fui descalço até a porta, pé ante pé, saí na neve e vomitei a alma. Demorei um pouco para me acalmar e conseguir falar.

CAPÍTULO 31

AQUI É O Kermit. Ashley disse que a minha sunga tem cara de ter vindo com pilhas. Com minha perda de peso, ela ficou meio grande. Meio pendurada no quadril. Não era muito lisonjeira antes e não está melhor agora.

Aos 3 meses, o “pneuzinho” começou a lhe criar problemas. Eu a apanhava se olhando no espelho, observando-se pelo canto do olho. Sem saber ao certo como se ver. Hesitando em usar roupas folgadas, mas também insegura para usar qualquer coisa justa. Meio que naquele ponto intermediário. Nem totalmente grávida nem não grávida, tampouco. Com uma bola de vôlei cravada abaixo do umbigo. O filme Náufrago, com o Tom Hanks, acabara de ser lançado, e começamos a chamar o bebê de Wilson.

E então ele entrou em ação para valer. Dava pinotes dentro da sua barriga. Você me mandava mensagens. Eu ligava de volta do pronto-socorro, com uma máscara azul pendurada numa orelha.

– Pois não, madame.

– Wilson quer falar com você.

– Ponha o garoto na linha.

Você encostava o telefone na barriga. Eu falava com nosso filho ou filha, ou fosse lá quem ele viesse a ser. E então você dizia “Ah, acabei de sentir um chute. Acho que temos um jogador de futebol aqui”, ou então, “Não, nada. Ele está dormindo”.

Aos 4 meses de gestação, cheguei tarde em casa numa noite de sexta-feira. Você andava louca para comer pargo-vermelho frito. Daí nossa reserva num restaurante. Encontrei-a no chuveiro, tirando o xampu do cabelo. Você não me viu. Encostei no batente da porta e afrouxei a gravata. Absorvendo a cena. Aquela imagem molhada, grávida e radiante que era você... e que era minha.

Era a coisa mais sensual e mais linda que eu já tinha visto.

Você me pegou olhando.

– É melhor você não deixar meu marido apanhá-lo me olhando desse jeito.

Sorri.

– Ele vai entender.

– Ah, é? E quem é você?

– Eu sou... sou o seu médico.

– É?

– Sou.

– Você veio brincar de médico comigo?

Sorri, arqueando as sobrancelhas.

– Isso eu diria que alguém já fez.

Você riu, confirmou com a cabeça e puxou minha gravata.

Rachel... quando olho para trás na minha vida e procuro aquele momento em que todos os bons momentos culminaram num só, foi esse.

E, se Deus me deixasse voltar no tempo e viver um único momento, seria ele.

Bem, o seguinte também foi muito bom.

CAPÍTULO 32

ALVORECER LÁ FORA. Décimo sétimo dia. Mais neve acumulada em montes altos. Vestir roupa quente e seca valia seu peso em ouro. Ashley dormia. Rosto corado, resmungava no sono, mas parecia aquecida e, pela primeira vez em semanas, não numa posição incômoda. Achei a alavanca na parede que fornecia água ao aquecedor, destravei-a e acionei o fluxo. Uma água marrom ferruginosa se derramou na pia. Deixei-a correr até sair transparente, depois fechei a torneira e liguei o aquecedor.

Um banho parecia uma boa ideia.

Prendi a machadinha no cinto, peguei o arco e saí à procura das outras construções. Descansado, Napoleão chegou à porta antes de mim, empurrou-a e pulou para o lado de fora. Na neve fofa e recente, afundou até a barriga e lá ficou, imóvel como um carro atolado. Peguei-o e o carreguei no colo. Ele foi rosnando para a neve enquanto andávamos. Caíam flocos em seu focinho e ele procurava mordê-los. Fiz festa em sua barriga e lhe disse:

– Gosto da sua atitude.

A manhã estava seca, de um frio cortante, e em alguns pontos havia congelado a camada superior da neve, que eu ia quebrando, ao afundar até os joelhos a cada passo.

Fiz uma anotação mental para recomeçar a pensar em raquetes de neve.

Havia um total de sete construções. Uma era um banheiro, dividido igualmente entre masculino e feminino. Achei alguns sabonetes e vários rolos de papel higiênico. Nenhum dos vasos sanitários ou torneiras funcionava e, se havia uma válvula de água, não pude encontrá-la.

Cinco prédios eram cabanas – construções em forma de A, com dois andares, todas com fogão a lenha, tapete no piso e um sótão. Uma delas tinha até uma poltrona reclinável. Todas estavam destrancadas.

A sétima era uma cabana com dois quartos. Talvez do chefe dos escoteiros – ou de quem quer que estivesse no comando. O quarto do fundo tinha três beliches, todos com colchões de espuma. Ao pé de cada cama estava dobrado um cobertor verde de lã grossa. Seis ao todo. Uma cama tinha até travesseiro. Num armário, encontrei três toalhas brancas dobradas e um quebra-cabeça de mil peças. A foto tinha sido sumido da tampa, mas sacudi a caixa e senti o peso

das peças. No piso havia um cofre, fechado com dois cadeados e preso ao chão.

Golpeei-o com força com a machadinha e arrebentei um cadeado. Tornei a bater e abri o outro. Levantei a tampa. Estava vazio.

Na sala da frente havia duas cadeiras de madeira, um fogão a lenha e uma escrivaninha vazia, com uma cadeira rangente. Abri a gaveta de cima e achei um Banco Imobiliário bastante surrado.

Foram necessárias três viagens para carregar tudo de que precisávamos – inclusive a poltrona reclinável. Eu ia fechando a porta, na terceira viagem, quando notei o objeto mais importante.

Um mapa em baixo-relevo, preso com tachinhas na parede. Não era um mapa que se pudesse usar para transitar de um lugar para outro, nem sequer indicava as distâncias – mais parecia uma coisa feita pela prefeitura de uma cidade, para anunciar os parques ou florestas nacionais de sua área e sua proximidade das cidades vizinhas. Era um mapa tridimensional, com elevadas montanhas de plástico e cumes brancos. No alto, dizia em letras grandes: Área de Preservação Ambiental das Altas Uintas. Numa das laterais lia-se Floresta Nacional de Wasatch. E, no canto direito, as palavras Floresta Nacional de Ashley.

Apropriado, pensei.

Um balãozinho de diálogo apontava uma seta para o centro da Floresta de Ashley. Dizia Trânsito somente a pé ou a cavalo. Nenhum tipo de veículo a motor é permitido em nenhuma ocasião.

Ao longo da parte inferior, lia-se: Um milhão e trezentos mil acres de diversão na floresta para a família inteira.

Evanston, no estado de Wyoming, aparecia no canto superior esquerdo, com a rodovia 150 levando para o sul. Em letras miúdas sobre a estrada lia-se Fechada no inverno.

Em todo o contorno havia fotos animadas de rapazes surfando na neve, crianças esquiando, garotas a cavalo, uma dupla de pai e filho caçando alces, casais em motoneves e vários excursionistas de mochila e cajado. Parecia um cartaz a ser impresso por alguém que quisesse anunciar todas as atividades ao ar livre de uma região. A rodovia Interestadual 80 margeava a parte superior do mapa, correndo de oeste para leste desde Evanston até Rock Springs. A Rodovia 191 seguia de Rock Springs para o sul, até chegar a uma cidadezinha chamada Vernal. A Rodovia 40 saía de Vernal na direção oeste e seguia em meandros pela parte inferior do mapa, atravessando várias cidades pequenas, depois subia para noroeste e cruzava a Rodovia 150, que subia para o norte até Evanston.

Em algum lugar no meio daquela confusão revestida de plástico, no interior da Floresta Nacional de Ashley, alguém havia espetado uma tachinha, marcado um X e escrito com tinta preta: Estamos aqui.

Tirei o mapa da parede e Napoleão e eu voltamos para a cabana em que

vínhamos nos abrigando e para sua lareira.

Quando iam entrando na casa, Napoleão avistou alguma coisa na neve e saiu correndo atrás. Nem cheguei a ver o que era, e ele desapareceu antes que eu tivesse a chance de lhe dizer para não ir. Disparou em direção às árvores, rosnando, levantando neve com as patas.

Ashley ainda dormia, por isso arriei minha carga, empurrei a poltrona para perto da lareira e dei uma olhada pela porta, à procura do Napoleão, mas tudo o que consegui ouvir foi um latido distante. Calculei que não precisava me preocupar demais com ele. De nós três, ele era, provavelmente, o mais capaz de cuidar de si. Em certo sentido, nós o estávamos empatando.

Voltei à cozinha e acendi o fogo em um dos fogões de ferro. A pia tinha sido soldada em aço inoxidável ou zinco e se apoiava em pernas da grossura do meu braço. A cuba era funda e grande o bastante para acomodar uma pessoa sentada. Na verdade, era grande o bastante para duas. A coisa toda parecia ter força suficiente para sustentar uma casa.

Lavei bem a cuba e a enchi de água, tão quente quanto eu pudesse suportar. Quando me sentei dentro dela, saía vapor da superfície. Foi um dos momentos mais magníficos que tive em semanas.

Tomei banho esfregando duas vezes todas as partes do corpo. Quando saí e me enxuguei, a diferença do aroma pré e pós-banho era notável. Aticei o fogo, acrescentei mais lenha para aumentar o calor, mergulhei nossas roupas na água, esfregando peça por peça, depois as pendurei num banco. Servi duas canecas de chá e voltei para Ashley, que começara a se mexer. Ajoelhei-me, ajudei-a a se sentar e ela bebeu um gole do chá, aninhando a caneca entre as mãos.

Depois do terceiro gole, farejou o ar.

– Você está com um cheiro melhor.

– Achei uns sabonetes.

– Você tomou banho?

– Duas vezes.

Ela pousou a caneca e me ofereceu as duas mãos.

– Leve-me até lá.

– Está bem, mas a água quente vai aumentar a inchação. Por isso, teremos de pôr gelo na perna quando você sair. Certo?

– Combinado.

Ajudei-a a seguir mancando até a pia. Ela balançou a cabeça quando viu as próprias pernas.

– Você não terá por acaso encontrado uma lâmina de barbear por aí, terá? Até enferrujada serve.

Ajudei-a a se sentar na borda e baixei-a dentro da cuba. A água subia até seus ombros. Lentamente, ela dobrou o joelho esquerdo e descansou a perna sobre a bancada da pia. Inclinou a cabeça para trás, apoiando-a no secador de

pratos embutido, fechou os olhos e estendeu a mão, dobrando o indicador onde deveria ficar a caneca.

Levei-lhe seu chá e ela disse:

– Daqui a pouco estarei com você.

É incrível como um banho pode melhorar a disposição.

Afastei-me, virei para trás antes de chegar à lareira e gritei para a cozinha:

– Ah, e você nem vai acreditar no nome da floresta nacional em que estamos.

– Experimente me dizer.

– Chama-se Floresta Nacional de Ashley.

Ela estava rindo quando cruzei a porta.

CAPÍTULO 33

ASHLEY ESTÁ NO banho. Eu, parado do lado de fora. O vento vai aumentando. Não sei se as coisas estão melhorando ou se apenas prolongamos o inevitável.

Você estava com 4 meses e meio, deitada na mesa, e a enfermeira entrou e espremeu a cola – como você gostava de chamar o gel – na sua barriga, depois começou a deslizar o aparelho.

Entreguei um envelope a ela e pedi:

– Preferimos que você não nos diga agora. Vamos sair logo à noite, por isso, se não se importa, escreva aqui se é menino ou menina e feche o envelope. Nós o abriremos no jantar.

Ela fez que sim e começou a nos mostrar a cabeça, as pernas, até uma mãozinha do bebê. Era o que havia de mais mágico. Eu já tinha visto dezenas de imagens de ultrassom, mas nenhuma jamais me afetara daquele jeito.

E então, a enfermeira começou a rir.

Devíamos ter entendido, mas não entendemos.

– O que foi? – perguntei.

Ela apenas balançou a cabeça, escreveu no papel, lambeu a aba do envelope, colocou-o e o entregou, dizendo:

– Parabéns. A mamãe e o bebê estão saudáveis. Divirtam-se no jantar.

Assim fizemos. Levei-a para casa. Você ficou perguntando:

– O que você acha? Menino ou menina?

– Menino – respondi. – Decididamente, menino.

– E se for menina?

– Tudo bem. Menina, decididamente, é menina.

– Pensei que você tinha acabado de dizer que era menino.

Eu ri.

– Meu bem, não faço a menor ideia. Não me importa. Vou aceitar qualquer criança que sair do forno.

Nosso restaurante favorito. O Matthew's. Numa diagonal da San Marco Square. Puseram-nos sentados a uma mesa ao fundo. Você resplandecia. Não sei se eu já a tinha visto daquele jeito.

Em qualquer ocasião.

Não me lembro do que pedimos. Acho que foi o especial do chef, porque Matthew saiu lá de trás, veio nos dar um alô e nos mandou champanhe, depois de se retirar. Ficamos lá sentados, com o champanhe borbulhando, a luz da vela

centilando nos seus olhos e o envelope em cima da mesa. Você o empurrou para mim. Empurrei-o de volta. Você tornou a empurrá-lo. Empurrei-o mais uma vez e mantive a mão sobre ele.

– Você abre. Você fez por merecer, amor.

Você o pegou, deslizou o dedo sob a aba para abri-lo, pegou a anotação e a apertou contra o peito. Rindo. Nenhum de nós conseguia falar. Então, devagar, você abriu o cartão e leu.

Acho que leu duas ou três vezes, porque se passaram umas três semanas antes que me dissesse alguma coisa.

– Bem... – comecei. – O que é?

Você pôs o cartão na mesa e segurou minhas mãos.

– Os dois.

– Ah, querida, sem brincadeiras! Só dá para ser uma coisa ou outra.

Então a ficha caiu. Fixei os olhos em você. Suas lágrimas rolavam.

– Verdade? – perguntei.

Você confirmou com a cabeça.

– Gêmeos?

Você fez que sim e afundou o rosto no guardanapo.

Levantei-me, ergui minha taça de champanhe, bati nela com a faca e me dirigi aos outros quinze casais do restaurante:

– Senhoras e senhores, com licença, pessoal. Só quero anunciar que minha mulher... vai me dar gêmeos no Natal.

Compramos champanhe para o restaurante inteiro, e Matthew fez aquela torta de maçã de massa crocante que era sua marca registrada e que desmanchava por completo na boca. Todos provaram um pedaço.

No trajeto de volta para casa, você não disse palavra. Sua cabeça rodava com quartos de bebê, cores, um segundo berço, um segundo tudo. Cruzamos a porta e você desapareceu na direção do banheiro. Chamou-me segundos depois:

– Benzinho?

– Hein?

– Preciso de ajuda.

Entrei e a encontrei de pé, de calcinha e sutiã, olhando-se no espelho e segurando um vidro de óleo de vitamina E. Com uma das mãos no quadril. Entregou-me o vidro.

– A sua tarefa, daqui até o Natal, é certificar-se de que eu não seja tomada por estrias e de que a minha barriga não fique despencada sobre os joelhos. Portanto, trate de passar.

Deitou-se na cama e virei o vidro inteiro na sua barriga. Você deu um grito.

– Que nojo!

– Meu bem, só estou tentando cobrir cada centímetro quadrado.

– Ben Payne!

Esfreguei o óleo em sua barriga, suas costas, suas pernas, praticamente em qualquer lugar em que houvesse pele. Você balançou a cabeça.

– Estou me sentindo um leitão untado.

– Você está mesmo com um cheiro estranho.

Lembro-me da risada que se seguiu e me lembro de ter deslizado o corpo

pelo seu.

Nós nos divertimos, não foi?

Em algum ponto das horas seguintes, você olhou para o teto, batendo com um pé no outro joelho, e perguntou:

– Você já pensou nos nomes?

– Na verdade, não. Ainda estou me recuperando do susto.

Você cruzou as mãos sobre o ventre, estendeu as pernas, cruzou o outro tornozelo sobre o outro joelho, com o pé dançando para cima e para baixo, e disse:

– Michael e Hannah.

No momento em que você falou, veio o clique. Como peças de um quebra-cabeça encaixando-se.

Virei de lado, encostei os lábios no seu ventre e murmurei os nomes. Um chute de futebol, seguido por um soco, resolveu o assunto. Dali em diante, passamos a ser nós quatro.

Talvez esse tenha sido o momento. Talvez, se eu pudesse voltar atrás e recomençar, banhado em riso, em calor humano, na ideia maluca de dois de tudo, na sensação escorregadia e no cheiro de óleo de vitamina E, talvez eu fosse para lá.

Porque tenho certeza de que não iria muito além daquele instante.

CAPÍTULO 34

FAZIA ALGUM TEMPO que o Napoleão tinha saído, o que me deixou meio preocupado. Quando minha roupa secou, peguei o arco, fechei o zíper do casaco e saí. O vento soprava nas minhas costas e atravessava o lago. Assobieie, mas não ouvi nada. Levantei o colarinho e segui as pegadas de Napoleão encosta acima, depois continuei por um cume com vista para o lago. O rastro em zigue-zague me disse que ele estivera perseguindo alguma coisa. Suas pegadas eram difíceis de seguir, já que a neve as vinha enchendo. Atravessei uma segunda colina e o vi lá embaixo, perto do lago, deitado num pedaço de neve vermelha. Cheguei mais perto e notei que a neve não era a única coisa vermelha. Preparei uma flecha e me aproximei devagar por trás dele. Quando estava tão perto que ele podia me ouvir, Napoleão rosnou, mas não levantou a cabeça. Contornei-o num círculo amplo, para que ele pudesse me ver. Chequei as árvores à nossa volta e dei uma olhada para trás. Falei baixinho:

– Oi, garoto. Sou só eu. Tudo bem com você?

Napoleão parou de rosnar, mas continuou agachado sobre o que parecia uma bola felpuda, antes branca, agora vermelha. Ajoelhei-me diante dele, a mais de 1 metro de distância.

O cãozinho não tinha sido atacado, era ele o agressor. Parte de um coelho estava sob seu corpo. Um par de patas e alguns ossos eram tudo o que havia restado. Meneei a cabeça, com outra olhadela para trás.

– Muito bem, garoto. Que tal achar mais dois iguais a esse e largá-los lá naquela casa grande?

Ele me olhou, rasgou um pedaço de carne, mastigou, engoliu, arrotou e lambeu as laterais do focinho e o nariz.

– Não o censuro. Também estou com fome.

Levantei-me.

– Você sabe achar o caminho de volta?

Parecendo achar que eu estava muito perto, ele pegou o que sobrara do coelho e o levou para mais longe de mim.

– Como quiser.

O trajeto de volta me deu tempo para pensar. Embora estivéssemos aquecidos, secos e protegidos das forças da natureza, precisávamos de

alimentação – e de uma saída. Agora, mais do que nunca. Se eu deixasse rala a sopa, ela poderia durar mais um dia. Afora isso, tudo o que havíamos conseguido fora achar um lugar quente e seco para morrer.

Voltei por um caminho diferente. Longe do lago. Cruzei várias vezes com rastros de alces. Mais de um. E um maior que o outro. Cruzei muitas pegadas de coelho, que são fáceis de identificar, porque eles pulam e deixam uma marca característica. Os alces também são fáceis de detectar porque são muito grandes e produzem marcas fundas na neve.

Eu precisava me exercitar no arco, mas, se errasse o alvo, a flecha afundaria na neve e eu nunca mais a acharia. Não demoraria muito para perder todas as flechas.

Voltei à cabana, aticei o fogo e dei uma olhadela em Ashley, que brincava feito um golfinho e me mandou embora. Fui a uma das outras cabanas e arranquei um pedaço do carpete. Voltei para nosso abrigo e o dobrei uma, duas, três vezes. Coloquei-o no alto de um dos bancos e, com uma tacinha, preendi um prato de papel no centro. No meio do prato eu havia recortado um buraco mais ou menos do tamanho de uma moeda de 10 centavos.

O salão da cabine tinha mais de 35 metros de comprimento. Eu só precisava de uns 12 ou 13. contei os passos, andando para trás, e fiz um risco na poeira do chão com o dedão do pé. Posicionei a flecha, puxei a corda, ajustei a mira, disse a mim mesmo “Mira dianteira, mira dianteira, mira dianteira” e “Dispare”. Apertei delicadamente o gatilho e disparei a flecha na direção do alvo. Ela atingiu o papel quase 10 centímetros acima do buraco. Preparei outra e segui o mesmo movimento lento e suave. A segunda flecha bateu um tantinho à direita da primeira. Disparei a terceira, com o mesmo resultado.

Eu precisava fazer um ajuste. Empurrei a alça de mira para baixo. Ela é o pequeno círculo na corda por onde o olho faz mira. É o que obriga o sujeito a olhar sempre pelo mesmo ponto, igualando o disparo em todas as ocasiões. Em tese, pelo menos. Empurrá-la para baixo desceria o ponto de impacto da flecha.

E assim foi. Mas não o bastante. Tornei a ajustá-la e fiz o impacto descer demais. Reajustei-a e fiz subir a flecha. Em trinta minutos, consegui atingir o buraco a uma distância de 12 metros. Não todas as vezes, porque não tenho toda essa firmeza; a cada três ou quatro disparos, porém, quando conseguia ficar realmente imóvel, eu acertava o buraco.

Ashley tinha ouvido a comoção.

– Que barulheira é essa?

– Sou só eu, tentando melhorar nossas chances de conseguir um jantar.

– Que tal me ajudar a sair daqui?

Ela havia lavado a camiseta e a calcinha e as estendera nas ranhuras do secador de pratos atrás da cabeça. Estendeu as mãos e a ajudei a sair. Ela se enrolou numa toalha e a prendeu na frente, como fazem as mulheres. Depois,

fechou os olhos e segurou meus ombros.

– Estou tonta.

Apoiou-se em mim, tentando recuperar o equilíbrio. Falou de olhos fechados:

– Ouvi dizer que os homens são ligados na visão. Ver mulheres nuas os deixa excitados. E então, como você está indo com tudo isso?

Virei o corpo dela e comecei a conduzi-la para a lareira.

– Ainda sou seu médico.

– Tem certeza? Os médicos também são humanos.

Sorriu, reconhecendo o óbvio.

– Não posso ficar muito mais nua que isto.

Suas mãos e pés haviam ficado murchos, mas ela também estava limpa e com um cheiro melhor. Enxugou-se e eu passei seu braço em volta do meu ombro, deixando que me fizesse de muleta. Dessa vez, levei-a para a poltrona reclinável, que, pelo próprio desenho, elevaria sua perna e retiraria dela a pressão. Eu havia alimentado demais o fogo e, na verdade, a sala estava quente. Abri uma fresta da porta para resfriá-la, o que também não demorou.

Ashley levantou um dedo.

– Ben, você não respondeu à minha pergunta.

– Ashley, eu não sou cego. Você é linda, mas não é minha.

Ajeitei o fogo.

– E... ainda amo minha mulher.

Ela tornou a levantar o dedo.

– Estou seminua e estive dentro desse saco de dormir desde que você me pôs aqui. Já o vi nu meia dúzia de vezes. Sempre que faço minhas necessidades, você está literalmente comigo. Então... como tem lidado com isso tudo? Ficar tão perto de mim é difícil para você?

Encolhi os ombros.

– Sinceramente?

– Sinceramente.

– Não.

Ashley pareceu surpresa. Quase decepcionada.

– Quer dizer que não fica nem um pouco excitado comigo?

– Não foi isso que eu disse. Posso me excitar bastante com você.

– Então, o que está dizendo?

– Todo mundo já viu filmes em que dois estranhos se perdem numa terra virgem qualquer. E, como em *A força do destino*, eles acabam transando na praia. Fazem amor loucamente, um amor apaixonado que resolve todos os seus problemas. O filme termina e eles saem andando de mãos dadas em direção ao pôr do sol. De pernas bambas e olhos arregalados. Mas isto aqui é a vida real. Eu quero muito sair daqui e voltar para casa. E quero fazer isso com o coração

intacto. A parte do meu coração que precisa ser preenchida por isso já foi preenchida. Pela Rachel. Não tem nada a ver com poder ou não poder, fazer ou não fazer.

– Quer dizer que, durante todo esse tempo, do aeroporto até o desastre e até aqui, você não pensou nem uma vez em transar comigo?

– É claro que pensei.

– Você está me confundindo.

– Ficar tentado e fazer são duas coisas diferentes. Ashley, não me entenda mal. Você é admirável. Incrivelmente bonita. Tem um corpo de deusa grega, embora eu realmente quisesse vê-la raspar as pernas, e, com certeza, é mais inteligente do que eu. Toda vez que conversamos, acabo me atrapalhando no que digo e parecendo estúpido, mas em algum lugar há um sujeito chamado Vince que, quando eu o conheci, vai desejar que eu a tenha tratado de certa maneira. E, quando o conhecer, vou desejar a mesma coisa. Eu gostaria de poder olhá-la nos olhos sem esconder nada. Porque esconder coisas dói, pode acreditar.

Olhei-a bem e continuei:

– Quando sairmos daqui, você e eu vamos querer que eu a tivesse tratado de certa maneira. Quero poder olhar para trás e saber que fiz isso.

Remexi os polegares, nervoso.

– Estou separado da minha mulher por causa de uma coisa que eu fiz. Ou, melhor dizendo, que não fiz. E tenho vivido com isso. O sexo com você, ou com qualquer outra pessoa, aumentaria mais essa separação. E, por melhor que fosse essa transa, ela não chegaria nem perto da dor de estar separado. Procuro me lembrar disso toda vez que...

– Toda vez que o quê?

– Toda vez... que penso em alguma coisa em que o seu médico não deveria pensar.

– Quer dizer que você é humano.

– Muito.

Ashley se calou por um minuto.

– Sinto inveja dela.

– Você me lembra Rachel.

– Como?

– Bem... fisicamente, você é magra, atlética, musculosa. Imagino que pudesse me derrubar com um chute.

Ela riu.

– Em termos intelectuais, não quero discutir com você. Em termos afetivos, você não se esconde de nada. Põe as cartas na mesa, em vez de ficar ciscando em volta: tende a encarar o que tem pela frente. E você tem um enorme reservatório de força, que se evidencia no seu senso de humor.

– Qual é o maior ponto fraco dela?

Eu não quis responder.

– Está bem, não responda. Qual era o maior ponto fraco de Rachel, antes da separação?

– O mesmo que sempre foi seu ponto mais forte.

– E qual é?

– O amor dela... por mim e pelos gêmeos.

– Como assim?

– Ela nos colocava em primeiro lugar. Sempre. E se punha num distante terceiro lugar.

– E isso é uma fraqueza?

– Pode ser.

– Foi por isso que vocês se separaram?

– Não, mas isso não ajudou.

– O que você preferiria?

Escolhi as palavras.

– Preferiria que ela fosse egoísta como eu.

Peguei um pedaço de compensado que devia ter mais ou menos 1 metro quadrado, tirei a poeira, coloquei-o no colo de Ashley e lhe entreguei a caixa com o quebra-cabeça.

– Achei isto. A fotografia desbotou toda, de modo que não sei o que seria, mas... talvez ajude a mantê-la ocupada.

Ashley tirou a tampa e jogou as peças no compensado, virando-as imediatamente e separando as que tinham bordas retas.

– Quer ajudar? – perguntou.

– Nem pensar. Fico zozinho só de olhar para isso.

– Não é tão mau assim – disse ela, virando delicadamente as peças. – É só não se apressar. Tudo acaba se encaixando.

Olhei para a confusão jogada à frente dela.

– E se não se encaixar?

Ashley deu de ombros.

– Vai se encaixar. Talvez não como você supõe, mas vai.

– Não tenho paciência.

– Duvido.

Fiz um sinal negativo com a cabeça.

– Não, obrigado.

Dada a neve que caía sem parar, a luz externa permaneceu tênue e cinzenta, e a temperatura pouco se alterou. No alto da cabana que nos abrigava, cristais de gelo iam se formando na janela, espalhando-se feito teias de aranha pelo vidro.

O tamanho da perna de Ashley não me animou. Ela balançou a cabeça.

– Já dá pra me chamar de coxuda.

Levei nosso panelão para o lado de fora, coloquei nele uma dúzia de bolas de neve bem compactas, pouco maiores que bolas de beisebol, depois me sentei ao lado da perna esquerda de Ashley. Pus de lado o quebra-cabeça, dobrei uma toalha, ajeitei-a sob a perna dela e comecei a esfregar delicadamente uma bola de neve de cada vez em torno da fratura, em círculos.

Ashley se contraiu, com as mãos atrás da cabeça.

– Não gosto disso.

– Espere só uns minutos. Quando ela ficar dormente, vai melhorar.

– É, mas, neste momento, não tem a menor graça.

Quatro bolas de neve depois, ela havia parado de reclamar. Recostou a cabeça e a virou para o lado, olhando pela janela. Passei quase trinta minutos pondo gelo em sua perna. Além de dar à pele um tom vermelho vivo, o efeito na inchação foi mínimo.

– Uma vez de hora em hora, pontualmente. Entendeu?

Ashley fez que sim. Ela ainda não tinha bom aspecto. Os olhos estavam injetados e o rosto parecia enrubescido. Podia ter sido o banho, mas eu tinha a impressão de que não era.

– Alguma ideia de onde estamos? – perguntou ela.

Abri o “mapa” e lhe mostrei o X que marcava nossa posição.

Mais ou menos nesse momento, Napoleão arranhou a porta, empurrou-a e entrou saltitando pela cabana como se fosse o seu dono. Foi para seu canto do colchão, deu um giro, arriou, enroscou-se, enfiou o focinho embaixo de uma pata e fechou os olhos. As laterais do focinho ainda estavam vermelhas, e a barriga, redonda e cheia.

– Onde ele foi?

– Tomar o café da manhã.

– Guardou algum para nós?

– Conversei com ele sobre o assunto, mas ele não topou.

– Você não podia ter tirado um pouquinho? Roubado um pedaço pelo canto?

– Você se dispõe a pôr sua mão perto da boca do Napoleão quando ele está comendo? Porque eu acho que seria bem provável que ele tirasse um pedaço de mim.

Ashley afagou a barriga do cãozinho.

– Ele parece mesmo ter o pavio bem curto.

Virou-se para mim.

– E então... qual é o plano?

– Hoje vou fazer uma inspeção por aí. Ver se acho uma refeição para nós.

– E depois?

– Bem... vamos comer. E precisamos que pare de nevar.

– E depois?

– Vamos comer até não aguentar mais, arrumar a bagagem e partir.

– Para onde vamos?

– Ainda não cheguei a essa parte. Só cuido de uma crise de cada vez.

Ashley recostou a cabeça e fechou os olhos.

– Avise quando houver planejado tudo. Estarei bem aqui.

Fiz mais uma dúzia de bolas de neve bem compactas e as coloquei longe do fogo, do outro lado da poltrona. Cortei tiras de um dos cobertores de lã e as enrolei nas mãos. Peguei o arco.

– Se eu não voltar dentro de uma hora, ponha gelo na perna. Lembre-se, trinta minutos de gelo, sessenta de intervalo.

Ashley assentiu com a cabeça.

– E continue a beber água.

– Sim, senhor.

– Não estou brincando. Trinta de gelo, sessenta de intervalo.

– Você fala igualzinho ao meu médico.

– Ótimo.

Pus os pés do lado de fora. O vento estava mais forte, levantando a neve em rodopios e lançando tufões em miniatura para o arvoredo, onde eles chacoalhavam os galhos e se extinguíam. Fui subindo por entre as árvores e pela encosta atrás do acampamento. A crista dos morros circundava o lago. Era lago de um lado, vale do outro.

Observei a disposição do acampamento. As pessoas, escoteiros ou lá quem fosse, tinham que vir para ali de algum lugar, transportadas por alguma coisa. Não chegavam saltando de helicópteros, simplesmente. Era concebível que só viessem a pé ou a cavalo, mas onde ficavam as trilhas? Se de fato estávamos na Floresta de Ashley e se ali só era permitido tráfegar a cavalo e a pé, não podíamos estar muito embrenhados na mata. Caso contrário, as pessoas jamais chegariam ali.

Dei uma volta na direção sul e não tardei a encontrá-la: uma trilha estreita e sinuosa, coberta de neve, larga o bastante para dois cavalos trotarem lado a lado, descendo do lago pelo desfiladeiro no vale atrás de nós.

Com certeza, se alguém escoltava meninos até ali, todos carregando mochilas pesadas, não havia como fazê-los cruzar o estado inteiro para chegar. Alguns quilômetros, talvez, porém não mais que isso. A não ser que aquele fosse um acampamento exclusivo para escoteiros dos mais graduados, do que eu duvidava muito. Era grande demais. Projetado para servir a um grande número de pessoas.

Estava esfriando. Embora a lã funcionasse melhor que o brim esfarrapado, as tiras pouco faziam para repelir o frio. Eu precisava voltar para a lareira.

Ashley passou quase o dia inteiro dormindo e acordando. Mesmo assim, continuei a pôr gelo em sua perna. Nesses momentos, ora ela acordava, ora não.

Dormir era a melhor coisa que podia fazer. Cada minuto dormido era uma espécie de depósito bancário, um crédito que ela teria de sacar quando resolvêssemos sair dali. E isso eu tinha a intuição de que não tardaria a ocorrer.

No fim da tarde, quando a luz baixou de cinza para um tom de chumbo escuro e sombrio, saí com o arco e retornei ao alto da cordilheira em que tinha avistado a maioria das pegadas. Subi nos galhos de um choupo e me sentei. O frio me dificultava permanecer imóvel. Ao escurecer, vi um clarão branco pelo canto do olho. Examinei a neve. Quando o clarão tornou a se mexer, a imagem entrou em foco.

Havia seis coelhos a uns 15 metros de mim. Puxei a corda devagar, fazendo mira no mais próximo. Fiz a puxada completa, soltei um pouco a respiração, concentrei-me na mira dianteira e apertei o gatilho. A flecha pegou o coelho entre as patas dianteiras e o fez rolar. Como os outros não se mexessem, encaixei outra flecha, puxei a corda, tornei a focalizar a mira e disparei.

Voltei para a cabana com os corpos de dois coelhos espetados num galho verde de choupo e os pendurei sobre o fogo.

Ashley estava sentada com o quebra-cabeça no colo.

– Só dois?

– Atirei em três.

– Qual foi o problema?

– Um se mexeu.

– E daí?

– Sabe... se você tiver essa percentagem de acerto nas principais ligas esportivas, vai para o Hall da Fama.

– Por essa vez, vou deixar passar.

Assei lentamente os coelhos e até achei um pouco de sal na despensa.

Com a boca engordurada, Ashley ficou segurando uma perna de coelho numa das mãos, uma tigela de sopa na outra, e exibia um sorriso de orelha a orelha.

– É bom o coelho que você faz.

– Obrigado. Está bem gostoso, modéstia à parte.

– Sabe... – Ashley foi mastigando, saboreando a comida quase na ponta da língua. – Não tem gosto de frango, na verdade.

– Quem lhe disse que tinha?

– Ninguém, é só que tudo tem gosto de frango.

Jogou a cabeça para trás e tirou um ossinho da boca.

– Não. Isto não é exatamente a verdade – falou, tirando outro ossinho. – Desde que estou com você, nada tem gosto de galinha.

– Obrigado.

Trinta minutos depois, a única coisa entre nós era um prato de ossos e duas tigelas

vazias. Permanecemos deitados, aproveitando a barriga cheia. De tudo aquilo, o que mais me agradou foi o sal. E, dada a quantidade de esforço e suor gastos desde o acidente, eu precisava de todos os eletrólitos que pudesse arranjar. De momento, o sódio puro teria que dar conta.

Ashley acenou com a cabeça para a caixa do Banco Imobiliário na mesa.

– Você sabe jogar?

– Não jogo há muito tempo.

– Nem eu.

Três horas depois, ela era dona de três quartos do tabuleiro, tinha hotéis em quase toda a propriedade, e eu estava à beira da falência, pois tivera de pagar quase todas as vezes que havia rolado os dados.

– Você é dureza.

– Jogávamos um pouco quando eu era pequena.

– Um pouco?

– Está bem... talvez mais do que um pouco.

Virou de lado.

– E então, quais são os seus planos?

– Bem, pensei em deixar a neve parar e ver se...

Ashley foi contando enquanto movia sua peça no tabuleiro.

– Não estou falando do seu plano para nos tirar daqui. Estou falando de quando você chegar em casa. Do plano sobre você e sua mulher.

Dei de ombros.

– Vamos, desembuche.

– Eu...

– Gaguejar não vai levá-lo a lugar nenhum.

– Seria bom você me deixar dizer uma palavrinha de vez em quando.

– Estou deixando. Agora, desembuche. O que você fez e, mais importante: o que vai fazer a respeito disso? Você é um bom sujeito, então imagino que não pode ter sido tão ruim assim.

– É complicado.

– Ah, é? Bem-vindo à Terra. Tudo aqui é complicado. Então, o que foi que você disse?

– Eu disse umas coisas.

– Sei, você e todo o mundo. De que tipo?

– Do tipo que não posso retirar.

– Não pode por quê?

– Porque elas... ela...

Fechei os olhos e respirei fundo.

– Foram verdadeiras?

– Sim, mas isso não as tornou corretas.

Ashley fez que sim com a cabeça.

– Mais cedo ou mais tarde, você vai ter que parar de esconder o jogo. Estou tentando ajudá-lo.

Apontou para o gravador.

– Você é muito melhor falando nesse troço do que comigo.

– Eu lhe disse isso desde o começo.

– Você não tem falado muito com o gravador. O que houve?

– Talvez eu esteja ficando sem ter o que dizer.

– Sabe... o que quer que você tenha dito, é sempre possível se retratar. Digo, o que poderia ter sido tão ruim? São só palavras.

Virei-me, aticando o fogo e observando as chamas. Meu murmúrio foi baixo:

– Paus e pedras podem quebrar ossos, mas, se você quiser ferir alguém... bem fundo, use palavras.

Ashley teve um sono sobressaltado, falando enquanto dormia. Depois da meia-noite, eu me levantei e pus mais lenha na lareira. Abri seu saco de dormir, expus sua perna e passei a mão em sua coxa. O edema havia diminuído e a pele não estava tão esticada. Dois bons sinais. Ao lado dela, espalhados no compensado, pedaços do quebra-cabeça começavam a ganhar forma. Era uma imagem indistinta, mas parte lembrava uma montanha com o cimo coberto de neve.

Ela estava deitada à luz da lareira. Pernas compridas. Uma elevada. A outra estendida. Relaxada. Os pelos espetados que cresciam nas pernas e a penugem fina das coxas contavam quanto tempo se passara desde o acidente. A cabeça de Ashley se inclinava para um lado. A camiseta caía sobre a clavícula. A calcinha dançava, frouxa, no quadril.

Toquei-a na têmpora. Afastei seu cabelo para trás da orelha. Deslizei o dedo por seu pescoço e pela linha de um dos braços. Até a ponta dos dedos. Surgiram arrepios em sua pele.

– Ashley...?

Ela não se mexeu. Não esboçou reação.

O crepitar do fogo era mais alto que o meu sussurro.

– Eu...

A cabeça dela se virou, com uma inspiração profunda, seguida por uma longa e lenta expiração. Seus olhos se moviam para a esquerda e a direita atrás das pálpebras. A verdade não saiu.

CAPÍTULO 35

UMA SEMANA DEPOIS, voltamos ao médico. Você vomitou em todas as latas de lixo entre o carro e o consultório. Fiquei arrasado. Todas as vezes que lhe disse isso, você assentiu com a cabeça.

– É para ficar mesmo. Foi você que fez isso comigo.

É difícil refutar esse tipo de afirmação.

Os gêmeos requeriam mais ultrassonografias, com mais frequência. Do tipo em 3D. Seu médico queria ter certeza de que tudo corria bem. E, dada a minha posição no hospital, eles estavam, em certo sentido, cuidando de um dos seus. Um belo incentivo.

Chamaram-nos de volta. Mais gel esguichado de um tubo. Outra haste se esfregando na sua barriga. Amarraram o monitor no barrigão e pudemos ouvir os batimentos cardíacos dos bebês. Um duelo de ecos. Tudo normal. Certo?

Errado?

O técnico fez uma pausa, recuou, passou a haste do aparelho em você pela segunda vez e disse:

– Volto já.

Após noventa segundos que pareceram três horas, o seu médico, Steve, entrou pela porta, mal conseguindo disfarçar a apreensão. Estudou a imagem, meneou a cabeça, engoliu em seco e deu um tapinha na sua perna.

– A Sheila, aqui, vai fazer uns exames. Quando vocês terminarem, venham ao meu consultório.

Eu me manifestei:

– Steve... eu sei ler a linguagem corporal dos médicos. O que está havendo?

Ele foi esquivo. Outra má notícia.

– Talvez não seja nada. Vamos fazer os exames.

Eu teria dito a mesma coisa se estivesse tentando descobrir como dar uma notícia ruim. Os dois conjuntos de batimentos cardíacos ecoavam alto ao fundo.

Você se virou para mim com as duas mãos sobre a barriga.

– O que ele está dizendo?

Abanei a cabeça e segui Steve até o corredor.

Ele se virou.

– Deixe-a fazer os exames, só isso. Vejo vocês no meu consultório.

Eu não precisaria ouvi-lo. Seu rosto já me dizia muito.

Sentamos defronte dele. Steve exibia um ar sofrido. Levantou-se, contornou a escrivaninha e puxou uma cadeira. Ficamos os três sentados num triângulo.

– Rachel... Ben... – Seus olhos corriam de um lado para outro. Ele não sabia

para quem olhar. Começou a transpirar. – Você... você está com uma separação prematura parcial.

Rachel me olhou.

– O que isso quer dizer?

Steve falou por mim.

– Quer dizer que a sua placenta se descolou da parede uterina.

Você remexeu as pernas.

– E aí?

– E... já vi separações maiores, mas a sua também não é pequena.

– Então... você está dizendo...?

– Repouso absoluto.

Você cruzou os braços.

– Eu tinha medo de que você dissesse isso.

– Vamos dar tempo ao tempo. Se pudermos retardar o descolamento, ou até detê-lo, ficará tudo bem. Não há motivo para pânico.

No carro, ao voltarmos para casa, você pôs a mão no meu ombro.

– E então, o que isso significa de verdade, doutor?

– Que você precisa se dedicar a bordar e descobrir uns cem filmes a que deseje loucamente assistir. Talvez ler umas dezenas de livros.

– Nós vamos conseguir?

– Se ela não descolar mais.

– E se descolar?

– Não chegamos a essa parte, então vamos deixar para depois.

– Mas...

– Meu bem... um obstáculo de cada vez, sim?

CAPÍTULO 36

A LUZ DO DIA se infiltrou pelos galhos da árvore, iluminou a neve e me encontrou escorregando pela crista da montanha. A nevasca não tinha diminuído. Já nos aproximávamos de 1 metro de altura de flocos recentes. Deslocar-me era um processo lento e difícil. Sem as raquetes de neve, era quase impossível. Nesse momento, a neve estava seca e fofa. Ainda fria demais para ficar grudenta. Se a temperatura subisse, a situação beiraria o insuportável.

Andei durante uma hora, mas não vi nada. Na volta, desci do cume e segui entre as árvores. Quando me acercava dos fundos da cabana em que nos abrigávamos, avistei uma oitava construção que ainda não tinha visto. Menor, de formato mais parecido com o de um galpão. A única coisa visível era o topo de uma chaminé tubular projetando-se da neve. O resto da construção fora sepultado.

Contornei-a, tentando decidir onde ficaria a porta, e comecei a tirar a neve. Ao bater numa parede de blocos de cimento, sem porta, fui para o outro lado e recomecei a escavar. Não achei a porta, mas encontrei uma janela. Retirei a neve, tentei levantar a janela e não consegui.

Chutei-a e o painel único da vidraça se espatifou e caiu no piso, do lado de dentro. Tirei as pontas cortantes com a machadinha e me esgueirei pela abertura.

Era uma espécie de depósito. Antigas selas, rédeas e estribos pendurados numa parede. Molinetes sem linha. Algumas ferramentas, martelos, lixas e chaves de fenda. Uma faca enferrujada. Vários potes com pregos enferrujados de todos os tamanhos. Uma lareira com fole, onde eu diria ser possível um ferreiro ferrar um cavalo. Parecia a oficina necessária para manter em pleno funcionamento um acampamento como aquele. Na parede oposta estavam pendurados vários pneus velhos, que pareciam apropriados para quadriciclos. Alguns canos, até uma corrente. Cocei a cabeça. Se aquilo era verdade, se tinham levado quadriciclos para lá, só podíamos estar bem no início da Floresta de Ashley. O que significava que estávamos mais perto de uma estrada do que eu pensara até então.

Parte de mim quis se empolgar. Deixar o coração disparar. Percorrer o confuso labirinto de todas as possibilidades. Mas, se o fizesse, e se Ashley visse isso no meu rosto e também se empolgasse, e se nenhuma de minhas esperanças

correspondesse à verdade, então... bem, esperança falsa era pior do que esperança nenhuma.

Continuei a examinar. Nem mesmo quadriciclos explicariam como tudo fora levado ali para cima. O que carregara toda aquela tralha de painéis, frigideiras, comida, suprimentos? Então levantei os olhos.

Acima da minha cabeça, nos caibros, havia seis ou oito trenós azuis de plástico, feitos para carregar equipamento, se atrelados a motoneves, quadriciclos ou cavalos. Diversos comprimentos e larguras. Baixei um deles. Tinha uns 2 metros de comprimento, largo o bastante para uma pessoa se deitar, com esquis na parte inferior para deslizar com mais facilidade na neve, e não chegava a pesar nem 10 quilos.

Virei-o no ângulo apropriado, empurrei-o pela janela e já ia saindo, quando olhei para o alto pela última vez. E lá, em cima dos outros trenós, havia diversos pares de raquetes de neve. Eu quase os deixara escapar. Dessa vez, meu coração acelerou de verdade. Alguém os pusera ali, o que significava que alguém os usaria para andar ali por cima e, se outras pessoas podiam fazê-lo, bem...

Quatro pares ao todo. Empoeirados, velhos e com as correias endurecidas e quebradiças, mas as estruturas eram sólidas, assim como os suportes. E eles eram leves. Achei um par que me servia, amarrei-o nos pés e voltei para a cabana puxando o trenó.

Ashley se mexeu e deu uma olhadela para trás.

– O que é isso?

– A sua carruagem azul.

– Há um cavalo realmente veloz amarrado à outra ponta?

– Muito engraçado.

Tirei os arreios do trenó velho e os prendi no novo. Entre os cobertores de lã e os sacos de dormir, pareceu-me que poderia deixar Ashley bem mais confortável.

– Neste aqui você viaja de frente.

– O que significa que tenho de olhar para o seu traseiro o tempo todo.

– Bem... para o que resta dele.

– Quando a gente não lidera a prova, a paisagem não muda.

Foi bom ouvir o humor voltar.

Nessa tarde, continuamos nosso jogo de Banco Imobiliário. Ou melhor, Ashley continuou a devorar imóveis e a cobrar aluguéis exorbitantes. A certa altura, sacudiu os dados com as duas mãos, dizendo:

– Você vai pro brejo, otário.

Rolou um total de oito pontos, o que a fez dar um salto completo sobre minhas míseras propriedades.

– Alguém já lhe disse que você é só um pouquinho competitiva?

Ela se reclinou na cadeira, triunfante.

– Não, por que você diz isso?

No fim da tarde, eu havia hipotecado todos os meus imóveis, e minha única esperança era conseguir passar mais uma vez pela partida e receber 200 dólares, antes que ela, o banco, executasse a hipoteca de todos os meus bens e me levasse à falência.

Não consegui. Fui parar no Parque, e Ashley passou dez minutos rindo feito uma hiena.

Uma hora antes de anoitecer, pus o quebra-cabeça no colo dela e disse:

– Eu volto.

Amarrei as raquetes de neve e comecei a deslizar pela crista da montanha em busca de alguma coisa comestível. A neve já não caía com tanta força, mas continuava a cair. A se acumular. O mundo inteiro fora emudecido, abafados todos os sons. O silêncio era o barulho mais alto que se ouvia.

Pensei em como a vida se tornara diferente. Nada de telefones, secretária eletrônica, bipes, e-mails, ninguém me mandando recados pelo interfone do hospital, nada de notícias nem rádio. Nenhum outro ruído senão o crepitar do fogo, o som da voz de Ashley e as unhas de Napoleão arranhando o piso de concreto.

Dentre todos esses, apanhei-me procurando escutar um som em especial.

Andei por trinta minutos, talvez percorrendo 1,5 quilômetro, e achei uma porção de pegadas que se misturavam numa ravina. A neve estava toda remexida. Instalei-me sob um choupo e aguardei. Não demorou muito. Surgiu uma raposa, que cruzou correndo a ravina e desapareceu antes que eu conseguisse puxar a corda. Logo depois veio uma corça, mas ela me farejou, espetou a cauda no ar, deu uma bufadela alta, bateu as patas no chão e disparou à velocidade da luz. Foi nessa hora que me dei conta de que meu esconderijo sob o choupo não era lá essas coisas, dada a posição do vento. Ou era isso, ou os animais estavam sentindo o cheiro de sabonete. Esse negócio de caçar não era tão fácil quanto parecia na televisão.

Era quase noite, de modo que, em vez de me mexer, fiquei mais cinco minutos parado. Um coelho apareceu e começou a descer saltitando para a ravina e, logo depois, a subir do outro lado. Deu dois pulos enquanto subia a outra encosta, parou, sentiu o meu cheiro, e soltei a flecha. Para nossa sorte, não errei.

Uma luz diferente brilhou na neve enquanto eu refazia meus passos, voltando para Ashley. Napoleão havia saído de novo e ela adormecera na poltrona. Com o quebra-cabeça no colo. Fervi água, mergulhei os saquinhos de chá pelo que certamente seria a última vez e me sentei ao lado de Ashley, girando o coelho acima do fogo.

Quando eu o havia tostado o suficiente, ela acordou e comemos devagar. Mastigando cada dentada mais demoradamente do que seria normal. Saboreando

o que podíamos. A quantidade de carne mal daria para alimentar uma pessoa, muito menos duas.

Napoleão voltou logo depois. Eu realmente me afeiçoara a ele. Era durão, meigo quando necessário, e se saía muito bem cuidando de si. Entrou lambendo as laterais do focinho. Estava com a cara vermelha e a barriga esticada e redonda. Voltou para seu pedaço do colchão, girou num círculo, deitou, rolou o corpo e pôs as patas para cima. Afaguei sua barriga e ele começou a balançar uma das pernas.

– Fico feliz por ele estar ganhando um pouco de peso – comentou Ashley. – Já estava ficando preocupada com ele.

Quando me inclinei para a frente, o gravador caiu do bolso da minha camisa. Ashley notou e disse, sem me olhar:

– Como é que as pilhas estão aguentando?

– Graças ao aeroporto, as pilhas não são problema.

– O aeroporto parece uma coisa de muito tempo atrás. Até de outra vida.

– É, parece.

Ashley sorriu.

– Essas pilhas são do mesmo tamanho das que você usa na sunga?

– Muito engraçado.

– E então... o que você tem dito a ela?

Não respondi.

– É muito pessoal?

– Não.

– Então, o que é?

– Bem... descrevi a neve e a droga da situação em que estamos.

– Quer dizer que não gosta de mim como companheira de viagem?

– Não. Afora ter que arrastá-la por metade do estado de Utah, você é ótima companhia para viajar.

Ela riu.

– Isso eu tenho que reconhecer. Por que você não diz a ela do que sente saudade?

A lua devia estar reluzindo por trás das nuvens, porque brilhava uma luz fantasmagórica e clara. Infiltrava-se pela janela e projetava sombras no piso de concreto.

– Já fiz isso.

– Com certeza, você não lhe disse tudo.

Girei o gravador nas mãos.

– Disse o bastante. Por que você não me conta do que sente saudade no Vince?

– Vamos ver... Sinto saudade da máquina dele de *cappuccino*, e do cheiro da sua Mercedes, e da limpeza do parco mobiliário da sua cobertura de solteiro... a

vista do terraço, à noite, é realmente incrível. Quando os Braves estão jogando, dá para ver as luzes do estádio. Rapaz... como seria bom um cachorro-quente neste momento. Eu me conformaria até com um daqueles *pretzels* grandões. E o que mais? Sinto falta da risada dele e do seu jeito de procurar saber como eu estou. Ele é muito bom de telefonemas, mesmo quando está ocupado.

– Você está com fome, não é?

– Não... o que o fez dizer isso?

Depois que ela adormeceu, passei um bom tempo acordado, pensando. Ashley me dissera muito pouco sobre Vince.

CAPÍTULO 37

PASSOU-SE UM MÊS. Você estava quase subindo pelas paredes. Mal podia esperar pelo ultrassom seguinte. Chegamos ao hospital e Steve nos encontrou na sala de exame. A técnica esguichou o gel e Steve estreitou os olhos, observando a tela.

A assistente parou de passar o aparelho em círculos e olhou para ele. Um olhar sem expressão. Você foi a única que não percebeu.

– É melhor alguém começar a falar comigo – brincou.

Steve lhe deu uma toalha e olhou para a técnica, que saiu da sala. Ajudei você a retirar o gel e a sentar.

Steve se encostou na parede.

– O descolamento piorou. Muito.

Torceu as mãos.

– Isso não quer dizer que você não possa ter outros filhos, Rachel. É uma anomalia. Você é saudável, poderá ter mais filhos.

Você me olhou, de modo que traduzi:

– Meu bem... a separação prematura... piorou. A placenta está meio que pendurada por um fio.

Você olhou para o Steve.

– Meus nenéns estão bem?

– Por enquanto.

– Estão sendo nutridos?

– Sim, mas...

Você levantou as duas mãos, em um sinal de “pare”.

– Mas, neste momento, eles estão bem?

– Sim, mas...

– Mas o quê? O que mais há para dizer? Eu continuo de cama, em repouso. Alugo um quarto neste hospital. Faço alguma coisa. Qualquer coisa.

Steve meneou a cabeça.

– Rachel... se ela se soltar...

Foi sua vez de rejeitar a ideia dele.

– Mas, até este momento, não se soltou.

– Rachel... se neste momento você estivesse no pronto-socorro, e se eu estivesse pronto para entrar no centro cirúrgico, e a placenta se soltasse, não tenho certeza de que haveria tempo suficiente para eu tirar os bebês e conter o sangramento, antes que você morresse da hemorragia. Sua vida está em perigo. Preciso tirar os bebês.

Você o olhou como se ele houvesse enlouquecido.

– Tirar? Como assim?

Ele encolheu os ombros.

– Você sabe o que eu quero dizer.

– Não vou deixá-lo fazer nada disso.

– Se não deixar... nenhum de vocês vai escapar.

– Qual é a minha chance? Eu digo, em porcentagem?

– Se eu a levar para a cirurgia neste momento, é muito boa. Depois disso, os números despencam vertiginosamente.

– E se não me levar...?

– Mesmo que a monitoramos, só vamos saber quando for tarde demais. Na hora que ela se descolar, a hemorragia interna vai...

– Mas é concebível que, se eu conseguir ficar realmente imóvel nas próximas, sei lá... quatro semanas, possa fazer uma cesariana e voltar para casa com uma família feliz, com dois berços, duas babás eletrônicas e dois pais muito cansados? E então? É concebível?

– Com repouso absoluto total, é concebível, mas não provável. Suas chances seriam melhores numa máquina caça-níqueis em Las Vegas. Você precisa entender que isso é como andar com uma cápsula de cianureto no estômago. Depois que ela se romper, não há como voltar a ficar inteira.

– Meus filhos não são cianureto.

– Rachel...

Você levantou um dedo.

– Existe alguma chance de nós conseguirmos?

– Tecnicamente, sim... mas...

Você apontou para a tela.

– Você viu os rostos deles. Mostrou-os para mim, nesse seu sofisticado televisor em 3D com alta definição, do qual tanto se orgulha.

– Você não está sendo sensata.

– Não vou passar o resto da vida indo dormir pensando na imagem dos rostos. Pensando em por que eu o deixei “tirá-los”, quando, na realidade, você estava errado e eles teriam conseguido e, se não fosse por você e suas previsões calamitosas, eles estariam bem aqui.

Steve não teceu comentários, apenas olhou para mim. Encolheu os ombros.

– Rachel... neste momento, eles são só... aglomerados de células.

Você pegou a mão dele e a espalmou sobre sua barriga.

– Steve, quero apresentar-lhe Michael e Hannah. Eles têm muito prazer em conhecê-lo. Hannah toca piano. Talvez seja o próximo Mozart. E Michael é um ás em matemática, além de ser corredor, como o pai. Ele acha que é capaz de descobrir a cura do câncer.

Steve só fez mexer a cabeça.

Vocês não estavam chegando a parte alguma. Não que eu fosse de grande ajuda.

Entrei na conversa.

– Quanto tempo nós temos? Eu digo, realisticamente, para tomarmos esta decisão... quando não estivermos todos com as emoções tão exacerbadas.

Steve encolheu os ombros.

– Posso adiar até amanhã de manhã, na primeira hora – respondeu ele, virando-se para olhá-la. – Você pode ter outros filhos. Isso não é uma coisa que vá lhe acontecer de novo. É uma anomalia. Um acidente da natureza. Você pode recomençar de imediato.

Você espalmou a mão na barriga.

– Steve... nós não sofremos um acidente. Nós fizemos filhos.

A volta para casa foi silenciosa. Você ficou sentada com as mãos sobre o ventre, de pernas cruzadas.

Estacionei e fui a seu encontro na varanda. A brisa puxava seu cabelo.

Fui o primeiro a falar:

– Meu bem, deixe-me colocá-la na cama.

Você fez que sim e eu a escorei até lá. Ficamos sentados, contemplando as ondas. O mar estava agitado. O silêncio era denso.

– Ei... as suas chances não são nada boas.

– Tipo o quê?

– Eu diria menos de 10 por cento.

– O que Steve acha?

– Que nem chegam a isso.

Você se virou:

– Há 75 anos, isso nem seria discutido. As pessoas não tinham toda essa informação.

Fiz que sim.

– Tem razão. Mas não estamos vivendo na Grande Depressão. Estamos vivendo hoje. E, graças à medicina moderna, ou apesar dela, temos a tecnologia, que nos dá uma chance de discutir o assunto.

Sua cabeça se inclinou.

– Ben... já fizemos a nossa escolha. Naquela noite, há uns cinco meses. Foi o risco que assumimos naquela noite, e é o que estamos assumindo agora.

Mordi o lábio.

Você pôs a palma da minha mão sobre seu ventre.

– Eu vejo o rosto deles. Michael tem os seus olhos e Hannah tem o meu nariz... Conheço o cheiro deles, sei qual lado da boca se curva para cima quando eles sorriem, vejo o formato das orelhas, conheço as ruguinhas dos dedos deles. Eles são parte de mim... de nós.

– Isso é egoísmo.

– Lamento que você pense assim.

– Dez por cento não são nada. São uma sentença de morte.

– São uma nesga de esperança. Uma possibilidade.

– Você quer apostar numa nesga?

– Ben, não vou bancar Deus.

– Não estou pedindo para você bancar Deus. Estou pedindo que deixe que Ele resolva o assunto. Deixe Deus ser Deus. Já vi todas as imagens, Jesus com todas as criancinhas. Deixe que Ele fique com mais duas. Nós as veremos quando chegarmos lá.

Você desviou o rosto.

– A única maneira de Ele ficar com estas duas é me incluir no pacote.

Meneou a cabeça e tornou a se virar para mim. As lágrimas rolavam em profusão.

– Falando sério, que percentagem seria suficiente para você? Se Steve desse um número diferente, que número seria?

Encolhi os ombros.

– Alguma coisa acima de 50 por cento.

Você tornou a abanar a cabeça. Afagou meu rosto.

– Sempre há esperança.

Fiquei com raiva. Amargurado. Não conseguia fazê-la mudar de ideia. Justamente aquilo que eu amava em você, seu foco, a firmeza da sua força, era o que eu estava combatendo. E, naquele momento, odiei isso.

– Rachel... não há esperança. Você está bancando Deus consigo mesma.

– Eu amo você, Ben Payne.

– Então, aja como quem ama.

– Estou agindo.

– Você não me ama. Não ama nem mesmo a eles. Ama apenas a ideia deles. Se amasse, você estaria em cirurgia neste exato momento.

– É por causa de você que eu amo as crianças.

– Esqueça-as. Não as quero. Mande-as embora. Nós faremos outras.

– Você não está falando sério.

– Rachel, se dependesse de mim, você estaria em cirurgia agora.

– Você tem certeza absoluta de que a placenta vai descolar toda?

– Não, mas...

– Os meus bebês estão vivos neste momento?

– Rachel... passei os últimos quinze anos da minha vida estudando medicina. Tenho certa credibilidade nessa matéria. Isso não é brincadeira. Isso vai matá-la. Você vai morrer e me deixar sozinho.

Você se virou, com assombro nos olhos.

– Ben... não existem garantias. Esse é o risco que corremos. O risco que já assumimos.

– Por que você está sendo tão teimosa? Pense em outra pessoa que não você mesma por um minuto. Por que está sendo tão egoísta?

– Ben... não estou pensando em mim. Um dia você vai ver isso.

– Bom, com certeza, não é em mim que você está pensando.

Troquei de roupa, amarrei o cadarço dos tênis e saí porta afora, batendo-a com uma força que quase a arrancou das dobradiças.

Saí correndo. Um quilômetro adiante, descendo pela praia, virei para trás. Você estava em pé na varanda, apoiada na grade. Olhava para mim.

Quando fecho os olhos, até hoje a vejo.

E, toda vez que chego a esse ponto da nossa história... nunca sei muito bem como falar do que vem depois.

CAPÍTULO 38

PASSARAM-SE DOIS DIAS. Três semanas desde o acidente. Às vezes, parecia um ano. Em outras, um dia. Era uma sensação estranha. Um lugar em que o tempo tanto disparava quanto se arrastava.

Acordei e me descobri zonzo, segurando a cabeça entre as mãos. Nos dois dias anteriores, havíamos comido coelho e dois esquilos, porém nada maior. Não vínhamos definhando com a mesma rapidez, mas também não estávamos com saldo muito positivo. Eu precisava de uma ingestão maciça de calorias, se quisesse ter esperança de nos tirar dali. Naquela cabana, estávamos seguros e aquecidos. Atiçar o fogo, cochilar e jogar Banco Imobiliário exigiam pouca energia. Mas, assim que eu amarrasse os arreios e saíssemos pela porta, os dados estariam lançados. Entre o vento gelado de fazer tiritar, a neve caindo em profusão, o suor e o esforço físico, eu jamais conseguiria atingir o objetivo com o tanque vazio.

Precisávamos de comida armazenada para vários dias, pelo simples fato de que eu não poderia puxar Ashley, cuidar dela e caçar, tudo ao mesmo tempo. Precisava caçar agora, congelar a carne, de preferência para uns sete dias, e partir. Sair antes disso seria um convite a uma morte por fome e frio.

Uma morte que poderia vir, de qualquer modo.

Ashley acordou logo depois de mim. Espreguiçou-se e disse:

– Continuo na esperança de abrir os olhos e descobrir que você nos tirou daqui e nos devolveu ao mundo em que há apitos de trem ecoando na noite, e em que o aroma da Starbucks me atrai no caminho para o escritório, e minhas lutas principais são contra a violência no trânsito e um telefone que toca mais do que me agradaria, e em que... – Ela se remexeu, com uma careta no rosto – existe ibuprofeno. E há... – Deu uma risada – lâminas descartáveis e creme de barbear.

Eu me acostumara àquele riso. Passei a mão na barba. Estava espessa e, ao crescer, havia ultrapassado o ponto em que me dava coceira no rosto.

– Amém.

Ashley se reclinou.

– Eu daria mil dólares por uns ovos mexidos, torrada, sêmola de milho com cheddar, carregada no queijo, e salsicha apimentada.

Levantou um dedo e completou:

– Rematados por um bule de café e, para concluir, um pão doce dinamarquês com recheio de queijo.

Fui ferver água na cozinha. Meu estômago roncava.

– Você não está me ajudando.

Massageei as pernas de Ashley e me animei com o fluxo sanguíneo saudável e a ausência de edema. Acomodei-a na poltrona e lhe disse:

– Talvez eu passe quase o dia inteiro fora. É provável que tenha escurecido quando eu voltar.

Ela assentiu, puxou Napoleão para o colo, e pus o quebra-cabeça a seu lado.

Guardei meu saco de dormir na mochila, afivelei as raquetes de neve, peguei o arco e a machadinha e saí contornando o lago. Estava andando melhor com as raquetes, o que significava que não batia constantemente com a parte interna de um pé na do outro. Levei também os dois molinetes de Grover, para o caso de poder montar algumas armadilhas com a linha.

O vento estava mais forte e fazia a neve rodopiar. Floquinhos densos, soprados com força, espetavam meu rosto. Circundei o lago, caminhando em direção ao ponto em que, dias antes, avistara a fêmea de alce com sua jovem cria. O filhote nos alimentaria por duas semanas.

Caminhei pela margem do lago e montei duas armadilhas em pontos em que as pegadas sugeriam trânsito de animais. Cortei galhos e espalhei detritos, estreitando mais a passagem, depois preparei laçadas, que posicionei logo acima da superfície da neve.

Chegando ao outro extremo do lago, encontrei a neve remexida e pegadas de alce por toda parte. Não rastros de animais que apenas passaram por ali, mas pegadas que fariam se estivera rodando por ali e comendo. Não era difícil imaginar. Os alces ficavam em cima do lago e comiam os galhos de árvores que se projetavam sobre o que seria água no verão. O gelo e a neve lhes permitiam comer em pontos mais altos dos galhos – basicamente, andando sobre a água.

Eu precisava de um esconderijo, um lugar para ficar de tocaia. O lago era cercado por pinheiros, píceas, abetos-de-douglas e choupos. Escolhi um choupo próximo das pegadas, com galhos que desciam quase até o chão, situado a favor do vento a uns 30 metros de onde os animais haviam comido. Cortei uns galhos, inseri-os na árvore para engrossá-la e não deixar ninguém me ver por trás, depois escavei a neve embaixo da árvore e a empilhei na base dos galhos, o que bloqueou o vento e criou um esconderijo aconchegante. Havia diversas pedras grandes sob a árvore. Rolei uma delas para sua base e a usei como cadeira, encostando-a no tronco. Cortei uma “janelinha” à minha frente por onde atirar, ajustei uma flecha no arco e me enfiei até o peito no saco de dormir, para iniciar a longa espera. Por volta do meio-dia, acertei um coelho, busquei-o e o enterrei na neve a meu lado. No meio da tarde, eu ainda não vira nada, e por isso

cochilei, acordando uma hora antes de escurecer.

Caiu a noite e fiz o caminho de volta. Não foi difícil achá-lo, bastou me manter com as árvores à direita e a enorme área aberta e branca à esquerda. A primeira armadilha permanecia intacta, e a segunda tinha sido deslocada, mas continuava vazia, o que sugeria ter levado um esbarrão de alguma coisa. Reposicionei-a e me arrastei a duras penas para casa, ciente de que precisava melhorar minhas probabilidades. Como o que acontece no bingo. Se a gente quer mesmo ganhar, tem que jogar com mais cartões.

Limpei o coelho e o preendi no espeto, colocado horizontalmente acima do fogo. Lavei o rosto e as mãos e, passada cerca de uma hora, comemos. Ashley estava muito falante, consequência de eu tê-la deixado sozinha o dia inteiro. Eu não queria conversa. Havia ficado a sós com meus pensamentos e com uma ou duas perguntas a que não pudera responder.

Ela captou o clima.

– Você não quer conversar, não é?

Eu tinha acabado de comer e estava tirando linha dos molinetes de Grover para fazer novas armadilhas.

– Desculpe. Acho que não sou muito bom para fazer tarefas múltiplas.

– Você dirige o pronto-socorro do seu hospital, certo?

Fiz que sim com a cabeça.

– Quer dizer que lida com múltiplos traumas ao mesmo tempo?

Outro aceno afirmativo.

– Imagino que se saia muito bem nas multitarefas. O que há?

– Você está me entrevistando para alguma reportagem?

Ashley arqueou as sobrancelhas – a linguagem corporal universal das mulheres para dizer *estou esperando*.

A linha dos molinetes era verde-clara e ficaria bem camuflada nos galhos. Deveria funcionar. Eu havia cortado doze pedaços iguais, todos com uns 2,5 metros de comprimento, e feito nós corrediços nas pontas. Estava sentado no saco de dormir, com as pernas cruzadas, e ponderei:

– Estamos meio que numa encruzilhada.

– Temos estado assim desde que o avião caiu.

– É verdade, mas esta é um pouco diferente.

– Como assim?

Encolhi os ombros.

– Ficar ou ir embora. Aqui nós temos abrigo, calor e talvez alguém tropece em nós, porém o mais provável é que seja daqui a uns dois ou três meses, acho. Se formos embora, vamos correr o risco de não ter abrigo nem comida, e não sabemos que distância temos de cobrir. Se pudéssemos aumentar o estoque de alimentos, poderíamos cozinhar e embalar tudo aqui, e é provável que durássemos uma ou duas semanas lá fora. O novo trenó vai deslizar com mais

facilidade, as raquetes de neve vão funcionar, mas...

– Mas o quê?

– Resta-nos uma grande incógnita.

– Que é...?

– Qual é a distância? Não sabemos se estamos a 30 quilômetros, a 80 ou mais. Está nevando há não sei quanto tempo, há 1 metro de neve fresca acumulada, as avalanches serão uma preocupação constante e...

– Sim...?

– E se eu levar você para o meio desse caos só para nós acabarmos morrendo, ao passo que, se ficássemos aqui, poderíamos dar sorte e aguentar até o fim?

Ashley se reclinou.

– Parece que você está numa sinuca de bico.

– Eu?

– É, você.

– Não vou decidir por nós. Vamos decidir juntos.

Ela fechou os olhos.

– Vamos deixar para decidir amanhã, depois de uma noite de sono. Você não tem que resolver exatamente agora.

– Eu já lhe disse, não vou decidir. *Nós* vamos.

Ashley sorriu.

– Vou dormir. Você pode me informar sobre a sua decisão de manhã.

– Você não está ouvindo – insisti.

Ela puxou Napoleão para baixo do braço e fechou o saco de dormir até a altura dos ombros.

Estava escuro, exceto pelo fogo na lareira. Alimentei-o com lenha. Da qual tínhamos uma quantidade abundante.

– Me avise quando puder externar o que o está incomodando de verdade.

Foi audível o sorriso em sua voz. Cocei a cabeça.

– Acabei de fazer isso.

– Não. Não fez. Ainda está aí dentro – discordou Ashley, e apontou para a porta. – Por que não vai dar uma volta? E leve o seu gravador. Quando voltar, você já terá descoberto.

– Você é... chata.

Ela assentiu com a cabeça.

– Estou tentando ser mais do que apenas chata. Agora, vá dar um passeio. Estaremos aqui quando você voltar.

CAPÍTULO 39

VOCÊ TEVE ALGUMA coisa a ver com isso? Não sei como fez, mas aposto que você a pôs do meu lado no avião. Não sei direito do que ela está falando. Bem... talvez saiba um pouco, mas isso não dá razão a ela. Está bem, dá razão. Pronto. Ela está certa. E eu, bem aqui, de novo falando com este treco, por não conseguir pôr o que penso em palavras.

Vocês duas devem estar contentes.

Mas o que é que eu vou fazer? Não caço para valer desde que o vovô me levava para caçar, na época da escola. Bem, talvez tenha saído uma vez ou outra para caçar aves. Algumas caçadas de cervos. Mas nunca foi importante. Não tinha importância, naquela época. Só estávamos passando tempo juntos. Vovô me levava para caçar porque deveria ter levado meu pai quando ele era pequeno, não levou, e meu pai cresceu e virou um idiota. Eu era o prêmio de consolação. E por mim, tudo bem: eu gostava dele, ele de mim, e nos tornamos amigos, e aquilo me tirava do jugo do meu pai. Mas, se não acertássemos nada, nenhum de nós ia morrer. Era só parar na Waffle House na volta para casa. Ou num McDonald's. Ou na Wendy's. De vez em quando, no bufê de frutos do mar. Era uma coisa social. Não uma questão de vida ou morte.

Aqui nas montanhas, se eu errar, se ferir um animal e não conseguir achá-lo, ou se simplesmente não enxergar nada, por ele me farejar ou me ver, estaremos mortos. Aqui isso é importante. Muito. Eu devia ter assistido mais à televisão. Como era o nome daquele sujeito do À prova de tudo? Bear Grylls? E o do Survivorman? Como ele se chamava? Aposto que qualquer daqueles caras já teria conseguido sair daqui. Se pudessem me ver, provavelmente ririam de mim.

Eu não sabia mesmo, quando entrei no avião de Grover, que teria de caçar para achar a saída deste deserto sem fim. Sei que muita gente sobreviveu em situações muito piores, mas a nossa não vem melhorando nada. É como... é como estar no inferno depois de tudo congelar. Não tenho ideia do que estou fazendo. E tenho medo de que, se eu não descobrir uma solução, aquela moça lá dentro tenha uma morte lenta e sofrida.

Pronto. Falei. Eu me sinto responsável. Como não haveria de me sentir? Ela já deveria estar de volta no escritório, depois da lua de mel, falando ao telefone, mandando e-mails para os amigos, correndo para cumprir um prazo, resplandecendo de alegria. Não deitada aqui, desamparada, no meio de lugar nenhum, com um idiota desajeitado que a mata de fome aos poucos.

Não tenho nada para oferecer a ela. E nada para oferecer a você. Agora, vocês duas me deixaram falando sozinho. Qual é o problema das mulheres? Será

que nós, homens, não podemos não saber a resposta? Não podemos não saber o que estamos fazendo nem o que vai acontecer em seguida? Não podemos ser... incapazes, e ficar arrasados e exaustos e desanimados? Não podemos não saber como vamos minorar ou resolver os problemas com que deparamos?

Mas você já sabia disso, não é? Não estou lhe dizendo nada que você já não saiba.

Desculpe-me por ter gritado com você. Desta vez... e da última.

Acho que ela estava certa. Acho que eu precisava vir aqui e tirar esse peso do peito. Arejar um pouco. Mas não vou dizer isso a ela. É claro que ela já sabe. Foi por isso que me mandou para cá. Ela é terrível, como você. Vocês devem ser farinha do mesmo saco.

Está bem, eu ouvi. Vou dizer a ela. Sei que ela está lá deitada, com uma perna quebrada, no meio de lugar nenhum, dependendo de um estranho. Apesar de já não sermos tão estranhos agora quanto no começo. Quer dizer, ela não foi sequer ao banheiro sem minha ajuda nestas três semanas. Mesmo na cabana, tenho que escorar a perna dela. Ashley fica tão pouco satisfeita com isso quanto eu, mas, se eu não o fizer, ela não consegue dobrar a perna nem sentar nem se apoiar na perna. Você já tentou se agachar numa perna só? Não é fácil. Eu tentei. Então, enfim, não somos estranhos.

E, sim, eu a olhei, e não, não é o que você está pensando. Entende o que eu quero dizer? Bem, é claro que a acho atraente. Ela é. Ela é... incrível. Meu bem, ela vai se casar, e estou tentando levá-la de volta para o noivo. Não sei se ela gosta dele ou não. Às vezes, acho que sim. Em outras, acho que não.

Não quero conversar com você sobre esse assunto.

É, as pernas dela são como as suas. Não, ela é... maior. Não sei direito que manequim ela usa. Até parece que vou checar a etiqueta do sutiã. Bem, é claro que já vi os seios dela. Tive que tirar seu sutiã depois do acidente.

Não, não estou enfrentando dificuldades com isso tudo. Eu... eu sinto saudade de você.

Meu bem, eu sou o médico de Ashley. Só isso. Certo... talvez eu esteja de fato enfrentando algumas dificuldades. Pronto, você quer que eu seja franco. Já falei: não é fácil...

Uma coisa eu digo sobre Ashley... ela tem um raro senso de humor. Uma coisa em que eu me descobri me apoiando. Precisando disso. É uma coisa de força. Como a sua. Vem do fundo. Ela é durona. Acho que vai se safar. Desde que eu não a mate de fome antes disso.

Se eu vou fazer isso? Meu bem... não sei. Não pensei que conseguiria chegar até aqui, mas cheguei. Se pode piorar? É claro. Isso não é o pior de tudo. O pior é... é estar separado de você. Isso é dez vezes pior do que estar preso aqui.

Agora vou me deitar.

E não, não sei o que vou fazer a respeito da questão do "não é fácil". Não, não vou dizer a ela. De jeito nenhum. Pare com isso. Não vou falar com ela. Não estou ouvindo.

Tudo bem, talvez eu lhe diga... que é um pouquinho difícil. Está bem assim?

Não, não sei como. Não sei... vou ser franco. Franqueza nunca foi problema.

Egoísmo? Sim. Franqueza? Não. Mas você já sabe disso.

E, sim, vou pedir desculpas a ela.

Desculpe-me por ter elevado a voz com você.

Agora... e naquele dia.

CAPÍTULO 40

SAÍ BEM CEDO no dia seguinte. Preparar doze armadilhas ocupou a maior parte da manhã. Quando terminei, passava da hora do almoço. Uma dúzia, somada às duas que eu já tinha armado, dava quatorze. Eu as pusei em todo o contorno do lago. Umas na margem, outras mais para dentro, a mais ou menos 100 metros. Eu poderia verificar todas no trajeto de ida e volta do meu esconderijo para caçar alces.

Instalei-me nele no meio da tarde e passei três horas sentado sem ver nada. Um alce jovem, seguido de perto pela mãe, apareceu no lago com andar desenvolto. Deu uma corrida curta, com a neve acima dos joelhos, virou-se e tornou a correr para as árvores, onde começou a comer. Já era muito crescido para ainda estar mamando nas tetas da mãe. A maioria dos animais que conheço tem crias depois dos invernos rigorosos. Se aquele filhote de alce tinha nascido em maio ou junho do ano anterior, agora estaria com uns oito meses. A mãe era enorme. Provavelmente, mais de 2 metros de altura, medida nos ombros, e, com certeza, mais de 450 quilos. Ela nos alimentaria por um ano. Mas não precisávamos de um ano. Se eu caçasse o filhote, a mãe se salvaria. Se eu caçasse a fêmea, havia uma boa probabilidade de que a cria morresse, de qualquer modo.

Os dois ficaram pastando a menos de 40 metros de distância, e meu coração começou a acelerar. A neve estava voando para o meu rosto, o que significava que o vento também soprava nessa direção. A fêmea se deslocou para 20 metros de distância e pensei seriamente em abatê-la. Olhando para trás, era o que eu devia ter feito. O filhote não a deixou afastar-se muito e chegou mais perto. Ficou a menos de 10 metros de mim. Mais perto, os dois ouviriam meu coração bater.

Puxei a corda devagar e a mãe ergueu a cabeça. Um olhar voltado para mim. Ou melhor, para a árvore. Ela sabia que havia alguma coisa ali. Só não sabia o quê.

Fiz mira no peito do filhote, respirei fundo, soltei um pouco a respiração e murmurei “mira dianteira, mira dianteira, mira dianteira... *desaparar*”.

A flecha desapareceu no peito do filhote. Ele deu um pulo, corcoveou, girou num círculo e saiu correndo por trás de mim, atravessando o lago, seguido de perto pela fêmea. A cabeça e as orelhas da mãe se mantinham erguidas. Em

alerta máximo. Galopando forte pela neve.

Prendi a respiração, deixei meus nervos se acalmarem e rememorei o disparo e o voo da flecha. Eu tinha pretendido atingir o filhote na região do coração, dando-lhe uma morte rápida, mas vacilara e fizera o disparo mais para a direita, fazendo a flecha acertar um ponto mais recuado entre as costelas. Uma diferença de 10 centímetros, talvez. Isso queria dizer que a flecha havia perfurado um dos pulmões, o que significava que o filhote, amedrontado e cheio de dor, sairia correndo. Não podia lutar, portanto, fugia. Ele sangraria até a morte, mas, nesse processo, talvez corresse 1 ou 2 quilômetros. A mãe o seguiria na fuga e lutaria quando necessário.

Chegando a um local protegido, o filhote pararia para tentar ouvir a mãe. Ao vê-la e sentir-se seguro, ele se deitaria e sangraria até morrer. Se eu sáísse do meu esconderijo e fosse atrás dele às pressas, ia assustá-lo ainda mais e abusar da sorte.

Aguardei quase uma hora, encaixei outra flecha no arco e saí. A trilha de sangue era uma rua de tijolos vermelhos atravessando o lago. Eu tinha razão. Fora um tiro ruim. O filhote havia corrido em linha reta para o outro lado do lago e se embrenhado entre as árvores. Segui a pista devagar, de olho na mãe. As fêmeas de alce são protetoras. Preferem lutar a fugir.

Parou de nevar, uma brisa afastou as nuvens e uma lua em quarto crescente brilhou lá no alto. Era a noite mais clara que eu via em muito tempo. Minha sombra me seguiu, arvoredo adentro. Os únicos sons audíveis eram os da minha respiração e das raquetes nos pés, triturando a neve.

Fui avançando devagar e os encontrei, uma hora depois. O filhote havia corrido mais de 1 quilômetro desde o local em que eu o havia acertado, começara a subir para um cume e, fraco demais para prosseguir, havia caído e rolado pela encosta. A mãe se erguia sobre ele, cutucando-o.

O filhote jazia imóvel.

A fêmea estava ereta, com a cauda também em pé. Gritei, levantei bem alto o arco e procurei parecer maior do que era. Ela olhou na minha direção, depois para trás de si. Embora seu faro seja muito bom, a visão dos alces é fraca. Caminhei mais uns 30 metros, aproximando-me na direção do vento, com a flecha em posição. Eu não queria atirar nela, mas, se essa fêmea me atacasse, eu provavelmente não teria alternativa.

Fiquei perto das árvores. Se necessário, poderia me atirar para baixo de uma delas.

A uns 20 metros, a fêmea se cansou da minha invasão. Atacou como se tivesse sido disparada por um canhão. Dei um passo em direção às árvores, mas tropecei em minhas próprias raquetes. Ela me atingiu com a cabeça e o peito, atirando-me nos galhos. Bati no tronco e mergulhei entre os mais baixos, encolhendo-me perto da raiz. Ela podia me farejar, mas, graças à galharia, não

conseguia me ver. Resfolegou e emitiu um bramido agudo, sacudiu os galhos com o peito, bateu os cascos no chão e recuou, escutando. Orelhas em pé. Deu um passo hesitante e...

Apareceram todos ao mesmo tempo.

Oito lobos saíram em bando de um ponto mais alto do arvoredor e se lançaram sobre o filhote, dilacerando-o. A mãe nem hesitou. Nove animais se chocaram num turbilhão que era uma massa de pelos, presas e cascos acima do filhote morto.

Saí rastejando de baixo da árvore, estendi-me de bruços e observei. A fêmea se erguia sobre seu filhote, desferindo coices. Ouvi ossos estalarem e vi lobos voarem 5 ou 6 metros pelo ar. Um deles saltou de algum lugar, pendurou-se aos quartos traseiros da fêmea e começou a morder, enquanto outro lhe saltava na garganta e se agarrava à traqueia e à jugular. Dois deles começaram a tentar rasgá-la por baixo. Outros dois ainda investiam contra o filhote. Dois jaziam na neve, imóveis.

Dando pouca atenção a si mesma, a fêmea escoiceou os dois lobos que estavam sobre o filhote e os despachou pelo ar, rodopiando feito bolas. Em seguida, voltou a atenção para os que haviam se agarrado a ela. Corcoveou e escoiceou e encheu o ar de esguichos de sangue de lobo e dentes de lobo quebrados. Em poucos segundos, os lobos feridos recuaram para as árvores, ganindo. Ficaram a uma distância de uns 60 metros, considerando suas opções. A fêmea de alce permaneceu de pé ao luar, com a respiração arfante, o sangue pingando na neve, as patas atravessadas sobre o filhote, cutucando-o com o focinho. A intervalos de poucos minutos, ela enchia o peito de ar e emitia um bramido agudo. Enfiei-me no saco de dormir, sentei na mochila e me encostei na árvore.

Os lobos passaram mais uma hora rondando em círculos, simularam um ataque, depois desapareceram do outro lado da crista, onde seus uivos ecoaram na distância. Nas horas seguintes, a fêmea permaneceu de pé acima do filhote, protegendo-o da neve que havia retornado. O campo vermelho criado pela mãe foi aos poucos embranquecendo, sepultando a lembrança.

Ao raiar do dia, quando o filhote era pouco mais que um monte branco embaixo dela, a fêmea de alce bramiu pela última vez e saiu vagando por entre as árvores. Em silêncio, puxei o filhote para o arvoredor. Os pernis, ou o lombo, haviam sumido – devorados ou, pelo menos, arrancados pelos lobos. Os ombros também tinham sido mordidos, mas restava alguma carne. Cortei os filés do flanco, retirei toda a carne que pude do alto das omoplatas e os filés da parte interna, situados entre elas. Isso deve ter me dado uns 13 a 15 quilos de carne, o bastante para nos alimentar por uns dez dias. Ou mais.

Coloquei-a dentro da mochila e fui buscar o arco onde o deixara cair durante o ataque. Estava despedaçado. Os braços tinham se espatifado, as polias

estavam quebradas, a corda se amontoava numa confusão que parecia um ninho de pássaro, e todas as flechas tinham se partido sob os cascos da fêmea de alce.

Deixei-os por lá.

Amarrei as raquetes de neve e voltei para o lago. Do outro lado, vi nossa cabana, com o fogo reluzindo em cores vivas pelo vidro. Duvidei que Ashley houvesse dormido.

Cheguei à rua de tijolos vermelhos e parei. Ao longe, a fêmea bramiu. Era provável que fizesse aquilo o dia inteiro, até o dia seguinte.

Não fiquei triste por ter matado o filhote de alce. Precisávamos comer. Se me fosse dada a chance, eu o faria de novo. Não fiquei triste por deixar a fêmea solitária. Ela teria outro filhote. Quase todas tinham duas ou três crias quando ficavam prenhes.

O que me deixara com o estômago revirado fora a visão da mãe erguendo-se sobre a cria.

Afundei a mão na neve e deslizei os dedos pelos coágulos vermelhos. A neve fresca tinha coberto quase tudo. Restava apenas um tênue esboço. Dali a uma hora, não haveria lembrete algum.

Talvez fosse minha 23ª manhã, minha condição debilitada, meu próprio cansaço, o peso do gravador encostado em meu peito, os bramidos da fêmea esvaindo-se ao longe, a ideia de Ashley machucada e apreensiva, talvez fosse tudo isso. Tomei para a frente, arriando de joelhos, a mochila me puxando para a neve que me subia até as coxas. Enfiei a mão por baixo de um grumo vermelho, do tamanho do meu punho, levei-o até o nariz e aspirei.

À minha esquerda havia um pinheiro alto. Subia reto em espirais, atingindo quase 20 metros. Os primeiros galhos só brotavam do tronco a uns 9 ou 10 metros de altura.

Desafivelei a mochila, tirei a machadinha do cinto e rastejei até a árvore. Com vários bons golpes, cortei uma tira de uns 60 centímetros de comprimento, 10 de largura e 3 a 5 de profundidade na base e ao redor dela. Chegado o verão, quando o calor aumentasse, fazendo a seiva subir, ela brotaria e escorreria da cicatriz feito lágrimas.

Era provável que continuasse a fazê-lo por vários anos.

CAPÍTULO 41

VOCÊ TINHA RAZÃO... Você sempre teve razão.

CAPÍTULO 42

O ROSTO DE ASHLEY me disse tudo que eu precisava saber. Entrei arrastando os pés e arriei a mochila. Só percebi quão esgotado estava quando tentei falar. Encolhi os ombros.

– Tentei ligar, mas a linha estava ocupada...

Ela sorriu, estreitou os olhos e fez sinal com o dedo para que me aproximasse. Ajoelhei a seu lado. Ela levou a mão ao meu olho esquerdo e o roçou de leve.

– Você levou um corte. E é fundo.

Sua palma roçou minha face.

– Tudo bem com você?

Ao lado dela, o quebra-cabeça estava montado. E uma imagem havia surgido. Era uma visão panorâmica de montanhas cobertas de neve, com o sol por trás.

– Você terminou? – indaguei, virando a cabeça e estreitando os olhos. – É o nascer ou o pôr do sol?

Ashley se reclinou e fechou os olhos.

– Acho que isso depende dos olhos de quem vê.

Passei o dia cortando tiras de carne e assando-as lentamente no fogo. Ashley segurou um espelhinho e se encolheu enquanto eu suturava a pele acima do meu olho. Sete pontos ao todo. Comemos o dia inteiro, com breves intervalos. Bastava pensar em comida, que cortávamos um pedaço e o mastigávamos. Napoleão também. Permitimo-nos isso. Não nos empanturramos, mas também não ficamos com fome. Ao escurecer, estávamos contentes. Os três.

Ashley me pediu que lhe preparasse um banho, o que fiz. Enquanto ela o tomava, arrumei o trenó. Não nos restara muita coisa. Minha mochila, nossos sacos de dormir, os cobertores, a machadinha, a carne. Deixei tudo que não fosse necessário, para diminuir o peso da carga. Ajudei Ashley a sair do banho, acomodei-a na cama e fui eu mesmo me banhar, sem saber se e quando teria outra oportunidade.

Adormeci no começo da noite e dormi até pouco antes de raiar o dia. Talvez um total de doze horas. O período mais longo desde o início do acidente. Na

verdade, o mais longo em anos, se o desconsiderasse. Talvez uma década.

Os cirurgiões, especialmente os cirurgiões traumatologistas, são muito bons em matéria de decisões difíceis, as quais tomam com rapidez e sob muita tensão. Eu vinha lutando com a nossa. O que fazer? Ir embora? Ficar?

Eu não queria ir embora. Queria ficar junto àquele fogo quente e torcer para alguém esbarrar em nós, mas tivéramos sorte com o filhote de alce. Eu poderia caçar a vida inteira e não voltar a ter aquela chance. Sem falar no fato de que o arco fora destruído.

Pensei em atear fogo na cabana. Simplesmente queimar tudo. Mas não era garantido que aparecesse alguém para investigar. E, se caminhássemos por três dias e não chegássemos a lugar algum, nem víssemos nada de promissor, precisaríamos de um refúgio. Eu não era o tipo desbravador. Precisávamos mais de um lugar a que pudéssemos voltar que da possibilidade de que alguém avistasse e investigasse o incêndio.

Cortei o colchão de espuma para encaixá-lo no fundo do trenó e pus dois cobertores por cima. Depois, ajudei Ashley a vestir sua roupa, tornei a atar as talas em sua perna, fechei-a no saco de dormir, deitei-a no trenó e levantei sua cabeça sobre um terceiro cobertor, que eu havia dobrado para servir de travesseiro. O trenó era oco no meio, o que criava um bolsão de ar entre as costas dela e a neve. Isso significava que Ashley se manteria aquecida. E, o que talvez fosse de igual importância, permaneceria seca, porque o trenó de plástico era totalmente impermeável.

Amarrei a lona impermeabilizada por cima dela, para protegê-la da neve. Ashley a cutucou por baixo.

– Toda aconchegada e confortável.

Acomodei Napoleão a seu lado. Ele devia estar preocupado, porque lambeu o rosto dela mais que de costume.

Reloquei as polainas, enrolei meu casaco e o pus no saco de dormir com Ashley. Peguei os fósforos e o fluido de isqueiro, afivelei-me nos arreios, olhei pela última vez para a lareira quente, abri a porta e voltei para a neve interminável.

Para minha surpresa, senti-me bem. Não forte, porém não cansado nem tão fraco. Se tivesse que dar um palpite, eu diria que tinha perdido quase 10 quilos desde o acidente. Talvez 11. Muito disso se compusera de músculos. Não tudo, mas a maior parte. Perdê-lo significava que eu também havia perdido parte da força. A boa notícia era que, com as raquetes de neve, eu também me sentia um pouco mais leve ao caminhar. Não tinha tanta força, mas também não tinha tanto peso para carregar. Sem contar Ashley e o trenó, era provável que eu não fosse leve assim desde os tempos do ensino médio.

Passei uma correia comprida dos arreios em volta dos ombros e entreguei a ponta a Ashley.

– Se precisar de mim, é só dar um puxão nisso.

Ela assentiu com a cabeça, enrolou a corda no pulso e prendeu a ponta da lona impermeável sob o queixo.

Saimos para um alvorecer luminoso. Em poucos minutos já subíamos pela crista, a caminho da trilha que levaria para fora do vale, atravessando o desfiladeiro. Foram raros os momentos em que senti muita tensão nos arreios, porque o trenó deslizava bem na neve, que batia no meu rosto, pousava nos meus cílios, toldava minha visão. Eu enxugava constantemente o rosto.

Meu plano era simples: começar a andar e seguir andando. Logicamente, e com base numa leitura rudimentar do mapa em 3D que havíamos achado, eu calculara que deveríamos contar com uns 50 ou 60, no máximo 80 quilômetros para chegar a qualquer tipo de estrada ou construção feita por mãos humanas. Eu não havia pensado muito em até onde aguentaria puxar aquele trenó. Tentava não pensar no assunto. Acho que supus que eu conseguiria andar uns 50 quilômetros. Tinha minhas dúvidas sobre 80. Se viesse a ser mais que isso, nossas chances seriam ínfimas.

O trajeto nos fez descer pequenas encostas e subir pequenas ladeiras, mas, de modo geral, percebi que íamos perdendo altitude e, felizmente, a maior parte da trilha estava desobstruída. Isso queria dizer que eu não tinha de gastar muita energia para passar por cima ou por baixo de obstáculos, o que me permitia pôr mais energia em caminhar para a frente. E me animei com a ideia de estarmos numa trilha. Uma rota seguida por outras pessoas. E essas outras pessoas tinham que vir de algum lugar.

Na hora do almoço, calculei que havíamos percorrido mais de 5 quilômetros. No meio da tarde, cobríamos 10. Perguntei a mim mesmo que horas seriam e, por hábito, consultei o relógio. O cristal rachado e a condensação sob o vidro retribuíram meu olhar. Ao entardecer, a trilha desceu uma pequena colina e se aplainou. Eu havia forçado a mão, e muito. Olhei para trás, repensando cada curva. Devíamos ter percorrido uns 15 ou 16 quilômetros.

Passamos a noite sob um abrigo improvisado com nossa lona impermeável, já meio esfarrapada, e com uns galhos que cortei para ajudar a repelir a neve. Ashley estava aconchegada no trenó. Encolheu os ombros.

– Aqui só há lugar para um.

Deitei na neve fria, apenas com um cobertor de lã e meu saco de dormir a me separar dela.

– Estou com saudade da nossa lareira – comentei.

– Eu também.

Napoleão tiritava.

– Acho que ele também não está muito satisfeito com isso – observei, puxando-o para junto de mim.

Ele me farejou, cheirou meu saco de dormir, deu um salto sobre a neve e foi aninhar-se com Ashley.

Ela riu.

Virei para o lado e fechei os olhos.

– Faça como quiser.

Na metade da manhã seguinte, havíamos descido mais uns 6 quilômetros e a temperatura estava mais amena. Talvez bem próxima do ponto de congelamento – o mais quente desde a queda do avião. Nas encostas, brotos e galhos pequenos se projetavam da neve, sugerindo que o solo estava poucos palmos abaixo de nós, e não a 2 ou 3 metros. Embora houvéssimos perdido altitude, talvez descendo para uns 2.700 metros, a superfície da neve estava molhada e repuxava o trenó, aumentando a carga.

Mais ou menos no oitavo quilômetro, a trilha desceu, alargou-se e ficou reta. De uma forma quase artificial. Parei e cocei a cabeça. Fiquei falando sozinho, apontando para o caminho à frente.

– Algum problema? – perguntou Ashley.

– Essa coisa é larga o bastante para a passagem de um caminhão.

Foi mais ou menos nessa hora que veio a luz.

– Estamos numa estrada. Há uma estrada embaixo de nós.

À nossa direita, vi uma coisa plana, verde e brilhante que se projetava alguns centímetros acima da neve, que afastei com as mãos. Levei um minuto para entender do que se tratava. E comecei a rir.

– É uma placa de trânsito.

Escavei ao redor. Dizia Evanston 100.

– Quero ver. O que ela diz?

Recuei e recoloquei os arreios.

– Diz Evanston, naquela direção.

– A que distância?

– Não muita.

– Ben Payne!

Só mexi a cabeça, sem encarar Ashley.

– Não – disse apenas.

– A que distância?

– Quer mesmo saber?

Uma pausa.

– Na verdade, não.

– Foi o que pensei.

Ela puxou a corda. Tornei a parar.

– Podemos chegar lá?

Inclinei o corpo para a frente, puxando os arreios.

– Sim. Podemos.

Ashley tornou a dar um puxão.

– Você consegue puxar este treco pela distância que aquela placa diz que precisamos andar?

Apertei a fivela do cinto e fiz peso nos arreios.

– Consigo.

– Tem certeza?

– Tenho.

– Porque, se você não puder, é só me dizer. Agora seria uma boa hora para abrir o jogo, se você acha que não...

– Ashley.

– Sim?

– Cale a boca.

– Você não pediu por favor.

– Por favor.

– Está bem.

Caminhamos 8 quilômetros, a maior parte descendo uma encosta. Foi uma caminhada relativamente alegre. Caiu a noite, mas, com a temperatura mais fria, o trenó deslizava melhor, de modo que andei mais algumas horas. Percorrendo 16 quilômetros de estrada naquele dia. Quarenta desde que deixáramos a cabana. Andar na estrada era muito parecido com andar ao redor do lago – manter as árvores dos lados e caminhar pela coisa branca no meio.

Em algum momento depois da meia-noite, vi uma árvore esquisita ou uma forma estranha à minha direita. Soltei-me dos arreios e fui investigar. Era uma construção quadrada, com uns 2,5 metros de lado, provida de telhado e com piso de concreto. A porta havia ficado entreaberta, de modo que a neve tinha entrado. Escavei um pouco a entrada e puxei o trenó para dentro. Na parede fora pendurado um aviso plastificado. Acendi um fósforo. Dizia: Esta é uma cabana de aquecimento para emergências. Se você está numa emergência, seja bem-vindo(a). Caso contrário, não deve ficar aqui.

A mão de Ashley encontrou a minha no escuro.

– Tudo bem para nós?

– Sim... está tudo bem. Acho que temos mesmo a permissão de alguém para ficar aqui. Só que... – Desenrolei o saco de dormir e me acomodei. O chão era duro. – Sinto falta do meu colchão de espuma.

– Quer dividir o meu?

– Não pense que isso não me ocorreu, mas acho que não há espaço para nós dois nesse negócio.

Ela ficou calada.

– Como vai a perna? – indaguei.

– Ainda dói.

- Do mesmo jeito ou de um modo diferente?
- Do mesmo.
- Se começar a ficar diferente, me avise.
- E, quando isso acontecer, você vai fazer exatamente o quê?

Virei de lado, fechei os olhos.

- Provavelmente, uma amputação. Assim ela para de doer.

Ashley deu um tapa no meu ombro.

- Não tem graça.
- A sua perna vai bem. Está sarando direitinho.
- Vou precisar de cirurgia, quando sairmos daqui?

Encolhi os ombros.

- Precisamos ver os raios X. Saber como está.

- Você faz a cirurgia?

- Não.

- Por quê?

- Porque estarei dormindo.

Ela tornou a me dar um tapa no ombro.

- Ben Payne...

- Pois não.

- Quero lhe fazer uma pergunta, e quero uma resposta sincera.

- Boa sorte com isso.

Terceiro tapa.

- Não estou brincando.

- Está bem.

- Se precisássemos, poderíamos voltar para a cabana? Digo... se a situação piorasse... Será que voltar ainda seria uma possibilidade?

Meu saco de dormir estava surrado e perdera um pouco do material isolante do forro. Surgiam pontos de friagem. Não seria fácil dormir. Relembrei os quilômetros percorridos desde a saída da cabana. Quase todos tinham sido uma perda lenta de altitude. Eu tinha quase certeza de que não conseguiria regressar.

- Sim... ainda é uma possibilidade.

- Você está mentindo para mim?

- Estou.

- Então, qual é a verdade? Sim ou não?

- Talvez.

- Ben... lembre-se de que ainda tenho uma perna boa – ameaçou Ashley, brincando.

- Não.

- Então, não há... não há como voltar? Nunca mais veremos a cabana em que ficamos?

- É mais ou menos isso.

Deitei de barriga para cima, olhando para o teto. As nuvens tinham voltado, de modo que era uma noite escura. Dava a sensação de estarmos num buraco, o que, considerando os 2,5 metros de neve acumulados por fora das paredes à nossa volta, era a pura verdade. Passados uns minutos, Ashley deslizou a mão em silêncio para dentro do meu saco de dormir e a espalmou no meu peito.

Ela permaneceu ali a noite inteira.

Eu sei.

CAPÍTULO 43

RECOMEÇAMOS AO ALVORECER. Ashley estava em clima de conversa, e eu, sentindo os efeitos da véspera. Sem falar que nossa estrada começava lentamente a subir. Gradual no começo, a subida ficou íngreme depois dos primeiros 6 quilômetros matutinos, serpeando pela montanha para a qual eu passara os dois dias anteriores olhando. Dadas a inclinação e a aderência pegajosa da neve, puxar o trenó se tornou uma tarefa muito mais árdua. Apertei as correias das raquetes de neve e enfiei as mãos por baixo delas. Eu me segurava ali e jogava o peso do corpo para a frente. Levei três horas para percorrer o quilômetro seguinte. Na hora do almoço, tínhamos avançado uns 8 quilômetros, ao todo, e devíamos ter recuperado uns 300 metros de altitude.

E a estrada continuava a subir. E a neve era soprada no meu rosto.

Ao entardecer, calculei que cobríamos um total de 11 quilômetros, mas eu estava esgotado e com câibras nas pernas. Precisava de vários segundos de descanso entre uma passada e outra. Fiquei torcendo para encontrarmos outra cabana de aquecimento, mas isso não aconteceu, e eu não tinha mais como andar para procurar por uma.

Acampamos junto a um álamo. Amarrei a lona em volta dele, prendi-a na ponta do trenó, estendi um cobertor sobre a neve, pus meu saco de dormir em cima e adormeci antes que minha cabeça encostasse no chão.

Acordei no meio da madrugada. A neve caía com força e seu peso fazia a lona afundar. Empurrei o impermeável de baixo para cima e a derrubei. Comi um pouco de carne fria, bebi uns goles de água e pus a cabeça para fora. Ao norte, as nuvens iam se dissipando. Calcei as botas, amarrei as raquetes de neve e fui dar uma volta, subindo mais umas dezenas de metros. A estrada da montanha ziguezagueava em curvas mais fechadas em direção ao cume. A única ideia animadora era saber que, se tínhamos de subir, também teríamos que descer por ela. A estrada fez uma curva fechada para a esquerda e eu dobrei o corpo, procurando recuperar o fôlego. Sentia as pernas doloridas e as câibras chegavam depressa.

Quando voltei a me empertigar, fitei a escuridão. As nuvens estavam baixas, aninhadas entre as montanhas. Mais algodão numa ferida. Adiante delas, talvez a uns 50 quilômetros, o céu ficava limpo. Estreitei os olhos. Levei um segundo para

compreender o que estava enxergando.

Desamarrei a lona impermeável, dobrei-a. Assustada pela movimentação, Ashley acordou.

– O que foi? Que está acontecendo?

– Quero que você veja uma coisa.

– Neste momento?

– É.

Vesti os arreios e comecei a puxar. O que me levava quinze minutos para fazer sozinho precisou de uma hora acompanhado. Apertei o passo, torcendo para o céu ficar limpo só por mais alguns minutos. Torcendo para Ashley ter a chance de ver. Os músculos da minha barriga e os da frente do pescoço doíam, eu estava sem fôlego e as correias quase cortavam meus ombros.

Fizemos a curva, puxei Ashley para o ressalto e esperamos as nuvens se afastarem de novo. O vento cortante me atravessou. Vesti o casaco e escondi as mãos dentro das mangas. Passados alguns minutos, as nuvens rolaram para longe e a visão clareou. Apontei.

Uma lâmpada solitária cintilava ao longe, a uns 60 quilômetros ou mais. Um pouco mais ao norte, depois dela, uma coluna única de fumaça.

Ashley segurou minha mão e nenhum de nós disse palavra. As nuvens chegavam e partiam. Levadas de um lado para outro pelo vento. Fiz uma leitura com a bússola, tomando o cuidado de deixar a agulha assentar, para que a marcação fosse precisa: 357 graus, quase na direção norte.

– O que está fazendo? – perguntou Ashley.

– É só para garantir.

Passamos o resto da noite fitando a luz, torcendo por mais buracos nas nuvens. Havia nela um brilho alaranjado, o que me fez achar que seria algum tipo de iluminação de rua, ou a luz âmbar dos veículos de serviços públicos ou rodoviários. Por fim, nós a perdemos de vista quando o sol nasceu no leste e o mundo se transformou de volta num tapete de cumes brancos.

A estrada nos fizera subir de novo para quase 3.400 metros. Eu precisava dormir, mas sabia que seria impossível. Estava empolgado demais. A duras penas, fomos avançando em silêncio pela neve. Pensando na imagem que trazíamos na mente. Na ideia de um mundo com eletricidade, água quente, comida para aquecer no micro-ondas e baristas experientes.

A montanha se tornou um planalto. Caminhamos vários quilômetros pelo que parecia ser o topo do mundo. O vento era contínuo e me queimava o rosto. Ar rarefeito, neve grudada em minhas faces. Curvei o corpo contra o vento, querendo mais ar, contando mentalmente os quilômetros. Talvez faltassem uns 60 e poucos, 70.

Fui caminhando, fazendo uma contagem regressiva. Falando sozinho:

– Sessenta e sete até a lâmpada... 65 até a lâmpada...

Quando cheguei a 64, entramos numa longa depressão no alto da montanha. Uma cavidade natural protegida do vento. Ao atravessar metade dela, descobrimos outra cabana para aquecimento. Essa era maior. Um quarto, três beliches de metal com colchões, uma lareira e lenha suficiente para um inverno inteiro. Acima da porta os dizeres informavam: Cabine do Guarda-florestal. Dentro encontrei o mesmo aviso plastificado do outro abrigo.

Considerando o fluido de isqueiro que havíamos furtado da cabana, acender o fogo foi fácil. Empilhei a lenha, molhei-a com o fluido e acendi a parte externa. A chama pegou, correu para dentro e ardeu. Depois de me certificar de que havia pegado, tirei a roupa molhada e pendurei tudo nos beliches. Acomodei Ashley, caí na minha cama e nem me lembro de ter adormecido.

CAPÍTULO 44

ELA ME SACUDIU.

– Ben... você está aí?

– Sim.

Era dia claro. Nublado, mas sem nevar. Ainda. Eu não sabia que horas eram, mas devia estar perto do meio-dia.

– Você dormiu demais.

Olhei em volta, tentando lembrar onde estávamos.

Minhas pernas doíam. Os pés pareciam carne moída. Na verdade, tudo em mim estava dolorido. Sentei-me, mas veio rapidamente a cãibra nos músculos das pernas e da barriga. Alonguei-me para desfazer os nós. Ashley me entregou uma garrafa quase cheia de água. Estava na temperatura do corpo e trouxe uma sensação agradável ao passar por minha garganta.

Comi, bebi água e me perguntei quanto conseguiríamos avançar nesse dia. Trinta minutos depois, estava inclinado sobre os arreios, fazendo força para puxar.

Ashley deu um puxão delicado na corda.

– Ben?

Respondi com uma olhadela para trás:

– Sim.

– Por acaso você sabe que dia é hoje?

– Vinte e sete.

– Amanhã faz quatro semanas?

Confirmei com um aceno da cabeça.

– Então... hoje é sábado?

– É... acho que sim.

Fui puxando os arreios, forçando as pernas nas raquetes de neve.

Ashley tornou a sacudir a corda.

– Sabe, andei pensando.

– É?

– Esse negócio de emagrecimento tem sido tão fácil, que acho que precisamos capitalizar na história toda.

– Como assim?

– Precisamos escrever um livro de dieta.

– Um livro de dieta?

– É...

Ela soergueu o corpo, sentando-se.

– Pense só. Não temos comido quase nada além de carne, e bebido apenas água e umas xícaras de café e chá desde o acidente. Quer dizer, olhe só para nós. Quem vai dizer que essa dieta não funciona?

Virei para trás.

– Acho que a nossa dieta atual é uma espécie de derivada das dietas Atkins ou de South Beach.

– E daí?

– Bem, que nome vamos dar a ela?

– Que tal Dieta do Norte de Utah?

– Muito chocho.

Ela estalou os dedos.

– Como se chamam estas montanhas?

– Floresta Nacional de Wasatch.

– Não, o outro nome.

– Altas Uintas.

– É, podemos chamá-la de Dieta de Emagrecimento Acelerado das Altas Uintas.

– Bom... para nós funcionou, com certeza. Isso não se discute, mas acho que ela é rigorosa demais e cara demais para a maioria das pessoas.

– Como assim?

– Bem... nós comemos puma, truta, coelho e alce, e só bebemos água, chá e café. Acho que o americano médio não vai pagar uma grana alta por um plano de dieta de trezentas páginas que acabei de lhe resumir em uma frase. Sem falar que não se consegue comprar carne de puma no açougue local.

– Bem pensado.

Ajoelhei-me e apertei o caderço de uma das botas, comentando:

– A coisa toda está muito simples. Tem que ser mais complicada, e você precisa fazer as pessoas acharem que ela já foi testada e aprovada por astronautas ou atores de Hollywood.

– Bem, podemos lhe dar um caráter mais aventureiro, jogando as pessoas de avião em montanhas e pondo-as para andar sem nada além de um piloto morto, um arco, um cachorro zangado e uma moça ferrada que perdeu o próprio casamento.

– Posso garantir que desse jeito elas perderiam mais peso.

Ashley fez uma pausa.

– Você vai procurar a mulher de Grover?

– Vou.

- O que vai dizer a ela?
- A verdade, acho.
- Você sempre faz isso?
- O quê?
- Falar a verdade.
- Sim... – Dei um risinho. – Exceto quando eu minto.

Ashley me encarou.

- Como posso saber quando você está mentindo?

Apretei as fivelas, inclinei o corpo para a frente e soltei o trenó da neve que o prendia.

- Você vai saber porque não estarei dizendo a verdade.

- E como vou saber disso?

– Bem... se eu olhar para você, nos próximos dois ou três dias, e disser que acabei de encomendar uma pizza e que ela vai chegar em quinze minutos, você saberá que estou mentindo.

- Você já mentiu para algum paciente?

- É claro.

- O que disse a eles?

- “O que eu vou fazer não vai doer nada.”

- Essa eu já ouvi.

Ashley continuou a sondar.

- Já mentiu para sua mulher?

- Não sobre coisas que importassem.

- Como o quê?

– Bem... quando começamos a fazer aulas de dança, eu disse a ela que íamos ao cinema. Não fomos. Fomos a um estúdio onde um cara me fez calçar uns sapatos engraçados e tentou me ensinar a dançar.

- Isso eu chamaria de uma boa mentira.

- Eu também, mas continua a ser mentira.

- Sim, mas era justificada. É como a história dos judeus no porão.

- O que quer dizer?

– A SS bate à sua porta e pergunta: “Você está escondendo algum judeu?” E você responde: “Não, não estou escondendo judeus.” Mas, na verdade, há três famílias enfurnadas no seu porão. Quietas feito rato de igreja. Ou de sinagoga. Enfim, é uma mentira justificável. Do tipo que Deus compreende.

Ela sacudiu a corda e a segurou, não deixando afrouxar a tensão.

- Ben...?

Eu sabia o que estava para vir. Ashley andara fazendo rodeios e finalmente chegava ao ponto. Relaxei e a tensão nos arreios afrouxou.

- Ben?

Continuei olhando para a frente.

- Sim?
- Você já mentiu para mim?
- Virei-me e, desta vez, encarei-a.
- Depende.

A estrada se tornou plana, fez uma curva para a direita e começou a descer do planalto. A intervalos de minutos, as nuvens eram sopradas pelo vento, a paisagem clareava momentaneamente e eu podia ver a estrada descendo sinuosamente ao longo do que pareciam ser uns 13 a 15 quilômetros. Parecíamos prestes a perder várias centenas de metros de altitude.

O problema dessa mudança drástica era ela significar descidas íngremes e a possibilidade de que o trenó escapulisse das minhas mãos.

Os primeiros 7 a 8 quilômetros foram uma bênção. Declínio gradual, caminhada fácil. Em dado momento, o sol apareceu e avistamos o céu azul. No fim da tarde, porém, mais ou menos no décimo quilômetro, a estrada se espiralou e pareceu despencar. Avancei devagar e com calma. Descendo em zigue-zague. Se comesse a me deslocar muito depressa, o trenó ganharia velocidade e escapuliria de mim. Faltando uma hora para o anoitecer, a estrada desceu e virou para a direita, formando uma enorme ferradura cuja curva se estendia por uns 15 quilômetros de distância. Contornava um vale à nossa direita. As encostas eram íngremes, mas o vale tinha apenas uns 800 metros de largura.

Ponderei a diferença – 15 quilômetros contra 800 metros. Se eu nos fizesse descer lentamente pela encosta íngreme, baixando Ashley devagar com a corda à minha frente, depois usando uma árvore como escora, deslocando-nos de árvore em árvore, poderíamos atravessar o vale antes de cair a noite e cortar 15 quilômetros da nossa viagem. Quinze. Com sorte, talvez chegássemos à lâmpada no dia seguinte ou no outro.

Virei-me para Ashley.

- Está preparada para uma pequena aventura?
- No que você está pensando?

Expliquei. Ela contemplou a distância, o vale, a encosta íngreme que descia por uns 400 metros à nossa direita e o vale lá embaixo.

- Você acha que conseguimos descer isso?

Havíamos descido trechos mais íngremes ao sair do local do acidente, mas ainda não passáramos por nada tão íngreme com aquela extensão.

- Se formos devagar – acrescentei.

Ela assentiu com a cabeça.

- Eu topo, se você topa.

Uma vozinha murmurou na minha cabeça: “Nem sempre o caminho mais curto é o melhor.”

Eu deveria ter lhe dado ouvidos.

Verifiquei as cordas dos arreios. O trenó estava seguro. Tirei as raquetes de neve, amarrei-as no trenó e comecei a descer com calma pela inclinação. Precisava das botas para afundar na neve e conseguir apoio para segurar o trenó. Baixei Ashley pelo ressalto da rocha e ela desceu deslizando devagar, esticando os arreios. Comecei então a escolher o caminho da descida, usando as árvores como âncoras.

Na verdade, a coisa funcionou muito bem. Eu dava um passo, afundava o pé na neve até a coxa para me ancorar, segurava um tronco ou um galho de árvore, e íamos adiante; em seguida, eu repetia tudo. Em dez minutos, havíamos descido metade da encosta. O que significava que em dez minutos eu tinha ganhado quase meio dia de caminhada.

Napoleão estava sentado no peito de Ashley, olhando para mim. Não estava gostando nem um pouco daquilo. Se eu pudesse pedir sua opinião, tenho a impressão de que ele teria dito para eu andar os 15 quilômetros.

Duas semanas de neve constante significavam que ela havia formado montes altos. Havia momentos em que eu afundava até a cintura, com mais uns 3 metros sob meus pés. Não demorou muito para ela se soltar.

Não me lembro de quando cedeu. Não me lembro de cair e rolar. Não me lembro dos arreios arrebentando. E não me lembro de como cheguei a uma parada abrupta em que, embora meus olhos estivessem abertos, o mundo inteiro enegrecera.

O sangue corria para minha cabeça, de modo que percebi que estava de pernas para o ar, com o corpo meio virado e a neve me pressionando, só me permitindo uma respiração entrecortada e superficial. A única parte de mim que estava fora da neve era o pé direito. Este eu podia mover livremente.

Tentei cerrar os punhos. Puxar-me para dentro. Empurrar-me para fora. Procurando abrir espaço. Tentei mover a cabeça para a frente e para trás, não adiantou. Eu não recebia muito oxigênio e sabia que não tinha muito tempo. Comecei a puxar os braços para junto do corpo. Cavando. Sacudindo. Eu sabia que precisava sair dali e encontrar Ashley. Comecei a dar chutes com o pé direito, tentando me livrar da neve. Acima de mim, ao longo do meu tronco, eu discernia uma luz difusa. Gritar não adiantava.

Cinco minutos depois, eu havia entrado num desvario, o que não produziu absolutamente nenhum resultado útil. Estava atolado e com uma boa probabilidade de morrer de cabeça para baixo, congelado e sufocando na neve. Quando me encontrassem, eu seria um picolé azul.

Estávamos tão perto! Por que passar por tudo o que havíamos enfrentado, depois acabar ali? Nada fazia sentido.

Alguma coisa com dentes realmente afiados começou a morder meu tornozelo. Ouvi rosnados e comecei a chutar, mas a coisa não me largava.

Finalmente a afastei com um pontapé. Segundos depois, senti uma mão no meu pé. A seguir, senti a neve sendo retirada da minha perna. Saiu mais neve. Pude mexer a perna inteira. A outra se libertou. Depois saiu a neve ao redor do meu peito e, por fim, abriu-se uma passagem até minha boca.

A mão dela entrou, afastou a neve, e suguei a mais doce e maior golfada de ar da minha vida. Ela livrou um de meus braços e, com ele, endireitei o corpo, saí daquele túmulo de neve e rolei de lado. Napoleão, ao me ver emergir, saltou sobre o meu peito e começou a me lambar o rosto.

Estava quase escuro, o que me levou a questionar que luz tênue teria sido aquela que eu vira momentos antes. Ashley se achava à minha direita. Tinha saído do trenó e do saco de dormir e estava deitada na neve. Deitada de bruços, tentando não se mexer. As mãos estavam cortadas e ensanguentadas; o rosto, inchado. E então vi sua perna.

Não dispúnhamos de muito tempo e eu sabia que não podia movê-la.

A avalanche nos arrastara até a base da encosta. Eu tinha sido enterrado no monte de neve. É evidente que os arreios que me ligavam ao trenó tinham salvo minha vida, porque, enquanto deslizava por cima, o trenó me impedira, ao menos por uns segundos, de ser totalmente tragado pela neve. Quando as cordas arrebentaram, Ashley foi lançada feito um míssil, dando guinadas montanha abaixo até colidir com um pedregulho deixado ali pela última era glacial.

Ela subira rastejando de volta até onde eu estava. Sua perna tornara a quebrar e, dessa vez, o osso havia perfurado a pele. Projetava-se por baixo da perna da calça. Ashley estava em choque e, sem medicação, qualquer movimento a levaria ao coma.

– Vou desvirar você.

Ela assentiu com a cabeça.

Desvirei-a, e ela soltou o grito mais alto que eu já ouvi de uma mulher.

Rastejei pela neve e encontrei o trenó. Totalmente vazio. O saco de dormir estava amarfanhado no local em que ela o deixara, ao sair dele. Um dos cobertores de lã se enroscava no trenó. Todo o resto havia desaparecido. Nada de mochila, comida, lona impermeável, garrafas de água, fluido de isqueiro, casaco acolchoado, raquetes de neve, nada de material para fazer fogo, nada de fogo.

Abri o fecho do saco de dormir e a deposei nele. O sangue havia encharcado sua calça, derramado-se a seu redor e pintado a neve. Puxei o trenó para junto dela, estendi o cobertor no fundo, deslizei-a para cima do trenó e a embrulhei na coberta. Queria cortar sua calça para examinar a perna, mas Ashley abanou a cabeça e conseguiu murmurar:

– Não.

Ficou parada, imóvel. Seu lábio inferior tremia. Eu podia matá-la se tentasse

repor o osso no lugar, e mesmo assim não haveria garantias de que ele voltaria. Ela perdera sangue, mas não muito. O osso tinha saído pela lateral superior da coxa, o que era melhor do que para dentro. Se tivesse saído na direção oposta, atravessando a artéria femoral, Ashley já teria morrido fazia muito tempo. E eu também.

As nuvens haviam se acumulado e a neve retornara, apressando a volta da escuridão.

Ajoelhei-me e cochichei:

– Vou procurar ajuda.

– Não me deixe – pediu ela.

Ajeitei o saco de dormir em volta dela.

– Você tem tentado se livrar de mim desde que começamos esta viagem, de modo que, finalmente, vou fazer o que você queria.

Ela só mexeu a cabeça, sem dizer nada. Aproximei-me, com meu hálito em seu rosto.

– Preciso que você me escute.

Os olhos dela permaneceram fechados.

– Ashley?

Ela se virou para mim, perpassada pela dor.

– Vou procurar ajuda.

Ela segurou minha mão. Apertou-a com força.

– Não posso movê-la, por isso vou deixar Napoleão aqui com você e vou buscar ajuda, mas eu volto.

Ela tornou a apertar minha mão, ao ser atravessada por outra onda de dor.

– Ashley... eu vou voltar.

– Jura? – sussurrou ela.

– Juro.

Fechou os olhos e soltou minha mão. Beije-i-a na testa e na boca. Seus lábios estavam quentes e trêmulos, com sangue e lágrimas empoçados.

Aninhei Napoleão com ela, levantei-me e olhei para a estrada. As nuvens eram densas e não consegui ver para onde ela seguia.

CAPÍTULO 45

PASSEI A VIDA inteira correndo. Uma das coisas que aprendi foi a olhar para apenas alguns metros adiante. Não mais do que quatro ou cinco passos. Nas longas distâncias, isso ajuda, porque o sujeito já está com muita dor, e decompor a extensão em pequenos trechos viáveis é praticamente tudo com que ele aguenta lidar. Outras pessoas nos dizem para manter os olhos levantados, concentrando-nos na linha de chegada, mas nunca pude fazer isso. Só sei me concentrar no que está à minha frente. Se fizer isso, a linha de chegada virá até mim.

E assim, pus um pé adiante do outro. A estrada foi seguindo sinuosa, descendo para o vale em que eu tinha visto a luz alaranjada e a coluna solitária de fumaça. Calculei que teria de percorrer uns 40 a 50 quilômetros e, se tivesse sorte, faria uma média de 3 quilômetros por hora. Tudo o que tinha de fazer era correr até que o sol surgisse acima do meu ombro direito.

Eu podia fazer isso. Não podia?

Sim.

A não ser que meu fim chegasse primeiro.

O que não seria tão mau.

E Ashley?

E Ashley.

Fechei os olhos, e Ashley foi tudo o que consegui ver.

Deviam ser três, talvez quatro horas da manhã do 28^o dia, acho. Eu tinha caído mil vezes e me levantado mil e uma. A neve se transformara em areia. Eu sentia cheiro e gosto de sal. Ouvi uma gaivota em algum lugar. Meu pai estava parado no posto de salvamento, com uma rosca e um café na mão. A cara fechada. Dei um tapa na cadeira vermelha do salva-vidas, xinguei meu pai entre os dentes, fiz a volta e continuei a correr – acelerando o passo. E se eu chegasse em casa na frente dele? A praia se estendia diante de mim e, toda vez que eu achava estar chegando perto de casa, ela esmaecia, mudava de posição, a praia se alongava e outro evento ou momento tomava seu lugar. O passado se desenrolava diante dos

meus olhos como um filme.

Lembro-me de ter caído, feito força com as mãos para me levantar, ficando de pé e tornado a cair, uma vez atrás da outra.

Em muitos momentos eu quis desistir, deitar, dormir. Quando o fazia, fechava os olhos e Ashley continuava lá. Deitada em silêncio na neve, rindo com uma perna de coelho na mão, batendo papo no trenó, tagarelando dentro da pia da cozinha, envergonhada com a garrafa, disparando o sinalizador, tomando café, arrancando-me da neve...

Talvez tenham sido esses pensamentos que me fizeram levantar e me ajudaram a tornar a pôr um pé adiante do outro. Em algum lugar sob a lua, num trecho plano, com uma ponte de concreto e um rio correndo abaixo de mim, caí, com os olhos bem abertos. A imagem mudou. Eu a vi.

Rachel.

Sozinha na estrada. Com os tênis de corrida. Suor no lábio superior. Escorrendo pelas axilas. Mãos nas cadeiras. Fez sinal para eu avançar e murmurou alguma coisa. Não consegui ouvi-la, a princípio, mas ela sorriu e tornou a murmurar. Nada ainda. Baixei os olhos, tentei me mexer, mas a neve tinha congelado em volta dos meus pés e grudado em mim. Eu estava preso.

Ela correu, estendeu a mão e murmurou:

– Quer correr comigo?

Rachel à minha frente. Ashley atrás. Dilacerado entre as duas. Correndo nos dois sentidos.

Estendi a mão, me impulsionei, dei um passo e tornei a cair. E de novo. E mais uma vez. Em pouco tempo, estava correndo. Atrás de Rachel. Seus cotovelos balançavam, os pés mal tocavam o chão, e eu estava de novo na pista com a garota que havia conhecido no ensino médio.

A estrada subiu, conduzindo a um portão e a algum tipo de placa. Não me lembro do que dizia. Rachel corria comigo, subindo a colina em direção à luz do sol e, quando esta ultrapassou o cume da montanha, caí. De cara no chão, pela última vez. Meu corpo se recusou a se mexer. Eu não aguentava correr mais. Tinha feito algo que nunca fizera antes: chegado ao fim de mim mesmo.

E então a ouvi murmurar:

– Ben...

Levantei a cabeça, mas ela havia sumido. Ouvi-a de novo:

– Ben...

– Rachel?

Eu não conseguia vê-la.

– Levante, Ben.

Ao longe, a poucas centenas de metros de distância, uma coluna solitária de fumaça espiralava acima das árvores.

Era uma cabana de troncos de madeira. Com várias motoneves estacionadas na frente. Pranchas de surfe na neve encostadas no gradil da varanda. Luzes no interior. O reflexo de uma lareira na parede. Vozes graves. Algumas risadas. Cheiro de café. E talvez... Biscoitos. Arrastei-me pela entrada, subi os degraus e abri a porta. Com a minha experiência em prontos-socorros, estou acostumado a concentrar o máximo possível de informações no mínimo possível de palavras, sem deixar de transmitir o que é preciso. Mas, quando a porta se abriu, tudo que consegui emitir foi um murmúrio entrecortado:

– Socorro...

Momentos depois, estávamos gritando pela neve. Meu piloto era magro e musculoso, meio baixote, e sua motoneve não era lenta. Com o motor girando, dei uma olhada pela lateral do corpo dele para o velocímetro eletrônico. Na primeira vez, dizia 99 quilômetros por hora. Na segunda, 123.

Com uma das mãos eu me agarrava, desesperadamente. Com a outra ia apontando o caminho. Ele seguiu meu dedo. Os outros dois rapazes vieram atrás de nós. Chegamos ao vale e tornei a apontar. O saco azul de dormir de Ashley se estendia do outro lado, destacado contra a neve. Ela não se mexia. Napoleão latiu para nós e descreveu círculos de demônio-da-tasmânia na neve. O garoto desligou o motor. Ao longe, ouvi o helicóptero.

Quando cheguei junto dela, Napoleão lhe dava lambidas no rosto e me olhava. Estava ganindo. Ajoelhei-me.

– Ashley?

Ela abriu os olhos e me fitou.

Os garotos dispararam um sinalizador manual verde e o helicóptero de resgate pousou na estrada. Passei as informações aos paramédicos, que a puseram no oxigênio, injetaram-lhe analgésicos, puseram-na sobre a maca, instalaram o soro intravenoso e a deslizaram para o compartimento individual do paciente no helicóptero. Recuei para sair, eles começaram a girar a hélice e Ashley me estendeu a mão. Dei-lhe a minha, na qual ela depositou alguma coisa. O helicóptero levantou voo, inclinou o nariz para a frente e disparou pelas montanhas, deixando esmaecerem em sua esteira as luzes vermelhas piscantes.

Abri a mão. O gravador. Estava morno, no lugar em que ela o havia segurado junto ao peito. A cordinha havia arrebentado e as pontas esfiapadas se espalharam na minha mão. Eu devia tê-lo perdido na avalanche. Olhei-o, apertei o botão para ligar, mas ele não funcionou. A luz vermelha de pilha descarregada piscava, seguindo o ritmo da que ficava na cauda do helicóptero.

O garoto com quem eu fora até lá me deu um tapinha nas costas.

– Cara... sobe aí.

Meus joelhos quase dobraram. Peguei Napoleão e montamos. Ao entrarmos na cidade, o limite de velocidade anunciado na placa era de 90 quilômetros por

hora. Encolhido atrás do garoto, dei uma espiada pelo lado do ombro dele. O velocímetro dizia 131, e ele estava rindo.

CAPÍTULO 46

ERA UM QUARTO particular. Ela estava deitada sob um lençol branco, dormindo nas brumas da sedação. Seus sinais vitais eram bons. Fortes. Acima dela piscavam luzes e números em azul. Fechei a persiana, mantendo afastada a luz do dia. Sentei-me, pousando a mão dela na minha. A cor do seu rosto tinha voltado.

O helicóptero de resgate passara ao largo de Evanston e a levava direto para Salt Lake City, onde, em duas horas, os médicos do pronto-socorro haviam lhe colocado alguns pinos e placas. Quando cheguei a Evanston, montado numa motoneve, estavam à minha espera. Fui posto numa ambulância e, com escolta policial, levado às pressas para Salt Lake. Puseram-me no soro e começaram a me fazer uma porção de perguntas. As respostas os surpreenderam. Quando chegamos a Salt Lake, havia equipes de filmagem por toda parte.

Instalaram-me num quarto e pedi para falar com o cirurgião-chefe. Chamava-se Bart Hampton e nós já havíamos nos encontrado em mais de uma ocasião, em conferências por todo o país. Ele fora informado da nossa situação e, ao saber que era eu, levou-me com a enfermeira que cuidava do meu soro intravenoso para uma sala de observação acima do centro cirúrgico, de onde assistimos à última hora da cirurgia de Ashley. O sistema de comunicação interna permitiu que os médicos me relatassem o que estavam vendo. O que estavam fazendo. Ela se encontrava em boas mãos. Não havia razão para interferir. Com o corpo acabado e as mãos parecendo pouco mais do que carne crua, eu não estava em condições de ser médico.

Transportaram-na para o quarto e logo se retiraram. Entrei, acionei o interruptor da luz e examinei as radiografias de antes e depois da operação. Eu não teria feito nada melhor. Ashley teria plena recuperação. Dura como era, provavelmente ficaria ainda melhor do que antes.

Virei-me. A luz azul no alto iluminava a testa dela e se derramava sobre os lençóis. Afastei seu cabelo para trás e toquei de leve em seu rosto com os lábios. Ela estava limpa, cheirava a sabonete e tinha a pele macia. Pus minha mão entre as suas. Das bolhas para a ternura. Cochichei em seu ouvido:

– Ashley... nós conseguimos.

Em algum momento ali, minha adrenalina acabou. Eu já ia caindo quando

Bart me segurou e riu.

– Vamos lá, Steve. Está na hora de você ir para a cama.

Eu só queria dormir. Mas alguma coisa no comentário dele não se encaixou.

– De que você me chamou?

– De Steve. Por causa de Steve Austin.

– Quem é esse?

– O Homem de Seis Milhões de Dólares.

Quando dei por mim, era dia e eu estava numa cama com lençóis brancos, num quarto inundado pelo aroma de café fresco e onde o som de pessoas conversando ecoava no corredor. Bart estava em pé a meu lado, segurando um copo descartável. A perspectiva era estranha. Eu estava acostumado a ocupar o lugar dele. Não a ficar deitado.

– Isso é para mim?

Ele riu.

Foi um café saboroso.

Conversamos um pouco. Dei-lhe mais alguns detalhes. Ele quase só escutou, meneando a cabeça. Quando terminei, disse:

– O que posso fazer por você?

– Meu cachorro. Na verdade, ele não é meu, mas me apaixonei por aquele bichinho e...

– Ele está no meu consultório. Dormindo. Dei-lhe um filé. Não poderia estar mais feliz.

– Preciso alugar um carro. E preciso que você nos proteja da imprensa, até ela estar pronta para falar com eles.

– Ela?

– É. Eu não estou.

– Suponho que você tenha suas razões.

– Tenho.

– Sabe, quando os detalhes disso vierem a público, vão querer vocês dois em todos os programas de entrevistas do país. Vocês podem ser uma inspiração para muita gente.

– Qualquer um teria feito o que eu fiz.

– Ben, você é médico há tempo suficiente para saber que pouquíssimas pessoas do planeta poderiam fazer o que você fez. Durante quase um mês, você puxou aquela mulher, em temperaturas abaixo do ponto de congelamento, por quase 120 quilômetros.

Pela janela, fitei as montanhas nevadas ao longe. Era estranho vê-las pelo outro lado. Um mês antes, eu estivera no aeroporto de Salt Lake City e tinha me perguntado o que haveria lá. Agora eu sabia. Imagino que as barras dos presídios sejam a mesma coisa. Ou uma sepultura, talvez.

– Só fui pondo um pé adiante do outro.

– Liguei para o seu pessoal do seu hospital, em Jacksonville. Ficaram todos radiantes, para dizer o mínimo. Felizes por saber que você está vivo. Vinham se perguntando o que teria acontecido com você. Disseram que não era do seu feito simplesmente “sumir da face da Terra”.

– Eu agradeço.

– O que mais? Tenho a sensação de que devo poder fazer mais alguma coisa para ajudá-lo.

Levantei uma sobrancelha.

– No meu hospital, sabemos quem são nossas melhores enfermeiras. Elas tendem a se destacar. Se você pudesse...

Bart assentiu com a cabeça.

– Já cuidei disso. Estão todas com ela, e vão acompanhá-la 24 horas por dia.

Girei meu copo vazio.

– Alguém aqui saberia fazer um café *espresso* com leite? Ou um *cappuccino*, talvez?

– Quanto você quiser.

A resposta dele ficou girando na minha cabeça. Tínhamos voltado para um mundo em que todo o café que quiséssemos estava à disposição, bastava pedir.

O contraste era quase palpável.

No fim da manhã, ela se mexeu. Andei pelo corredor, comprei o que precisava e voltei. Quando ela entreabriu um olho, aproximei-me e murmurei:

– Oi.

Ashley se virou, abrindo os olhos devagar.

– Falei com Vince. Ele está a caminho. Vai chegar em poucas horas.

Ela remexeu o nariz e arqueou de leve uma sobrancelha.

– Estou sentindo cheiro de café?

Tirei a tampa do copo e o segurei sob seu nariz.

– Dá para você deixar gotejando com o soro?

Levei o copo a seus lábios. Ela bebeu um gole.

– É o segundo melhor copo de café que já tomei na vida – disse, reclinando a cabeça e apreciando o sabor.

Sentei na banqueta de rodinhas de aço inoxidável e me aproximei da cama.

– A sua operação correu bem. Conversei com seu médico. Na verdade, nós já nos conhecíamos, participamos juntos de uma mesa num congresso. Ele entende do riscado. Vou lhe mostrar as radiografias, quando você quiser vê-las.

Pela janela, um jato estava decolando do aeroporto ao longe. Nós o vimos ganhar altitude, inclinar-se lateralmente numa curva e cruzar nossas montanhas.

Ashley meneou a cabeça.

– Nunca mais ando de avião.

Eu ri.

– Vão botá-la em pé e andando daqui a umas três horas. Nova em folha.

– Você está mentindo para mim?

– Não minto sobre o estado de saúde das pessoas.

Ashley sorriu.

– Já era hora de você me dar uma boa notícia. Quer dizer, faz um tempão que saímos juntos, e tudo que você teve para mim foi uma notícia ruim atrás da outra.

– É a pura verdade.

Ela fitou o teto, remexendo um pouco as pernas embaixo dos lençóis.

– Eu realmente queria muito tomar um banho e raspar as pernas.

Rolei a banquetta até a porta e fiz sinal para a enfermeira, que entrou atrás de mim.

– O nome desta moça gentil é Jennifer. Expliquei a ela onde você esteve no último mês. Ela vai ajudá-la no chuveiro. Vai lhe dar tudo de que você precisar. Quando estiver de banho tomado, há outra moça esperando do lado de fora da porta. É uma coisa que eu lhe prometi.

Ashley me fitou pelo canto do olho.

– O que você está tramando?

– Eu lhe fiz uma promessa, algum tempo atrás. Pretendo cumpri-la.

Dei-lhe um tapinha no pé.

– Venho vê-la mais tarde. Vince chega dentro de duas horas.

Ashley empurrou o lençol e me estendeu as mãos. Segurou a minha. Como explicar a outras pessoas o que tínhamos passado? Como enunciar aquilo? Havíamos acabado de atravessar o inferno, um inferno congelado, e sobrevivêramos. Juntos. Eu não tinha palavras. Nem ela.

Afaguei-lhe a mão.

– Eu sei. Demora um pouco para a gente se acostumar. Eu volto.

Ela apertou minha mão com mais força.

– Você está bem?

Fiz que sim e me retirei. Uma bonita jovem asiática estava sentada numa cadeira, esperando pacientemente. Com uma bolsa no colo.

– Ela está no chuveiro. Fica pronta daqui a pouco. Não sei de que cor ela gosta, mas você pode lhe perguntar.

Entreguei-lhe uma nota de 100 dólares.

– Está bom isto?

Ela pensou um segundo e começou a vasculhar a bolsa.

– É demais – explicou.

Descartei com um aceno sua objeção.

– Fique para você. Só vá com calma, sem pressa. A moça lá dentro passou por um mau pedaço.

Ela fez que sim e desci a escada para o Grille.

O Grille era uma típica lanchonete de hospital, mas teria de servir. Aproximei-me do balcão.

– Eu gostaria de um cheeseburger duplo com uma porção dupla de fritas. Com tudo a que eu tiver direito.

– Mais alguma coisa?

– Pode me fazer o favor de mandar entregá-lo no quarto 316, daqui a uma hora?

Ela assentiu com um aceno da cabeça, paguei, fui para o carro alugado e digitei o endereço no GPS montado no painel.

CAPÍTULO 47

ERA UMA CASA simples. Não muito longe do centro. Branca, com janelas verdes. Cerca branca. No alto de uma colina. Flores em toda a volta. Sem ervas daninhas. A caixa de correio era assinalada por uma dessas birutas usadas nos aeroportos, indicando a direção do vento.

Ela estava sentada na varanda. Balançando-se numa cadeira. Cortando vagens. Uma mulher alta, bonita.

Desci do carro alugado. Napoleão pulou para o chão, farejou o meio-fio, disparou pela calçada, subiu a escada voando e pulou no colo dela, espalhando a vagem por toda a varanda.

Ela riu, abraçou-o enquanto ele lhe lambia o rosto e disse:

– Tanque, onde é que você estava metido?

Tanque... Então, é esse o nome dele.

Subi os degraus.

– Senhora... o meu nome é Ben Payne. Sou um médico de Jacksonville. Eu estava... com seu marido, quando o avião dele caiu...

Ela meneou a cabeça. Estreitou os olhos.

– Ele não deixou aquele avião cair, sabe? Meu marido era bom demais como piloto.

– Sim, senhora. Ele teve um ataque cardíaco. Pousou o avião no alto das montanhas. Salvou nossas vidas.

Abri uma caixa e a coloquei ao lado dela. Ali estavam o relógio, a carteira, o cachimbo dele... e o isqueiro que ela lhe dera.

Ela tocou cada peça. O isqueiro por último. Deixou-o no colo. Seus lábios tremiam e as lágrimas lhe escorreram pelo rosto.

Passamos horas conversando. Eu lhe contei tudo de que consegui lembrar, falei inclusive do lugar em que o havia enterrado e de como era a vista de lá. Ela gostou. Disse que ele também gostaria.

Abriu o álbum ou álbuns do casal e me contou sua história. Era repleta de ternura. Foi doloroso ouvi-la.

Horas depois, levantei-me para ir embora. O que mais poderia dizer? Fiquei remexendo as chaves do carro.

– Senhora... eu gostaria...

Ela só fez menear a cabeça. Tanque permanecia empoleirado em seu colo. A senhora chegou um pouquinho para a frente na cadeira de balanço, o cachorro pulou no chão e ela se ergueu devagar. Articulação ruim no quadril, lado esquerdo, dava para perceber.

Ficou ligeiramente inclinada, depois endireitou o corpo. Estendeu-me sua mão.

Olhei para a sua perna.

– Se e quando a senhora precisar de uma cirurgia de reconstrução do quadril, é só me chamar. Eu venho aqui e a faço de graça.

Ela sorriu.

Ajoelhei-me diante do cachorro.

– Tanque, você é o máximo. Vou sentir sua falta.

Ele me lambeu o rosto, depois correu para seu quintal e começou a fazer xixi em todas as árvores que pôde encontrar.

– Eu sei, você também vai sentir falta de mim.

Dei meu cartão à Sra. Grover, para o caso de algum dia ela precisar de mim. Fiquei sem saber direito como me despedir. Devia abraçá-la, apertar sua mão? Quer dizer, qual é o protocolo para dizer adeus à mulher do piloto que morreu salvando a sua vida? Sem falar que, se eu não o tivesse contratado para me levar a Denver, ele teria estado em casa com a companheira ao morrer, e eu imaginava que ela também houvesse pensado nisso.

– Meu rapaz?

– Sim, senhora.

– Obrigada.

Coei a cabeça.

– Senhora... eu...

Ela negou com a cabeça e reforçou o gesto.

– Eu, não.

– A senhora não...?

Os olhos dela brilharam com um azul vivo e transparente.

– Grover não levava qualquer um naquele avião. Era exigente. Decidido. Mais dispensava do que aceitava clientes. Se levou você para voar com ele... teve alguma razão. Foi o presente dele para você.

– Sim, senhora.

Ela se inclinou, me abraçou, depois apertou meus braços. Tinha a pele fina, flácida, e o cabelo era branco e fofo como a neve. Ela tremeu muito ao me abraçar.

Beijei-lhe a face, com sua penugem macia, e fui embora. Olhei pelo espelho retrovisor. Ela estava em pé na varanda, olhando para a montanha. Napoleão se postou no degrau mais alto, com o peito estufado, latindo para o vento.

CAPÍTULO 48

VINCE ESTAVA SENTADO com ela quando entrei no quarto. Levantou-se. Sorriso caloroso, aperto de mão também. Até um abraço rígido.

– Ashley estava me contando o que você fez – disse, e abanou a cabeça. – Não tenho palavras para lhe agradecer.

– Lembre-se – respondi, com um tapinha no pé dela – de que fui eu que a convidei a viajar no avião. Talvez você deva pensar em dar queixa na polícia.

Ele riu. Gostei do sujeito. Ashley fizera uma boa escolha. Os dois seriam felizes. Vince ia casar com uma mulher melhor do que ele. Como qualquer homem que se casasse com Ashley. Ela era uma em um milhão.

A cor tinha voltado ao seu rosto. Na mesa de cabeceira havia três copos vazios de café. A bolsa para coleta de urina, pendurada na lateral da cama, estava quase cheia. E a cor era boa. Seu novo telefone celular tocava sem parar. Equipes de jornalismo haviam ligado. Todos queriam uma entrevista exclusiva.

Ashley entrou na conversa.

– O que você vai dizer a eles?

– Nada. Vou escapular pela porta dos fundos, ir para casa.

Olhei para o relógio na parede.

– Parto daqui a uma hora e meia – contei. – Só vim me despedir.

A expressão dela mudou.

– Não se preocupe comigo, vocês dois têm muito que conversar. Têm os planos do casamento. Tenho certeza de que nos manteremos em contato.

Fui até o outro lado da cama.

Ashley cruzou os braços.

– Já ligou para sua mulher?

– Não... Vou vê-la assim que chegar em casa.

Ela fez que sim.

– Espero que tudo dê certo, Ben.

Acenei com a cabeça, concordando e agradecendo.

Ela apertou minha mão. Dei-lhe um beijo na testa e me virei para sair. Ela continuou segurando minha mão e sorriu.

– Ben?

Respondi sem me virar.

– Sim?

Vince deu um tapinha no ombro da noiva.

– Eu já volto. Vou buscar um café.

Ele pôs a mão no meu ombro.

– Obrigado. Por tudo.

Saiu. Ashley continuava a segurar minha mão. Sentei na beirada da cama. Alguma coisa repuxava minhas entranhas. Era extremamente parecida com uma dor. Procurei sorrir.

– Posso lhe perguntar uma coisa? – disse ela.

– Você adquiriu o direito de me perguntar qualquer coisa.

– Você paqueraria uma mulher casada, ou quase casada?

– Só paquerei uma mulher na minha vida.

Ela sorriu.

– Era só para conferir. Posso perguntar outra coisa?

– Pode.

– Por que você me chamou para ir no avião com você?

Olhei pela janela, rememorando.

– Parece que foi há muito tempo, não é?

– Parece. Mas... às vezes, parece que foi ontem.

– A nossa cerimônia de casamento foi um dos dias mais felizes que Rachel e eu tivemos. Só nós dois. Foi como um lançamento. Um começo. Ficamos livres para amar um ao outro sem interferências. Acho que, quando duas pessoas realmente se amam... digo... – Minha voz vacilou. – Bem no fundo... lá onde dorme a alma delas e os sonhos acontecem, onde a dor não pode viver, porque não há nada de que se alimentar... aí o casamento é uma fusão dessas duas almas. Como dois rios que confluem e correm juntos. Toda aquela água tornando-se uma só. O meu casamento foi assim. Quando conheci você – continuei –, vi no seu rosto a esperança de que o seu também fosse. Acho que conhecê-la foi um lembrete de que um dia eu tive um amor terno e precioso. E acho... para ser sincero, acho que eu queria roçar naquilo. Tocá-lo. Ficar cara a cara com ele. Desse jeito, achei que talvez eu pudesse me lembrar... porque... não quero esquecer.

Ela ergueu a mão e enxugou a lágrima no meu rosto.

– Acho que foi por isso que a convidei a ir comigo no avião. E por isso... por esse egoísmo... sinto-me eternamente arrependido... e eternamente grato. Esses 28 dias com você nas montanhas me lembraram de que o amor vale a pena. Por mais que doa.

Levantei-me, beijei-a de leve nos lábios e saí.

CAPÍTULO 49

O AVIÃO ATERRISSOU EM Jacksonville pouco depois das duas da tarde. Havia equipes de reportagem à espera. Minha fotografia tinha circulado. A história também. O problema é que eles estavam esperando um sujeito 14 quilos mais pesado.

Eu não tinha bagagem, de modo que contornei a aglomeração frenética e fui para meu carro, que, passado mais de um mês, continuava estacionado lá, coberto de pólen amarelo.

A funcionária da cabine de cobrança me disse, com uma fisionomia inexpressiva:

– São 387 dólares.

Tive a impressão de que argumentar com ela surtiria pouco efeito. Entreguei-lhe meu cartão de crédito, grato pela possibilidade de pagar minha conta e ir para casa.

A mudança do meu ambiente pareceu estranha. O mais impressionante eram as coisas que eu não estava fazendo: não puxava um trenó, não contemplava a paisagem de neve, não fazia fogo com um arco de pua, não tirava a pele de um coelho ou um alce, não dependia de disparar uma flecha para comer, não remexia os dedos dos pés nem soprava os das mãos para mantê-los aquecidos, não buscava o som da voz de Ashley... não ouvia o som da voz de Ashley.

Fui para o sul pela Interestadual 95. Engraçado, apanhei-me dirigindo devagar. Todos me ultrapassavam. Atravessei a ponte Fuller Warren e passei pelo hospital onde levo a maior parte da minha vida. Todos os meus colegas haviam telefonado, radiantes por escutarem minha voz. Eu os veria nos dias seguintes. Haveria muito tempo para contar a história.

Virei para o sul na Hendricks Avenue, passei pela San Marco Square, segui pelo San Jose Boulevard e parei na Trad's, uma loja de flores e produtos de jardinagem. Entrei na estufa e fui saudado por duas coisas. A primeira foi o cheiro de estrume. A segunda foi Tatyana, uma russa atraente na casa dos 50, de mãos imundas e belos ossos malares. Gritou meu nome por cima das copas das plumérias.

Há dezenas de floriculturas na cidade, mas o sotaque da Tatyana é ímpar.

Ele me faz lembrar tudo o que diz respeito a James Bond e Rocky IV. Sua voz é grave, gutural, marcada por anos de tortura ou anos de álcool, ou ambos. Todos os dáblios da língua inglesa se transformam em vês, todos os ês breves tornam-se longos e os erres saem duplamente carregados. Vodca soa como “uodca”. Nem gosto da bebida, mas, quando a palavra brota de seus lábios, sinto-me pronto para uma dose de Grey Goose, ou Absolut, ou algo assim.

Era provável que ela tivesse sido espiã algum dia na vida. Talvez ainda fosse. Passou o braço vestido de brim pela testa suada.

– E ondje foi que senhorr estava?

O *senhorr* ecoou no vidro.

A verdade seria muito demorada.

– De férias.

Sempre que andava, Tatyana parecia marchar. Enérgica, rígida e apressada. Contornou rapidamente um balcão, segurando uma orquídea roxa com uma lista branca no meio. O roxo era escuro, quase preto na parte central, e a haste devia ter 1,20 metro de comprimento e umas trinta flores, com outras trinta a caminho.

– Tenho coisa certinha. Estava guarrrdando parra senhor. Três pessoas tentam comprarr hoje mesmo, mas eu digo: “Non, non, você non pode leva.” Meu patrron achou que eu ficar maluca, ameaçou me djespedir, mas eu digo que é da senhorr. Senhorr vai volta. E vai querrir isto.

Rachel adoraria.

– É incrível. Obrigado. Vou dá-la hoje mesmo a ela. Daqui a alguns minutos.

Tatyana foi comigo até a caixa, olhou para os dois lados à procura do dono da loja, depois balançou o dedo no ar como um limpador de para-brisa e disse:

– Nós tem liquidaçon semana passada. Non liquidaçon este semana. Mas parra senhorr ela continua este semana.

– Obrigado, Tatyana.

Segurei a orquídea.

– E obrigado por isto.

O trânsito estava pesado, me obrigando a parar em todos os semáforos. Enquanto esperava o sinal verde, olhei para a direita. Para lá da lavanderia a seco ficava a Academia Watson de Artes Marciais. A fachada principal era quase toda de vidro. Lá dentro, uma turma de pessoas de uniforme branco e cintos de várias cores dava pontapés e socos. Eu passara por ali centenas de vezes, mas nunca havia notado a academia.

Até esse momento.

O sinal ficou verde e acelerei. Continuei para o sul pela I-95, virei à direita no J. Turner Butler Boulevard, depois para o sul na A1A. Parei na loja de bebidas e comprei uma garrafa de vinho. Passei pela Mikler’s Landing, por minha casa na praia de Ponte Vedra Sul, e segui para a casa de Rachel. Eu havia circundado a propriedade com uma cerca alta de ferro fundido. Peguei a orquídea no banco

do carona, passei sob a copa do imponente carvalho, subi a escadinha de pedra, procurei entre as pedras o esconderijo da chave e destranquei a porta. Eu havia plantado um jasmim-estrela ladeando a moldura da porta. Ele tinha crescido e ocupado o espaço acima dela. Umas gavinhas mais grossas pendiam do alto. Levantei-as, empurrei a porta rangente e entrei. Para ajudar a manter frio o ambiente durante o verão, eu mandara instalar um piso de mármore. Meus passos ecoaram.

Passei a noite toda conversando com Rachel. Servi o vinho, apertei o play no gravador e olhei pelas vidraças, ouvindo o som da minha voz e vendo as ondas rolares para cima e para baixo na praia. Acho que, para ela, algumas partes foram difíceis de ouvir, mas ela escutou cada palavra.

Dei-lhe a orquídea, colocando-a numa prateleira ao longo do vidro, onde ela receberia o sol da manhã. Ficaria contente ali. Quando as flores caíssem, eu a poria no solário com as outras 250.

Eram quatro horas da manhã quando terminou minha última gravação. Eu me sentia exausto e havia cochilado. O silêncio me acordou. É engraçado como isso funciona. Já ia me levantando para sair quando notei o gravador. A luz azul do visor estava piscando. Faltava tocar um arquivo.

O gravador era eletrônico. Sempre gravei num mesmo arquivo. Devia possuir umas cinquenta gravações, mas todas com o mesmo número de arquivo. Pela primeira vez, notei um número diferente. Um que eu não tinha criado. Apertei a tecla play.

Surgiu um murmúrio vago. Havia muito vento ao fundo. Um cachorro ganindo. Aumentei o volume.

Rachel, é Ashley. Fomos apanhados por uma avalanche. Ben saiu para buscar ajuda. Agora está correndo. Não sei se vai conseguir. Estou com muito frio.

Houve um silêncio.

Eu queria lhe dizer, na verdade, queria agradecer. Sei que sou meio falastrona, mas tenho que falar, senão vou pegar no sono. Se eu dormir, não sei se consigo acordar de novo. Eu escrevo uma coluna num jornal. Falo muito de amor. De relacionamentos. O que é irônico, porque tive minha quota dos que não prestam. Por isso sou meio cética. Estou indo para casa para me casar com um homem que é rico, bonito, me dá coisas boas... mas, depois de 28 dias com seu marido neste mundo gelado, coberto de branco, fico me perguntando se isso basta. Fico pensando... e o amor? Ele é possível? Eu posso tê-lo? Houve um tempo em que achei que todos os bons estavam comprometidos. Os homens, quero dizer. Agora eu me pergunto: será que há outros Bens por aí...? Já fui magoada, acho que todas fomos, e acho que, em algum ponto dessa dor, nós nos convencemos de que, se não baixarmos a guarda e não voltarmos a amar, não teremos que sofrer de novo. Basta aceitar a Mercedes e o anel de 2 quilates, a casa em Buckhead e encerrar o assunto; é só dar-lhe o que ele quer quando ele quiser, e todo mundo

fica feliz. Certo? Foi o que pensei durante muito tempo.

Mas... este lugar aqui é quieto. Há uma sonoridade no silêncio. Até a neve produz um som, se você escutar bem de perto. Em algum lugar, dias atrás, talvez ao topar pela primeira vez com ele no avião, senti-me atraída pelo homem que agora conheço como Ben Payne. Claro, ele é bem-apegoado, mas o que me atraiu foi outra coisa. Uma coisa... que eu queria tocar, ou queria que tocasse em mim, uma coisa terna e calorosa e íntegra. Não sei que nome lhe dar, mas reconheço essa coisa quando a escuto... e eu a escuto quando ele fala com você neste gravador. Ouvi-o muitas noites, quando ele achava que eu estava dormindo, mas em que eu ficava acordada só para ouvir o tom da voz dele e o jeito de ele falar para você e com você.

Ninguém jamais falou assim comigo. Meu noivo não fala. É claro que ele é gentil, mas no Ben existe essa coisa palpável e rica, e eu sinto vontade de mergulhar as mãos nela, de me banhar nela e me pintar com ela. Sei que estou falando do seu marido, por isso você precisa saber que, durante todo o tempo que estivemos aqui, ele me tratou como um cavalheiro. De verdade. No começo, fiquei melindrada com isso, mas depois vi que tinha a ver com essa coisa de que estou falando, com você... e é uma coisa impregnada no DNA dele... como se fosse preciso matá-lo para tirá-la de lá. Nunca vi nada parecido. É a coisa mais verdadeira que já senti. Os filmes não retratam isso, os livros não são capazes de narrá-lo, as colunas não podem fazer troça disso. Passei noites acordada, ouvindo-o falar com você, abrir o coração, pedir desculpas por não sei o quê, e me apanhei com dor, chorando e desejando que um homem me acolhesse no seu coração como Ben acolhe você.

Sei que não estou dizendo nada que você já não saiba, mas ele falou que vocês estão separados... Acho que só estou querendo fazer um depoimento a favor dele, para dizer que é impossível ele amar você mais do que já ama. Eu nem achava que existisse amor assim, mas agora eu o ouvi, vi, senti e dormi ao lado dele, e, se você não o quiser, o que ele fará com um amor assim?

Escrevi mil colunas em que ri do amor, desafiei qualquer pessoa a me mostrar que existia um amor como o de Ben, porque, na verdade, essa é a razão de eu escrever. Para erguer um muro ao meu redor, para me proteger das mágoas que já sofri e para desafiar qualquer um a me mostrar um amor verdadeiro, pelo qual valha a pena morrer. Mais que isso, pelo qual valha a pena viver.

Ele se recusa a me contar os detalhes. Esconde o jogo, mas disse que vocês tiveram uma briga. Que ele disse umas coisas. Pensei muito nisso. O quê? Quais foram as palavras terríveis que ele proferiu? O que pode ter dito para causar isso? O quê? Que ato ele cometeu? O que ele fez para perder seu amor? Se é possível ter um amor como o de Ben, se ele é real, se existe um coração como o de Ben e ele pode ser oferecido a outra pessoa, então... fico pensando. O que é que não pode ser perdoado?... o que não pode ser perdoado?

Viva ou morta... quero um amor assim.

A gravação terminou e eu me levantei, pronto para sair, mas Rachel fez sinal para eu ficar. Nunca havia desejado que eu fosse embora, para começo de

conversa. Conteí-lhe que muitas vezes eu quisera regressar, voltar para ela, mas que me perdoar tinha se revelado mais fácil de falar que de fazer.

Talvez houvesse alguma coisa diferente em mim. Talvez alguma coisa diferente nela. Não sei direito, na verdade, mas, pela primeira vez desde nossa discussão, eu me deitei, com minhas lágrimas rolando sobre o rosto dela, e dormi com minha mulher.

CAPÍTULO 50

APERTEI A FAIXA na cintura, endireitei a gravata-borboleta, abotoei o paletó do smoking, desabotoei-o e fiquei circulando pelos fundos do clube campestre. Um dos mais refinados e exclusivos de Atlanta. Muita pedra e madeiras majestosas. Mostrei meu convite ao guarda, ele abriu o portão e subi a alameda sinuosa. Luzes especialmente projetadas iluminavam as árvores, dando ao lugar uma sensação abobadada. Lá dentro havia uma multidão. Mulheres cintilantes. Homens poderosos. Muito riso. Bebidas. Era o jantar comemorativo do ensaio do casamento. A noite da véspera da cerimônia. Uma ocasião feliz.

Tinham-se passado três meses. Eu retornara ao trabalho, engordara alguns quilos, contara pequenos trechos da história e desviara a atenção. Não tivera qualquer contato com Ashley desde a saída do hospital. Havia achado melhor assim. Mas era estranho termos sido tão próximos durante um mês, tão dependentes um do outro, e depois termos acabado com aquilo num segundo. Cortado aquele laço. Não parecia natural.

Voltei à rotina, ainda elaborando minha separação. Era levantar antes do nascer do sol, dar uma longa corrida na praia, tomar café com Rachel e as crianças, bater cartão no trabalho, às vezes jantar com Rachel e as crianças, depois voltar para casa, talvez dar outra corrida ou vasculhar a areia em busca de dentes de tubarão.

Pondo um pé adiante do outro.

Ashley estava do lado oposto. O convite incluía um bilhete manuscrito e um presente. O bilhete dizia: *Venham, por favor. Adorariamos vê-los. Vocês dois.*

Depois ela dizia que a perna tinha ficado boa e que vinha praticando jogging. Andava até treinando tae kwon do e dando aulas a jovens, embora só viesse chutando uns 75 por cento do normal.

O presente era um relógio novo. Um relógio para alpinismo, fabricado pela Suunto. Chamava-se *Core*. A carta prosseguia:

Os caras da loja me disseram que isso é o que todos os alpinistas usam. Ele indica a temperatura, a pressão e a altitude. Tem até uma bússola. Você o mereceu. Merece-o mais que qualquer pessoa.

Apanhei-me olhando fixo para a carta. O plural do *adorariamos* me

incomodava.

Fiquei olhando de longe. A postura dela dizia que sua confiança tinha voltado e que a dor desaparecera. Estava linda. E, pela primeira vez em muito tempo, senti-me bem ao pensar nisso.

Vince se postava ao seu lado, com ar contente. Parecia um bom sujeito. Nas montanhas, eu tinha criado minha própria ideia sobre a aparência dele, sobre sua postura. Tinha me enganado por larga margem. Ela teria sucesso. Vince havia arrumado uma boa parceira. Não fosse pela Ashley, ele e eu poderíamos ser amigos.

Fiquei entre as sombras, do lado de fora da porta, olhando pelas janelas. Dei uma espiada em meu relógio novo. Eu estava atrasado. Nervoso. Girei a embalagem de plástico nas mãos. Havia comprado dois gravadores novos. Um para ela. Um para mim. Suprassumo da tecnologia moderna, esses tinham um cartão digital com o dobro da memória e vida útil maior da bateria. Já houvera época em que isso era atraente. Agora, nem tanto. Retirei-os da embalagem de plástico, introduzi as pilhas num dos dois e o liguei.

Oi... sou eu. O Ben. Recebi o seu convite. Obrigado por ter pensado em mim. Por ter me incluído. Hum... nos incluído. Sei que você tem estado ocupada. É bom vê-la de pé. Parece que a perna sarou direitinho. Fico contente. Há muita gente aqui. Todos para comemorar com você.

Só para você saber, cumpri minha promessa. Fui ver Rachel. Levei-lhe uma orquídea, a de número 258, e uma garrafa de vinho. Contei-lhe sobre a viagem. Conversamos longamente noite adentro. Toquei a fita para ela. A coisa toda. Dormi com ela. Fazia muito tempo.

Foi também a última vez.

Tive que deixá-la partir. Ela não vai voltar. A distância é grande demais. A montanha entre nós é de um tipo que não posso escalar.

Achei que você devia saber.

Ultimamente, tenho passado muito tempo tentando descobrir como recomeçar. A vida de solteiro é diferente do que eu pensava. Venho tirando umas observações de um website chamado "Voo solitário". Irônico, não acha?

Mas é difícil. Rachel foi meu primeiro amor. Meu único amor. Nunca saí com mais ninguém. Nunca estive com outra mulher.

Eu nunca lhe disse isso porque, bem, parecia errado, mas... até nas suas piores condições, sem maquiagem, com a perna quebrada, sentada numa garrafa, com pontos pelo rosto... bem... ficar perdido com você foi melhor do que estar achado e sozinho.

Eu queria lhe agradecer por isso.

Se Vince não lhe diz isso, se não a põe num pedestal, deveria pôr. Se ele se esquecer, ligue para mim, que eu mando um lembrete para ele. Sou perito no que maridos devem dizer.

Depois de Rachel... eu não sabia o que fazer, como viver, então recolhi todos

os meus cacos, meti-os numa sacola e a pendurei no ombro, feito um saco de pedras. Os anos se passaram, e fui me arrastando com uma sacola pendurada nas costas, preso a meus arreios e me curvando para puxar o peso do trenó, com minha história lanhando meus braços.

Depois, fui a uma conferência, descobri-me em Salt Lake e, por motivos que não compreendo, você se sentou ao meu lado. Ouvi o som da sua voz e alguma coisa esvaziou a sacola, espalhando os meus cacos. E ali, desnudado e despedaçado, eu me perguntei, até tive esperança de que houvesse um final da história da minha vida que eu não tivesse contado. Um final não entalhado na dor, gravado no arrependimento... ecoando pela eternidade.

Mas aqui, escondido entre as árvores, estou dividido. Meus pedaços já não se encaixam. Isso me lembra aquela rima sobre todos os cavalos do rei e todos os homens do rei. Não sei rejuntar meus cacos.

Engraçado, amei duas mulheres na minha vida, e agora não posso ficar com nenhuma. O que será que isso diz de mim? Eu queria lhe dar um presente, mas o que poderia lhe dar que se equiparasse ao que você me deu?

Ashley... simplesmente por isso... eu lhe desejo... toda a felicidade.

Corri a vista ao redor do corniso e olhei pela janela. Ashley ria. Um diamante solitário pendurado no pescoço. Presente de casamento de Vince. Os diamantes lhe caíam bem. Qualquer coisa lhe caía bem.

Deixei o gravador ligado, gravando, tirei dos bolsos minhas últimas pilhas sobressalentes, preendi-as com um elástico, pus tudo dentro da caixa, fechei a tampa, amarrei o laço, não deixei cartão, entrei furtivamente pela porta dos fundos e a coloquei sob a pilha de outros cem presentes. Dali a 36 horas, eles estariam num avião para passar duas semanas na Itália. Ashley encontraria meu presente quando voltassem.

Saí pelo jardim não iluminado, liguei o carro e virei o volante para o sul, para descer a I-75. Era uma noite quente e fui dirigindo com as janelas abertas. Transpirando. E estava bom assim.

Ao chegar em casa, troquei de roupa, peguei o segundo dos meus gravadores novos e caminhei pela praia, parando à beira-mar. Ali passei muito tempo. Como Lino com seu cobertor. Enquanto as ondas e a espuma banhavam meus pés, fiquei revirando o aparelho nas mãos e lutando com o que dizer, por onde começar.

Quando o sol irrompia no horizonte, apertei a tecla gravar, dei três passos e atirei o gravador o mais longe que pude. Ele rodopiou no ar e desapareceu na luz do dia e na espuma de uma onda que recuava na maré vazante.

CAPÍTULO 51

ACORDEI AO SOM dos gatos na varanda. Havia retornado em massa. Trazendo amigos. Um belo gato preto de patas brancas, que eu chamava de Meias. A segunda era brincalhona, sempre ronronando no meu rosto. Cauda longa, bigodes compridos, orelhas ágeis. Vivia se esfregando na minha perna e pulando no meu colo. Dei-lhe o nome de Ashley.

Tirei um dia de folga. Passei-o em casa. Debruçado no parapeito, aninhando uma caneca morna entre as mãos, contemplando o mar, ouvindo as ondas, conversando com os gatos. Procurando ouvir o som de riso. Ashley nunca ficava muito longe. Nem a gata nem a lembrança. Repensei na experiência nas montanhas e peguei no sono em algum momento, depois do anoitecer. Sonhei com ela sentada numa gôndola com Vince, em algum lugar de Veneza, ao sol da tarde. Aconchegava-se junto dele, que a envolvia com um dos braços. Estavam bronzeados e ela parecia feliz.

Não gostei da imagem.

Levantei-me a custo do sofá, horas antes do alvorecer. Havia uma lua cheia e baixa no horizonte, reluzindo sobre cada crista de onda e projetando placidamente minha sombra na praia. Amarrei os tênis sob a brisa morna. No alto, pelicanos voavam em silêncio numa formação em V, pegando as correntes ascendentes e arrastando suas sombras pela minha.

Virei-me contra o vento, seguindo para o sul. Maré baixa, praia toda minha. Corri por uma hora, depois, duas, trançando pela borda irregular da água. Um único rastro de tartaruga subia como uma trilha da água para as dunas. A fêmea estava pondo seus ovos.

Quando a cidade de St. Augustine despontou no horizonte, fiz meia-volta, puxei a aba do meu boné para baixo, para proteger os olhos, e tomei o rumo de casa. O sol estava subindo e o vento pressionava minhas costas. Ali não estavam o frio, a neve penetrante, a visão do branco, a sensação da neve, o gosto da fome, o peso do trenó e, talvez mais destacado, o som da voz de Ashley.

A meio caminho de casa, cruzei com a mãe tartaruga. Esgotada pelo trabalho noturno. Era grande e velha, e ia cavando sulcos fundos em seu ímpeto de chegar à água. A primeira onda a colheu, ela submergiu, lavou-se, voltou à tona e começou a flutuar na superfície. O casco reluzia. Passados alguns minutos,

desapareceu. As tartarugas-cabeçudas podem viver até quase duzentos anos. Eu me permiti pensar que essa seria a mesma de sempre.

Observei-a desaparecer, assistindo a um só tempo ao ocaso e ao nascer do sol.

Estranho. Eu não havia esperado por isso.

Passei pela entrada do Parque Estadual do Rio Guana e minha casa entrou no meu campo visual. Reduzi a velocidade para o ritmo do jogging e, por fim, comecei a andar. Minhas costelas estavam curadas. Eu podia respirar fundo. Voltara a ser saudável. O sol de julho havia subido, cáustico e brilhante. A água era um vidro azul ondulante. Alguns golfinhos brincavam perto da praia, mas não havia sinal da mãe tartaruga. Haveria, porém. Nas semanas seguintes, a praia fervilharia de sinais.

Não ouvi os passos. Senti apenas a mão no meu ombro. Reconheci as veias, as sardas onde ela não usava relógio.

Virei-me e lá estava Ashley, de frente para mim. Jaqueta impermeável, short de corrida, tênis Nike. De olhos vermelhos, molhados. Parecia não ter dormido. Abanou a cabeça e apontou para trás, em direção a Atlanta.

– Eu tinha esperança de que você aparecesse, mas quando não apareceu... Eu não conseguia dormir, então comecei a remexer nos nossos presentes, abrindo os que pareciam interessantes. Qualquer coisa para tirar minha cabeça de... do dia de hoje.

Ela segurou minhas mãos nas suas, depois me socou de leve no peito com o punho fechado. Sua mão esquerda estava nua. Sem anel de noivado.

– O meu médico disse que eu deveria recomendar a correr – comentou.

– Seria uma boa ideia.

– Não gosto de correr sozinha.

– Nem eu.

Ela remexeu a areia com a ponta do pé. Cruzou os braços, estreitou os olhos para o sol nascente e disse:

– Eu gostaria de conhecer Rachel. Você me apresenta?

Assenti com a cabeça.

– Agora?

Fizemos meia-volta e caminhamos pela praia. Três quilômetros. A casa que eu construía para ela se erguia sobre as dunas, emoldurada por carvalhos-anões e grama.

Desde meu regresso, eu havia marcado dez ninhos de tartaruga nas dunas com fita rosa.

Ashley olhou para as fitas.

– Ninhos de tartaruga?

Fiz que sim.

Fomos subindo pela duna e pela alameda da entrada. A areia era macia. Muito parecida com a neve. Tirei a chave do pescoço, destranquei a fechadura, levantei as gavinhas de jasmim-estrela que ainda não havia podado e abri a porta.

A casa inteira, paredes, piso, laterais, tudo era revestido ou feito de mármore. O solário no alto vicejava no verão. Muitas orquídeas estavam florescendo.

Conduzi Ashley pela porta.

Rachel jazia à minha esquerda. Michael e Hannah, à direita.

Ashley levou as mãos à boca.

Fiz um aceno e disse:

– Ashley, esta é Rachel. Rachel, esta é Ashley.

Ashley se ajoelhou, roçando as pontas dos dedos no mármore. Deslizou-as pelos sulcos do nome de Rachel e das datas. No alto da laje de mármore, mais ou menos onde ficariam as mãos de Rachel, cruzadas sobre o peito, havia sete gravadores digitais. Todos cobertos de poeira. Todos, menos um. O que eu havia carregado nas montanhas. Ashley o pegou, girou-o na mão e o devolveu a seu lugar entre os outros. Mais acima, aproximadamente onde ficaria o rosto de Rachel, estava meu casaco, enrolado como um travesseiro.

Sentei-me, com as costas apoiadas em Rachel, os pés descansando nos gêmeos. Olhei para cima, por entre as flores e o vidro.

– Rachel estava grávida... esperando os gêmeos – comecei. – Teve o que se chama de placenta abrupta. É quando a placenta começa a se descolar prematuramente da parede do útero. Nós a pusemos de cama, em repouso absoluto por um mês, na esperança de conter o processo, mas, sem que ela tivesse a menor culpa, o problema piorou. Rachel era uma bomba-relógio ambulante. Tentei ponderar, dizendo-lhe que, quando o descolamento fosse completo, mataria os gêmeos e a ela. O médico que a tratava e eu quisemos tirar os gêmeos. Ela nos olhou como se houvéssemos perdido o juízo, e disse: “Tirá-los?”

Respirei fundo para prosseguir.

– Eu queria Rachel e, se para ficar com ela fosse preciso perder as crianças, elas teriam de partir. Ser mandadas para Deus. Ela e eu poderíamos fazer mais filhos. Eu queria que envelhecêssemos juntos, ríssemos das nossas rugas. Ela também queria, mas o problema é que havia uma chance... uma chance ínfima... se não fizéssemos nada, de as crianças sobreviverem. De ficarem todos bem. A chance dela seria melhor numa roleta, mas, pelo fato de existir, Rachel apostou nos gêmeos. Eu lhe disse: “Entregue-os a Deus, deixe que Ele resolva.” Ela apenas meneou a cabeça. “Esse foi o risco que nós escolhemos.” Eu me zanguei, questionei o amor dela, gritei, berrei, cheguei até a atirar coisas pela casa, mas ela havia tomado sua decisão. Justamente uma das coisas que eu mais

amava nela foi a que eu me vi combatendo. Eu gritei: “Como é que Deus poderia se incomodar? Como poderia culpar você? Com certeza, Ele entenderia.” Rachel não quis saber. Apenas deu um tapinha na barriga e disse: “Ben, eu amo você, mas não vou passar o resto da vida só pensando no que teria sido ter Michael e Hannah. Sabendo que eles poderiam ter vivido. Sabendo que havia uma chance e eu não a aproveitei.” Aí calcei meus tênis e saí correndo porta afora. Uma corrida na praia à meia-noite, para esfriar a cabeça. Quando meu celular tocou, eu... pus na caixa postal. Nem sei dizer quantas vezes eu...

Remexi-me, passando a ponta dos dedos pelas letras do nome de Michael. Depois, pelas do de Hannah. E completei:

– Pelo que deduzi, momentos depois de eu sair, a placenta se descolou. Rachel conseguiu ligar para a emergência, mas eles chegaram tarde demais. Não que pudessem fazer nada. Duas horas depois, retornei. Luzes piscando. Policiais na minha cozinha, falando em radiotransmissores. O telefone tocando. Uma ligação do hospital. Estranhos parados na minha cozinha... Eles me levaram ao necrotério. Pediram que eu a identificasse. Na tentativa de salvar Rachel, tinham feito uma cesariana de emergência e tirado os bebês. Tinha deitado os dois perto dela. Meio que aninhados nela. O recado da caixa postal que você ouviu no avião foi o que ela me deixou, pouco antes de tudo degingolar. Eu o gravei e regravei, para poder enviá-lo para mim. Quase todos os dias. Para lembrar a mim mesmo que, apesar de tudo o que sou, ela me amou.

Olhei para Ashley. As lágrimas escorriam pelo seu rosto.

– Um dia você me perguntou o que não podia ser perdoado – acrescentei, meneando a cabeça. – São as palavras. Palavras que a gente não pode desdizer, porque a pessoa a quem foram ditas as levou para o túmulo há quatro anos e meio.

Olhei em volta, acenando com a mão para os sarcófagos de mármore.

– Uma simples lápide não me pareceu a coisa certa, por isso mandei construir isto para eles. Deitei-os lado a lado. Pus o solário lá em cima para ela poder ver as orquídeas. E, à noite, as estrelas. Sabia que ela ia gostar. Mandei até podar os galhos das árvores, para deixar passar a luz. Às vezes, dá para ver a Urso Maior. Às vezes, a lua. Foram muitas as noites em que vim para cá e me encostei nela, descansando as pontas dos dedos nos gêmeos, desenhando os nomes deles e... me ouvindo contar a ela a nossa história.

Abanei a cabeça e apontei para os gravadores.

– Conte-i muitas vezes... mas o fim é sempre o mesmo.

Ashley estava com os lábios trêmulos. Segurou minha mão entre as suas. Deixara gotejar suas lágrimas no mármore. Ao lado das minhas dez mil.

– Você devia ter contado. Por que não me contou?

– Foram muitas as vezes que eu quis parar de puxar aquele trenó, virar para você e abrir o jogo, contar tudo, mas... você tem muitas coisas pela frente. Muito

por que esperar.

– Devia ter me contado. Você me deve isso.

– Agora eu devo. Naquele momento, não.

Ela espalmou a mão no meu peito, depois envolveu meu pescoço com os braços e afundou o rosto junto ao meu. Pôs as duas palmas nas minhas faces e balançou a cabeça.

– Ben?

Não respondi.

– Ben?

Abri a boca, com os olhos em Rachel, e forcei as palavras a saírem. Num sussurro:

– Eu... eu sinto muito, me perdoe.

Ashley sorriu, abanou a cabeça.

– Ela o perdoou... no instante em que você falou.

Perdão é uma coisa difícil. Tanto para oferecer... quanto para aceitar.

Passamos um longo tempo sentados lá. Pelo vidro do teto, vi passar no céu uma formação de pelicanos. E uma águia-pescadora. Para além da rebentação, golfinhos rumavam para o sul, deslocando-se em grupos de seis e de oito.

Ashley tentou falar. Tentou de novo e não conseguiu achar as palavras. Por fim, enxugou os olhos, encostou a orelha no meu peito e murmurou:

– Dê-me todos os cacos.

– São muitos, e não tenho certeza de que algum dia voltem a se encaixar.

Ela me beijou.

– Deixe-me tentar.

– Você faria melhor em me deixar e...

Ela abriu um meio sorriso.

– Não vou deixar você. Não vou ficar sozinha. Não vou encarar sua lembrança toda vez que fechar os olhos.

Alguna coisa no fundo de mim precisava ouvir isso. Precisava saber que eu tinha esse valor. Que, apesar de tudo, o amor poderia me resgatar. Tirar-me da fogueira. Passamos horas sentados, contemplando o mar.

Por fim, levantei-me e beijei a lápide acima do rosto de Rachel. Dos gêmeos também. Dessa vez, não houve lágrimas. Não era adeus. Apenas uma pausa. Apenas um aceno com minha mão em meio à névoa, à fumaça que desaparecia.

Saímos, trancamos a porta e descemos pelas dunas. Segurei a mão esquerda de Ashley. Ela me deteve, com uma ruga entre os olhos. Enxugou o nariz na manga.

– Devolvi o anel de noivado ao Vince. Disse-lhe que gostava muito dele, mas... – Balançou a cabeça. – Acho que ele ficou aliviado por saber a verdade.

Paramos no alto da última duna, fitando a praia. Ao sul, à nossa direita, as crias de um dos ninhos haviam nascido. Centenas de trilhas minúsculas levavam à água. As ondas e a espuma as preenchiam, apagando-as. Ao longe, para além das ondas e da rebentação, círculos negros e reluzentes de ônix flutuavam na superfície. Diamantes negros cintilantes.

Espalmei a mão de Ashley na minha.

– Comece devagar. Faz muito tempo desde a última vez que corri... com alguém. Não sei direito como minhas pernas vão reagir.

Ela me beijou. Com lábios mornos, úmidos e trêmulos.

Apontei o caminho.

– Para que lado?

Ashley balançou a cabeça, sorrindo, o sol a iluminar-lhe os olhos.

– Não faz diferença. Você é um corredor de verdade, e eu não, portanto, não sei se posso acompanhar seu ritmo. A que velocidade? Por qual distância?

– LSD.

– O quê?

– Longa e sonolenta distância. Onde os quilômetros não vêm ao caso. Só o tempo. Até lá e de volta. Quanto mais devagar, melhor.

Ela me envolveu nos braços, estreitou meu peito junto ao seu e riu.

– Está bem, mas é melhor passarmos por Atlanta.

– Atlanta?

Ashley me deu um sorriso matreiro.

– Você precisa falar com meu pai.

– Preciso?

– Sim.

– Você não está meio velha para isso?

– Lembre-se: sou uma garota sulista, e filha única do papai.

– Como ele se dá com os médicos?

Uma risada.

– Mal.

– Mal?

Ashley confirmou com a cabeça.

– O que ele faz?

– É advogado dos queixosos em processos civis.

– Você só pode estar brincando.

– Não se preocupe, ele gosta de você.

– Como você sabe?

– Ele leu a história.

– Que história?

– A que eu escrevi e que chegou às lojas – consultou o relógio – esta semana.

– Onde?

Ela deu de ombros.

– Em toda parte.

– Defina “em toda parte”.

Ashley revirou os olhos.

– Em toda parte.

– Sobre que é?

– Sobre uma viagem que eu fiz... recentemente.

– Eu estou nela?

– Sim.

Saiu correndo, deixando para trás o eco da sua risada.

– Nós dois estamos.

Os braços dela balançavam de um lado para outro, causando um excesso de movimento lateral. E as passadas eram muito curtas, faltavam uns 10 centímetros. E ela punha peso demais nos dedos dos pés. Inclina-se demais para a frente. E poupava a perna esquerda. E...

Mas aprendia rápido. Poderíamos consertar tudo isso. E não ia demorar. As pessoas fraturadas só precisam juntar de novo seus pedaços.

Durante muito tempo eu havia carregado meus cacos. De vez em quando, deixava cair um deles, como uma migalha de pão. Para conseguir encontrar o caminho de casa. E então viera Ashley e recolhera os pedaços e, em algum lugar entre 3.400 metros de altitude e o nível do mar, a imagem havia começado a tomar forma. Tênuê, a princípio, depois mais clara. Não nítida, ainda. Mas essas coisas levam tempo.

Talvez cada um de nós tenha sido uma totalidade íntegra, um dia. Uma imagem nítida. Uma peça inteira. E então aconteceu algo que nos rachou e nos despedaçou. Deixou-nos desarticulados, dilacerados, em estilhaços. Alguns de nós se quebram em cem pedaços. Outros, em 10 mil. Alguns cacos têm contornos com contrastes nítidos. Outros, matizes esmaecidos de cinza. Há quem descubra que lhe faltam pedaços. Outros, que têm cacos além da conta. Seja como for, ficamos só pensando. *É impossível.*

E então aparece alguém que remenda uma borda esfarrapada ou devolve um pedaço perdido. O processo é maçante, doloroso e sem atalhos. Tudo o que promete ser atalho não o é.

Mas, de algum modo, ao nos afastarmos do local do desastre, ao nos distanciarmos dos destroços, setores inteiros começam a ganhar forma, alguma coisa vaga que enxergamos pelo canto do olho. Por um segundo, paramos de abanar a cabeça. *Talvez... quem sabe.*

É arriscado para nós dois. Você tem que depositar esperança numa imagem que não pode ver, e eu tenho de me confiar a você.

Essa é a recomposição dos pedaços.

Ashley correu pela praia, o sol se derramando em suas costas. Novas pegadas na areia. Suor reluzindo nas coxas, condensação nas panturrilhas.

Pude ver as duas: Rachel nas dunas, Ashley na praia. Abanei a cabeça. Não consegui entender. Não soube como.

Coei a cabeça.

Ashley voltou. Respiração arfante, rindo, sorrindo. Arqueou as sobrancelhas, puxou-me pela mão.

– Ben Payne?

Mais lágrimas que eu não soube explicar. Nem tentei.

– Sim?

– Quando você rir... eu quero sorrir. E quando você chorar... – Afastou as lágrimas do meu rosto – quero que as lágrimas rolem pelas minhas faces.

Meneou a cabeça uma vez, murmurando:

– Não vou deixá-lo... não vou.

Engoli em seco. Então, como se faz para viver? Um eco de lembrança veio de trás das dunas. *Ponha um pé adiante do outro.*

Talvez juntar os pedaços seja contínuo. Talvez a cola demore a secar. Talvez os ossos demorem a se consolidar. Talvez seja bom o fato de a criatura confusa que sou ainda estar em desenvolvimento. Talvez a caminhada seja longa e árdua para sair do local do desastre. Talvez a distância seja diferente para cada um de nós. Talvez o amor seja maior que a minha confusão.

Minha voz custou a sair.

– Podemos... andar um pouco, primeiro?

Ashley fez um sinal afirmativo e fomos andando. Primeiro 1 quilômetro, depois 2. Com uma brisa suave no rosto. Chegamos à cadeira do salva-vidas e fizemos a volta.

Ela me puxou. A brisa estava agora em nossas costas.

– Ande... está pronto?

Aceleramos o passo. Eu estava fraco, usando músculos de que havia esquecido. Não tardou para começarmos a correr.

E corremos durante muito tempo.

Em algum ponto dos quilômetros seguintes, com o suor pingando das pontas dos dedos, o sol fazendo os olhos arderem, a respiração profunda, ritmada e limpa, os pés mal tocando o chão, baixei os olhos e vi que meus cacos se fundiam numa peça só.

AGRADECIMENTOS

ESTE NÃO FOI o primeiro livro que escrevi depois de *Onde termina o rio*. Para maiores informações sobre esse período da minha vida, consulte o meu blog, [The Truth About My Next Book](#). Ter um manuscrito rejeitado é... difícil. É mais ou menos como dar à luz e ver médicos e enfermeiras recuarem, abanando a cabeça: “Não... esse não vai servir. Temos que mandá-lo de volta.”

No momento, tenho dito que aquele manuscrito inicial se parece muito com um automóvel assentado sobre blocos de concreto no meu quintal. Ando furtando umas peças dele aqui e ali e pretendo depená-lo por inteiro, aproveitando partes nos próximos meses e anos.

A prova disso se encontra nas páginas precedentes a esta. Felizmente, aquilo não acabou comigo, ou melhor, com minha produção literária, e este livro se encontra nas suas mãos. Tenho muitas pessoas a quem agradecer.

Stacy Creamer. Obrigado pelo papel que você desempenhou ao longo do meu trabalho, no meu desenvolvimento e na minha carreira – inclusive nas partes penosas do processo. Desejo-lhe enorme sucesso no seu novo projeto. Você merece.

Michael Palgon. Dados os acontecimentos deste ano, sei muito bem que você poderia ter me dispensado. Ter me deixado à deriva. Talvez essa ideia tenha lhe passado pela cabeça. Certamente passou na minha. Obrigado pelo porto seguro.

Todas as pessoas talentosas da Broadway e da Random House: Diane Salvatore, Catherine Pollock, Rachel Rokicki, Linda Kaplan; e também o departamento de direitos autorais no exterior, e todo o pessoal que nunca sequer cheguei a conhecer, mas que ajudou a planejar, vender ou comercializar meu nome e minhas histórias pelo meu país e, depois, mundo afora. Tenho consciência de que simplesmente não teria chegado aqui sem vocês. Christy e eu não temos palavras suficientes para lhes agradecer.

Christine Pride. Obrigado por sua paciência, seu olhar arguto, seu entusiasmo e o imenso empenho que você dedicou a mim. É difícil, sem dúvida, entrar num projeto que já está na metade. Como tentar pegar um trem a 130 quilômetros por hora, quando se está solidamente plantado na plataforma da estação. Você salta bem. Obrigado pela maneira como o fez. Estamos

agradecidos.

L. B. Norton. É bom tê-la de volta. Obrigado – pela quinta vez. Você torna divertido o processo. Obrigado por todas as maneiras pelas quais me ajudou a sair de mim e a me colocar no papel – para os outros poderem compreender.

Bill Johnson. Quando iniciei as pesquisas para este livro, liguei para um de meus amigos mais chegados a aventuras, Bill Johnson, e lhe pedi que tomasse um avião comigo para Utah e passasse uma semana num dos lugares mais remotos e inóspitos dos Estados Unidos – tanto em termos de chegar lá quanto de sair.

Ele estava sentado diante da sua mesa no banco de investimentos, acompanhando um mercado de ações em plena queda livre. Pensou no assunto por, digamos, meio segundo, talvez (algumas buscas no Google demoram mais a dar resultado), e disse “Está bem”. Amigos assim são difíceis de encontrar. Do monte Mitchell até as Altas Uintas, você provou ser duríssimo na queda – nunca deixe que lhe digam o contrário.

Sei que você, meu amigo, não é do tipo que desista ou se deixe vencer – a não ser que haja uma sobremesa por perto, ou cheiro de café fresco, ou alguma coisa gelada, com a condensação escorrendo pelos lados: nesse caso, a gente faz uma pausa e abre uma exceção. Você tem o riso fácil – um raro e verdadeiro dom, o qual compartilha amplamente. É bem-vindo em volta da minha fogueira sempre que quiser.

Especialmente se trazer seu arco de pua, seu fogareiro moderno e sua cafeteira de pistão.

Chris Ferebee. Dez anos atrás, quando eu era apenas um sonhador de Jacksonville (pouca coisa mudou) tentando fazer com que um manuscrito fosse notado – quem sabe até publicado –, certo jogador de bola, meio careca e acabadaço, fraco no arremesso de bolas rápidas, com uma bola curva bem razoável, uma *changeup* inexistente e uma *slider* das melhores leu meu material e se ofereceu para me representar. Isso foi dez livros atrás. Você vai notar que este livro é dedicado a ele.

Chris merece. As razões são muitas, mas no centro delas estão a amizade, a orientação sensata, o compartilhamento de experiências e os sonhos realizados. Chris, você é um homem único.

Christy. Quando eu disse “Venha correr comigo”, você veio. Você é – e sempre será – o abrigo do meu coração.

NOTA PESSOAL PARA OS LEITORES

EM FEVEREIRO ÚLTIMO, quando estava na cordilheira das Altas Uintas, a meio caminho entre Salt Lake City e Denver, mais ou menos a 3.400 metros de altitude, contemplei uma paisagem que se estendia por uns 100 quilômetros. Nem uma lâmpada à vista. Fazia frio e a neve era soprada em meu rosto. Deixava meus olhos ardendo. Claro, as lágrimas também fazem isso. Eu estava lutando com umas coisas profundas, entranhadas no nível do meu DNA. Com perguntas que não podia afastar. Algumas palavras do meu herói me vieram à lembrança. Fizeram eco em minha mente e me seguiram para casa. Seguem-me até agora: *Elevo os olhos para os montes. De onde me virá o socorro...?*

SOBRE O AUTOR



CHARLES MARTIN se casou em 1993 com o grande amor de sua vida e tem três filhos com ela. Gosta de exercícios físicos, caça com arco e flecha e é faixa preta em taekwon do. Já publicou doze romances e um e-book autobiográfico. Ele mora com a família em Jacksonville, na Flórida.

charlesmartinbooks.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidade por um fio, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, Fique comigo e Seis anos depois, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma longa jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento, À primeira vista, O resgate e O milagre, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução e Lições do desejo, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!; Praticamente inofensiva; O salmão da dívida e Agência de investigações holísticas Dirk Gently, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os Doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e A nascente, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com



facebook.com/editora.arq



twitter.com/editoraarqueir



instagram.com/editoraarg



skoob.com.br/editoraarque

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Prelúdio](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Agradecimentos](#)

[Nota pessoal para os leitores](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)

Table of Contents

[Créditos](#)

[Prelúdio](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Agradecimentos](#)

[Nota pessoal para os leitores](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)